

FERNANDA DE SALES

A Participação do Bibliotecário no Despertar do Senso Crítico do Aluno: uma investigação na Rede Municipal de Ensino de Florianópolis

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, do Centro de Ciências da Educação da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre em Educação, sob a orientação do Professor Doutor Francisco das Chagas de Souza.

Florianópolis, junho de 2004.

S163p

Sales, Fernanda de.

A participação do bibliotecário no despertar do senso crítico do aluno: uma investigação na Rede Municipal de Ensino de Florianópolis / Fernanda de Sales. 2004.

164 p.

Orientador: Francisco das Chagas de Souza

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação, 2004.

1. Biblioteca Escolar – Ensino Fundamental 2. Bibliotecário escolar – Ensino Fundamental 3. Senso Crítico I. Título.

Dedico a todos os bibliotecários que atuam em ambiente educacional, e que, através de suas lides diárias, buscam a construção de uma identidade profissional condizente ao contexto pedagógico.

AGRADECIMENTOS

Peço licença aos leitores do presente trabalho para expressar a algumas pessoas, que direta ou indiretamente propiciaram condições para a elaboração desta pesquisa, os meus mais sinceros agradecimentos.

Aos meus pais, Valdir e Edméya, agradeço a todos os ensinamentos, frutos muito mais da experiência de vida, do que de teses científicas. Ensinamentos estes, que me fizeram trilhar o caminho da honestidade, do caráter, de respeito, da alegria, do bem e do amor! Agradeço pela alegria nas vitórias, e, principalmente, pelo carinho nas derrotas.

Aos meus irmãos, Rodrigo e Cristiano, agradeço pela confiança e pelos momentos de descontração, tão importantes nos períodos mais tensos de todas as jornadas.

Ao meu orientador, Professor Doutor Francisco das Chagas de Souza, agradeço pela atenção e dedicação sempre presentes no desenvolvimento deste trabalho. Agradeço pela paciência e pelo incentivo que me mostrou nos momentos de dúvida, e pela confiança que depositou em minha capacidade, e especialmente pelo privilégio de trabalhar ao seu lado durante este período.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Educação, grandes mestres, agradeço pela partilha de ricas experiências, tão importantes para a concretização desta dissertação.

Aos funcionários do Programa, agradeço pelo apoio técnico, sempre indispensável para o bom andamento de nossas atividades.

Aos colegas do Programa, em especial aos colegas da Linha Educação e Comunicação, agradeço profundamente pela oportunidade de vivenciar, nestes dois últimos anos, momentos de solidariedade tão intensos e inesquecíveis.

Enfim, a todos os amigos e colegas que acompanharam este processo, ora tão penoso, ora tão prazeroso, o meu muito obrigado!

*Mas que diabos! Será que é tão difícil assim criar o amor pelos livros, o gosto pela leitura?
Será que a fruição da palavra impressa se transformou num bicho de sete cabeças e não há
como atacar o problema?*

*Será que os tentáculos acionados no período ditatorial congelaram de vez o espírito de
iniciativa e a capacidade de luta dos professores e dos bibliotecários?*

(Ezequiel Thoedoro da Silva)

RESUMO

Atuação do profissional bibliotecário integrante da Rede Pública de Ensino do município de Florianópolis, tendo como referencial o Manifesto da UNESCO sobre a Biblioteca Escolar. A pesquisa, fundada no entendimento de que a autonomia crítica dos sujeitos, formada a partir do acesso a informações variadas, é um direito social, permitiu conhecer a representação que os profissionais bibliotecários atuantes na Rede expressam acerca da sua participação no despertar do senso crítico do aluno. A técnica eleita para a organização das informações coletadas através de entrevistas, o Discurso do Sujeito Coletivo, possibilitou a redução da variabilidade discursiva do grupo em questão. As análises indicam como resultados a formação de uma representação pelos bibliotecários de participação no processo de formação da criticidade dos sujeitos em formação, no entanto, as condições e as relações de trabalho desses profissionais no ambiente escolar não favorecem a concretização desta ação.

PALAVRAS-CHAVE: Biblioteca Escolar – Ensino Fundamental, Bibliotecário escolar – Ensino Fundamental, Senso Crítico

ABSTRACT

The librarian professional work within Public Schools in Florianópolis regarding School Libraries, having as reference the UNESCO Manifest. This research was based in the social right of a citizen to have enough and professional access to any kind of information, thus achieving a critical autonomy. It led us to know the importance of the librarian professional towards this process in a student. The technique chosen through interviews, the Discurso do Sujeito Coletivo, directed us to a reduced variability of the studied group. This analysis showed the representative importance of the librarian participation, during the individual critical values formation process. Nevertheless the work conditions and relationship of this professional, within public schools environment, does not give enough support to this achievement.

KEY WORDS: School Library – Basic School, School Librarian – Basic School, Critical Sense

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| 1 INTRODUÇÃO | 10 |
| 2 RAZÕES, PRETENSÕES E CONDUÇÃO DO ESTUDO | 12 |
| 2.1 Justificativa e Problema | 12 |
| 2.2 Revisão de Literatura | 18 |
| 2.2.1 Estado da Arte do Tema | 18 |
| 2.2.2 O Bibliotecário | 23 |
| 2.2.3 Biblioteca e Biblioteca Escolar | 26 |
| 2.2.4 Informação e Comunicação, Cidadania e Conscientização | 29 |
| 2.3 Objetivos | 31 |
| 2.3.1 Geral | 31 |
| 2.3.2 Específicos | 31 |
| 2.4 Aspectos Metodológicos | 32 |
| 2.4.1 O Profissional Bibliotecário da Rede Pública Municipal de Ensino de Florianópolis | 32 |
| 2.4.2 Caracterização da Pesquisa | 34 |
| 2.4.3 Caracterização do Campo de Pesquisa | 35 |
| 2.4.4 Coleta e Análise de Dados | 37 |
| 2.4.5 Responsabilidade Ética | 39 |
| 3 REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E SUJEITO COLETIVO | 41 |
| 3.1 A Teoria das Representações Sociais | 42 |
| 3.2 O Sujeito Coletivo | 47 |
| 4 ATUAÇÃO BIBLIOTECÁRIA NO AMBIENTE ESCOLAR | 50 |
| 4.1 A Escola e Suas Finalidades | 56 |
| 4.2 Escola e Uso da Informação | 59 |
| 4.3 Biblioteca Escolar x Biblioteca na Escola. | 64 |
| 4.4 Bibliotecário Escolar x Bibliotecário na Escola | 67 |
| 5 DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO DESTE ESTUDO: APRESENTAÇÃO E ANÁLISE | 70 |
| 5.1 Análise do Discurso do Sujeito Coletivo dos Bibliotecários da Rede | 73 |
| 5.1.1 Primeiras Impressões | 74 |
| 5.1.2 Compreensão do Discurso do Sujeito Coletivo | 77 |
| 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS | 88 |
| REFERÊNCIAS | 91 |
| ANEXOS | |

1 INTRODUÇÃO

A presente dissertação trata da atuação do profissional bibliotecário que integra o quadro profissional das escolas componentes da Rede Pública de Ensino do Município de Florianópolis. O cerne das discussões envolve a participação desse bibliotecário no processo de despertar da criticidade dos alunos freqüentes nas séries do ensino fundamental ofertadas naqueles estabelecimentos.

No entanto, outras abordagens de igual valor, como a atuação bibliotecária, tomam corpo na medida em que questões importantes como a precária situação da biblioteca escolar no Brasil e a identidade do bibliotecário escolar, como agente educacional, portanto como educador, e suas responsabilidades dentro da escola, vêm à tona. Assim, no presente trabalho se propôs uma discussão dos problemas, das dificuldades e das ações do cotidiano profissional do bibliotecário em ambiente escolar, a partir das representações resgatadas nos discursos dos bibliotecários integrantes da rede de escolas públicas municipais de Florianópolis.

No capítulo 2 são explicitadas as razões, as pretensões e a condução do estudo. Constam deste primeiro momento as inspirações que justificam o estudo, bem como os objetivos buscados e a metodologia aplicada na realização da pesquisa. É apresentado também o estado da arte do tema bibliotecas escolares, além de conceitos mais básicos sobre temas inerentes à discussão central.

O capítulo 3 é destinado à fundamentação teórica a partir da qual a pesquisa foi desenvolvida. Trata das Representações Sociais, teoria entendida como parte do referencial teórico desta dissertação por conta da escolha do instrumento de organização de dados – o Discurso do Sujeito Coletivo – e porque o objetivo geral do estudo, como veremos, foi conhecer a representação que o bibliotecário escolar tem da sua participação no processo de despertar do senso crítico do aluno.

O quarto capítulo é o que evidencia as discussões sobre a atuação bibliotecária no contexto escolar. Neste momento se discorre sobre a instituição escolar e suas finalidades, sobre a construção do conhecimento a partir do acesso a informação e sobre a biblioteca e o bibliotecário escolar. Também são apresentadas algumas concepções educacionais que permitem situar a abordagem dada ao tema neste trabalho.

No capítulo 5 são apresentados o Discurso do Sujeito Coletivo deste estudo, a compreensão desse discurso, e também as análises e as contribuições proferidas através de reflexões, e discussões embasadas no referencial teórico.

Esta dissertação, ao tratar de questões inerentes ao bibliotecário atuante em ambiente escolar, propôs discussões sobre o ambiente escolar como um todo. Entende-se, pois, que é a integração dos agentes que atuam em todos os setores deste ambiente que resulta numa educação integral dos sujeitos, numa formação crítica e autônoma dos sujeitos.

2 RAZÕES, PRETENSÕES E CONDUÇÃO DO ESTUDO

2.1 Justificativa e Problema

A educação é elemento fundamental para promoção do desenvolvimento social, uma vez que proporciona aos indivíduos o aprimoramento intelectual, o entendimento da realidade que os cerca e a construção do conhecimento. Estes benefícios adquiridos através da educação fundamentam conjuntamente o desenvolvimento social porque permitem que os indivíduos interajam com o meio em que vivem de forma mais consciente, conhecendo a realidade na qual estão inseridos, entendendo esta realidade e, acima de tudo, sendo capazes de questioná-la. Assim, a instituição oficial da educação, a escola, é a base de formação de sujeitos e suporte que os capacita a um determinado modo de ampliar o conhecimento adquirido ao longo de sua vida, em suas interações sociais, podendo optar por segmentos profissionais, culturais, políticos, religiosos, éticos e tantos outros presentes em suas práticas sociais. Vários são os instrumentos que a escola utiliza para tentar concretizar esta função social: programas de ensino-aprendizagem, currículos dos vários graus de escolaridade, utilização de mídias e tecnologias – sempre com o propósito de colocar os educandos em contato com as inovações tecnológicas, com a informação e com a vivência de métodos e técnicas de estudo para assimilação de conhecimento e sua aplicação. No conceito dado por Araújo e Freire (1999, p. 66) “a palavra informação vem do latim *informare*: dar forma, pôr em forma ou aparência, criar, mas também, representar, apresentar uma idéia ou noção algo que é colocado em forma, em ordem .” Dar objetividade à informação, um elemento, muitas vezes visto de forma abstrata, pode resultar inúmeros significados, mas, partindo do conceito citado acima, a perspectiva de criação de uma idéia ou noção, relaciona a informação com a possibilidade de formação de opiniões. Já em relação ao seu objetivo, Le Coadic (1996, p. 5) afirma que

permanece sendo, independente da situação, “a apreensão de sentidos, ou seja, o conhecimento.”

A informação, em seu aspecto democratizante, está contida no bojo do processo social como um direito reconhecido internacionalmente e inserido nos textos constitucionais de vários países, como por exemplo, o Brasil, que prevê no art 5º, inciso XIV da Constituição Federal (Brasil, 2000), a informação como um direito de todos os cidadãos. Sendo direito de todos, é um bem comum que pode e deve atuar como fator de integração, democracia, igualdade, cidadania, dignidade pessoal. No entanto, percebe-se que a maioria da população, como é o caso da população brasileira, não se beneficia deste direito, por omissão do Estado, que não garante os meios de acesso a todos os cidadãos.

De outro lado, a informação tornou-se dependente de grandes estruturas de comunicação e tem produzido atualmente grandes transformações, especialmente no campo das telecomunicações e redes interconectoras de computadores. É certo que a ascensão da informática reflete muitos aspectos relevantes na evolução da comunicação, quando, por exemplo, permite contato praticamente imediato entre sujeitos que se encontram a milhares de quilômetros de distância. Esta nova tecnologia implica também agilidade nos processos de busca e acesso à informação. A Internet, rede mundial de computadores, por exemplo, atende a esta demanda quando oferta desde entretenimento até complexos dados científicos.

Porém, em especial no Brasil, apenas uma pequena parcela da população tem acesso a todas as novas tecnologias da informação e da comunicação. Antes disto, é também mínimo o número de pessoas que têm acesso por outros meios a informações de qualidade, como aquelas que lhe garantam veracidade, incremento cultural e que atendam suas necessidades de conhecimento, mesmo em suportes tradicionais, como o papel impresso. Baggio, ao publicar artigo sobre a atuação da ONG Comitê para Democratização da Informática – CDI – apresentou os seguintes dados do IBGE: “o Brasil [tinha em 2000]¹ 20 milhões de pessoas

¹ O texto entre colchetes foi acrescentado ao texto original.

incapazes de ler e escrever. Entretanto, ainda não se sabe quantos são os analfabetos digitais, aquela categoria de pessoas despreparadas para viver a interação com as máquinas”.BAGGIO (2000, p. 16) É, portanto, pequeno e privilegiado o número de pessoas que pode se beneficiar da importância que o uso da informação tem para a formação de uma sociedade mais atuante, mais politizada e mais questionadora.²

Neste contexto, cresce a possibilidade da escola, através de seus agentes³ - o professor, o bibliotecário, o supervisor, o diretor, o orientador, a merendeira, os pais e todos os outros que fazem parte da comunidade escolar – no sentido de não apenas ensinar, mas educar, esclarecer, despertar no sujeito o senso crítico, a capacidade de formar opiniões próprias e de colocá-lo em contato com os recursos que lhe são indispensáveis para o alcance deste objetivo.

Os recursos ou *media* que os agentes escolares devem organizar, utilizar e apresentar aos alunos são todos aqueles que possam servir tanto para a prática do ensino, quanto para a assimilação organizada de conhecimento, oferecendo o auxílio informacional necessário. Estes recursos incluem desde o brinquedo, o livro didático até as estruturas formais de bibliotecas, arquivos, museus, laboratórios, inclusive de informática, oferecidos pela escola ou disponíveis na comunidade.

A principal motivação do presente trabalho é se aproximar de uma realidade factual, o ambiente escolar, para buscar o conhecimento acerca de quais intervenções a escola – especialmente a pública – vem realizando para contribuir na formação de sujeitos que interajam socialmente, com mais preparo cognitivo e intelectual, através do acesso à informação. O acesso à informação e o exercício da cidadania são ações intimamente

² Sabe-se que esta realidade envolve questões de esferas maiores, como a conveniência para governos baseados em ideais de manipulação de pessoas, quando torna-se “viável” uma maioria desprovida de esclarecimentos políticos e econômicos. Mas, reserva-se aqui a abordagem da atuação da escola neste quadro, se é que é possível distanciar uma questão das outras.

³ Neste trabalho os agentes da escola, ou agentes educacionais são todos aqueles que formam a equipe de trabalho dos estabelecimentos de ensino. Entendemos que as ações destes agentes devem ser articuladas de forma a garantir ao aluno todas as condições em termos de estrutura física e pedagógica para seu desenvolvimento cognitivo e intelectual.

relacionadas, pois através dos atos de buscar a informação e de se informar o sujeito adquire uma visão mais politizada de sua realidade, pois, pode criar a capacidade de discernir sobre o que é necessário para a melhoria da qualidade de vida da sociedade, podendo, então, participar mais ativamente da administração pública, por meio da escolha de seus representantes ou dirigentes, ou ainda sob a forma de reivindicação. Porém, a literatura lida para esta pesquisa aponta que tão importante quanto o acesso à informação, seu uso e assimilação, é o conhecimento⁴ que ela vai gerar, e, principalmente os efeitos concretos, ou seja, as mudanças, as transformações que este conhecimento vai proporcionar ao sujeito. Assim, mais que investigar o acesso que estes sujeitos têm à informação, torna-se necessário conhecer as intervenções através das quais o contato se dá. Neste contexto, julgou-se importante conhecer, em especial, a atuação dos agentes escolares dos quais se destacou como sujeito de estudo o bibliotecário.

A partir das responsabilidades deste agente, que desenvolve suas atividades trabalhando com informação, elemento já citado anteriormente como capaz de proporcionar autonomia crítica, coloca-se a necessidade de conhecer a representação que ele tem da sua participação no processo de despertar do senso crítico do aluno. O senso crítico aqui é abordado como a capacidade que o sujeito desenvolve/adquire de conhecer, entender e criticar ou julgar as coisas do mundo, e, a partir disto, fazer suas próprias escolhas e que na concepção de Carraher (1983, p. xviii) “depende de um certo amadurecimento e formalização do pensamento [...] e refere-se a habilidades desenvolvidas através da leitura, reflexão e da própria prática”.

O elemento central dos questionamentos acima apresentados é, portanto, a informação e a conscientização que os sujeitos podem formar a partir não só do acesso à informação, mas também a partir da abstração e do conhecimento desenvolvido por tal informação.

⁴ O conceito de conhecimento adotado será o dado por Barreto para quem: “...conhecimento é uma alteração provocada no estado cognitivo do indivíduo(...) é um processo, um fluxo de informação que se potencializa.” (BARRETO, 1999, p. 169).

A oferta de informação é hoje bastante vasta e diversificada em decorrência da difusão em massa proporcionada por alguns meios de comunicação como a TV e o rádio aos quais vem se somando a Internet onde circula um volume considerável de informações. Mas esta oferta não assegura confiabilidade, qualidade, inteligibilidade, entendimento. E este é o ponto chave das questões colocadas anteriormente como norteadoras do trabalho. Falta aos sujeitos produtores, comunicadores e, especialmente, receptores de informação, a leitura crítica – ou seja, a capacidade de ler as entrelinhas e contextualizar o assunto/texto lido - e consciente dela. A esse respeito, Bianchetti (2001, p. 57) comenta que “mesmo para países que dispõem de muitos meios e cuja população tem condições de acessar a informações, nada garante que isto resulte conhecimento”. Quando o que se busca é o desenvolvimento pessoal, e em consequência, o social, é importante que se torne uma prática questionar informações recebidas, dialogar com elas a fim de saber se estão realmente atendendo as necessidades propostas naquele momento. Para tanto, é necessário que se aprenda esta relação com a informação, através de intervenções coerentes e também conscientes.

Frente ao exposto acima foi que se buscou como campo desta pesquisa, um dos espaços onde acontece este tipo de intervenção: a escola - por entender que, muitas vezes, a escola, além da mídia de massa, é um dos poucos recursos institucionais que os alunos de um número muito grande de comunidades têm para adquirir conhecimentos. A escolha do lugar da pesquisa recaiu sobre a Escola Pública da Rede Municipal de Florianópolis. Nela, se elegeu, como já citado, o profissional bibliotecário como sujeito a ser investigado. Esta escolha levou em conta que ele, com sua atuação, pode facilitar uma relação consciente de preparação de sujeitos capazes de interagir com sua realidade, considerando-se, referencialmente, as experiências que consubstanciam o Manifesto da UNESCO sobre Biblioteca Escolar.

O Manifesto da Biblioteca Escolar (anexo A) é um documento elaborado conjuntamente pela Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura –

UNESCO – e pela International Federation of Library Associations and Institutions – IFLA -, a partir de experiências européias e americanas, portanto traz em seu conteúdo possibilidades de mudança muito mais próximas destas realidades, do que propriamente a realidade brasileira, e aprovado em caráter provisório no ano de 1999, e sua finalidade é definir e fazer avançar o papel social das bibliotecas escolares⁵ ao propor idéias para melhorias a serem implementadas nesses setores no que se relaciona à sua missão e seus objetivos; sua equipe de funcionários; financiamento e legislação e operação e gerência. Esse conjunto de propostas nele consideradas, conforme Souza (2002), visa garantir aos estudantes recursos de aprendizagem – e biblioteca escolar é uma delas - que permitam desenvolver sua capacidade de aprender durante toda a vida e a tomar decisões informadas.

De outro lado, dadas as restrições recorrentes nos países economicamente pobres como o Brasil, como as de falta de estrutura adequada para o desenvolvimento das atividades, ausência de profissionais continuamente qualificados para atuação na biblioteca escolar, e a comum situação de desprezo por este setor, em geral hierarquicamente dependente de instâncias maiores, como a direção da escola e o poder público, cabem algumas perguntas:

O bibliotecário que atua em ambiente escolar tem percepção da possibilidade do setor onde atua – a biblioteca escolar - de promover o desenvolvimento social? Ele consegue formar em seus usuários consciência de utilização da informação para o exercício da crítica? E ainda, tem este agente escolar, plena noção de que está contribuindo na formação de sujeitos para que exerçam cidadania?⁶

⁵ Compartilha-se do modo de pensar a educação como base para o desenvolvimento cognitivo e social de crianças e jovens proposto por Pirela e Ocando (2003), e sendo este o principal objetivo dos sistemas educacionais, entendemos que a biblioteca escolar, uma vez inserida neste ambiente, caracteriza-se como um espaço de apoio as atividades pedagógicas, tendo como missão aprimorar o processo de aprendizagem dos alunos através da oferta de subsídios informacionais que tragam tanto apoio no desenvolvimento de atividades curriculares, quanto possibilidades de uma leitura do contexto social. Os regimentos e orçamentos a que se submetem as bibliotecas escolares são definidos pelos estabelecimentos de ensino ou pelas redes de ensino a que esses estabelecimentos pertencem, o que dificulta a tomada de decisões pelos profissionais bibliotecários. No Brasil, no entanto, não se pode considerar a existência de bibliotecas escolares bem estruturadas, uma vez que essas são alvo de abandono e indiferença, conforme Silva (1995).

⁶ Neste momento cabe ao termo o ato de conhecer e exercer direitos e deveres e as possibilidades de esclarecimento que este conhecimento propicia.

O fundamento desta pesquisa é, prioritariamente, colocar em evidência a idéia de que o estímulo à autonomia crítica dos sujeitos, através do acesso à informação, é um direito social. Por esta razão e em face da discussão apresentada, considera-se básica a investigação da participação do bibliotecário escolar no desenvolvimento de ações de comunicação num processo cuja finalidade é a construção do conhecimento.

2.2 Revisão de Literatura

2.2.1 Estado da Arte do Tema

A literatura que aborda o tema proposto para investigação – a participação do bibliotecário no despertar do senso crítico do aluno – é escassa. Este é um fato que deve ser considerado, pois, talvez esta carência de estudos mais aprofundados correlativos a atuação da biblioteca escolar seja um dos motivos pelo qual este setor tenha suas funções distorcidas e seus principais objetivos tão longe de serem cumpridos, especialmente no Brasil.

A atuação da biblioteca junto ao ensino fundamental foi tema de uma revisão de Martucci (2000, p. 13), que apresentou “políticas educacionais de âmbito internacional sobre a educação básica, assim como o papel estratégico da biblioteca escolar para o domínio das ferramentas e dos conteúdos de aprendizagem”. Esta autora, que embasa seus argumentos em Documentos e Declarações internacionais como a Declaração Mundial de Educação para Todos⁷, considera como missão maior da biblioteca escolar o apoio ao processo educacional. Seu texto tem uma abordagem sócio-política e lembra o Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI com alguns pontos importantes para que a biblioteca escolar bem desempenhe suas responsabilidades: incentivo e prazer pela leitura; oportunidades para criação e uso da informação, independentemente da forma ou

⁷Documento resultante da Conferência Mundial de Educação para Todos, realizada em Jomtien, Tailândia em março de 1990, que foi considerada um marco na Educação Fundamental.

meio; quadro de pessoal treinado e com relacionamento efetivo junto a toda comunidade escolar; ter como conceito que “o acesso irrestrito à informação é essencial para a cidadania responsável e efetiva” (MARTUCCI, 2000, p 23).

As questões abordadas no referido trabalho convergem com as possíveis discussões desta pesquisa, uma vez que traz como tema central a atuação e o papel da biblioteca escolar junto ao ensino fundamental. O bom funcionamento deste setor junto às atividades pedagógicas desenvolvidas em escolas que atendem a este grau de ensino deve garantir ao aluno os subsídios para o desenvolvimento de suas pesquisas, respostas a suas curiosidades e estímulo à criticidade. Sendo assim, este *bom funcionamento* deve envolver um quadro funcional qualificado, que reconheça a biblioteca escolar também como um espaço de criação, onde o uso da informação possibilite a produção de novas idéias, novos conceitos e percepções, e que seja capaz de interagir com os demais agentes envolvidos no processo educacional.

Sob esta mesma perspectiva Sousa (2003) defendeu dissertação de Mestrado intitulada *Espaço de práticas informacionais: a experiência da Biblioteca da Escola-Parque, projeto de Anísio Teixeira em Salvador, década de 60*, cujo enfoque era o objetivo da biblioteca escolar de promover oportunidades e usos de informações, contribuindo assim com a formação de sujeitos sociais mais críticos e conscientes de seus direitos e deveres perante a sociedade. O estudo contextualiza a biblioteca no espaço escolar, sua relevância no processo de ensino-aprendizagem e a realidade configurada no cenário educacional brasileiro, apresentando a experiência da Biblioteca da Escola-Parque do Centro Educacional Carneiro Ribeiro (CECR), na década de 60, em Salvador (BA). Os resultados da pesquisa sugerem que a biblioteca escolar pode se constituir num espaço de ações multidisciplinares, no qual as práticas informacionais desenvolvidas são essenciais na construção social dos sujeitos. Alguns fatores como a diversidade de atividades, o espaço físico, a capacitação, a forma de condução das atividades pelos facilitadores do processo de aprendizagem

alocados na biblioteca e, principalmente, a consciência de que a escola e biblioteca são espaços complementares de geração, transmissão e recepção do conhecimento fazem da biblioteca um espaço informativo/educativo mediador do saber formal ministrado na sala de aula.

O trabalho acima menciona, entre outros, um tema de particular relevância para a presente pesquisa, a multidisciplinaridade. Deve-se lembrar que um dos objetivos por hora propostos é identificar ações desenvolvidas em conjunto por bibliotecários e professores. Isto porque, a partir da interação desses agentes é possível presumir o grau de relevância e responsabilidade pedagógica que é dispensado à biblioteca no contexto das escolas onde bibliotecários atuam. E a característica multidisciplinar que a biblioteca escolar tem, pode ser explorada por professores de todas as disciplinas como base para a construção do conhecimento organizado, sendo, como afirma Sousa (2003), um mediador do conhecimento adquirido em sala de aula.

Também a partir da preocupação em melhor discutir as funções educativas da biblioteca escolar, a Escola de Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG – criou, em 1998, o chamado Grupo de Estudos em Biblioteca Escolar. Os estudos deste grupo resultaram na publicação, no ano de 2002, da coletânea *A biblioteca escolar: temas para uma prática pedagógica*, em cujos textos encontram-se conteúdos que expressam as preocupações e as aspirações dos bibliotecários atuantes em Bibliotecas Escolares, apresentadas nos parágrafos a seguir, a partir da produção de Bernadete Campello e Maria Eugênio Albino Andrade.

Campello (2002), a partir de sua experiência docente na Escola de Ciência da Informação da UFMG voltou suas pesquisas para a biblioteca escolar e as fontes de informação. Ao escrever sobre a competência informacional para o século XXI, a autora conceitua tal competência como o conjunto de habilidades de que os sujeitos necessitam desenvolver para lidar com a informação. O envolvimento da biblioteca escolar nesta questão

acontece por ela ser “o espaço por excelência para promover experiências criativas no uso da informação” (CAMPELLO, 2002, p. 11). Este argumento evidencia a necessidade de uma inserção mais concreta da biblioteca no conjunto escolar quando afirma que “a escola não pode mais contentar-se em ser apenas transmissora de conhecimentos [...]; tem de promover oportunidades de aprendizagem que dêem ao estudante condições de aprender a aprender [...] e a biblioteca está presente neste processo.” (CAMPELLO, 2002) As preocupações apresentadas pela autora vêm ao encontro da questão do despertar do senso crítico, tema desta pesquisa, uma vez que este ato pode ser totalmente concretizado a partir do uso adequado da informação.

Uma outra discussão pertinente ao nosso tema central é realizada por Andrade, (2002) que apresenta sucintamente uma pesquisa realizada nos Estados Unidos sobre a diferença de aprendizagem entre alunos cujas escolas mantêm bons ‘programas de bibliotecas’ e alunos cujas escolas mantêm bibliotecas deficientes. Os resultados da pesquisa mostram que os alunos do primeiro grupo “obtem melhores resultados em testes padronizados” em relação aos alunos do segundo grupo. A pesquisa associa estes resultados ao fato de as primeiras escolas contarem com profissionais bibliotecários em período integral, com programas de educação de usuários e desenvolvimento de atividades em conjunto com o corpo docente. A autora aborda também o sistema educacional brasileiro (embora superficialmente), no qual, em oposição à exposição acima, a biblioteca não é focalizada em profundidade.

Estudos como estes, aplicados à realidade brasileira, têm grande relevância, uma vez que suas contribuições estariam oportunizando espaços para reflexões e discussões baseadas na atuação dos profissionais, em que a troca de experiências pode levar a uma busca coletiva pela solução de questões, problemas e deficiências particulares. E, ao estudar as representações que os bibliotecários da Rede Pública de Ensino do município de Florianópolis têm sobre sua participação no despertar da criticidade do aluno, pretende-se justamente

desencadear entre os profissionais bibliotecários estas reflexões, e que seu efeito seja fundamentalmente uma atuação consciente da biblioteca escolar no contexto pedagógico.

A inserção da biblioteca nos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN's, instituído pelo Ministério da Educação, que se apresenta como um referencial para elaboração das propostas curriculares das escolas brasileiras – também é discutida pelo grupo da UFMG, que defende que estes Parâmetros descrevem os papéis da biblioteca escolar como participante na formação dos sujeitos, deixando como responsabilidade da escola a aplicação de recursos que irão concretizar esta participação.

Outros temas que enfocam os interesses dos pesquisadores desse grupo estão entre a relação da biblioteca escolar com a leitura e suas formas de incentivo; a pesquisa escolar enquanto ato reflexivo, analisado em conjunto com a Internet – um novo formato de acesso à informação; organização de coleções e espaço físico das bibliotecas escolares. A abordagem dada a todas estas linhas de interesse é voltada para a construção da autonomia crítica das crianças.

Os processos de aprendizagem e prática de busca e uso da informação em instituições escolares é, assim, um importante elemento no processo de formação crítica. Por isso, cabe ao bibliotecário, enquanto agente desta instituição, uma competência pedagógica específica nas mediações que realiza diariamente na biblioteca entre o aluno e a informação. Kuhlthau (2002) sugere ao currículo escolar a integração de um programa de uso freqüente da biblioteca. As diversas etapas do programa – preparação da criança para utilização da biblioteca; o envolvimento dela com o livro; prática de leitura; busca de informações para trabalhos escolares e uso de recursos informacionais de maneira independente – envolvem conjuntamente professores, alunos e bibliotecários. Os objetivos desta atividade são ensino do uso correto dos recursos informacionais para que os sujeitos em formação tomem “conhecimento de informações acessíveis, [dominem] habilidades para localizar os materiais

desejados e [tenham] competência para avalia-los, seleciona-los e interpreta-los.”(KUHLTHAU, 2002, p. 23)

Os trabalhos acima citados não esgotam a discussão. Isso vem reforçar a necessidade de muitos outros estudos sobre a biblioteca escolar e o bibliotecário que nela atua, e seus objetivos, caso em que se insere a presente dissertação.

2.2.2 O Bibliotecário

O agente escolar apresentado como elemento central deste trabalho, o bibliotecário, é um profissional da informação, ou seja, um especialista que atua tecnicamente na produção e na disseminação das informações, comprometido, no entanto, socialmente, com todos os outros processos envolvidos nesta atividade, como, a produção intelectual, científica e cultural; e a garantia ao cidadão de acesso à informação, para que a partir dela ele construa e amplie seus conhecimentos.

O bibliotecário, assim como os arquivistas, documentalistas, museólogos, é considerado um profissional da informação, ou seja, aquele que desenvolve suas atividades produzindo, disseminando e mediando informações. As profissões da informação se desenvolveram conjuntamente com a evolução histórica e técnica. À medida que foram surgindo novas atividades correspondentes à prática social, essas profissões receberam novas denominações. O perfil do bibliotecário comporta alguns aspectos específicos. As principais linhas de trabalho são tratamento (descrição e classificação temática) de documentos e informações e prestação de serviços ao usuário. Trata-se de uma profissão de serviços, de comunicação e contato e principalmente, trata-se de uma profissão em evolução, pois as técnicas profissionais empregadas no tratamento de documentos e gestão da informação se transformam rapidamente.

Vejamos, resumidamente, a trajetória desse profissional até a sua atual realidade no Brasil. A profissão de Bibliotecário teve seu exercício sancionado pela Lei 4084/62, de 30 de junho de 1962 (anexo B) durante o governo do presidente João Goulart, sendo regulamentada pelo Decreto nº 56.725/65 de 16 de agosto de 1965. Logo depois o Congresso Nacional do país era fechado pelo Ato Institucional nº 5 (AI-5) de 13 de dezembro de 1968, que consolidaria a ditadura militar no Brasil. Um período em que o povo ficou privado de muitos de seus direitos de cidadão, e qualquer reivindicação a esse respeito era severamente punida. Toda e qualquer forma de expressão era rigorosamente censurada, e havia inclusive um grande cerceamento à produção e difusão da literatura.

É neste conturbado quadro que a profissão de bibliotecário é legalmente reconhecida. E o produto (a informação sobre os documentos e seus conteúdos) de seu trabalho é tido como uma poderosa “arma” política que toda a nação poderia usar na luta pela (re) conquista de seus direitos. No entanto, o sistema vigente no país impede que este profissional efetivamente dissemine informações, e, principalmente, que os cidadãos usem-nas amplamente.

É bem provável que esteja nesta vertente uma das razões que fez com que a atividade bibliotecária crescesse de forma tecnicista, quase que em segredo e sem a preocupação com as pessoas usuárias, mas sim com o documento. Afinal, nem o bibliotecário, e nenhum outro profissional poderia intermediar criticamente qualquer relação de educação e de desenvolvimento sócio-cultural.

Duas décadas depois, em 1985, a ditadura militar é superada pelo estado de Democracia. E surge uma séria crise econômica logo após, reflexo da globalização da economia, e do neoliberalismo, isto é, novas relações e tendências comerciais mundiais são estimuladas pela explosão informacional e a ascensão tecnológica que passaram a propiciar transações muito mais rápidas, favorecendo as nações economicamente desenvolvidas, uma vez que as barreiras tempo e espaço já não implicavam grandes dificuldades. É, portanto, um período de adaptação.

Só a partir da metade da década de 90, com uma relativa estabilização da economia brasileira, é que as questões sociais vieram à tona.⁸ É neste período que também o bibliotecário assume, diante da sociedade, o discurso que auto-afirma uma postura mais social, relacionando o acesso à informação com o exercício da cidadania. A técnica, antes único objeto de seu trabalho, começa a ser vista como mais um meio para servir a sociedade. Esta postura é mais social no sentido de promover a cidadania através da informação – que também é o papel da sua instituição, a biblioteca. É também a partir de então que começa a surgir a preocupação com a imagem do bibliotecário, até então, visto pela sociedade com pouco valor, pouco mais que um guardador de livros. Porém, muito ainda se tem para fazer neste sentido, para que o bibliotecário exerça plenamente seu papel social.

Por ser um profissional cujo produto do trabalho é a informação sobre os documentos e seus conteúdos, seu valor social é significativo, pois, segundo Araújo (1989 *apud* Araújo e Freire 1999) “a informação é a mais poderosa arma de transformação do homem. O poder da informação, aliado aos meios de comunicação de massa, tem capacidade ilimitada de transformar culturalmente o homem, a sociedade e a própria humanidade como um todo”.

Por ser ela – a informação, seus documentos e seus conteúdos – o produto do trabalho do bibliotecário, é que a atuação deste profissional está relacionada com o exercício e com a concretização da cidadania, pois este elemento informacional pode libertar ao transformar conceitos e compreensões.

A respeito da conscientização do próprio profissional bibliotecário sobre seu valor social, Targino (1991) lembra que ele deve agir como difusor do conhecimento, de onde advém seu potencial como autor de mudanças sociais. Assumindo esta postura o bibliotecário estará incorporando à informação a dinamicidade e a fluidez que permite a construção do conhecimento que é base para a formação de sujeitos críticos.

⁸ Em geral, processos de ajuste da economia costumam estar vinculados à piora nas condições sociais da população. A década de 90 foi um período de ajuste econômico bem sucedido às custas da área social. A inflação que assolava o país nos anos anteriores, então controlada, não podia mais levar a responsabilidade pela situação caótica de segmentos como da saúde e da educação.

Por ser um profissional relativamente novo no Brasil, em termos de reconhecimento legal do exercício de suas atribuições, o bibliotecário ainda está constituindo sua personalidade profissional. É importante para o desenvolvimento cultural do país que ele se saiba e se sinta, portanto aja como um agente dinâmico de transformação social, pois pode atuar no meio público e no privado, atendendo a diferentes profissionais, classes e necessidades sociais. Para tanto, é preciso sempre ter noção de que suas ações deverão responder as demandas da sociedade, visando a concretização do exercício da cidadania, que por sua vez, está vinculada ao livre acesso à informação.

A implantação de novas tecnologias de Informação e Comunicação vem enfatizar a função primordial do bibliotecário: transmitir as informações que produz, disseminar conhecimentos e cooperar na produção artística, científica e técnica. É preciso, no entanto, que este profissional, mais que adequar-se a esta nova era, esteja sensibilizado para os problemas emergentes que se apresentam em um país como o Brasil, pois colocar efetivamente a informação e o conhecimento ao alcance de maior parcela possível de cidadãos remete às questões político-econômicas contemporâneas, muito além das questões técnicas.

2.2.3 Biblioteca e Biblioteca Escolar

Das placas de argila à tecnologia dos computadores, de museus de livros à arma ideológica de Estado, muitas foram (e são) as características e funções da Biblioteca. Porém, é impossível pensar biblioteca hoje sem que se considere a liberdade de acesso à informação como um direito humano, e que essa liberdade seja uma das condições básicas para o desenvolvimento pessoal, social e científico, o que leva a concluir que a biblioteca, enquanto instituição social que é, também deve dar ao cidadão a possibilidade de produzir seus bens culturais.

A biblioteca, como instituição produtora de informação, tem contribuído na evolução da indústria da tecnologia cultural que produz, além de texto impresso, filmes, vídeos, cd's, e vem abrindo espaço para outras possibilidades de conhecimento. Essa mudança de perspectiva de uma biblioteca meramente guardiã para uma biblioteca difusora ocorreu também pela exigência da própria sociedade que, hoje, compreende a democracia não apenas reduzida ao âmbito político, mas também no que condiz à sua participação em questões de desenvolvimento social e econômico.

Mesmo com esta evolução, a biblioteca ainda mantém um forte caráter técnico, privilegiando os aspectos mecânicos da produção de informação e a adoção das novas tecnologias – como bases de dados, programas de comutação bibliográfica informatizados e conectados à Internet, catálogos eletrônicos e softwares especializados que suportam as rotinas técnicas da biblioteca, como a catalogação -, “restringindo o seu relacionamento com a realidade social, política e econômica, pautado pela consciência de que a informação, como bem social, pode concorrer para a melhoria de povos e nações” TARGINO (1991, p. 151). Necessário se faz então, que os profissionais que atuam nesta instituição tenham uma visão mais social, utilizando-se de técnicas e tecnologias como instrumentos para obtenção deste objetivo maior que é utilizar a biblioteca e a informação de seus documentos e seus conteúdos – seu produto principal – como fonte para a cidadania, como declara, por exemplo, o Manifesto da UNESCO sobre bibliotecas escolares ao registrar como uma das missões deste setor o ato de “nutrir” o processo educacional.

No entanto, é sabido que na realidade brasileira as bibliotecas escolares, na maioria das vezes, não passam de salas (mal) adaptadas que simplesmente abrigam um pequeno acervo em péssimas condições de conservação e uso e que não atendem às necessidades de informação dos alunos. De que forma então, este espaço pode “nutrir” o processo educacional, visando a formação de sujeitos conscientes?

A biblioteca escolar está, geralmente, afeta à direção da escola, que por sua vez, também atende a uma esfera maior (governo, município ou sistema). Sendo assim, as atividades que exigem dispêndio de verbas, por exemplo, envolvem certa lentidão no processo, isto quando estes processos são realmente encaminhados aos setores competentes. Por isso a compra de equipamentos, mobiliário adequado e obras para atualização e desenvolvimento das coleções, assim como a contratação de pessoal qualificado para atuar nas bibliotecas escolares, praticamente inexistem.

Este quadro é reflexo de um sistema educacional desamparado e, que por conta deste desamparo, tem seus objetivos depreciados. Esta situação aumenta a responsabilidade dos agentes educacionais no sentido de reestruturar suas ações, articulando-as entre si, visando a formação integral dos indivíduos. Esta deve ser uma postura absorvida por professores, diretores, pessoal de administração e bibliotecários, entre outros, de uma forma coletiva. Nas palavras de Silva (1995, p. 18):

Para a escola desenvolver um trabalho pedagógico que tenha, no limite, tal finalidade, julgamos indispensável que o professor lance mão de novos instrumentos de ensino [...] E, entre eles, a biblioteca escolar pode ocupar um lugar destacado, não como depósito de saber acumulado, mas, sobretudo, como agência disseminadora desse saber.

Pode-se observar que a biblioteca escolar, para cumprir com suas finalidades que visam o aprimoramento do processo ensino-aprendizagem, deve estar incorporada ao conjunto da escola em lugar privilegiado que permita o entrosamento com os demais espaços do ambiente escolar. Desta forma a biblioteca escolar também estará apta a cumprir algumas funções que Fragoso (2002) agrupou em duas categorias: educativa e cultural.

Na função educativa, ela representa um reforço à ação do aluno e do professor [...] Em sua função cultural, a biblioteca de uma escola torna-se complemento da educação formal ao oferecer múltiplas possibilidades de leitura e, com isso, leva os alunos a ampliar seus conhecimentos e suas idéias acerca do mundo.

A partir do momento em que a biblioteca escolar passar a dar respostas às perguntas dos alunos – o que significa um acervo consistente ou pontos de acesso a informações -,

respostas estas que estimulem a construção do conhecimento, é provável que também o prazer pela leitura e pela frequência à biblioteca seja estimulado, substituindo o ar sisudo e de obrigação que ela tem.

2.2.4 Informação e Comunicação, Cidadania e Conscientização.

Em tempos de globalização, Internet, laser, fibra óptica, tecnologia digital, clonagem e grandiosas expedições genéticas, como o Projeto Genoma⁹, muito se fala, e se utiliza, da chamada informação. Este termo, cada vez mais presente no dia-a-dia desta sociedade pode ser definido como “um conhecimento acerca de alguém ou de algo que foi destacado da natureza, da cultura ou da sociedade; é uma apropriação intelectual de um elemento dado, seja ele natural ou produto de uma elaboração.” (ANDRADE, 1989, p.28). Porém, o que dá sentido à informação é a comunicação, processo de interação entre os sujeitos para o compartilhamento das informações. É por isso que a comunicação e a informação permeiam as atividades e os processos de decisão nas diversas esferas da sociedade, como a política, a cultura, as artes, a ciência, a tecnologia, a educação, a saúde, as finanças, os sindicatos, as religiões, etc, ou seja, permeiam as relações que formam a dinâmica da sociedade.

A Constituição Federal (Brasil, 2000), em seu artigo 1º enuncia que a “República Federativa do Brasil constitui-se em Estado Democrático de Direito, tendo como fundamentos, a soberania, a cidadania, a dignidade da pessoa humana e valores sociais do trabalho e da livre iniciativa e pluralismo político.”

Essa concepção de Estado de Direito supõe uma cidadania que incorpora três elementos: o civil, o político e o social. O elemento civil congrega os direitos essenciais à

⁹ Projeto que pretende estudar e preservar a herança genética das populações humanas. Seus objetivos relacionam-se a estudos sobre as origens humanas.

liberdade individual. Os direitos políticos se referem ao direito de participar do exercício do poder político, através, por exemplo, do direito à escolha de seus representantes ou do direito à concorrência a cargos representativos, ou seja, os direitos políticos referem-se à possibilidade que o cidadão tem de deliberar sobre as decisões políticas de seu país, estado ou município. O elemento social, por sua vez, se refere a tudo que vai desde o direito a um mínimo de bem estar econômico e segurança até o direito de participar da herança social comum.

Assim, a cidadania se manifesta e se constrói a partir da participação social e política dos homens na sociedade, o que pressupõe também o acesso a informações variadas e atualizadas. Estas atitudes só se concretizam, porém, por meio da conscientização, processo através do qual o sujeito “alcança um nível ou um modo adequado de representação da realidade social, que por sua vez, motiva a participação em processos de transformação social.” (BARREIRO, 1980, p. 104) Este processo, que motiva o sujeito a participar mais ativamente das questões da sociedade, a partir do reconhecimento de sua situação nesta realidade, pode ser resultado de práticas pedagógicas criativas adotadas por ambientes educacionais, baseadas no estímulo à crítica e na preparação dos sujeitos para interação social. Isso vem confirmar que a informação, além de seu aspecto democratizante, exerce papel educativo que contribui para mudanças sociais e culturais, pois “o não acesso à informação ou ainda o acesso limitado ou o acesso à informações distorcidas dificultam o exercício pleno da cidadania.” (ARAÚJO e FREIRE, 1999, p. 155)

Segundo as mesmas autoras, “a relação entre informação e cidadania não é algo gerado a partir do simples acesso/ uso da informação. Tal informação exige análise crítica e reflexão por parte do usuário da informação” (ARAÚJO e FREIRE, 1999, p. 166), e isto gera possibilidade de uma ação crítica da parte dos sujeitos sociais- cidadãos.

Até mesmo a recuperação da qualidade de vida do cidadão, especialmente o cidadão brasileiro, passa pela difusão da informação, e, portanto, passa por uma postura

fundamentalmente social da biblioteca, e passa pela democracia, que tem assim, na informação, o seu pressuposto maior e que significa força conjunta, engajamento social e político, ou seja, cidadania.

2.3 Objetivos

Acredita-se que o profissional bibliotecário, na condição de profissional da informação, uma vez inserido em ambiente escolar, divide responsabilidades pedagógicas com os demais agentes deste ambiente na formação crítica dos alunos. É com base nesta premissa que se apresentam como objetivos desta pesquisa os itens abaixo.

2.3.1 Geral

Conhecer e analisar a representação que o bibliotecário atuante na Rede Pública de Ensino do município de Florianópolis expressa acerca da sua participação no despertar do senso crítico do aluno.

2.3.2 Específicos

- Averiguar os métodos, técnicas e recursos de mídia, impressa ou não, utilizados pelo bibliotecário que atua em ambiente escolar no desenvolvimento de suas ações pedagógicas.
- Identificar ações dessa profissional desenvolvidas em conjunto com os professores de ensino fundamental que visem o aprimoramento do processo ensino-aprendizagem.

- Identificar procedimentos utilizados pelo bibliotecário que atuam em ambiente escolar para a inserção da biblioteca como um recurso de comunicação educacional no planejamento da escola.
- Averiguar ações do bibliotecário escolar que instruem os alunos quanto ao manuseio da informação.
- Verificar o planejamento das atividades bibliotecárias e sua inserção no projeto pedagógico da escola.

2.4 Aspectos Metodológicos

A seguir se apresentam os aspectos metodológicos deste trabalho. Para dar uma sequência e um entendimento lógico da proposta metodológica, apresentar-se-á o profissional bibliotecário atuante na Rede Municipal de Ensino de Florianópolis, a caracterização da pesquisa e do campo de pesquisa, o processo de coleta e análise de dados e questões referentes à responsabilidade ética inerentes a esta dissertação.

2.4.1 O Profissional Bibliotecário na Rede Municipal de Ensino de Florianópolis.

Aqui se faz uma breve introdução sobre a criação do cargo de bibliotecário no quadro funcional da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis, pois essa pode explicar e/ou complementar alguns elementos presentes no discurso.

O cargo de Bibliotecário passou a fazer parte do quadro funcional da Secretaria Municipal da Educação de Florianópolis apenas em 1998, ano em que a maioria dos entrevistados para este estudo ingressou na Rede Municipal. Anterior a esse período havia três bibliotecários atuando em bibliotecas, porém, em outros cargos. Portanto, o grupo em estudo

começou a se estruturar há cerca de 06 (seis) anos. Considera-se importante mencionar que a carga horária dos bibliotecários da Rede se constitui de 30 horas semanais.

A descrição oficial do cargo atribui ao bibliotecário as atividades de “organizar, dirigir e executar trabalhos técnicos relativos às atividades de biblioteconomia desenvolvendo sistema de catalogação, classificação, referência e conservação do acervo, para armazenar e recuperar informações.” (FLORIANÓPOLIS). Este mesmo documento elenca entre suas atividades a execução de serviços de registro, catalogação e classificação de livros, folhetos, periódicos e outros materiais, indexação de periódicos, organização de fichários, catálogos e índices, estatísticas de movimento da biblioteca, controle de empréstimo de livros, coordenar cursos para dinamizadores e professores, promover concursos literários na área da educação, contribuir com as atividades educativas, elaborar projetos para criação de bibliotecas e implementar métodos de disseminação de informação.

A criação deste cargo pela Prefeitura Municipal¹⁰ resultou da mobilização da categoria bibliotecária atuante em Florianópolis. As negociações tinham por objetivo a ampliação de mercado que pudesse alocar profissionais qualificados em um dos setores carentes de serviços especializados, ou seja, as bibliotecas escolares.

A partir destas reivindicações, em 1998, a Prefeitura Municipal de Florianópolis organizou Concurso Público, através do qual 17 (dezessete) bibliotecários ingressaram na Rede Municipal, e iniciaram suas atividades em Escolas Básicas Municipais. Portanto, em 1998, 20 bibliotecários atuavam na Rede Municipal de Ensino. Atualmente, 19 profissionais ainda desenvolvem atividades na Rede.

Os estabelecimentos onde atuam os profissionais bibliotecários possuem entre 350 (trezentos e cinquenta) e 700 (setecentos) alunos matriculados. Alguns deles, visando melhores possibilidades de atendimento deste público, além de aperfeiçoamento profissional,

¹⁰ Os textos legais que dispõem sobre a criação do cargo de bibliotecário pela Secretaria Municipal de Educação são limitados. O que se sabe é que tal ato foi agregado à Lei nº 2897/88 que dispõe sobre o plano de cargos e empregos, de vencimentos e salário, do quadro único do pessoal civil da administração direta do município e dá outras providências. O bibliotecário é enquadrado no Grupo Ocupacional III – Nível Superior desta Lei, não havendo uma própria.

buscaram programas de pós-graduação com abordagens que variam entre Qualidade de Sistemas de Informação, Gestão da Informação e História e Documentação. Para muitos destes profissionais, esta foi a primeira experiência em biblioteca escolar. Apenas 04 (quatro) deles mencionaram ter experiência prévia, sendo 02 (dois) em escolas públicas, e outros 02 (dois) em escolas particulares.

2.4.2 Caracterização da Pesquisa

O trabalho de investigação desenvolvido se alicerçou empiricamente na coleta informações sobre a atuação do bibliotecário escolar na expectativa de encontrar um discurso que o afirme como agente participante da formação de sujeitos críticos. Por seus objetivos a pesquisa tem caráter exploratório. A pesquisa exploratória possibilita ao pesquisador aprimorar idéias e descobrir intuições acerca do tema em questão, conforme Oliveira (1997). Neste sentido, o contato com os bibliotecários envolvidos na pesquisa possibilitou maior conhecimento das rotinas de seu trabalho, além de sensível percepção referente à estrutura, qualificação de pessoal atuante nas bibliotecas escolares, atendimento e até mesmo da própria comunidade na qual a escola está localizada.

Por outro lado, a forma eleita para organização das informações coletadas, ou seja, técnica do Discurso do Sujeito Coletivo, que será posteriormente detalhada, dá a pesquisa uma abordagem qualitativa o que possibilitou um estudo mais ‘vertical’ do tema abordado. Além disso, conforme Oliveira (1997), é possível, por essa abordagem, classificar processos experimentados por grupos sociais específicos, bem como a interpretação de suas particularidades ou atitudes também em maior grau de profundidade.

A escolha pela abordagem qualitativa deu-se porque a investigação proposta se dispôs a estudar a representação que os bibliotecários escolares têm das intervenções/ações que desenvolvem no cotidiano do processo educacional, o que permitiu, como no estudo de

Hillesheim (2001), uma aproximação com as circunstâncias que agentes educacionais – entre eles o bibliotecário escolar – vivem.

2.4.3 Caracterização do Campo de Pesquisa

Participaram da pesquisa bibliotecários da Rede Pública Municipal de Ensino de Florianópolis, a partir daqui tratada simplesmente por Rede. A seleção foi realizada a partir do Grupo de Bibliotecários Escolares, atuante na Secretaria Municipal de Educação e coordenado pela Divisão de Mídias e Conhecimento – DMC – da referida Secretaria. Este grupo é formado por 19 (dezenove) bibliotecários atuantes na Rede Municipal de Ensino que se definem como bibliotecários escolares, os quais se reúnem periodicamente com a finalidade de melhorar os serviços oferecidos à comunidade escolar à partir da troca de experiências e de programas de qualificação. É um grupo tem como objetivo discutir e possibilitar melhorias no acesso a produção do conhecimento pelos alunos da Rede.

Inicialmente, optou-se por selecionar dentre os 19 (dezenove) profissionais um grupo menor que apresentasse alguma característica em comum, tarefa realizada a partir da aplicação de um ‘questionário de seleção’(anexo C). Esse questionário reunia algumas perguntas que deveriam mostrar alguma semelhança capaz de caracterizar um critério de seleção e foi aplicado aos bibliotecários da Rede. Numa primeira reunião, agendada previamente com a colaboração da DMC, 11 (onze) profissionais estavam presentes, dos quais sete se comprometeram em prestar informações. Para não minimizar ainda mais o número de respondentes, o critério considerado de seleção foi o interesse demonstrado em participar da pesquisa. O próximo passo foi apresentar a proposta aos outros bibliotecários que não estavam presentes na reunião, entre os quais, obteve-se a aceitação de mais 05 (cinco) profissionais, totalizando então, um universo de 12 (doze) respondentes.

Com dois dos bibliotecários selecionados foram realizadas entrevistas piloto, cujo roteiro de perguntas foi aplicado de formas diferenciadas. Na primeira forma de aplicação, já no início, o bibliotecário foi questionado sobre sua concepção de Senso Crítico, verificando-se a partir daí, as estruturas, as atividades, os projetos desenvolvidos para o despertar da criticidade. Na segunda entrevista Piloto, houve o inverso. Iniciou-se conhecendo as estruturas, as atividades, os projetos, o contexto, para que a idéia de criticidade fosse sendo construída ao longo da entrevista. A análise das respostas dessas duas entrevistas mostrou que a última forma de aplicação do questionário teria o potencial de levantar mais subsídios para a pesquisa. Considerando que as respostas coletadas nessas entrevistas piloto já estavam em conformidade com as demais, os dados então obtidos foram reunidos àqueles levantados em seguida.

Cabe mencionar que um dos bibliotecários entrevistados, já fazia parte do quadro funcional da Prefeitura Municipal de Florianópolis no cargo de professor¹¹, com carga horária composta de 40 horas semanais, e mesmo atuando em biblioteca escolar e desenvolvendo atividades inerentes à profissão de bibliotecário, por questões salariais, ele optou em permanecer no quadro do magistério. Este fato, portanto, justifica quaisquer possíveis discrepâncias no Discurso do Sujeito Coletivo, em torno da carga horária.

No decorrer das entrevistas observou-se nos bibliotecários respondentes certa motivação em falar não apenas acerca das questões previamente formuladas, mas também sobre os problemas rotineiros, sobre as experiências e angústias profissionais. Por isso, ao final de cada entrevista foi estipulado o que optou-se por denominar *Espaço Aberto*, oportunidade para que os profissionais pudessem expor opiniões que extrapolavam o tema

¹¹ No quadro funcional da Prefeitura Municipal de Florianópolis existem diferentes níveis. O professor é contratado pelo quadro do Magistério. Sua carga horária é de 40 (quarenta) horas semanais. Além do salário base, os contratos do Magistério são beneficiados também pela Hora-Atividade, e outras gratificações que complementam o salário. Outros cargos técnicos, como o de Bibliotecário, pertencem ao quadro Civil. Os contratos do quadro civil não dão direitos a nenhuma gratificação adicional. Especificamente no caso dos Bibliotecários, existe há cerca de 05 (cinco) anos, a promessa de um adicional referente à Dedicção Exclusiva – DE. A DE seria mais que um acréscimo salarial, pois ampliaria também sua carga horária de 30 (trinta) para 40 (quarenta) horas semanais.

central do estudo. Esta postura foi adotada, pois avaliou-se que tais informações trariam subsídios para a análise final, e conseqüentes contribuições.

2.4.4 Coleta e Análise de Dados

O instrumento utilizado para a coleta de dados foi a entrevista. Este instrumento segundo GIL (1991, p. 113) “permite uma relação de interação, ocorrendo uma atmosfera de influência recíproca entre quem pergunta e quem responde”, evitando assim, resultados tendenciosos, além da possibilidade de aprofundamento de determinadas questões e possíveis dúvidas.

Para o tratamento e a organização dos dados coletados o instrumento empregado foi o Discurso do Sujeito Coletivo – DSC – uma modalidade de análise do discurso – discurso enquanto depoimento, fala do respondente – cuja proposta é reduzir a variabilidade discursiva e validar o conhecimento que o respondente tem sobre a questão levantada.

O método do DSC, desenvolvido por Fernando Lefèvre e Ana Maria C. Lefèvre, propõe a “utilização de quatro figuras metodológicas para ajudar organizar e tabular depoimentos (...). As figura são: a ancoragem, a idéia central, as expressões-chave e o discurso do sujeito coletivo.” LEFÉVRE e LEFÉVRE (2000, p. 17) A utilização destas figuras metodológicas visa a construção do DSC. Este instrumento tem como fundamento a teoria das Representações Sociais, logo, permite que se tome conhecimento das ações cotidianas de determinadas categorias de indivíduos. Ou seja, o DSC permite visualizar melhor a representação social de determinado fenômeno, pois ela se apresenta como um discurso, da forma como os indivíduos pensam.

Nesta pesquisa, o DSC foi empregado da seguinte forma: a maioria das entrevistas foi realizada nas dependências das bibliotecas, com o devido acordo da direção de cada

estabelecimento de ensino, com exceção de duas. Uma, foi realizada numa sala reservada por conta do grande fluxo de alunos a procura do profissional. Durante o tempo desta entrevista a biblioteca ficou a cargo do auxiliar. A outra, a pedido do bibliotecário, foi realizada fora do estabelecimento de ensino, e em horário contrário ao de seu trabalho, também em função da demanda de alunos.

As entrevistas foram conduzidas de modo a deixar o respondente a vontade, seguindo um *roteiro de entrevista* (anexo D) pré-estabelecido, e gravadas em fitas magnéticas. Ao todo, foram 10 (dez) horas de gravação. Todas as entrevistas foram transcritas na íntegra (anexo E). A partir das análises dessas transcrições foram elaborados quadros com as ‘*Expressões-chave*’ e as ‘*Idéias Centrais*’ – figuras metodológicas do Método DSC -, visando a reconstrução do DSC.

Nestes quadros (anexo F) as ‘*Expressões-Chave*’ foram construídas a partir de fragmentos das transcrições literais dos depoimentos e visam apresentar a essência do conteúdo discursivo na resposta de cada bibliotecário (LEFEVRE e LEFEVRE, 2000). As ‘*Idéias Centrais*’, por sua vez, foram extraídas a partir das expressões-chave, e foram o ponto de partida do Discurso do Sujeito Coletivo. Este Discurso representa as idéias de uma coletividade e deve ser apresentado como se apenas uma pessoa falasse na primeira pessoa do singular, por isso, algumas mudanças foram realizadas nos fragmentos utilizados, no sentido de dar a narrativa uma seqüência clara, e também para excluir possíveis particularidades.

Durante a coleta dos dados, além das entrevistas foram observados aspectos dos estabelecimentos de ensino. As escolas apresentam estruturas físicas variadas. Das 35 (trinta e cinco) escolas que formam a Rede, 11 (onze) foram visitadas e uma em especial, localizada num bairro periférico há aproximadamente 30 km do centro da cidade, chamou a atenção pelo precário estado de conservação e limpeza e baixa iluminação. As demais escolas têm variações quanto a sua estrutura física, sua conservação, mas, geralmente, suas dependências estavam limpas e iluminadas.

As visitas aconteceram durante o período letivo, o que permitiu também a observação da frequência de uso das bibliotecas pelos alunos, que procuravam, em todos os casos, o serviço de empréstimo, além de material para o desenvolvimento de pesquisas na própria biblioteca. Também com pequenas variações em termos de estrutura física e de conservação/manutenção, as bibliotecas apresentam como características gerais a insuficiência de espaço, o que dificulta a realização de atividades com as turmas das diversas séries, e a ausência de mobiliário adequado tanto para acomodação dos alunos, quanto para adequação do trabalho do bibliotecário.

Muito embora não tenha sido realizada uma avaliação dos acervos disponíveis nessas bibliotecas, foi possível observar que em algumas delas as condições de uso também ficam prejudicadas pela má conservação, consequência da falta de reposição desses documentos.

A análise do DSC deverá propor respostas à problematização levantada inicialmente, na justificativa do presente trabalho. O que estará também enriquecendo as possibilidades de análise são estas e outras observações diretas, posteriormente apresentadas, realizadas a cada visita aos estabelecimentos de ensino, ocasiões em que se pode conhecer não apenas as dependências das escolas de Rede Municipal de Ensino de Florianópolis, mas, principalmente, os espaços destinados às bibliotecas.

2.4.5 Responsabilidade Ética

Obedecendo ao que o Regimento do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos na Universidade Federal de Santa Catarina define, ou seja, com a “finalidade maior de defender os interesses dos sujeitos da pesquisa em sua integridade e dignidade e contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos” (UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA, 1997), os profissionais envolvidos na pesquisa na condição de

respondente, assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (anexo G). Este documento, por um lado trouxe à pesquisadora a segurança para, dentro dos padrões éticos, utilizar os discursos coletados sem possíveis censuras, e de outro lado, permitiu também ao respondente a segurança de todos os esclarecimentos necessários para que sua participação se efetive. Este acordo garantiu também o anonimato dos profissionais bibliotecários e das suas respostas. Para tanto, cada bibliotecário recebeu um número de identificação, que foi atribuído aleatoriamente e suas respostas sofreram, quando da transcrição, pequenos ajustes ou omissões de nomes, ou quaisquer expressões que pudessem caracterizar o estabelecimento de ensino ou identificar o profissional.

Houve também o comprometimento assumido entre a pesquisadora, a Coordenação de Mídia e Conhecimento da Secretaria Municipal de Educação e os profissionais bibliotecários da Rede, que visa a realização de um seminário, ao final da pesquisa, ocasião na qual serão apresentados os resultados, suas respectivas análises e possíveis contribuições. Este ato foi assumido para afirmar a importância da participação dos profissionais acima citados, bem como para ressaltar o compromisso da Universidade Pública para com a sociedade.

3 REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E SUJEITO COLETIVO

No presente capítulo será apresentada a fundamentação teórica que serve de suporte interpretativo dos discursos proferidos pelos sujeitos investigados. O tema abordado envolve interações vividas em sociedade, ou, mais especificamente, interações vividas por um determinado grupo social, o que suscita uma abordagem social e psicológica. E destacando do universo social um grupo profissional, que por sua especificidade possui mais que uma linguagem particular, mas também uma forma de se comunicar e de se expressar socialmente também particular, julgou-se que a noção de coletivo e social indicaria um rumo satisfatório para o presente estudo. A partir disso, encontrou-se na Teoria das Representações Sociais o suporte teórico adequado. Antes de apresenta-lo, porém, considera-se oportuna uma breve justificativa pela escolha de tal suporte.

Primeiramente, devemos associar esta teoria ao objetivo geral da pesquisa que é conhecer a representação que o bibliotecário escolar tem da sua participação num dado processo. Este objetivo envolve, portanto, a expectativa de obter deste profissional a sua explicitação sobre a atuação e vivência pessoal. Para Moscovici (1978) os membros das profissões são seus “representantes”, por isso participam da criação das representações. O que se pretende então é que Teoria das Representações Sociais, ofereça elementos que apóiem a compreensão da realidade em que o bibliotecário escolar desenvolve suas atividades, além de verificar em que bases ele busca subsídios para desenvolvê-las e as desenvolve.

Uma outra razão que fortalece a utilização da Teoria das Representações Sociais como referencial teórico é relativa ao instrumental eleito para organização dos dados coletados: Discurso do Sujeito Coletivo – DSC. O conjunto das respostas obtidas nesta abordagem metodológica advem de, e resulta em, diversos discursos e o conjunto destes discursos resulta na representação que determinado grupo tem acerca de um dado tema. Essa combinação da Teoria das Representações Sociais, que visa um conhecimento muito próximo daquele da ação

cotidiana e o DSC – uma modalidade de organização do discurso –, articula as representações de modo que fornece a interpretação dos discursos encontrados.

3.1 A Teoria das Representações Sociais

A Teoria das Representações Sociais originou-se na Europa no ano de 1961 com a publicação por Serge Moscovici de seu estudo *La Psychanalyse: son image et son public*. Tem, portanto, suas origens na Psicologia, mais especificamente na Psicologia Social, porém suas abordagens são estendidas aos campos da Sociologia e da Antropologia. Os estudos desta Teoria são marcados por resistências de outros teóricos que sustentam o argumento da ausência de definições claras, e pela dificuldade de estabelecer relações simples com suas proposições. Mesmo assim, buscar-se-á a elucidação de seus conceitos e finalidades, sem, no entanto, pretender esgotar as possibilidades de abordagem, uma vez que esta pesquisa pretende abstrair as evidências sociológicas da Teoria.

A Teoria das Representações Sociais configura entidades sociais que podem explicar determinadas ações dos indivíduos em seu convívio social. Nas palavras de Jovchelovitch (2000, p. 65) “a Teoria das Representações Sociais se articula tanto com a vida coletiva de uma sociedade, como com os processos de constituição simbólica, nos quais sujeitos sociais lutam para dar sentido ao mundo, entendê-lo e nele encontrar seu lugar.” A Teoria, portanto, envolve o individual e o coletivo, relacionando-os entre si, pois as representações sociais são formadas quando as pessoas (individual) estão expostas às agências sociais (coletivo). Assim, na medida em que as representações ocorrem nas interações sociais, seus processos estão permeados pela comunicação.

Sob um enfoque mais sociológico as Representações Sociais “são definidas como categorias de pensamento que expressam a realidade, explicam-na, justificando-a ou questionando-a” (MINAYO, 2000, p. 89), ou seja, elas oferecem subsídios para o

entendimento da realidade social de uma dada categoria. Sob este mesmo enfoque, Durkheim foi quem primeiro conceituou as Representações Sociais, porém utilizando-se do termo Representações Coletivas. Para ele estas representações são “um grupo de fenômenos reais, dotados de prioridades específicas e que se comportam também de forma específica.” (MINAYO, 2000., p. 90)

Passaremos a discorrer sucintamente sobre os estudos de Durkheim, uma vez que este foi o primeiro teórico a se dedicar aos conceitos das relações de comunicação particulares de grupos sociais. Para tanto, ele não compartilhava de estudos que tomavam os hábitos dos indivíduos como uma ação tão somente mental, orgânica, mas sim, defendia que o que direciona o indivíduo “não são as poucas idéias que ocupam nossa atenção; são, isto sim, os resíduos deixados por nossa vida anterior, são os hábitos contraídos, os preconceitos, as tendências que nos movem sem que disso nos apercebamos.” (DURKHEIM, 1970, p. 17) Sua discussão segue no sentido de que reações apenas orgânicas não poderiam explicar a evocação de idéias e atitudes semelhantes mutuamente, daí a considerar as concepções fisiológicas insustentáveis. Num dado momento, ele afirma que as células podem contribuir para a constituição das representações, mas não são capazes de, por si só, formá-las.

De outro lado, para o teórico os fenômenos e as interações são inteligíveis quando as experiências vividas permanecem para um dado grupo, e são manifestadas por esse mesmo grupo em outras situações de vivência. São as representações. Este grupo é formado por uma associação de indivíduos que interagem coletivamente, a partir de certas bases que podem ser territoriais, profissionais, religiosas, de comunicação. As representações são a base dessas interações, mas também têm suas origens a partir delas. Por isso, ainda para Durkheim as representações são coletivas e são “exteriores às consciências individuais, não derivam dos indivíduos considerados isoladamente, mas de sua cooperação.” (DURKHEIM, 1970, p. 34)

Foi com base nestes argumentos que, em 1961, na Europa, a discussão foi retomada, mas agora, com as abordagens verticais que lhe deram dimensões teóricas. Moscovici, (1978)

evoluindo das ‘representações coletivas’, designadas como a especificidade de comunicação do pensamento e das ações de determinado grupo social, expõe as representações como elementos que produzem e determinam comportamentos, como uma “modalidade de conhecimento particular que tem por função a elaboração de comportamentos e a comunicação entre indivíduos.” (MOSCOVICI, 1978, p. 26) Assim, as representações sociais também constroem uma dada realidade. Por isso, é importante ter o entendimento de que as Representações não se reduzem à opinião ou à atitude dos grupos sociais, nem simplesmente à repetição dessas opiniões e atitudes, mas sim a possibilidade de modificar uma dada realidade.

Esta possibilidade de as Representações Sociais modificarem uma realidade dada como pronta existe pelo fato de ter suas bases fixadas em e a partir de vários domínios do conhecimento e da produção humana, como sugere Jodelet (2001), como o científico, o cultural, o social e o institucional, o ambiental, o biológico e médico, o psicológico, o educacional. É também esta intersecção de diversas áreas que origina a complexidade da Teoria, pois diversifica o estudo de papéis e de autores sociais, bem como de relações intergrupais; e que exige ainda que seu estudo contemple elementos afetivos, mentais e sociais.

Ainda para complementar esta etapa de análise da Teoria das Representações Sociais, julga-se conveniente mencionar três características da mesma, no que tange ao seu desenvolvimento. Vitalidade, transversalidade e complexidade.

A *vitalidade* consiste na resistência de aceitação sofrida pelas Representações Sociais por parte de teóricos e de correntes, como evidencia Moscovici (2001, p. 45), quando afirma que “a noção de representação coletiva [origem das representações sociais]¹² passou por um eclipse que durou quase meio século”. Assim, a *vitalidade* da Teoria se refere justamente a superação do obstáculo da não-aceitação.

¹² O texto entre colchetes foi acrescido ao original.

A *transversalidade* e a *complexidade* são características que vem reforçar a discussão indicada acima, qual seja, aquela que coloca as Representações Sociais no limiar de áreas diferentes como Antropologia, Sociologia, Psicologia e História. Daí advém a sensação de que as Representações Sociais não ‘pertencem’ a uma ou outra área, e também o inverso, podem ser estudadas e aplicadas por todas elas, o que amplia ainda mais a gama de resistências colocadas contra. Assim, estas características podem se apresentar ciclicamente.

No entanto, se considerarmos que as Representações Sociais são sempre representação de alguma coisa/ algum fato e de alguém, julgamos que as características dos objetos ou dos sujeitos que se colocam no centro de um dado estudo se manifestam. Essas características podem indicar peculiaridades das interações sociais vividas pelos sujeitos, já que as Representações têm sua atenção voltada à dimensão social. Talvez esta seja uma das razões que dê às Representações Sociais, o que podemos chamar de versatilidade, permitindo que elas sejam exploradas por diferentes campos científicos. Quanto a sua aplicação no campo educacional, especificamente, torna-se adequada, uma vez que, conforme Gilly (2001), as interações sociais estão presentes nas relações existentes na escola, que têm como referência um ambiente social maior, a própria sociedade e suas interações sociais. E vale lembrar que esta visão vem orientando um certo número de correntes de trabalho, porque, segundo o mesmo autor, a Teoria “oferece um caminho para a explicação de mecanismos pelos quais fatores propriamente sociais agem sobre o processo educativo e influenciam seus resultados.”(Gilly, 2001, p. 321)

Destacando, mais uma vez, a dimensão social como o foco das Representações, estamos reforçando a noção de que as Representações Sociais podem orientar e até justificar ações de determinados grupos sociais. Vejamos como este processo se explica. Jodelet (2001, p. 27) menciona sobre as Representações Sociais uma relação de simbolização e de interpretação com seu objeto. Estes elementos “resultam de uma atividade que faz da representação uma construção e uma expressão do sujeito”, e segue, “a particularidade do

estudo das Representações Sociais é o fato de integrar na análise destes processos a participação social ou cultural do sujeito.” É por isso que elas são Sociais. Entretanto, envolvem indivíduos que interagem socialmente, num ambiente já formado. Direcionando a discussão para o objeto de presente estudo, é como se, para o bibliotecário que atua na escola a Representação Social da profissão já estivesse pronta, simbolicamente pronta. Assim, profissionalmente, ele se constrói sobre a base que já lhe é dada como pronta, verdadeira, real, ou seja, sobre a Representação Social desta profissão e num ambiente que já existia antes dele. Assim, ele não está produzindo uma Representação, e sim afirmando uma.

É neste mesmo sentido que Berger e Luckmann (1978, p. 38) explicam a realidade da vida cotidiana. Ela “aparece já objetivada, isto é, constituída por uma ordem de objetos que foram designados *como* objetos antes da [nossa]¹³ entrada na cena.” Isto significa que esta ‘vida cotidiana’ é constituída por certos eventos tomados pelos membros de grupos sociais como reais. Assim, a realidade, para os sujeitos da sociedade é algo que surge e que se afirma nas atitudes deles próprios. Podemos dizer que esta realidade é a soma destas atitudes e também dos pensamentos, mas, principalmente é a repetição dos mesmos ao longo do tempo, por várias gerações. Assim é a Representação Social. Esta recorrência de abordagem e manifestação de atos e fatos, mas advindas de grupos que mantêm afinidades a partir de uma característica comum, ou um conhecimento específico. Dessa forma a Representação Social, assim como os processos de interação social supõem um processo de adesão muito próximo do inconsciente.

¹³ O texto entre colchetes foi acrescido ao original.

3.2 O Sujeito Coletivo

A base da presente discussão teórica tem sido as interações sociais, ou, as práticas sociais efetuadas pelos *sujeitos* da sociedade. Por isso, pretende-se, neste item, discorrer mais especificamente sobre este sujeito e suas práticas, uma vez que a sociedade não é formada apenas pela união de indivíduos, mas por convívio entre si e com o ambiente.

O sujeito da sociedade não *sobrevive* isoladamente, ele interage com o entorno – horizontalmente quanto profere discursos e desenvolve práticas específicas com sujeitos próximos de sua situação profissional e social, mas tem interações também verticais quando elas se dão com sujeitos que apresentam discursos e práticas diferentes das suas. Esta interação, este contato com o entorno dá a ele as possibilidades necessárias para seu desenvolvimento enquanto ser social. Isto quer dizer que ao interagir com outros sujeitos e com as agências formadoras desta instância maior, este sujeito está criando vínculos que lhe darão as condições mínimas para a sobrevivência, como condição de se alimentar, de ter acesso à instrução, de se comunicar, etc. Berger e Luckmann (1978) sugerem que o homem, animal racional, tende instintivamente, a se organizar e a partir dessa organização, desenvolver suas atividades, por isso, além de se relacionar com um ambiente natural, nato, relaciona-se também com um ambiente cultural e social que lhe é mediatizado, justamente através da interação. Assim, não apenas a sobrevivência do ser humano

depende de certos dispositivos sociais, mas a direção de seu desenvolvimento orgânico é socialmente determinada. Desde o momento do nascimento, o desenvolvimento orgânico do homem, e na verdade grande parte do seu biológico enquanto tal está submetido a uma contínua interferência socialmente determinada. (BERGER e LUCKMANN, 1978, p. 71)

Com vistas na exposição acima, um sujeito é ímpar no sentido da individualidade, mas passa a ser/viver coletivo em função do meio em que se relaciona. Por isso, também para Moscovici (2001, p. 49), “o indivíduo sofre a pressão das representações dominantes na sociedade e é nesse meio que pensa ou exprime seus sentimentos.”

Durkheim (2003), estudando os fatos sociais em suas origens defende a idéia de sociedade como um sistema de associações (dos sujeitos) que possuem particularidades. Partilhando desta idéia, podemos enfatizar a sociedade como resultado da união de vários sujeitos, o que autor chama de consciências particulares, não pela simples união, mas por conta de alguma combinação afim. Para ele “é desta combinação que resulta a vida social, e é essa combinação que a explica.” (DURKHEIM, 2003, p. 115)

Assim, nosso *sujeito coletivo* é este *ser* que chega num ambiente (social) já formado e apto a recebe-lo, onde desenvolve o curso natural da sua vida, onde produz. Para este ambiente ele certamente traz suas características particulares. Porém, mais do que contribuir com a construção deste ambiente, já objetivado, ele sofre as suas influências. Deste modo suas atitudes, seu comportamento, mesmo seus pensamentos, passam a ser guiados por esta prévia objetivação. Esta conduta é vivenciada por todos os sujeitos de uma dada sociedade, por isso, um determinado comportamento passa, quase que inconscientemente, a ser absorvido por todos, tornando-se coletivo e, ciclicamente, continua influenciando e guiando condutas. Este sujeito coletivo, componente de um dado grupo social, tende a desenvolver opiniões e atitudes semelhantes na sua vivência cotidiana. São as Representações às quais esse grupo social está exposto, e que também ajuda a construir. Por isso, nesta dissertação, o instrumental eleito para organização dos dados foi o Discurso do Sujeito Coletivo. Neste discurso estas *representações* ficam claras. Diferentemente da História Oral, por exemplo, que busca diferentes pensamentos acerca de um mesmo assunto (CORREA, 1978)

A formação, mesmo a pessoal, dos sujeitos depende e resulta das suas interações sociais vividas desde sua chegada ao ambiente social, como bem colocam Berger e Luckmann (1976, p. 75) “o *Homo sapiens* é sempre, e na mesma medida, *Homo socius*. Daí a importância do acesso à informações livres, por exemplo, do filtro da censura e da manipulação, bem como à centros de informação e, especialmente, à bibliotecas dotadas de recursos informacionais e profissionais qualificados, ainda na fase de sua formação biológica, o que,

socialmente e normalmente, corresponde à fase escolar. Por isso a interação bibliotecário–estudante nesta fase de formação é importante. Cabe ao bibliotecário ensinar ao aluno maneiras de acessar informações que, ao longo de sua vivência social, irão constituir suas experiências, suas opiniões, seu conhecimento. Esta ação pode ser concretizada através da educação deste aluno para o uso da biblioteca, seja a escolar, a pública, ou outro centro de informação com o qual venha a ter contato, através do incentivo à leitura crítica, mas principalmente por meio de propostas que visem a familiarização do aluno para com o ambiente bibliotecário.

4 O AMBIENTE ESCOLAR E A ATUAÇÃO BIBLIOTECÁRIA

O bibliotecário foi apresentado no capítulo 2 deste trabalho como um profissional da informação, que produz e dissemina informações sobre documentos e seus conteúdos, atuando também como mediador dessas mesmas informações, ou seja, o bibliotecário é o profissional capacitado a atender as necessidades informacionais de todos os usuários, sejam de bibliotecas, ou de quaisquer outros centros de documentação. Cabe, portanto, neste momento, discorrer um pouco mais sobre a atuação deste profissional, a partir de sua formação, seu desenvolvimento profissional e de sua permanência no mercado de trabalho.

A biblioteca é uma instituição que faz parte do contexto brasileiro desde os seus primórdios, quando o país havia recém sido *descoberto* pelos europeus que, através de doutrinas religiosas eminentemente católicas, catequizavam e colonizavam os habitantes que aqui encontraram. É deste período que data a primeira biblioteca brasileira, a biblioteca do Colégio da Bahia, criada em 1568. Por se tratar de um período de colonização, ou seja, um período em que um Estado toma posse de uma região estrangeira, o acervo desta biblioteca contava, muito provavelmente, com um conteúdo informacional que atendia a certos interesses culturais, comportamentais e até políticos, e que contribuía com o processo de colonização, que veio, na verdade, impor um novo modo de ser e de fazer social.

Desde então as bibliotecas, especialmente as mantidas pelo poder público, vêm desenvolvendo sua história e seus acervos de acordo com os interesses dos mantenedores, e não a partir das necessidades dos usuários¹⁴.

É neste contexto que surge a figura do bibliotecário, ou seja, a prévia existência da instituição biblioteca cria uma demanda por um profissional que esteja apto a atuar em

¹⁴ Os *usuários* de uma biblioteca, muito antes de serem sujeitos que *utilizam* os serviços prestados por esta instituição para atender a um interesse próprio, são cidadãos que, por direito humano e social, têm garantia de acesso à informação. Na linguagem técnica da Biblioteconomia o usuário pode ser real, aquele que realmente frequenta a biblioteca ou centro de informação e se utiliza de seus serviços, ou potencial, aquele que, por desconhecimento, ou por desinteresse, não é assíduo à biblioteca e seus serviços, mas que também possui desejos, interesses ou necessidades de informação, e por isso, pode vir a ser um usuário real.

instituições com objetivos já estabelecidos. Em linhas gerais, pode-se dizer que o bibliotecário teve e está tendo de formar sua identidade profissional a partir deste contexto.

Este brevíssimo histórico acima apresentado mostra alguns indícios de que muitas das dificuldades de permanência no (e reconhecimento pelo) mercado de trabalho e também pela sociedade, têm suas raízes numa história que começou a ser escrita de uma forma arbitrária. Por isso, atualmente, este profissional busca *criar* uma outra forma de atuar, humanizando mais seu trabalho - que possui caráter tecnicista - não apenas garantindo aos sujeitos o direito à informação, mas também incorporando à sua identidade profissional esta necessidade de mudança. Uma profissão meramente tecnicista está fadada à extinção, por isso sua evolução pode fazer com que a história continue a ser escrita com outro enredo.

Por se tratar de um profissional que trabalha com produção e gestão da informação, suas atividades têm uma potencialidade significativa de contribuir na melhoria da qualidade de vida social através do acesso a estas informações pelos sujeitos da sociedade. Vejamos como este processo é possível.

Inicialmente, a formação deste profissional não se encarrega de tratar a função social do bibliotecário. De acordo com a maioria dos currículos, os anos passados na universidade são dedicados à aprendizagem de normas, regras e códigos. Não se coloca contra as funções técnicas inerentes a profissão de bibliotecário. Vive-se um momento histórico riquíssimo em produção e volume de informações, das mais variadas delas. É, então, fundamental um modelo de organização para que todo este montante de informação, independente do suporte, seja disponibilizado de forma operacional, ágil e eficaz. Porém, o que não tem tido muito espaço para discussões, é o que está por trás desta ação, vista como meramente técnica.

Tratar a informação é muito mais do que catalogar e classificar, ou seja, descrever e identificar o conteúdo temático dos documentos. Estes processos são apenas parte de um conjunto de ações que irá possibilitar a um cidadão o acesso a uma informação da qual necessita, seja ela técnica, científica, cultural, para lazer ou de utilidade pública. O que

importa pensar é que o conteúdo que se está disponibilizando irá, de alguma forma, aprimorar o conhecimento de alguém e, conseqüentemente, contribuir para seu desenvolvimento pessoal, e mais, este conhecimento e o seu desenvolvimento fatalmente irão lhe propiciar um pensamento mais crítico, dando-lhe a possibilidade de melhor entender e questionar sua realidade.

Conscientizando-se e acreditando que seu trabalho pode contribuir para a formação de sujeitos críticos e, conseqüentemente, de uma sociedade mais crítica, o bibliotecário estaria apto a atuar no desenvolvimento social como agente de transformação, conforme Souza (1993).

Da mesma forma, a biblioteca está tendo que adaptar seus serviços a uma nova realidade que é composta por uma demanda muito grande de informação, por uma gama de usuários mais exigentes e também por um enorme grupo de usuários potenciais, isto é, aqueles que têm necessidades informacionais, mas não buscam solucioná-las nas bibliotecas por desconhecer que este é um espaço reservado à busca de informações e construção de conhecimento.

A grande demanda de informação é uma exigência dos dias atuais, uma vez que acentuou-se a percepção de que a informação é a geradora de capital, de mercado e de trabalho no mundo, o que, conseqüentemente leva a uma procura cada vez maior. Infelizmente, projetos que possam aproximar a biblioteca das comunidades que a cercam não são comuns, especialmente em cidades de pequeno porte econômico, onde as atividades que permeiam as bibliotecas nem sempre são eleitas através da iniciativa de profissionais qualificados e especializados, mas sim através de relações de *politicagem*, amizade e laços familiares.

Estas questões encontram fundamento na Declaração da IFLA sobre as Bibliotecas e a Liberdade Intelectual ¹⁵. A IFLA apóia, defende e promove a liberdade intelectual, tal como está definida na Declaração Universal dos Direitos do Homem, das Nações Unidas.

O primeiro passo para a integração com a sociedade pode ser a biblioteca (instituição e profissionais) reconhecer cada usuário como um cidadão que, ao entrar na biblioteca, busca um bem, a princípio abstrato, que irá lhe trazer algum desenvolvimento pessoal, cultural, intelectual ou profissional, e, que ao sair de lá, ele ainda estará buscando, pois a informação não é um bem acabado, finalizado, portanto, ele voltará.

Por isso é necessário que uma biblioteca disponha de bom acervo, recursos financeiros, que seja bem administrada e que tenha uma equipe bibliotecária competente, para poder oferecer além de informação usual, espaços de lazer e entretenimento, com exposições de arte, de dança, de teatro, e que podem ser resultado de oficinas realizadas pela própria biblioteca. O importante é que essas atividades estejam relacionadas com a realidade das pessoas que irão dispor delas.

As formas de acesso à informação também devem ser tomadas pelo bibliotecário como uma importante questão, pois a ascensão das tecnologias de comunicação e informação e de ferramentas sofisticadas de busca à informações fazem parte da realidade de muitas pessoas, porém, não da maioria.

No caso brasileiro vive-se em um país que, infelizmente, apresenta um índice altíssimo de analfabetismo. Segundo Lima, (2001) “O IBGE considera analfabetos funcionais, as pessoas que têm menos de quatro anos de estudo. E eles são nada menos que 30% (precisamente 29,4%) da população brasileira com 15 anos de idade ou mais.” Considera-se então, que essa população acessa informações através de meios de comunicação de massa, o que, em quase que na totalidade dos casos, supõe-se que significam informações tendenciosas, já filtradas de acordo com diversos interesses das pessoas ou organizações que supostamente

¹⁵ Declaração preparada pelo IFLA/FAIFE (Comité sobre a Liberdade de acesso à Informação e sobre a Liberdade de Expressão da IFLA) e aprovada pelo Comité Executivo da IFLA a 25 de Março de 1999, Haia, Holanda.

detenham o poder. É bem provável que esta ação crie neste grupo de pessoas valores e hábitos que facilite a manipulação de seus pensamentos e, conseqüentemente, de suas atitudes.

A despeito desta possibilidade, não se deve, porém, desconsiderar a condição que cada sujeito tem de receber e abstrair informações, colocando-o como totalmente vulnerável ao meio. Especialmente quando recorremos a Eco (1976) e seus estudos sobre comunicação e expressão e especialmente seus apontamentos sobre a TV. Este autor caracteriza a TV como “um instrumento técnico - de que se ocupam os manuais de eletrônica - baseada na qual uma certa organização faz chegar a um público, em determinadas condições de audiência, uma série de serviços que variam do comunicado comercial à representação do Hamlet” (ECO, 1976, p. 331). Acredita que é típico da arte – referindo-se ao cinema – transformar um material bruto (informações coletadas) em organização de dados (edições, montagens) e que a transmissão televisionada também possui, em menor grau, estes traços. O que os diferencia é a capacidade que o cinema tem de expressar, enquanto que a TV comunica. Esta segunda, ainda que não propicie criações artísticas, pode criar necessidades e tendências que também fazem parte da evolução cultural, sendo, portanto caracterizada como um fenômeno sociológico.

Observa-se então um outro desafio para o bibliotecário: facilitar o acesso a informações livres do filtro do poder, e isso também faz parte da concretização de seu papel social de auxiliar a adequada formação social do indivíduo. Somente oferecer a informação sobre documentos e seus conteúdos, já não basta. É necessário a certeza de que ela alcançará seu destino: o entendimento de quem a busca.

A partir deste embasamento a liberdade intelectual é colocada como uma responsabilidade fundamental dos profissionais da informação, especialmente dos bibliotecários, uma vez que à biblioteca ficam atribuídas algumas funções básicas como proporcionar acesso à informação, às idéias que servem como portas de acesso ao conhecimento, ao pensamento e à cultura; proporcionar apoio essencial à formação contínua, para a tomada de decisão independente; contribuir para o desenvolvimento e a manutenção da

liberdade intelectual ajudando assim a preservar os valores democráticos fundamentais universais; adquirir, preservar e disponibilizar a mais ampla variedade de documentos, refletindo a pluralidade da sociedade; assegurar que a seleção e a disponibilidade dos documentos e dos serviços sejam regidas por considerações de natureza profissional e não por critérios políticos, morais ou religiosos; adquirir, organizar e difundir a informação livremente, opor-se a qualquer forma de censura e disponibilizar os seus documentos, instalações e serviços a todos os utilizadores, de forma equitativa.

Não se pode negar que a ascensão das tecnologias de comunicação e informação permeiam essa realidade. Isso é fato! É necessário, portanto, fazer com que o maior número possível de pessoas tome conhecimento das noções básicas da informática e tenha uma boa orientação para extrair dela, o que ela pode oferecer de melhor. É indispensável citar aqui, a rede mundial de informações Internet como exemplo. É infinita a gama de informações que a Internet disponibiliza. É claro que não se pode ignorar a questão da disponibilização descontrolada de todos os tipos de informação, colocando em dúvida a qualidade e a veracidade do que se lê, mas isso seria assunto suficiente para outro trabalho, uma vez que levantaria questões polêmicas como a volta da censura e até a própria existência da rede (por isso se mencionou a orientação quanto ao seu uso). Então, se o computador ainda *assusta* grande parte da população, o bibliotecário pode, e *deve*, intermediar também esta aproximação. Para tanto, deve contar com a relativa queda dos preços, e a atualização dos programas, cada vez mais primando pela facilidade de uso, e estabelecer cursos ou oficinas para seus usuários, visando a integração crítica destes com as novas tecnologias de informação e comunicação.

Esta atuação bibliotecária que se vislumbra como a mais apropriada para auxiliar na formação crítica está então intimamente ligada com o desenvolvimento dos sujeitos, por isso pode acontecer nos mais variados ambientes nos quais estes sujeitos buscam, por algum

motivo, certas qualificações através de informações. Assim o bibliotecário está presente em diversos segmentos, como por exemplo, na indústria, no ramo empresarial, na educação, tanto na instância pública, quanto na privada. Na indústria o bibliotecário atua em centros de informação destinados a fomentar pesquisas científicas e tecnológicas; nas empresas atua, mais recentemente, como agente gestor do fluxo de informações produzidas e consumidas; na educação, atua em escolas, universidades e se pode citar também, em bibliotecas públicas, que embora não tenham como função principal atender ao público escolar em suas demandas, no Brasil acaba por desempenhar, em muitos casos, somente esta atividade. É exatamente sobre a atuação deste profissional na educação que se dá maior ênfase, especialmente sobre sua atuação na escola fundamental.

4.1 A Escola e Suas Finalidades

Quando o termo educação é mencionado, geralmente, remete-se a um elemento capaz de garantir, especialmente às crianças e aos jovens, desenvolvimento cognitivo e discernimento suficientes para sua integração no convívio social. Assim, espera-se que a Escola, que é a institucionalização, a objetivação deste elemento, dê a estes sujeitos as condições necessárias para uma participação efetiva da vida social, através da construção de conhecimentos, dos quais deverão usufruir durante toda sua existência.

Este espaço, a escola, é conceituado por Reimer (1979, p. 51) como “uma instituição que exige a frequência de grupos etários específicos em classes, sob a supervisão de professores, para o estudo de um determinado currículo.” Podemos complementar este conceito supondo então que a instituição oficial da educação, para ser a base de formação de sujeitos capazes de ampliar seus conhecimentos em suas interações sociais, deve contar com um setor organizado possuidor de acervos com assuntos ou temas específicos a serem trabalhados, ou *ensinados*, e de pessoal especializado para exercer função pedagógica, que

estará à disposição dos alunos. Esta instituição tanto pode ser mantida pelo poder público, quanto pela iniciativa privada.

A história da educação no Brasil costumeiramente tem três períodos distintos, conforme Gadotti (1994). De 1500 à 1930 a educação era tradicional, privada, predominantemente religiosa e centrada na autoridade do educador. Entre 1930 e 1964 surgem o ensino público e as idéias e métodos mais liberais que focavam a criança. A partir de 1964 e durante os vinte anos subseqüentes houve uma tendência bastante tecnicista na educação e no ensinar, reflexo do poder dos governos militares. Após este período a educação e o ensino brasileiros vêm buscando novas diretrizes que acompanhem o estado de democracia vigente.

Hoje a educação, e conseqüentemente a escola brasileira, segundo Gadotti (1994), divide-se em dois níveis: a *educação básica*, que compreende a educação infantil, o ensino fundamental e o ensino médio; e a *educação superior*. Porém a partir daqui estaremos tratando especificamente do ensino fundamental – ambiente de interesse deste trabalho – e que segundo o mesmo autor “objetiva o domínio progressivo da leitura, da escrita e do cálculo, enquanto instrumentos para a compreensão e solução dos problemas humanos e acesso sistemático aos conhecimentos.” (GADOTTI, 1994, p. 25) Assim, este nível escolar, dirigido a crianças de 07 (sete) à 14 (quatorze) anos de idade, tem uma estreita relação com o desenvolvimento da percepção social e da criticidade do aluno. Para exemplificar tomemos como exemplo, um dos *instrumentos de compreensão* citados acima, a leitura.

Silva (1986, p. 15), diferencia a função social da leitura da simples leitura de consumo e reprodução. Segundo o autor a leitura mais produtiva “é aquela capaz de gerar a reorganização das experiências do leitor ao nível individual e ao nível coletivo, aquela capaz de gerar o máximo de conflito entre as interpretações”. O simples ato de *passar os olhos* sobre letras impressas não garante o entendimento do texto, muito menos a leitura de mundo, a compreensão de certas realidades e a articulação com estas realidades a partir do texto lido. Se ao ensino fundamental cabe, entre outros objetivos, garantir ao educando um domínio

progressivo da leitura para a compreensão e solução de problemas humanos, então os esforços dos agentes envolvidos neste nível educacional devem se dirigir no sentido de ensinar a leitura para a conscientização. Assim, espera-se que todos os outros conteúdos e disciplinas presentes nos currículos deste nível recebam a mesma atenção.

Como se pode observar, o ensino fundamental é parte de um período da vida do sujeito em que o mesmo está formando sua identidade crítica, sua capacidade de argumentar e de criar. Este fato evoca questões como a qualidade da escola fundamental brasileira, a evasão escolar, a repetência, e outras afins que merecem uma discussão muito mais ampla. Portanto, reconhecendo que este é um debate a ser retomado em ocasiões futuras, e reconhecendo também que a educação brasileira, especialmente a pública, enfrenta uma séria desarticulação com seus objetivos reais, o que não se pode deixar de mencionar, a escola que deveria estar proporcionando à criança e ao jovem bases para uma integração cada vez mais consciente com a sociedade, está, na verdade, por uma série de razões, desde políticas até estruturais, deixando de buscar seus objetivos, e transformando o ensino em algo apenas obrigatório, sem o compromisso com os resultados. Isto fere a finalidade da escola de capacitar o sujeito para o aprendizado constante e multidisciplinar, além de comprometer os níveis de ensino subsequentes. É neste sentido que Gonçalves (1997) também exprime sua preocupação em relação ao saber que a escola privilegia. Este saber, em sua opinião, “não está articulado às questões fundamentais provenientes da vida” (GONÇALVES, 1997, p. 77), não expressando a realidade social.

Neste sentido, supondo que a finalidade maior da escola seja *educar*, e supondo ainda que educar signifique dar ao educando acesso ao conhecimento integrado com as questões da realidade que o cerca, a escola, na figura de seus agentes, não pode deixar de transmitir informações visando, através da sua assimilação, a construção do conhecimento. Em função disto, cresce a responsabilidade de todos os profissionais envolvidos em atividades pedagógicas voltadas para o ensino fundamental, especialmente a do bibliotecário que,

enquanto profissional da informação atuante na escola, tem grande participação neste contexto, já que este aprendizado constante que se vislumbra para o aluno passa pela capacidade de se informar e se manter informado.

4.2 Escola e Uso da Informação

O termo educação remete a outros, como aprendizado e cidadania e a idéia de aprendizado e cidadania passa pelo ato de se informar. O próprio ambiente escolar propicia situações de uso de informações que podem ser *laboratório* de informação, conhecimento e senso crítico. Esta importante veiculação de informações na escola é destacada por Paro (1995) como meio através do qual

“pais e demais membros da comunidade podem pôr-se a par de seus direitos e deveres para com a instituição escolar, bem como tomar conhecimento dos fatos e relações que se dão no interior do estabelecimento de ensino e que dizem respeito a seus interesses enquanto usuários dos mesmos.”(PARO, 1995, p. 192)

Vejamos a seguir algumas situações citadas por este autor em que a veiculação da informação é imprescindível.

Associação de Pais e Professores (ou Associação de Pais e Mestres). As Associações de Pais e Professores são grupos compostos por membros da escola e da comunidade local, organizados formalmente com o objetivo de colaborar com o aprimoramento do processo educacional, através da assistência ao aluno, da arrecadação de recursos para melhorias nos estabelecimentos de ensino e da integração entre a escola e a comunidade. Não se propõe aqui a realização de uma análise das questões políticas que a existência das APP's envolve, como, por exemplo, a falta de responsabilidades do poder público para com a manutenção dos estabelecimentos de ensino. Pretende-se sim frisar que a participação nas atividades destas associações requer acesso a informações sobre seu funcionamento, seus objetivos.

As reuniões de APP's são espaços para tomadas coletivas – pais e professores – de decisões, para isso é preciso circular informações como o que é prioritário; como reivindicar

melhorias junto a Secretaria de Educação ou outro órgão público; qual o melhor momento para se tomar decisões; como mostrar a comunidade escolar o que vem sendo discutido e realizado pela Associação.

Divulgação de Reuniões. As reuniões de pais são momentos importantes para a integração escola-família. Além de uma oportunidade para os pais acompanharem mais de perto o desempenho dos filhos na escola, e, conseqüentemente, seu aprendizado, pode ser também um momento de tomada de decisões relevantes para o estabelecimento de ensino e ainda para as práticas pedagógicas. É claro que para isso é necessária uma participação consciente tanto dos pais, quanto do corpo escolar nestas reuniões, o que demanda informação e, segundo Paro (1995, p. 192), referindo-se à escola pública, “o processo de informação é um dos elementos de maior importância na efetivação da participação dos usuários na *vida*¹⁶ da escola.” A vida da escola, ou seja, a própria existência dela dentro do cumprimento de seus propósitos depende de um processo que permita um fluir de informações essenciais para a qualificação do estabelecimento e do ensino não só através de participação dos pais e dos agentes escolares em reuniões, mas através de um processo de informação que também prime pela formação contínua dos profissionais da educação, e conseqüentemente pela valorização do ensino e da escola.

Conselhos de Classe. Os Conselhos de Classe também são momentos importantes de troca de informações que podem guiar avaliações das práticas pedagógicas desenvolvidas, já que o foco central destas discussões é o desempenho escolar dos alunos, além da proposição de soluções para as deficiências observadas (PARO, 1995).

A estes exemplos de Paro pode-se ainda acrescentar alguns outros, como segue.

As aulas. A aula é um processo pedagógico de transmissão de informações organizadas em conteúdos teóricos que visam a aprendizagem. Para que as aulas não tenham característica autoritária, o melhor é que a forma de transmissão dessas informações estimule o pensar.

¹⁶ Grifo nosso.

Neste *trocar* de informações cada sujeito constrói o conhecimento de acordo com suas experiências.

A Hora do Conto. Hora do Conto é uma atividade de leitura geralmente proposta pela biblioteca da escola que, de forma lúdica, pode fazer com que as crianças reflitam sobre uma história que ouvem, estimulando não só o imaginário, mas também sua capacidade de perceber suas preferências, ou seja, capacidade de opinião. A hora do conto, quando bem desenvolvida, instiga a curiosidade e é um exercício de estímulo à criticidade, através da transmissão de informações.

Estas e outras situações comuns no cotidiano da escola, muitas vezes passam despercebidas como momentos importantes de transmissão de informação, mas acima de tudo de construção de conhecimento consciente. Para Carraher (1983) este é um dos maiores desafios existentes não só na Educação, mas nas Ciências Humanas. Especificamente na Educação o autor ressalta que

“a preocupação excessiva dos educadores com a transmissão de fatos, ou alegados fatos, ao invés do desenvolvimento do raciocínio do aluno, tem resultado em textos, desde a escola primária até o nível superior, virtualmente desprovidos de oportunidades para a reflexão. O conhecimento é tratado como um corpo de fatos que cada aluno deveria aprender (...) O bom aluno não questiona as ideias básicas, ele assimila as respostas corretas. (CARRAHER, 1983, p. 124)

Neste sentido, todas as atividades escolares poderiam objetivar a elucidação de conceitos, nos seus vários significados¹⁷, e o reconhecimento dos contextos, especialmente o contexto social, para que o educando compreenda as idéias que lhes são transmitidas como um todo, de modo que não considere os fatos apenas com uma seqüência de acontecimentos desconexos. Desta forma o sujeito assimila conhecimento fragmentado, ficando impossibilitado de criar opiniões coerentes, reflexivas, críticas.

¹⁷ “As mesmas sentenças podem ter significados diversos. Atribuímos o significado com base no conhecimento de que dispomos sobre a língua e sobre o mundo social.” (CARRAHER, 1983, p. 80)

No entanto, não há formação de opinião crítica e coerente sem informação. Assim, a escola, além de oferecer pontos de acesso a informação, pode também ensinar seu aluno a se informar. Especialmente através de atividades de pesquisa e de incentivo ao gosto pela leitura, os agentes escolares podem voltar o ensino para fatos da realidade, permitindo ao aluno, a partir de observações, relacionar os conteúdos programáticos com a vida cotidiana, dando significado a sua ida diária à escola.

O exposto acima demanda a necessidade de uma explanação, ainda que sucinta, de algumas concepções educacionais para que se possa situar os argumentos desenvolvidos até aqui.

Então, trata-se das características da chamada Escola Tradicional, ou, Pedagogia Tradicional. Nesta concepção, educação é transmissão de conhecimentos ao aluno pelo professor. As aulas consistem em exposições verbais e as avaliações em prova escrita ou arguição oral. A escola detém um caráter rígido, autoritário e de exigência sobre o aluno. (COTRIM, 1988). Alguns educadores como, por exemplo, Lourenço Filho (1978) acreditam que este modo tradicional de fazer educação tende a formar sujeitos capazes apenas de reproduzir o que já existe, sem condições críticas de discernimento.

A abordagem que se dá neste trabalho para a escola e para a educação institucional é oposta a esta concepção *tradicional*, por isso, serão enfatizados alguns aspectos da chamada Escola Nova.

A Escola Nova é um movimento que, opondo-se à educação tradicional, busca construir um outro modelo de educação. No Brasil, começou a se desenvolver na década de 1930, mas seus fundamentos já permeavam pensamento pedagógico internacional antes disso.

Entre os teóricos denominados escolanovistas se pode citar John Dewey, pedagogo norte-americano e um dos precursores da idéia da aprendizagem através da atividade pessoal do aluno, e não mais centrada na figura do professor, conforme Gadotti (2001).

Destaca-se também Jean Piaget e sua abordagem construtivista. Em suas pesquisas Piaget buscou explicar o desenvolvimento intelectual da criança, com base num funcionamento interligado da mente e do corpo, pois, para ele as atividades intelectuais e as biológicas “são partes do processo global através do qual o organismo se adapta ao meio e organiza as experiências.” (WADSWORTH, 1997, p. 16). Pode-se observar, então, a importância do meio na formação biológica e também social da criança, sem, no entanto, desconsiderar o conhecimento e os valores que a criança acumula em sua vivência.

A Teoria histórico-cultural de Lev Semyonovich Vygotsky atribui importância ao papel da interação social. Para o autor essa interação é uma das maiores responsáveis pelo desenvolvimento da criança, por isso o processo de ensino/aprendizagem sempre inclui aquele que aprende, aquele que ensina e a relação entre as pessoas. Nesta abordagem o conhecimento é construído socialmente por meio de ações efetivas como a organização do trabalho escolar em bases coletivas (parcerias entre alunos, bibliotecários e professores, por exemplo), assim, o educador é um mediador entre as crianças e os objetos de conhecimento. Considera-se a criança um ser pensante, capaz de constituir e desenvolver criticidade.(VEER e VALSINER, 1996; WADSWORTH, 1997; VYGOTSKY, 1991)

A teoria de Vygotsky, que concebe a transmissão de conhecimento da cultura para a criança, alinha-se parcialmente à abordagem desta dissertação em alguns aspectos, como segue. O bibliotecário escolar pode ser o agente *mediador e mais experiente* a que o teórico se refere, com quem os alunos podem aprender mais, a partir da sua atuação pedagógica. Além disso, a intenção desta pesquisa é enfatizar a capacidade de ampliação do conhecimento e da capacidade de escolhas sociais, profissionais, políticas e tantas outras pelos sujeitos através do despertar de sua criticidade. Esta condição permite uma relação mais consciente com os fatos da realidade, portanto tende a qualificar as interações sociais realizadas no cotidiano. E a teoria em questão supõe que o reconhecimento deste meio de interações resulta em raciocínio e pensamento enriquecidos.

É nesta forma de compreender o *fazer escola* e *fazer educação* que este trabalho se alinha, ou se aproxima da concepção de Vygotsky.

4.3 Biblioteca Escolar x Biblioteca na Escola

Biblioteca escolar ou biblioteca na escola? Em que consiste uma biblioteca escolar? A simples existência de salas com estantes de livros caracterizam bibliotecas escolares? Silva (1995) acredita que “escrever sobre a biblioteca escolar brasileira é tocar numa das maiores deficiências do nosso aparelho escolar.” A partir desta afirmação se pode ainda indagar: porque exatamente a biblioteca escolar brasileira não é estudada, reconhecida e valorizada como um ambiente potencial de informação, e como consequência, de construção de conhecimento e senso crítico?

Para analisar estas e outras questões sobre este espaço tão incógnito no ambiente escolar, novamente tomar-se-á como documento de base o Manifesto sobre Biblioteca Escolar da UNESCO, ou simplesmente Manifesto, que anuncia a biblioteca escolar como uma unidade de informações e idéias fundamentais para o desenvolvimento da sociedade contemporânea, baseada na informação e no conhecimento, através dos estudantes que devem ter acesso a instrumentos que permitam o aprendizado constante, o desenvolvimento da imaginação e a cidadania responsável. Deste documento serão destacados alguns tópicos relevantes acerca da missão, das funções, do pessoal, e do funcionamento da biblioteca escolar a fim de enfatizar a situação deste setor da escola brasileira.

Segundo o Manifesto, estão entre as *missões* da biblioteca escolar, o oferecimento de serviços de aprendizagem, livros e outros recursos a toda a comunidade escolar, sem distinção de idade, raça, sexo, religião, nacionalidade, língua e situação social, para que desenvolvam pensamento crítico e utilizem, de maneira eficaz, a informação.

Já dentre as funções da biblioteca escolar o Manifesto sugere como essencialmente necessário para o bom desenvolvimento da leitura e da escrita, da capacidade informativa e da

educação ações como: apoio aos programas de ensino; incentivo ao gosto pela leitura e pela frequência e utilização de bibliotecas; possibilidade de criação; utilização de informações variadas e em qualquer suporte, possibilitado a comparação de informações e a formação de opinião própria; atividades que estimulem ações culturais e sociais.

No que tange ao *peçoal*, expressa-se a necessidade de o bibliotecário escolar e do pessoal de apoio atuarem em conjunto com os demais agentes escolares, e darem às suas atividades um encaminhamento pedagógico, o que exige alguns conhecimentos específicos.

Para um *funcionamento* efetivo e responsável da biblioteca escolar, o Manifesto anuncia a necessidade de uma política para biblioteca escolar que defina seus objetivos, além da acessibilidade à todos os agentes escolares.

Estes itens acima apresentados formam um conjunto de características básicas de uma biblioteca escolar e sugerem uma atuação muito mais abrangente que a prática existente na maioria das bibliotecas escolares brasileiras. A presença destes requisitos caracteriza a biblioteca escolar, pois eles a incluem no contexto pedagógico. E somente fazendo parte deste contexto a biblioteca poderá efetivar seu papel dentro da escola, não só apoiando o trabalho do corpo docente, mas também atuando como um espaço que estimule o conhecimento e o entendimento dos fatos, especialmente os fatos sociais, que explícita ou implicitamente, exigem leitura de mundo. Pirela & Ocando (2003) acreditam que bibliotecas escolares que promovam atitudes como estas são muito importantes para a formação humana, pois permitem ao sujeito “expandir seu campo cognitivo e modificar suas estruturas mentais para resolver problemas não só no âmbito acadêmico, mas também no cotidiano”. (PIRELA & OCANDO, 2003, p.7) Assim se percebe que os trabalhos desenvolvidos nas bibliotecas escolares podem desenvolver a crítica e levar à transformação – de pensamento e de atitudes.

Mas, se o que se vislumbra como desempenho de uma biblioteca escolar tem tanta importância para a formação educativa e social dos sujeitos, porque ainda não se consegue efetivar toda esta potencialidade? Silva (1999) acredita que esta insuficiência atinge não

apenas as bibliotecas escolares, mas também a maioria das bibliotecas direcionadas a outros públicos. Para o autor os bibliotecários

“parecem exercer um papel passivo, de mero entregador de livros, colocando-se fora dos circuitos de interlocução e de interação (...). Talvez resida aí o ‘pêndulo manco’ da biblioteconomia brasileira: o trabalho cotidiano e prático tende para a área técnica, mas é incapaz de transformar em ação concreta o discurso (...) em torno da necessidade de reflexão sobre o social.” (SILVA, 1999, p. 103)

De outro lado, foi da reforma do ensino de 1971 que Milanesi (1993) resgatou a origem dos problemas das bibliotecas escolares. Para este autor a instituição da *pesquisa escolar* expôs a fragilidade de um decreto nacional que exigiu mudanças do sistema educacional, mas não considerou todas as deficiências já existentes e evidenciou a inexistência de bibliotecas escolares. Hoje, mesmo com o novo texto da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, instituído em 1996, que garante ao aluno o conhecimento da realidade social e política, o que pode ser concretizado não somente no decorrer das aulas, mas também a partir de atividades de leitura na biblioteca escolar, os reflexos desta medida ainda podem ser considerados. Desde então a atividade de *pesquisa escolar* tem sido desenvolvida de forma equivocada. Os trabalhos escolares, na maioria das vezes, se resumem a cópias literais de verbetes de enciclopédias. Este fato nos guia à lamentável constatação de que já há algumas décadas o descaso com o sistema educacional, o que inclui suas bibliotecas, perdura em nossa realidade política, com reflexos no âmbito social.

Mesmo assim, ao se perguntar se a biblioteca escolar tem saída, Silva (1995) coloca-se otimista julgando que a melhoria da biblioteca escolar e da própria escola brasileira deve ser concretizada se pensarmos em trabalhar e qualificar as estruturas que já temos. Assim, os esforços devem estar buscando alternativas no sentido de envolver a biblioteca com a comunidade escolar e com a comunidade próxima como um todo, como um espaço pedagógico, educativo, inserido no ambiente escolar não apenas fisicamente, mas como um espaço comprometido com a função social da escola de contribuir para formação de cidadãos críticos, conscientes.

4.4 Bibliotecário Escolar x Bibliotecário na Escola

Da mesma forma que a biblioteca escolar dificilmente é vista e entendida como um espaço pedagógico, o bibliotecário – quando existente nas escolas, especialmente as públicas – raramente é considerado – e se considera – um educador. Geralmente lhe são atribuídas funções técnicas e até burocráticas que o distancia do fazer pedagógico e da aceitação como bibliotecário escolar. É bem verdade que o serviço técnico e administrativo existente na biblioteca escolar também é responsabilidade do profissional que nela atua, e que destes serviços depende também o bom funcionamento do setor. Mas, o que costumeiramente acontece é que por exigência do estabelecimento de ensino, ou por falta de consciência do próprio bibliotecário relacionada a seu papel pedagógico, a demanda de serviço como (simples) organização de estantes e empréstimo de livros, acaba por ocupar quase todo o tempo, restando alguns poucos momentos para uma atividade de interação direta com o estudante e demais membros da comunidade escolar que envolva o emprego de técnicas pedagógicas.

Mas, quem é o bibliotecário? O que este *sujeito* está fazendo na escola? O bibliotecário que atua na escola é um agente escolar que pode mediar as informações necessárias para a formação do sujeito. É muito comum afirmar que entre suas funções dentro da escola está o apoio as atividades dos professores através do oferecimento de recursos informacionais. Muitas vezes, esse *oferecimento* de recursos informacionais pode ser entendido como um simples *repasse* de livros ou documentos – talvez, por razões como esta, haja tanto desconhecimento acerca de sua atuação – enquanto que, na verdade, *oferecer* recursos informacionais para apoiar o trabalho docente significa 1) conhecer seu usuário, 2) conhecer a necessidade de informação de seu usuário, 3) organizar o acervo que tem disponível de modo que consiga recuperar a informação desejada em tempo hábil, 4) dominar técnicas e tecnologias de acesso a informação, 5) interagir com o corpo docente 6) interagir com os

alunos e 7) vislumbrar a possibilidade que dá ao aluno de construir conhecimento a partir do contato com tal informação.

É verdade que somente as atitudes acima apresentadas não resolvem por completo a questão da identidade deste profissional na escola, mas guiam um trabalho pedagógico. Ocorre, no entanto, que muitas vezes, nem a comunidade escolar, nem mesmo o próprio bibliotecário, quando inicia suas atividades num estabelecimento de ensino, interpretam desta forma sua atuação. A única atribuição que lhe é dada – e que, em muitas vezes, ele se auto-atribui – é de empréstador de livros.

Dada a importância de um melhor entendimento sobre as responsabilidades do bibliotecário escolar, enumeramos a seguir algumas de suas tarefas dadas pela literatura da área. No âmbito técnico administrativo cabe a este profissional a catalogação e a classificação do material bibliográfico para a pronta recuperação dos mesmos, organização do material e possibilitação do acesso à informação existente na biblioteca. Estas atividades podem ser desenvolvidas pelo próprio bibliotecário, ou delegadas aos demais funcionários. Já para uma ação pedagógica concreta do bibliotecário escolar, cabe-lhe o estímulo ao uso da biblioteca pelos professores, participação em reuniões pedagógicas e de planejamento, participação efetiva na elaboração e manutenção do projeto político pedagógico, elaboração de atividades que estimulem a crítica a partir, por exemplo, da leitura, e, sobretudo, consciência de que sua atuação tem importante participação do processo de despertar do senso crítico dos alunos. É na escola que a maioria das crianças tem seu primeiro contato com uma biblioteca e com o profissional bibliotecário. Se nesta etapa de descobrimento e curiosidade a atuação do bibliotecário escolar mostrar ao aluno todas as possibilidades informativas e culturais que uma biblioteca pode lhe oferecer, se lhe ensinar a utilizar, de forma correta, as fontes de informação, se lhe proporcionar, na biblioteca, atividades que permitam novos conhecimentos e a construção de opiniões próprias sobre os fatos da vida, e se lhe mostrar que isto lhe possibilitará uma existência mais justa e digna, é provável que haja neste aluno o despertar

para os papéis que esta e outras bibliotecas podem cumprir na sua trajetória cognitiva e intelectual guiando-o para a busca de novos conhecimentos.

5 DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO DESTE ESTUDO: APRESENTAÇÃO E ANÁLISE

Os argumentos teóricos desenvolvidos até o presente estágio fundamentam a construção do Discurso do Sujeito Coletivo deste estudo. Esse *discurso* permite o conhecimento de ações cotidianas de categorias de indivíduos, e a representação social desses indivíduos acerca de determinados fenômenos. Na representação social expressa pelos entrevistados, o DSC, extrai o entendimento de que “os indivíduos pertencentes à coletividade geradora da representação social deixam de ser indivíduos para se transmutarem, se dissolverem e se incorporarem num ou em vários discursos.” (LEFEVRE e LEFÉVRE, 2000, p. 29) Dessa forma, o Discurso do Sujeito Coletivo deste estudo advém do conjunto de respostas cedidas pelos bibliotecários da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis acerca de sua participação no despertar do senso crítico dos alunos dos estabelecimentos onde atuam, sendo esses bibliotecários o Sujeito Coletivo considerado. Além disso, o Discurso evidencia também alguns outros aspectos como estrutura física, técnica e de acervo que esses profissionais têm a sua disposição para o desenvolvimento das atividades, projetos por eles desenvolvidos em conjunto com os professores, Projeto Político Pedagógico das escolas e a inserção da biblioteca nesse projeto, aspectos estes presentes no roteiro de entrevista.

A partir desse roteiro e de acordo com a análise dos dados coletados nas entrevistas, o Discurso do Sujeito Coletivo do Bibliotecário da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis acerca da sua participação no despertar do senso crítico dos alunos dos estabelecimentos onde atuam é o seguinte:

Os recursos disponíveis para o desenvolvimento das atividades planejadas pela biblioteca são razoáveis. O acervo, com o tempo está melhorando. Tenho uma boa quantidade de livros de literatura infanto-juvenil, clássicos e literatura universal. Parte disto vem de arrecadações. Como a biblioteca não tem orçamento, tudo o que é arrecadado de

material, de papel, tudo isso, é vendido para pôr alguma coisa no acervo. Há também doações.

No entanto, o acervo ainda é muito pobre para a pesquisa. Livros para pesquisa, que os alunos possam utilizar para fazer comparações, se aprofundar no tema, isso as bibliotecas não possuem.

Quanto à estrutura física, se de um lado existem bibliotecas com dois ambientes, de outro não é o suficiente para o que a demanda exige, inclusive foram estabelecidos horários para o uso da biblioteca. Na maioria dos casos, o espaço físico é limitado para demanda que se tem. Além disso, o mobiliário é inadequado. O ponto mais fraco é a falta de pessoal adequado para estar na biblioteca.

A partir dos recursos e da estrutura que se tem, as atividades que as bibliotecas desenvolvem, em geral, estão sempre voltadas para o incentivo à leitura e suporte à pesquisa. Para isso, as bibliotecas têm que estar organizadas de uma forma que os alunos não tenham que procurar o que querem na biblioteca inteira. E isso, às vezes, é complicado, ou seja, conseguir dar conta de atender aluno e ainda fazer processo técnico do material que chega. Para amenizar o problema há horários reservados para todas as turmas. Mas mesmo assim, se dá atenção para o aluno em separado, tudo depende de como está, se falta professor, se há reuniões, então a biblioteca é um apoio, afinal também tem que se apoiar o planejamento dos professores.

A realidade ainda é dura, pois deixa-se de fazer coisas por falta de espaço, de acervo, de pessoal. Mas como Max Weber colocou, 'o ideal não existe', então tem-se que fazer alianças e ainda criar nos alunos o hábito de freqüentar a biblioteca, o que se faz, por exemplo, através de trabalhos com poesia.

Para isso, há necessidade de parceria com os professores, mas a maioria deles não procura a biblioteca. Mesmo assim se tem feito muitos trabalhos em conjunto, principalmente usando a sala informatizada e articulando-a com a biblioteca na realização de projetos. Em

geral, é o professor de Português aquele com quem melhor se dá uma relação de trabalho, além das professoras de primeira à quarta série. Um projeto maior da escola é discutido no começo do ano, o que facilita o acesso ao planejamento dos professores e a conversa com eles, e isto possibilita uma prévia seleção do material que deverá ser utilizado.

Acontece que algumas escolas como um todo, ainda não colocaram em prática o Projeto Político Pedagógico. Apesar disso, boa parte das nossas atividades, aquelas referentes às bibliotecas já acontecem. Isto porque alguns problemas apresentados no PPP como 'nós' das bibliotecas, já fazem parte das atividades da biblioteca. Tem que ser feito, se não fizer a biblioteca não anda.

Quando se começou a entender melhor o que é uma biblioteca escolar, que ela está mais voltada para o pedagógico e para a pesquisa, os projetos de incentivo à leitura, a campanha do livro, as gincanas, os trabalhos com temas começaram a surgir. Para tanto, participa-se de reuniões pedagógicas, conselhos de classe, onde já existem discussões sobre avaliação e currículo, e tenta-se inserir também a biblioteca. Isso porque é importante fazer do aluno um ser crítico. Sabe-se que o caminho é esse.

Como bibliotecário, profissional que têm como objeto de trabalho a informação, em meu acompanhamento nas atividades pedagógicas, além de buscar e disponibilizar aos alunos materiais diversos, é também importante estimular a leitura e orientar a realização de pesquisas. Assim, a preocupação é com o atendimento do usuário a partir de um acervo de qualidade bem utilizado. Esta é uma maneira de trazer o aluno para a biblioteca e fazer com que ele perceba a importância dela, e que, com essa base, ele busque outras bibliotecas.

De outro lado, o controle do empréstimo e do recolhimento do livro didático e o conhecimento do acervo literário também demandam responsabilidade.

Enfim, eu, bibliotecário escolar, sou o suporte que vai mostrar os meios para que o aluno busque, leia e interprete as informações. Através da minha postura, das minhas atividades, das minhas observações e das minhas explicações, sou o elo entre a informação e

o despertar da imaginação, por isso posso participar do despertar do senso crítico dos alunos, que é a capacidade que eles têm de pensar com a própria cabeça, de construir e transformar as próprias opiniões. O senso crítico, que é adquirido através de leitura, proporciona ainda a capacidade de avaliação e o conhecimento, bem como sua transformação.

5.1 Análise do Discurso do Sujeito Coletivo dos Bibliotecários da Rede

O cargo de Bibliotecário passou a fazer parte do quadro da Secretaria, apenas em 1998, ano em que a maioria dos entrevistados ingressou na Rede. Anterior a esse período havia três bibliotecários atuando em bibliotecas, porém, admitidos como professor. Portanto, o grupo em estudo começou a se constituir há cerca de seis anos. Por isso é importante que discussões como as propostas pelo Movimento de Reorganização Didática – MRD – movimento que envolve questões como teorias e práticas educacionais e projeto político pedagógico idealizado pela Secretaria Municipal de Educação¹⁸ - considerem e incluam o bibliotecário escolar e dêem a este profissional bases formalizadas para a construção de sua identidade profissional e para o desenvolvimento de suas atividades dentro – e fora¹⁹ – da Rede.

Adiante veremos que a situação das bibliotecas da Rede ainda não responde a todos os requisitos para a caracterização da excelência, mas veremos também que hoje as condições são melhores do que eram há seis anos atrás. Isto porque segundo Seemann (2000, p. 28) a Secretaria entende a biblioteca escolar como “um centro irradiador de informação,

¹⁸ O MRD é um projeto iniciado em 2000 pelo Departamento de Ensino e pela Divisão de Ensino Fundamental da secretaria de educação de Florianópolis.

¹⁹ “Construir um poder bibliotecário significa, antes de tudo, compreender a realidade bibliotecária, trabalhar sobre essa realidade e definir as posições a serem tomadas para solucionar os pontos satisfatórios. Para a justeza disso, é desejável que a compreensão da realidade bibliotecária seja entendida como parte da realidade histórica e atual do Brasil, nos seus aspectos cultural e social, elaborando-se, a partir desse ponto, um parâmetro que sirva de base a todas as ações necessárias.” (SOUZA, 1993, p. 22) Neste caso, o reconhecimento profissional depende não só de ações das instituições geradoras dos empregos formais, mas também, e sobretudo, do desempenho de cada profissional no sentido de agir com competência e de ter clareza de suas responsabilidades perante a sociedade.

conhecimento e cultura (...) que poderá contribuir significativamente no processo ensino-aprendizagem.” Para tanto, o bibliotecário deve participar de todas as reuniões cujas discussões abordem os currículos disciplinares, além de contar, na biblioteca onde atua, com um acervo adequado e possibilidades variadas de acesso à informação.

Contudo, a própria instituição entende que o alcance de tais condições requer tempo. No entanto, novamente nas palavras de Seemann (2000, p. 29) “a não existência de muitas das condições anteriores não pode ser pretexto para a não realização do trabalho necessário e possível de uma forma séria e competente.” E esta responsabilidade é assumida pelos bibliotecários. No seu discurso, ficou evidente o esforço que o profissional bibliotecário despende para fazer funcionar nas bibliotecas, pelo menos as atividades mais diretamente voltadas ao apoio pedagógico, como a orientação às pesquisas.

Situado o contexto em que os bibliotecários da Rede vivenciam suas atividades profissionais, passemos para as análises.

5.1.1 Primeiras Impressões

As primeiras impressões apresentadas logo a seguir são algumas rápidas considerações observadas e formadas a partir das visitas aos estabelecimentos de ensino por ocasião da realização das entrevistas.

As entrevistas mostraram que no tempo de atuação do grupo o trabalho dos bibliotecários, concentrou-se basicamente em mostrar ao coletivo escolar quem é o bibliotecário e quais suas responsabilidades no contexto pedagógico. Esta situação não difere muito do que a literatura vem nos mostrando: o bibliotecário, a exemplo da biblioteca, quando existem na escola, ainda não tem seu papel bem definido dentro dela. Silva (1995) faz um alerta sobre as conseqüências pedagógicas e culturais desta indefinição. No âmbito pedagógico há um reforço

da idéia do professor, ou do discurso docente, como única fonte de transmissão de informação, e no âmbito cultural – e podemos dizer social – esta situação impede, ou, na melhor das hipóteses, adia o contato das crianças com a biblioteca, com o livro e com a leitura. E “sem leitura crítica abrem-se mais ainda os caminhos para a opressão e para a injustiça social, à medida que se fecham aqueles que poderiam conduzir os alunos, desde cedo, ao exercício do espírito crítico, contestador e criativo.” (SILVA, 1995, p. 46)

Observou-se que a maioria dos bibliotecários tem noção, tem ciência de sua função dentro do contexto da escola e buscam atender e apoiar as atividades desenvolvidas pelos professores, tornando as suas próprias atividades pedagógicas. Neste sentido, muitos projetos são apresentados, e alguns desenvolvidos, com a intenção de trazer o aluno para a biblioteca e ensinar a ele que esse é um espaço de informação, de formação, de conhecimento, de aprendizado.

Uma das maiores dificuldades, porém, para o pleno desenvolvimento dos trabalhos fica por conta da estrutura física precária (a maioria das bibliotecas não suporta sequer, uma turma inteira, nem pelo mobiliário, nem pelo tamanho) e pelo número insuficiente de profissionais nas bibliotecas. A carga horária de disponibilidade de pessoal especializado é de trinta horas semanais, seis horas/dia, o que não permite que haja contato de bibliotecário com alunos de um dos turnos. No período em que não há bibliotecário presente, as bibliotecas ficam sob a responsabilidade de auxiliares ou de estagiários, o que, nem sempre, permite uma continuidade nas atividades. Além disso, a carga horária reduzida de disponibilidade de profissional bibliotecário limita o desenvolvimento até mesmo das atividades mais técnicas da profissão. Foram muitos os casos citados, em que classificação e catalogação de acervo foram literalmente abandonadas, por falta de tempo.

Outra dificuldade que os bibliotecários encontram é a resistência do professor quanto ao uso da biblioteca. O desgaste é muito maior quando a proposta de atividades de integração é feita para e através do professor, do que para o aluno. Esta situação foi acentuadamente

observada em escolas cujos projetos político-pedagógicos apenas citam a biblioteca, sem considera-la como espaço interdisciplinar. Esta situação é uma das mais preocupantes no contexto da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis, uma vez que o próprio sistema educacional, através do discurso de Seemann, considera que “o currículo, objeto de discussão e definição e cada unidade escolar, observadas as diretrizes e a legislação vigente, é questão que deve direcionar *todo o pensar e o fazer do bibliotecário*²⁰.” (SEEMANN, 2000, p. 28)

Ora, como é possível ao bibliotecário escolar direcionar seu saber e seu fazer a um currículo o qual não domina – afinal a biblioteca é um espaço interdisciplinar, mas isso não faz do bibliotecário um entendedor de todas as áreas do conhecimento humano – se os especialistas destas áreas não mantêm uma relação de trabalho satisfatória que efetivamente priorize a integração dos agentes escolares? Vale frisar ainda que este trabalho em conjunto, visando melhor aproveitamento do aluno, é considerado essencial se tomado o Manifesto sobre Biblioteca Escolar da UNESCO como parâmetro. O Manifesto afirma que “está comprovado que quando bibliotecários e professores trabalham em conjunto, os alunos melhoram a leitura, a escrita, a aprendizagem, a resolução de problemas, e trabalham melhor com as tecnologias da informação e da comunicação.” (UNESCO, 1999)

Em não havendo muitas oportunidades para desenvolver mais trabalhos em conjunto com professores, observou-se que os bibliotecários, além de apoiar as atividades de projetos, também procuram atuar mais efetivamente no auxílio em pesquisas, com instruções para realização das mesmas e em atividades de incentivo a leitura. Especialmente esta última é considerada por Silva (1986, p. 11) uma relevante contribuição ao âmbito social, já que considera a leitura “um importante instrumento para a libertação do povo brasileiro e para o processo de reconstrução de nossa sociedade.” Desta forma podemos observar a amplitude social do trabalho do bibliotecário escolar.

²⁰ Grifo nosso.

Uma outra constatação passa pela concepção de senso crítico, que apresenta variações entre os bibliotecários escolares. Porém, há, na maioria das vezes, associação com formação de opiniões, capacidade de discernimento e escolha. E por entenderem a biblioteca como um centro disseminador de informação, cuja transmissão pode potencializar conhecimentos, e conseqüentemente a criticidade, os bibliotecários da Rede se vêem participantes no processo de despertar do senso crítico dos alunos.

Uma última e importante verificação é a de que os bibliotecários da Rede expressam o entendimento de que haja um profissional da área da biblioteconomia na coordenação dos trabalhos, ou seja, na Divisão de Mídia e Conhecimento. Muitos deles consideram que a Divisão tem apresentado apoio considerável no que tange a melhoria da estrutura física e técnica das bibliotecas, porém nem sempre as atividades propostas e desenvolvidas nos encontros periódicos atendem as necessidades de qualificação e atualização dos profissionais.

5.1.2 Compreensão do Discurso do Sujeito Coletivo

O discurso do sujeito coletivo nos mostrou que os recursos informacionais, humanos e técnicos, bem como a estrutura física disponíveis nas bibliotecas escolares para a utilização dos alunos e, principalmente, para a elaboração e planejamento de atividades pelos bibliotecários é insuficiente para uma formação crítica plena. Para o aluno esta insuficiência pode representar um desestímulo total para a frequência da biblioteca uma vez que o ambiente, com mobiliário inadequado para sua faixa etária, ou em más condições de uso não se torna convidativo.

A ausência de pessoal qualificado, preparado para prestar um atendimento eficaz e pedagogicamente consciente também influencia o estímulo do aluno em relação à biblioteca e ao uso da informação. Os bibliotecários da Rede, como já mencionado anteriormente, têm

contrato de trabalho de seis horas por dia, ou seja, conseguem estar em contato com os estudantes apenas num dos turnos, uma vez que cada escola dispõe de um único profissional. Cabe aqui um dado relevante: nem todas as escolas da Rede têm um bibliotecário em sua equipe pedagógica, e quando isso acontece, a escola é contemplada com 30 horas semanais desse profissional. Esta carga horária, além de limitar o número de alunos que recebe um atendimento profissional, também prejudica o andamento das atividades administrativas que são estranguladas pelas atividades pedagógicas. Para amenizar este problema, há um esforço redobrado no sentido de orientar aos outros funcionários da biblioteca. O discurso mostra que mesmo com este empenho por parte dos bibliotecários, os resultados não são satisfatórios, pois, há, entre outros fatores, uma rotatividade muito grande, especialmente de estagiários, para o desenvolvimento das atividades nas bibliotecas escolares. Assim sendo, percebe-se que é de suma importância que a Secretaria da Educação reestude a oferta de profissionais bibliotecários na Rede, com um planejamento para a contratação de novos bibliotecários para que as atividades dentro das bibliotecas possam realmente alcançar os devidos objetivos pedagógicos, além de não deixar de atender as necessidades informacionais da comunidade escolar.

É relevante, no entanto, que estas deficiências de estrutura e de recursos não impeçam a construção do conhecimento crítico por parte do aluno. Com esta visão, o Discurso dos bibliotecários da Rede, a partir da sua realidade, afirma que planejam atividades de incentivo à leitura e de suporte à pesquisa. Sempre que possível há a participação de professores nestas atividades. Este, porém, é um dos grandes desafios dos bibliotecários escolares, qual seja, conseguir desenvolver um trabalho de parceria efetiva com os professores dos estabelecimentos onde atuam. De uma maneira geral, o contato com os bibliotecários mostrou que a maioria dos professores não demonstra empenho, nem interesse em conhecer este espaço, que afinal está também à sua disposição dentro da escola, nem tampouco procura o

bibliotecário para conhecer as possibilidades de trabalhos que juntos poderiam estar potencializando.

Esta certamente é uma das vertentes que faz o trabalho bibliotecário nas escolas ter um caráter fragmentado e isolado diante da comunidade escolar. Porém, a busca por uma parceria concreta pode ser resultado de um trabalho a longo prazo. Esta consciência, tanto do professor, quanto do bibliotecário escolar, tem que ser construída desde a formação acadêmica de ambos os profissionais. E esta tarefa pode parecer distante ao tomarmos a análise que Martucci (2000) empreende sobre os Parâmetros Curriculares Nacionais no que tange às similaridades e particularidades das práticas de professores e bibliotecários. Segundo a autora o texto em questão privilegia a ação docente e ignora a ação bibliotecária.

Para que o desempenho da função pedagógica do bibliotecário escolar seja satisfatório, além da busca de trabalhos de parceria que o integre no cotidiano da escola, é também relevante que suas funções, missões e objetivos estejam embasados em documentos formais de bases legais, teórico-metodológicas que não somente podem guiar seu trabalho no processo educacional, mas também podem garantir respaldo profissional. Tomadas estas considerações, é vital que o bibliotecário escolar busque a inserção da biblioteca como um recurso de comunicação educacional no planejamento e no projeto político-pedagógico da escola.

O projeto político-pedagógico da Rede é explicitado como “um plano ou proposta coletiva sobre o trabalho educativo que visa a inserção do cidadão numa dada sociedade (...) tem como objetivo delinear uma linha de ação para subsidiar e realizar as atividades escolares.” (PROJETO, 2000, p. 17) Por isso é fundamental que tal projeto tenha o envolvimento de todos segmentos da escola.

A intenção manifesta da Secretaria Municipal de Educação de Florianópolis é “viabilizar condições de exercício pleno da cidadania e criar oportunidades para que todos tenham acesso aos bens historicamente produzidos pelos homens.” (PROPOSTA, 2000, p. 7)

Para tanto, afirma, procura investir numa postura interdisciplinar que permita o entendimento do homem, da sociedade e da educação em termos históricos, o que tende a gerar conhecimento humano e interações sociais. Em busca de tal finalidade o Departamento de Ensino da Rede explicita que vem trabalhando no sentido de :

- *Consolidar o currículo para a Educação Básica:* para isso busca uma política permanente de capacitação e aperfeiçoamento de profissionais através de consultorias, palestras, oficinas e cursos.
- *Implementar os trabalhos das bibliotecas escolares:* através de reforço nos acervos com aquisição de novos títulos, para possibilitar as ações curriculares.
- *Implantar a política de cultura tecnológica:* estimular a apropriação reflexiva dos instrumentos tecnológicos, tomados como mais uma possibilidade efetiva de acesso aos bens produzidos pelo homem.
- *Implementar a política de educação supletiva de jovens e adultos e de atendimento aos portadores de necessidades especiais:* acompanhamento do desempenho de jovens e adultos, para o planejamento, execução e avaliação de ações efetivas e garantia de acesso e permanência de alunos portadores de necessidades especiais.
- *Implantar e adequar o ensino municipal à legislação em vigor, bem como analisar os indicadores do censo escolar:* criando estratégias de participação da sociedade nas decisões da escola, através, por exemplo, de APP's, e estimulando discussões acerca da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

A viabilização de projetos político-pedagógicos ocorre sempre através do planejamento das atividades da escola e para que os resultados sejam satisfatórios é necessário que haja um comprometimento de todos os envolvidos com o coletivo escolar. É um momento estratégico para o bibliotecário escolar desenvolver todas as possibilidades de articulação com o corpo docente, além de inserir a biblioteca no cerne das discussões pedagógicas. O discurso do sujeito coletivo nos possibilita observar que os bibliotecários da Rede se preocupam em

estar inseridos nestas discussões e participando de reuniões, especialmente as reuniões de planejamento que acontecem no início de cada ano. Mesmo que todas as escolas ainda não tenham aplicado seu projeto político-pedagógico, as ações destes bibliotecários são voltadas para o pedagógico.

Para discorrer sobre a representação que o bibliotecário da Rede expressa acerca da sua participação no despertar do senso crítico do aluno, estarão sendo expostas algumas situações vividas durante as visitas aos estabelecimentos de ensino.

As observações anotadas durante a visita a determinada escola ficam em torno da biblioteca, que tem um pequeno espaço físico, mas com área reservada para acervo, para mesas de leitura e pesquisa e para o cantinho infantil. Está separada fisicamente do prédio da escola, o que pode prejudicar o acesso em dias de chuva, mas é uma das primeiras dependências a que se tem acesso ao se entrar na escola.

Na ocasião da entrevista se presenciou uma atividade desenvolvida com uma turma de 3ª série que já se havia iniciado uma semana antes, quando um livro havia sido lido para as crianças, que expressaram suas opiniões acerca da história. A tarefa passada para as crianças no dia da entrevista era a confecção de um desenho que representasse uma passagem do livro, aquela que mais as interessasse. A instrução do bibliotecário era para que as crianças não se ativessem aos desenhos já vistos no livro, mas que expressassem suas sensações ao se lembrar da história. Percebe-se então o estímulo à criação, à produção.

Carraher (1983, p. xvii) ao escrever sobre a natureza do senso crítico, caracteriza o indivíduo dotado de senso crítico, como aquele capaz de “analisar e discutir problemas, inteligente e racionalmente, sem aceitar de forma automática, suas próprias opiniões, ou opiniões alheias”. A atividade proposta pelo bibliotecário, de forma lúdica, fez com que as crianças buscassem refletir, ainda que inconscientemente, sobre uma preferência referente à história ouvida, o que naquele momento representava sua opinião.

No entanto, observou-se que, além das crianças, o bibliotecário também não tinha ciência de que essa atividade era um exercício de estímulo a criticidade. Sua ação está sim, baseada em uma estrutura posta, que é um projeto político-pedagógico da escola, mas que, mesmo se entendendo participante do processo de despertar do senso crítico do aluno, conforme sua fala, ele não se dá conta de que suas atividades mais cotidianas são fundamentais neste mesmo processo. A maior perda se dá na falta dessa consciência, pois ele deixa de mostrar aos alunos aos quais se dirige, que este exercício de entender e mostrar sua opinião é fundamental em suas práticas sociais.

Este exemplo acima citado representa uma característica entre as escolas visitadas. Muitas atividades são elaboradas e desenvolvidas pelos bibliotecários com o objetivo de fazer a biblioteca, uma vez inserida no projeto da escola, cumprir com seu papel pedagógico de apoiar o processo de ensino-aprendizagem, a partir do apoio aos professores, e do entrosamento com os alunos. A visita às escolas permitiu a observação de momentos importantes como o acima citado, e como segue.

Noutra escola visitada, o bibliotecário estava coordenando uma exposição sobre um importante nome da história do Brasil. Na ocasião da visita foi possível conhecer os cartazes confeccionados pelos alunos de diversas séries. Além dos cartazes, estavam expostas também peças de argila, desenhos e pesquisas. Os alunos permaneciam ao lado de suas produções para poder comenta-las e prestar informações. A própria biblioteca serviu como base de apoio à exposição que aconteceu num pátio externo, o que mostra que as atividades desenvolvidas pelos profissionais bibliotecários podem extrapolar seu espaço físico, o que em muito ajuda a mostrar a biblioteca escolar como um espaço que deve pertencer a um todo, ao coletivo escolar. O bibliotecário considerou um momento especial e de integração, pois funcionários de todas as áreas da escola estiveram envolvidos com a atividade.

De outro lado, as visitas permitiram também o contato com uma realidade diferente. Numa terceira escola, em instalações precárias, com mesas quebradas e sem condições de uso,

com acervo desatualizado e composto através de doações de alunos e da APP, e tendo o próprio profissional que se responsabilizar até mesmo pela faxina, a bibliotecária “tenta, como pode”, atender aos alunos. Porém, essas condições precárias não são “exclusividade” da biblioteca. Todas as dependências da escola têm um aspecto frio e sombrio. São muitas grades e poucas luzes. As condições de higiene e de conservação são mínimas. Nessas condições, o funcionamento da biblioteca se torna reconhecidamente ineficiente. Os serviços oferecidos se restringem ao empréstimo, e a orientação à pesquisa, não sendo viável a realização de outros projetos. Mesmo assim, há a busca por melhorias. Como a biblioteca está localizada no segundo piso do prédio, e na escola há alunos com deficiências físicas que ficam, portanto, impedidos de ter acesso à biblioteca, uma solicitação para a construção de uma rampa que facilite o acesso para esses e outros alunos, foi atendida e, em breve será construída. Isso, no entanto, ameniza apenas um aspecto. Os outros, básicos como a limpeza, ainda ficam à espera de solução.

Todas estas diferentes situações vividas no cotidiano profissional pelo bibliotecário escolar, podem ser modificadas – quando necessário que se haja mudanças, e para melhor – a partir do momento em que o bibliotecário se entender como um agente de transformação, e estar ciente de que a atuação bibliotecária tem potencialidade para praticar ações de transformação (SOUZA, 1993). Desta forma os bibliotecários estariam, inclusive construindo uma representação muito mais fortalecida acerca de seu papel diante da comunidade escolar e da própria sociedade.

A leitura do DSC construído a partir das respostas dos bibliotecários da Rede acerca da sua participação no processo de despertar do senso crítico do aluno aponta como realidade bibliotecas com certas fragilidades dentro da rede pública de ensino. Os recursos físicos, humanos e informacionais são insuficientes, o que minimiza as oportunidades de elaboração de atividades pedagógicas pelo profissional bibliotecário. Este fato, em conjunto com a falta de integração entre professores e bibliotecários dificulta o reconhecimento, tanto pelo corpo

discente, quanto pela equipe pedagógica, do bibliotecário como um educador. Além disso, a falta de materiais e recursos informacionais prejudica diretamente o aluno, que ao longo de suas atividades escolares diárias deixa de acessar informações importantes que despertem sua reflexão através da comparação de dados. Este é o primeiro obstáculo que o profissional bibliotecário encontra para bem desenvolver seu papel pedagógico, e o aluno, para sua formação.

Esta estrutura inadequada que, segundo a literatura é uma realidade brasileira, desencadeia uma série de dificuldades. Isto, em conjunto com a falta de reconhecimento a que o bibliotecário ainda está submetido, já mencionado acima, faz com que este profissional limite suas atividades e suas responsabilidades apenas ao espaço – físico e pedagógico – que lhe é dado, ou imposto por uma instância maior. E isso perdura em todos os segmentos de seu trabalho.

No entanto, o DSC mostra também, que mesmo em meio às dificuldades o bibliotecário da Rede vem construindo sua identidade como um agente pedagógico, incentivando a pesquisa e a leitura críticas, desenvolvendo projetos, quando possível, com a participação dos docentes, e participando do coletivo escolar através das reuniões.

Outra constatação é que estes profissionais se reconhecem como participantes do processo de aprendizado do aluno a partir do apoio que oferecem ao aluno na busca e na interpretação das informações, contribuindo para a formação das opiniões próprias, da capacidade de discernimento e da criticidade.

O que observamos no DSC são as categorias de pensamento dos bibliotecários da Rede que expressam, explicam e justificam sua realidade, o que para Minayo (2000) são as Representações Sociais, o que neste caso são as particularidades na forma de agir, de pensar e de vivenciar suas ações profissionais.

Ainda que os bibliotecários não tenham espaço para participar mais efetivamente do contexto pedagógico, ainda que não tenham consciência de que todas as atividades que

desenvolvem na biblioteca são de relevantes para a formação crítica dos alunos - como aquele bibliotecário que não percebia que a atividade de criação de desenhos a partir de uma história ouvida era também um exercício de estímulo a criticidade - e ainda que suas ações sejam desenvolvidas com base numa estrutura previamente dada, ainda assim eles se sentem participantes do despertar do senso crítico, pois para eles, essas atividades que desempenham, com mais ou menos recursos, *representam* seu papel diante do coletivo escolar.

No entanto, estes conhecimentos e estas práticas que os bibliotecários de Rede operam não necessariamente contribuem na formação de sujeitos críticos, na concepção que vem sendo dada a senso crítico neste trabalho. Apenas fazem parte de um conjunto de ações de uma educação institucionalizada. Analisemos as razões.

Bibliotecas com fragilidades não formam sujeitos críticos. Bibliotecas escolares que apresentam estruturas –física, pessoal, bibliográfica – inadequadas, não estão, no cerne de suas atividades, cumprindo com a missão de apoiar o trabalho pedagógico, que vai além do empréstimo, da entrega e do recolhimento de livros, que vai além da realização de Horas do Conto sem atividades paralelas, que vai além da confecção de murais de datas comemorativas. Uma biblioteca escolar, para ser um setor eficiente junto à formação crítica dos alunos, deve estar ambientada para atendê-los de forma prazerosa e convidativa, mas essencialmente, deve constituir um acervo de qualidade, capaz de oferecer ao aluno mais que subsídios para as tarefas escolares. O acervo físico não sendo suficiente para tal, a estrutura da biblioteca deve permitir acesso alternativo às informações pretendidas e necessárias, tais como, intercâmbio e acesso à redes físicas e virtuais e informação. O acesso a informações variadas permite ao sujeito o exercício da reflexão.

Do mesmo modo, *a inexistência de fontes de informação para reflexão e comparação não forma sujeitos críticos.* A impossibilidade de comparar dados e informações a que os alunos são submetidos nos remete à *concepção tradicional* de educação, onde todo o saber é centrado na figura do professor. Uma concepção educacional que prima pela formação

integral do sujeito, enquanto ser capaz de formar suas próprias opiniões, está fadada ao insucesso diante de um acervo ínfimo.

Desarticulação dos agentes escolares não forma sujeitos críticos. A articulação dos agentes que estão em contato direto com o aluno nas suas atividades formativas é essencial. Se o papel pedagógico da biblioteca escolar, logo, do bibliotecário escolar, é apoiar as atividades desenvolvidas pelos professores na sala ao longo dos períodos letivos, é primordial que haja comunicação direta entre professores e bibliotecários, para que juntos possam criar e desenvolver atividades que complementem as informações adquiridas em sala, incrementem as possibilidades e propiciem a abstração e o conhecimento pelo aluno. Ações integradas permitem ao aluno uma leitura menos segmentada dos conteúdos e facilitam o processo de compreensão daquilo que já foi apreendido.

Mas, se não há uma comunicação estabelecida entre os agentes as atividades pedagógicas tendem a limitações, e *atividades limitadas não formam sujeitos críticos*. Por mais que haja um esforço dos bibliotecários em desenvolver atividades que estimulem a leitura e a pesquisa, como concursos literários, essas atividades só serão plenamente praticadas se houver o envolvimento e o acompanhamento de professores que dominem conhecimentos desta área.

Os trabalhos desenvolvidos em conjunto são denominados projetos. Os projetos, geralmente acontecem no decorrer de todo um semestre ou ano letivo, ou seja, são trabalhos a médio prazo, que não envolvem o aluno apenas momentaneamente. Este *prazo* possibilita ao aluno uma leitura mais crítica do tema abordado, ao contrário de atividades segmentadas e isoladas.

No entanto, não seria justo encerrar esta abordagem ignorando as ações que os bibliotecários da Rede desenvolvem no esforço de construir uma identidade diante do coletivo escolar, e *construir uma identidade pedagógica pode contribuir na formação sujeitos críticos*. Uma vez ciente de seu papel de agente escolar, ciente de suas responsabilidades pedagógicas

que são diretamente relacionadas ao aluno e ao trabalho do professor, o bibliotecário escolar pode mostrar à escola sua importância dentro do contexto educacional. A partir de uma identidade profissional bem formada e bem reconhecida pela comunidade escolar o bibliotecário terá condições para desenvolver uma atuação pedagógica plena.

O grupo em estudo tem despendido esforços neste sentido, através de trocas de experiências, de trabalho em equipe – muito embora, no cotidiano, as tarefas sejam desempenhadas individualmente –, de busca de melhorias e dentro das possibilidades que lhes cabem. Isto é enfatizado com base no DSC, que mostrou também que estes profissionais se reconhecem participantes no processo de aprendizagem dos alunos, e conhecer seu lugar dentro de uma estrutura maior, de um coletivo é um bom começo para quem busca uma identidade diante da sociedade.

Cabe ainda uma última análise sobre representação. Retomando Moscovici (1978), para quem os membros de uma profissão participam da criação das representações desta mesma profissão, pode-se então dizer que uma representação sobre a participação na formação crítica dos alunos está sendo criada pelos bibliotecários da Rede, sem que, no entanto, isso ocorra efetivamente.

Isto compromete a ação destes profissionais que acabam por desenvolver suas atividades acreditando que, tais como as desempenham, estão cumprindo com sua missão de formar sujeitos livres, autônomos, conscientes, conforme objetivos da escola, instituição na qual estão inseridos. E uma vez acreditando que estas atividades superficiais são suficientes para o alcance de tais objetivos, pouco se fará para mudar as ações.

Se esta representação social tem sido criada e construída desta forma pelos bibliotecários da Rede, de certa forma, o coletivo escolar, o ambiente no qual estes profissionais estão inseridos aceitam-na como possível e suficiente. Este é um exemplo de como a Teoria das Representações Sociais pode explicar determinados caminhos percorridos pela Educação até sua atual realidade.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a realização deste trabalho, buscou-se conhecer a representação que o bibliotecário atuante na rede pública de ensino do município de Florianópolis tem sobre sua participação no processo de formação da criticidade e na construção do conhecimento pelos alunos. Este objetivo, que teve seus fundamentos no entendimento de que a autonomia crítica dos sujeitos, formada a partir do acesso à informações variadas, é um direito social, possibilitou contato bem próximo da realidade em que os bibliotecários de rede desenvolvem suas atividades. Este contato permitiu algumas considerações que seguem.

Entende-se que a formação integral dos sujeitos, de sua autonomia crítica, de sua capacidade de discernimento, de entendimento da realidade que o cerca, que sua capacidade de *dialogar* sobre questões sociais e políticas, enfim, que a formação de seu senso crítico se dá a partir do acesso à informações variadas e de qualidade, que lhe permitam abstração. Entende-se também que a biblioteca é um centro disseminador e gerador dessas informações, e que a biblioteca escolar, por estar atrelada à instituição de educação formal, deve contemplar estas características para poder formar cidadãos.

No entanto, é sabido, a partir da literatura examinada, que no contexto educacional brasileiro a biblioteca escolar é um setor que ainda não conquistou o espaço de participação mais destacado no contexto pedagógico. Ela ainda não é entendida como um espaço capaz de oferecer ao estudante e ao professor instrumentos e subsídios informacionais indispensáveis, não é entendida como fundamental na formação integral dos sujeitos. Assim ocorre na Rede Municipal de Ensino de Florianópolis. As bibliotecas que servem as escolas da Rede são frágeis, justamente por ainda não terem a atenção necessária.

Os bibliotecários escolares que atuam nesta Rede, ainda têm muitas tarefas a cumprir para conquistar reconhecimento pelo coletivo escolar. Esta é uma questão que remete,

principalmente, à formação deste profissional. O bibliotecário não tem uma formação pedagógica, que permita uma conscientização sobre o caráter educativo de seu trabalho. Isto se reflete nas suas ações e na interação – ou falta dela – com a equipe pedagógica. Esta equipe ainda não integra o bibliotecário como um agente educacional, pedagógico tanto quanto o professor, o diretor, o orientador pedagógico. Talvez seja esta falta de interação e de uma comunicação estabelecida entre o bibliotecário e todos os outros agentes que permita ao bibliotecário da Rede se entender como participante da formação crítica dos alunos, ainda que suas ações não concretizem uma formação crítica como a proposta pela presente investigação, em função até mesmo da estrutura que o serve não permitir que isto seja concretizado.

Entendendo o espaço destas Considerações oportuno para algumas intervenções pessoais, registro, sucintamente, algumas percepções que as observações empíricas me permitiram. O primeiro contato com os bibliotecários na reunião do Grupo, deixou a impressão de uma certa indiferença, impressão que foi desmentida desde a realização da primeira entrevista. A recepção que me foi dispensada quando das visitas aos estabelecimentos de ensino foi a melhor possível. A sensação de que há estudiosos interessados pela biblioteca escolar e pelo profissional que nela atua, parecia representar aos respondentes a possibilidade de acreditar que seu trabalho pode alcançar reconhecimento diante do coletivo escolar e até mesmo da sociedade. E, da mesma forma, ir a este campo, e lá encontrar profissionais cientes de que seu trabalho é importante e que pode até mudar a própria vivência dos alunos, dando a eles a oportunidade de se formar e se informar, renova as esperanças de que este agente escolar pode sim incrementar o valor que sua atuação tem para a sociedade.

A realização desta pesquisa possibilitou, mais que o alcance de um objetivo, o conhecimento concreto das dificuldades, angústias, alegrias e compensações dos trabalhos desenvolvidos numa biblioteca escolar, que atende a um usuário tão *curioso* pelas coisas da vida, da sua vida. Cabe aos profissionais que convivem com estes meninos e meninas, mesmo

com todas as dificuldades estruturais que uma biblioteca escolar possui, buscar instrumentos para cultivar esta *curiosidade* com informações que dêem conta de atender suas dúvidas mais cotidianas e assim lhes mostrar os caminhos de sua autonomia crítica.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Ana Maria Cardoso de. **Um novo texto no contexto da informação popular:** os centros de informação e documentação popular. São Paulo, 1989. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) - Escola de Comunicações e Artes de São Paulo, 1989. 202 p.
- ANDRADE, Maria Eugênia Albino. A biblioteca faz a diferença. In.: **A biblioteca escolar:** temas para uma prática pedagógica. Belo Horizonte: Autêntica, 2002. p. 13 –16.
- ARAÚJO, Eliany A. de. Informação, sociedade e cidadania: gestão da informação no contexto das Organizações Não Governamentais (ONG's) no Brasil. **Ci. Inf.** Brasília, v. 29, n. 2, p. 155 – 167, maio/ ago. 2000.
- ARAÚJO, Vânia Maria R. H, FREIRE, Isa Maria. Conhecimento para o desenvolvimento: reflexões para o profissional da informação. **Inf. & Soc: Est.**, João Pessoa, v. 9, n. 1, p. 61 – 75, 1999.
- BAGGIO, Rodrigo. A sociedade da informação e a infoexclusão. **Ci. Inf.**, Brasília, v. 29, n. 2, p. 16 – 21, maio/ago. 2000.
- BARREIRO, Júlio. **Educação popular e conscientização.** Petrópolis: Vozes, 1980. 188p.
- BARRETO, Aldo de Albuquerque. A oferta e a demanda da informação: condições técnicas, econômicas e políticas. **Ci. Inf.**, Brasília: v. 28, n. 2, p. 168 – 173, maio/ago. 1999.
- BERGER, Peter L., LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade:** tratado de sociologia do conhecimento. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1978. 247 p. (Antropologia, 5)
- BIANCHETTI, Lucídio. **Da chave de fenda ao laptop:** tecnologia digital e novas qualificações: desafios à educação. Petrópolis: Vozes, 2001. 254 p.
- A BIBLIOTECA escolar:** temas para uma prática pedagógica. Belo Horizonte: Autêntica, 2002. 64 p.
- BRASIL. **Constituição 1988:** texto constitucional de 5 de outubro de 1998...Brasília: Senado Federal, 2000. 516p.
- BRASIL. **Lei de diretrizes e bases da educação:** Lei 9.394/ 96. 4.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001. 200 p.
- CAMPELLO, Bernadete. A Competência informacional para o século XXI. In.: **A biblioteca escolar:** temas para uma prática pedagógica. Belo Horizonte: Autêntica, 2002. p. 9 –12.
- CARRAHER, David William. **Senso Crítico:** do dia-a-dia às ciências humanas. São Paulo: Pioneira, 1983. 163 p.
- CORREA, Carlos Humberto P. **História oral:** teoria e técnica. Florianópolis: Editora da UFSC, 1978. 91 p.
- COTRIM, Gilberto. **Educação para uma escola democrática:** história e filosofia da educação. 2. ed. São Paulo: Saraiva, 1988.

DURKHEIM, Émile. **As regras do método sociológico**. São Paulo: Martin Claret, 2003. 155 p.

_____. **Sociologia e Filosofia**. Rio de Janeiro: Forense, 1970. 99 p.

ECO, Umberto. **Apocalípticos e integrados**. São Paulo: Perspectivas, 1976, 392 p.

FLORIANÓPOLIS. Secretaria da Educação. **Descrição do Cargo Bibliotecário**. [s.l.]: [s.n.], [s.d.]

FRAGOSO, Graça Maria. **A biblioteca na escola**. Disponível em: <<http://www.bibvirt.futuro.usp.br/textos/humanas/biblioteconomia/biblioteca/graca2.html>> Acesso em: 24 ago. 2002.

GADOTTI, Moacir. **História das idéias pedagógicas**. 8. ed. Ática: São Paulo, 2001. 319 p.

_____. **Organização do trabalho na escola: alguns pressupostos**. São Paulo: Ática, 1994. 100 p.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 3. ed. São Paulo: Athos, 1991.

GILLY, Michel. As representações sociais no campo da educação. In: JODELET, Denise. **As representações sociais**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.p. 321 – 341.

GONÇALVES, Francisca dos Santos. Trabalho, conhecimento, descoberta do ser sujeito: um desafio para a escola. **Contexto e Educação**. Ijuí, v. 11, n. 46, p. 74 – 104, abr./ jul. 1997.

HILLESHEIM. Araci Isaltina de Andrade. **A prática pedagógica do curso de Biblioteconomia da UFSC: discursos dos docentes do CIN e dos alunos do curso**. Florianópolis, 2001. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2001.

JOVCHELOVITCH, Sandra. Vivendo a vida com os outros: intersubjetividade, espaço público e representações sociais. In: GUARESCHI, Pedrinho, JOUCHELOVITCH, Sandra (org). **Textos em representações sociais**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 3 – 85. (Coleção Psicologia Social)

JODELET, Denise. **As representações sociais**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001. 420 p.

KUHLTHAU, Carol. **Como usar a biblioteca na escola: um programa de atividades para a pré-escola e ensino fundamental**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002. 304 p.

LE COADIC, Yves-François. **A Ciência da Informação**. Brasília: Briquet de Lemos, 1996. 119 p.

LEFEVRE, Fernando, LEFEVRE, Ana Maria Cavalcanti (org). **O discurso do Sujeito Coletivo: uma nova abordagem metodológica em pesquisa qualitativa**. Caxias do Sul: EDUCS, 2000. 138 p.

LEI 4084/62. Disponível em: <<http://www.crb14.org.br>> Acesso em: 15 dez. 2003.

LIMA, Simone. **A qualidade de vida não vai à escola**. Disponível em: <<http://www2.uerj.br/~clipping/abril/d05/qualidade%20ensino.html>> Acesso em: 17 ago. 2001.

LOURENÇO Fº, M. B. **Introdução ao estudo da Escola Nova**. São Paulo: Melhoramentos, 1978.

MARTUCCI, Elisabeth Márcia. Informação para Educação: os novos cenários para o ensino fundamental. **Inf. & Soc: Est**, João Pessoa, v. 10, n. 2, p. 13-36, jul./dez. 2000

MILANESI, Luis. **O que é biblioteca**. 9. ed. São Paulo: Brasiliense, 1993. 107p. (Coleção Primeiros passos, v. 94)

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O conceito de Representações dentro da Sociologia Clássica. In: GUARESCHI, Pedrinho, JOUCHELOVITCH, Sandra (org). **Textos em representações sociais**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 89 – 111. (Coleção Psicologia Social)

MOSCOVICI, Serge. **A representação social da Psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978. 291 p.

_____. Das representações coletivas às representações sociais: elementos para uma história. In: JODELET, Denise (Org). **As representações sociais**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001. p. 45 – 66.

OLIVEIRA, Silvio Luis de. **Tratado de metodologia científica**: projetos de pesquisa, TGI, TCC, monografias, dissertações e teses. São Paulo: Pioneira, 1997. 320 p.

PARO, Vitor Henrique. **Por dentro da escola pública**. São Paulo: Xamã, 1995. 335 p.

PIRELA, Johann, OCANDO, Jenny. La biblioteca escolar en el contexto de la sociedad del conocimiento: algunas orientaciones para la construcción de un nuevo modelo. **Infolac**. v. 16, n. 2, p. 6 – 10. abr./ jun. 2003

PROJETO político-pedagógico: uma reflexão sobre a realidade social. In: FLORIANÓPOLIS. Prefeitura Municipal. Secretaria Municipal da Educação. **Projeto político pedagógico**: uma abordagem sobre o ponto de vista histórico. Florianópolis: Secretaria Municipal da Educação, 2000. 20 p.

PROPOSTA pedagógica da Secretaria Municipal de Educação: algumas considerações. In: FLORIANÓPOLIS. Prefeitura Municipal. Secretaria Municipal da Educação. **Projeto político pedagógico**: uma abordagem sobre o ponto de vista histórico. Florianópolis: Secretaria Municipal da Educação, 2000. 20 p.

REIMER, Everett. **A escola está morta**: alternativas em educação. Rio de Janeiro: F. Alves, 1979. 186p.

SEEMANN, Vânio César. A biblioteca escolar no contexto da escola fundamental pública contemporânea. In: FLORIANÓPOLIS. Prefeitura Municipal. Secretaria Municipal de Educação. **Subsídios para a reorganização didática no ensino fundamental**. Florianópolis: Secretaria Municipal de Educação, 2000. p. 27 – 30.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **De olhos abertos**: reflexões sobre o desenvolvimento da leitura no Brasil. 2. ed. São Paulo: Ática, 1999. 128 p.

_____. **Leitura na escola e na biblioteca**. Campinas: Papirus, 1986. 115 p.

SILVA, Waldeck Carneiro da. **Miséria da biblioteca escolar**. São Paulo: Cortez, 1995. 118 p. (Coleção Questões da nossa época, v. 45)

SOUSA, Maria Isabel de Jesus. **Espaço de práticas informacionais**: a experiência da biblioteca da Escola-Parque, projeto de Anísio Teixeira em Salvador, década de 60. Disponível em: <<http://www.informacaoesociedade.ufpb.br>> Acesso em: 23 mar. 2003

SOUZA, Francisco das Chagas de. **Ética e deontologia**: textos para profissionais atuantes em bibliotecas. Florianópolis: Ed. da UFSC; Itajaí: Ed. da UNIVALI, 2002. 165p.

_____. **Biblioteconomia no Brasil: profissão e educação**. Florianópolis: Associação Catarinense de Bibliotecários: Biblioteca Universitária da UFSC, 1997. 147 p.

_____. **Biblioteconomia, educação e sociedade**. Florianópolis: EDUFSC, 1993. 104p.

TARGINO, Maria das Graças. Biblioteconomia, informação e Cidadania. **R. Esc. Bibliotecon. UFMG**. Belo Horizonte, v. 20, n. 2, p. 149-160, jul/dez. 1991.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA SANTA CATARINA. **Regimento do Comitê de Ética em pesquisa com seres humanos na Universidade Federal de Santa Catarina**. Disponível em: <<http://www.cepsb.ufsc.br>> Acesso em: 23 abr. 2003.

UNESCO. Manifesto sobre bibliotecas escolares (1999). Disponível em: <<http://www.ifla.org/index.htm>> Acesso em: 15 dez. 2003.

VEER, René van der, VALSINER, Jaan. **Vygotsky**: uma síntese. São Paulo: Loyola; Unimarco, 1996. 479 p.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **A formação social da mente**. Tradução: Jose Cipolla Neto, Luis Silveira Barreto, Solange Castro Afeche. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991. 168 p. (Coleção Psicologia e Pedagogia)

WADSWORTH, Barry J. **Inteligência e afetividade da criança na teoria de Piaget**. 5. ed. São Paulo: Pioneira, 1997.

ANEXOS

Anexo A – Manifiesto sobre Biblioteca Escolar (1999) UNESCO/IFLA

Manifiesto de la biblioteca escolar (UNESCO/IFLA)

La biblioteca escolar en el contexto de la enseñanza y el aprendizaje para todos,

La biblioteca escolar proporciona información e ideas que son fundamentales para desenvolverse con éxito en la sociedad contemporánea, basada en la información y el conocimiento.

La biblioteca escolar dota a las estudiantes con las instrumentos que les permitirán aprender a lo largo de toda su vida y desarrollar su imaginación, haciendo posible que lleguen a ser ciudadanos responsables.

Misión de la biblioteca escolar

La biblioteca escolar ofrece servicios de aprendizaje, libros y otros recursos, a todos los miembros de la comunidad escolar para que desarrollen el pensamiento crítico y utilicen de manera eficaz la información en cualquier soporte y formato.

Las bibliotecas escolares están interrelacionadas con la amplia red de bibliotecas y de información de acuerdo con los principios del *Manifiesto de la UNESCO sobre la biblioteca pública*.

El personal de la biblioteca ayuda a utilizar los libros y otros recursos de información, tanto los de imaginación como las de conocimiento, tanto impresos como electrónicos y tanto de acceso directo como de acceso remoto. Estos materiales complementan y enriquecen los libros de texto, los materiales docentes y los métodos pedagógicos.

Se ha demostrado que cuando los bibliotecarios y docentes trabajan en colaboración, los estudiantes mejoran la lectura y la escritura, el aprendizaje, la resolución de problemas, y trabajan mejor con las tecnologías de la información y de la comunicación.

Los servicios de la biblioteca escolar se deben dirigir por igual a todos los miembros de la comunidad escolar, sin distinción de edad, raza, sexo, religión, nacionalidad, lengua y situación social o profesional. Es preciso ofrecer servicios y materiales específicos para aquellos usuarios que, por alguna razón, no puedan utilizar sus servicios y materiales habituales.

El acceso a los servicios y a las colecciones deberá inspirarse en la Declaración Universal de los Derechos Humanos de las Naciones Unidas y no podrá estar sometido a ninguna forma de censura ideológica, política o religiosa, ni tampoco a presiones comerciales.

Financiación, legislación y redes

La biblioteca escolar es un componente esencial de cualquier estrategia a largo plazo para la alfabetización, educación, provisión de información y desarrollo económico, social y cultural. La biblioteca escolar es responsabilidad de las autoridades locales, regionales y nacionales y, por tanto, debe tener el apoyo de una legislación y de una política específicas.

La biblioteca escolar debe disponer de una financiación suficiente y regular para destinar a personal formado, materiales, tecnologías y equipamientos.

La biblioteca escolar debe ser gratuita.

La biblioteca escolar es un colaborador esencial en las redes locales, regionales y nacionales de bibliotecas y de información.

Si la biblioteca escolar compartiera sus locales y/o recursos con algún otro tipo de biblioteca, por ejemplo con una biblioteca pública, sería necesario que los objetivos específicos de la biblioteca escolar fueran reconocidos y protegidos.

Funciones de la biblioteca escolar

La biblioteca escolar es parte integrante del proceso educativo.

Las funciones siguientes son esenciales para la adquisición de la lectura, la escritura, las capacidades informativas y para el desarrollo de la educación, del aprendizaje y de la cultura. Estas funciones son el núcleo de los servicios esenciales que la biblioteca escolar debe ofrecer:

- Apoyar y facilitar la consecución de los objetivos del proyecto educativo del centro y de los programas de enseñanza.
- Crear y fomentar en los niños el hábito y el gusto de leer, de aprender y de utilizar las bibliotecas a lo largo de toda su vida.
- Ofrecer oportunidades de crear y utilizar la información para adquirir conocimientos, comprender, desarrollar la imaginación y entretenerse.
- Enseñar al alumnado las habilidades para evaluar y utilizar la información en cualquier soporte, formato o medio, teniendo en cuenta la sensibilidad por las formas de comunicación presentes en su comunidad.
- Proporcionar acceso a los recursos locales, regionales, nacionales y mundiales que permitan al alumnado ponerse en contacto con ideas, experiencias y opiniones diversas.
- Organizar actividades que favorezcan la toma de conciencia y la sensibilización cultural y social.
- Trabajar con el alumnado, el profesorado, la administración del centro y las familias para cumplir los objetivos del proyecto educativo del centro.
- Proclamar la idea de que la libertad intelectual y el acceso a la información son indispensables para adquirir una ciudadanía responsable y participativa en una democracia.
- Promover la lectura, así como también los recursos y los servicios de la biblioteca escolar dentro y fuera de la comunidad educativa.

Para cumplir estas funciones, la biblioteca escolar debe aplicar políticas y servicios, seleccionar y adquirir materiales, facilitar el acceso físico e intelectual a las fuentes de información adecuadas, proporcionar recursos didácticos y disponer de personal formado.

Personal

La responsabilidad de la biblioteca recaerá en aquel miembro del equipo escolar cualificado profesionalmente para hacerse cargo de la planificación y funcionamiento de la biblioteca escolar, con la ayuda del personal de apoyo necesario. Este profesional trabajará con todos los miembros de la comunidad escolar y en contacto con la biblioteca pública y con otros centros.

El papel del bibliotecario escolar variará en función del presupuesto, de los programas educativos y de la metodología de los centros, dentro del marco legal y financiero establecido. Hay áreas de conocimiento que son fundamentales en la formación de los bibliotecarios escolares para aplicar y desarrollar servicios eficaces en la biblioteca escolar: gestión de recursos, de bibliotecas y de información, y pedagogía.

En un entorno cada vez más conectado en red, los bibliotecarios escolares han de ser competentes en la planificación y la enseñanza de diferentes técnicas de utilización de la información, tanto a docentes como a estudiantes. Por tanto, deben mantenerse continuamente al día y perfeccionar su formación.

Funcionamiento y gestión

Para garantizar un funcionamiento efectivo y responsable:

- Es necesaria una política de la biblioteca escolar que defina sus objetivos, las prioridades y los servicios de la biblioteca en función del proyecto educativo.
- La biblioteca escolar se debe organizar y gestionar según los estándares profesionales.
- Los servicios de la biblioteca escolar deben ser accesibles a todos los miembros de la comunidad escolar y deben trabajar en el contexto de la comunidad local.

Es preciso asegurar la cooperación con el profesorado, los organos de dirección del centro escolar, la administración de quien dependa, las familias, los otros bibliotecarios y profesionales de la información y las asociaciones de interés dentro de la comunidad.

Implantación del Manifiesto

Se insta a los gobiernos, a través de sus autoridades responsables de educación, a elaborar estrategias, políticas y programas que permitan aplicar los principios enunciados en este Manifiesto. Estos planes deberán incluir la difusión de este Manifiesto en los programas de formación inicial y formación continua de los bibliotecarios y de los docentes.

(Este Manifiesto ha sido adoptado por el PGI (Programa General de Información) de la UNESCO en diciembre de 1998 y está pendiente de aprobación en la 30ª Conferencia General de esta institución, en el otoño de 1999).

Existe una versión en catalán de marzo de 1999 realizada por el Grup de Biblioteques Escolares del Col·legi Oficial de Bibliotecaris Documentalistes de Catalunya

Anexo B – Lei 4084/62 (Lei do Bibliotecário)**LEI Nº 4.084, DE 30 DE JUNHO DE 1962**

D.O.U de 02/07/62

Dispõe sobre a profissão de Bibliotecário e regula seu exercício.

O Presidente da República: Faço saber que o congresso nacional decreta e eu sanciono a seguinte lei:
O Congresso Nacional decreta:

DO EXERCÍCIO DA PROFISSÃO DE BIBLIOTECÁRIO E DE SUAS ATRIBUIÇÕES

Art. 1- A designação profissional de Bibliotecário, a que se refere o quadro das profissões Liberais, grupo 19, anexo ao Decreto lei Nº 5.452, de 1º de maio de 1943 (Consolidação das Leis do Trabalho), é privativo dos Bacharéis em Biblioteconomia, de conformidade com as leis em vigor.

Art.2- exercício da profissão de Bibliotecário, em qualquer de seus ramos, só será permitido: a) aos Bacharéis em Biblioteconomia, portadores de diplomas expedidos por Escolas de Biblioteconomia de nível superior, oficiais, equiparadas, ou oficialmente reconhecida; aos Bibliotecários portadores de diplomas de instituições estrangeiras que apresentem os seus diplomas revalidados no Brasil, de acordo com a legislação vigente.

Parágrafo único - Não será permitido o exercício da profissão aos diplomados por escolas ou cursos cujo estudo hajam sido feitos através de correspondência, cursos intensivos, cursos de férias ect.

[Art.3](#) - Para o cumprimento e exercício de cargos técnicos de Bibliotecário e Documentaristas, na administração pública autárquica, paraestatal, nas empresas sob intervenção governamental ou nas concessionárias de serviços públicos, é obrigatória a apresentação do diploma de bacharel em Biblioteconomia, respeitados os direitos dos atuais ocupantes efetivos.

Parágrafo único - A apresentação de tais documentos não dispensa a representação do respectivo concurso, quando este for exigido para o provimento dos mencionados cargos.

Art.4 - Os profissionais de que trata o artigo 2º, letra a e b desta lei, só poderão exercer a profissão após haverem registrado seus títulos ou diplomas na Diretoria do Ensino Superior do Ministério da Educação e Cultura.

Art.5 - O certificado de registro, ou apresentação do título registrado será exigido pelas autoridades federais, estaduais ou municipais para assinatura de contratos, termos de posse, inscrição em concursos, pagamentos de licenças ou impostos para exercício da profissão e desempenho de quaisquer funções a esta inerentes.

Art.6 - São atribuições dos Bacharéis em Biblioteconomia: a organização, direção e execução dos serviços técnicos de repartições públicas federais, estaduais, municipais e autarquias e empresas particulares concernentes às matérias e atividades seguintes: O ensino de Biblioteconomia; A fiscalização de estabelecimentos de ensino de Biblioteconomia reconhecidos, equiparados ou em vias de equiparação; Administração e direção de bibliotecas; A organização e direção dos serviços de documentação; A execução dos serviços de classificação e catalogação de manuscritos e de livros raros e preciosos, de mapotecas, de publicações oficiais e seriadas, de bibliografia e referência.

Art.7 - Os bacharéis em Biblioteconomia terão preferência, quando à parte relacionada à sua especialidade nos serviços concernentes a:

Demonstrações práticas e teóricas da técnica biblioteconômica em estabelecimentos federais, estaduais ou municipais; Padronização dos serviços de biblioteconomia; Inspeção, sob o ponto-de-vista de

incentivar e orientar os trabalhos de recenseamento, estatística e cadastro das bibliotecas; Publicidade sobre material bibliográfico e atividades de biblioteca; Planejamento e difusão cultural, na parte que se refere a serviços de bibliotecas; Organização de congresso, seminários, concursos e exposições nacionais ou estrangeiras, relativas a Biblioteconomia e Documentação ou representação oficial em tais certames

DOS CONSELHOS DE BIBLIOTECONOMIA

Art.8 - A fiscalização do exercício da profissão de Bibliotecário será exercida pelo Conselho Federal de Biblioteconomia e pelos Conselhos Regionais de Biblioteconomia modificando o que se tornar necessário, com a finalidade de manter a unidade de ação.

Art.9 - O Conselho Federal de Biblioteconomia e os Conselhos Regionais de Biblioteconomia são dotados de personalidade Jurídica de direito público, autonomia administrativa e patrimonial.

Art.10 - A sede do Conselho Federal de Biblioteconomia será no Distrito Federal.

Art.11 - O Conselho Federal de Biblioteconomia será constituído de brasileiros natos ou naturalizados e obedecerá à seguinte composição:

um Presidente, nomeado pelo Presidente da República e escolhido dentre os nomes constantes da lista tríplice organizada pelos membros do Conselho; Seis (6) conselheiros federais efetivos e três (3) suplentes, escolhidos em assembléia constituída por delegados-eleitores de cada Conselho Regional de Biblioteconomia; Seis (6) conselheiros federais efetivos, representantes da Congregação das Escolas de Biblioteconomia do Distrito Federal e de todo o Brasil, cujos nomes serão encaminhados pelas Escolas em listas tríplexes, ao Conselho de Biblioteconomia.

Parágrafo único - O número de conselheiros federais poderá ser ampliado de mais de três, mediante resolução do Conselho Federal de Biblioteconomia, conforme necessidades futuras.

Art.12 - Dentre os seis conselheiros federais efetivos de que trata a letra b do artigo 11 da presente lei, quatro devem satisfazer as exigências das letras a e b e dois poderão ser escolhidos entre os que se enquadram no artigo 4º desta mesma lei.

Parágrafo único - Na escolha dos dois (2) conselheiros federais efetivos de que trata o artigo 11 da presente lei, haverá preferência para os titulares que exerçam cargos de chefia ou direção.

Art.13 - Os três (3) suplentes indicados na letra b do artigo 11 só poderão ser escolhidos entre os que se enquadram nas letras a e b do artigo 2º da presente lei.

Art.14 - O mandato do presidente, dos Conselhos federais efetivos e dos suplentes terá a duração de 3 (três) anos.

Art.15 - São atribuições do Conselho federal de Biblioteconomia:

Organizar o seu Regimento Interno; Aprovar os regimentos internos organizados pelos Conselhos Regionais, modificando o que tornar necessário, com a finalidade de manter a unidade de ação; Tomar conhecimento de quaisquer dúvidas suscitadas pelos Conselhos Regionais de Biblioteconomia, promovendo as providências que se fizerem necessárias, tendentes a favorecer a homogeneidade de orientação dos serviços de biblioteconomia; Julgar, em última instância, os recursos das deliberações dos Conselhos Regionais de Biblioteconomia; Publicar relatório anual dos seus trabalhos e, periodicamente, relação de todos os profissionais registrados; Expedir as resoluções que se tornem necessário para a fiel interpretação e execução de presente lei; Propor ao Governador Federal as modificações que se tornarem conveniente para melhorar e regulamentação do exercício da profissão de Bibliotecário; Deliberar sobre questões oriundas do exercício de atividades afim à especialidade do Bibliotecário; Convocar e realizar, periodicamente, congressos de conselheiros federais para estudar, debater e orientar assuntos referente à profissão.

Parágrafo único - As questões referentes às atividades afins com as de outras profissões serão

resolvidas através de entendimentos com as entidades reguladoras dessas profissões.

Art.16 - O Conselho Federal de Biblioteconomia só deliberará com a presença mínima de metade mais um de seus membros.

Parágrafo único - As resoluções a que se refere a alínea f do artigo 15 só serão válidos quando aprovadas pela maioria dos membros do Conselho Federal de Biblioteconomia.

Art.17- Ao Presidente do Conselho Federal de Biblioteconomia compete, até julgamento da direção do Conselho, a suspensão de decisão que o mesmo tome e lhe pareça inconveniente.

Parágrafo único - O ato de suspensão vigorará até o novo julgamento do Conselho, caso para o qual o presidente convocará segunda reunião no prazo de 30 (trinta) dias contados do seu ato. Se no segundo julgamento o Conselho mantiver por dois terços de seus membros a decisão suspensa, esta entrará em vigor imediatamente.

Art.18 - O presidente do Conselho Federal de Biblioteconomia é o responsável administrativo pelo Conselho Federal de Biblioteconomia, inclusive pela prestação de contas perante o órgão competente.

Art.19 - O Conselho Federal de Biblioteconomia fixará a composição dos Conselhos Regionais de Biblioteconomia, procurando organizá-los à sua semelhança: promoverá a instalação de tantos órgãos quanto forem julgados necessários, fixando as suas sedes zonas de jurisdição.

Art.20 - As atribuições dos Conselhos Regionais de Biblioteconomia são as seguintes: Registrar os profissionais de acordo com a presente lei e expedir carteira profissional; Examinar reclamações e representações escritas acerca dos serviços de registro e das infrações desta lei e decidir, com recurso, para o Conselho Federal de Biblioteconomia; Fiscalizar o exercício da profissão impedindo e punindo as infrações à lei, bem como enviando às autoridades competentes relatórios documentados sobre fatos que apurem e cuja solução não seja de sua alçada; Publicar relatórios anuais dos seus trabalhos e, periodicamente, relação dos profissionais registrados; Organizar o regimento interno, submetendo-o à aprovação do Conselho Federal de Biblioteconomia; Apresentar sugestões ao Conselho Federal de Biblioteconomia; Admitir a colaboração das Associações de Bibliotecários, nos casos das matérias das letras anteriores; Eleger um delegado-eleitor para a Assembléia referida na letra b do artigo 11.

Art.21 - A escolha dos conselheiros Regionais efetuar-se-á em assembleias realizadas nos Conselhos Regionais, separadamente por delegados das Escolas de Biblioteconomia e por delegados eleitos pelas Associações de Bibliotecários, devidamente registrados no Conselho Regional respectivo.

Parágrafo único - Os diretores de Escolas de Biblioteconomia e os Presidentes das Associações de Bibliotecários são membros natos dos Conselhos Regionais de Biblioteconomia.

Art. 22 - Todas as atribuições referentes ao registro, à fiscalização e à imposição de penalidades, quanto ao exercício da profissão de Bibliotecário, passam a ser de competência dos Conselhos Regionais de Biblioteconomia.

Art.23 - poderão, por - Os Conselhos Regionais de Biblioteconomia procuradores seus, promover perante o Juiz da Fazenda Pública e mediante processo de executivo fiscal, a cobrança das penalidades ou anuidades previstas para a execução da presente Lei administrativa de cada Conselho Regional.

Art.24 - A responsabilidade cabe ao respectivo presidente, inclusive a prestação de contas perante o órgão federal competente.

Art.25 - O Conselheiro Federal ou Regional que, durante um ano, faltar, sem licença prévia dos respectivos Conselhos, a seis (6) sessões consecutivas ou não, embora com justificação, perderá, automaticamente, o mandato que passará a ser exercido, em caráter efetivo, pelo respectivo suplente.

ANUIDADES E TAXAS

Art.26 - O Bacharel em Biblioteconomia, para o exercício de sua profissão, é obrigado ao registro no Conselho Regional de Biblioteconomia a cuja jurisdição estiver sujeito, ficando obrigado ao pagamento de uma anuidade ao respectivo Conselho Regional de Biblioteconomia, até o dia 31 de março de cada ano, acrescida de 20% (vinte por cento) de mora, quando fora deste prazo.

Art.27 - Os Conselhos Regionais de Biblioteconomia cobrarão taxas pela expedição ou substituição de carteiras profissionais e pela certidão referente à anotação de função técnica.

Art.28 - O poder Executivo promoverá, em decreto, a fixação das anuidades e taxas a que se referem os artigos 26, 29 e 30 e sua alteração só poderá ter lugar com intervalos não inferiores a 3 (três) anos, mediante proposta do Conselho Federal de Biblioteconomia.

Art.29 - Constitui renda do Conselho Federal de Biblioteconomia o seguinte:

- ¼ da taxa de expedição da carteira profissional;
- ¼ da anuidade de renovação do registro;
- ¼ das multas aplicadas de acordo com a presente lei;
- Doações;
- Subvenções dos governos;
- ¼ da renda de certidões.

Art. 30 - A renda de cada Conselho Regional de Biblioteconomia será constituída do seguinte:

- ¾ da renda proveniente da expedição de carteiras profissionais;
- ¾ da anuidade da renovação de registro;
- ¾ das multas aplicadas de acordo com a presente lei;
- Doações;
- Subvenções dos governos;
- ¾ da renda das certidões.

DISPOSIÇÕES GERAIS

Art.31 - Os presidentes dos Conselhos Federal e Regionais de Biblioteconomia prestarão anualmente suas contas perante o Tribunal de Contas da União.

Parágrafo 1º - A prestação de contas dos presidentes do Conselho Federal de Biblioteconomia será feita diretamente ao referido Tribunal, após a aprovação do Conselho.

Parágrafo 2º - A prestação de contas dos presidentes dos Conselhos Regionais de Biblioteconomia será feita ao referido Tribunal, por intermédio do Conselho Federal de Biblioteconomia.

Parágrafo 3º - Cabe aos Presidentes de cada Conselho a responsabilidade pela prestação de contas.

Art.32 - Os casos omissos verificados nesta lei serão resolvidos pelo Conselho Federal de Biblioteconomia.

DISPOSIÇÕES TRANSITÓRIAS

Art.33 - A Assembléia que se realizar para a escolha dos seis (6) primeiros conselheiros efetivos e dos três (3) primeiros conselheiros suplentes do Conselho Federal de Biblioteconomia, previsto na conformidade da letra b do Art.11 desta lei, será presidida pelo consultor-técnico do Ministério do Trabalho e Previdência Social e se constituirá dos delegados eleitores dos representantes das Associações de classe, das Escolas de Biblioteconomia, eleitos em assembléias das respectivas instituições por voto secreto e segundo as formalidades estabelecidas para a escolha de suas diretorias ou órgãos dirigentes.

Parágrafo 1º - Cada Associação de Bibliotecários indicará um único delegado-eleitor que deverá ser, obrigatoriamente, sócio efetivo e no pleno gozo de seus direitos sociais, e profissionais de Biblioteconomia possuidor de diploma de Bibliotecário.

Parágrafo 2º - Cada Escola ou Cursos de Biblioteconomia se fará representar por um único delegado-eleitor, professor em exercício, eleito pela respectiva Congregação.

Parágrafo 3º - Só poderá ser eleito na Assembléia a que se refere este artigo, para exercer o mandato de conselheiro federal de Biblioteconomia, o profissional que preencha as condições estabelecidas no artigo 13 da presente lei.

Parágrafo 4º - As Associações de Bibliotecários, para obterem seus direitos de representação na Assembléia a que refere este artigo, deverão preceder dentro do prazo de noventa (90) dias, a partir da data desta lei, ao seu registro prévio perante o consultor-técnico do Ministério de Trabalho e Previdência Social, mediante a apresentação de seus estatutos e mais documentos julgados necessários.

Parágrafo 5º - Os seis conselheiros referidos na letra c do artigo 11 da presente lei serão credenciados pelas respectivas Escolas, juntos ao consultor-técnico de Ministério do Trabalho e Previdência Social.

Art.34 - O Conselho Federal de Biblioteconomia procederá na sua primeira sessão, ao sorteio dos conselheiros federais de que trata a letra c do artigo 11 desta lei e que deverão exercer o mandato por três (3) anos.

Art.35 - Em Assembléia dos conselheiros federais efetivos eleitos na forma do artigo 11, presidida pela consultor-técnico do Ministério do Trabalho e Previdência Social, serão votados os tríplices a que se refere a letra a do artigo 11 da presente lei, para escolha do primeiro presidente do Conselho Federal de Biblioteconomia.

Art.36 - Durante o período da organização do Conselho Federal de Biblioteconomia, o Ministério do Trabalho e Previdência Social designará um local para sua sede e, a requisição do presidente deste Conselho, fornecerá o material e pessoal necessário ao serviço.

Art.37 - Esta lei estará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Brasília, 30 de junho de 1962;

141º da Independência e 74º da República.

Anexo C – Questionário de Seleção

Formulário de Informações Preliminares, que visa seleção para participação em pesquisa para elaboração de Dissertação de Mestrado/ “A participação do Bibliotecário da Rede Pública de Ensino do Município de Florianópolis no Despertar do Senso Crítico do Aluno”.

| |
|-------------------------------------|
| Nome (opcional): |
| Escola em que atua (nome e bairro): |

Qual o horário de funcionamento da biblioteca? _____

Qual seu horário de trabalho? _____

A Escola atende quais níveis de ensino no seu horário de trabalho?

() Fundamental () Médio

Qual o número de alunos que a escola atende? _____

Quantos professores formam o quadro docente da Escola? _____

Qual o ano de seu ingresso na Rede Municipal, no cargo de bibliotecário? _____

Informe o ano de sua graduação: _____

Cursou pós-graduação? _____ Em que área? _____

Tem experiência anterior em biblioteca escolar da rede pública? () Sim () Não

Tem experiência anterior em biblioteca escolar da rede particular? () Sim () Não

Você está disposto a prestar informações para o estudo? _____

Contato (endereço; telefone; e-mail):

Anexo D – Roteiro de entrevista

Quais os recursos/ estruturas disponíveis para o desenvolvimento das atividades planejadas pela biblioteca?

Estes recursos são base para uma atuação da biblioteca no contexto pedagógico? Como você desenvolve suas atividades?

Há atividades desenvolvidas em conjunto com os professores? Que ações articulam em conjunto? Em que momentos?

Você pode falar sobre projetos desenvolvidos pela biblioteca? E se, a biblioteca estando inserida no projeto político pedagógico da escola, desenvolve estas atividades com base no PPP? E o PPP dá suporte para o desenvolvimento das atividades?

O que você pensa que há de mais importante dentre as responsabilidades do bibliotecário escolar, levando em conta que é um profissional que tem como objeto de trabalho, a informação?

Como você conceitua Senso Crítico?

Como você acha que o bibliotecário escolar pode participar do despertar do senso crítico do aluno?

Anexo E – Transcrição das Entrevistas

Entrevista Piloto 01

Como você conceitua Senso Crítico?

É... pode ser análise de uma situação. A visão crítica de uma situação. Não é?! Dos acontecimentos, de um conteúdo. Uma coisa assim que você vê além do que está escrito, né...imaginar o além.

Você acha que de alguma forma o bibliotecário que atua em biblioteca escolar tem como participar do processo de despertar desse senso crítico?

Com certeza. Ele é parte integrante do processo e atuando juntamente como professor, ajudando o professor em sala, ou fora de sala, no planejamento, enfim, no coletivo escolar, então, com certeza, ele vai estar contribuindo também para que desperte o senso crítico no aluno.

Como isso se dá na sua realidade em ações concretas? O que você busca fazer, dentro das suas possibilidades, dentro dos seus recursos?

Olha, através da pesquisa, né, que a gente faz um trabalho de pesquisa escolar, vamos dizer assim...é o segmento da sala de aula. O professor passa o conteúdo lá e na pesquisa a gente dá continuidade ao trabalho iniciado em sala. E também através de projeto que a gente faz juntamente com o professor, juntamente com o coletivo, a gente vai desenvolvendo, trabalha a leitura, pesquisa, passeios a gente faz também com os alunos, enfim, várias coisas a gente faz com os alunos que desperta o senso crítico neles.

Você falou que vocês trabalham muito com os professores? Isso é uma constante?

Olha, posso dizer que não é uma realidade assim, entendeu. Posso dizer que não é o grupo todo que faz esse tipo de trabalho. Os professores que eu desenvolvo trabalho, até tem muita participação do professor, né. Mais assim de primeira a quarta mais a questão da leitura, tal...A gente faz mais um trabalho voltado pra leitura e nem sempre tem a participação efetiva do professor. Às vezes a gente até, em alguns casos, a gente fica com a turma aqui sem a participação do professor e isso não é correto. O professor tem que ver o que a gente ta fazendo, ele tem que saber como a gente ta fazendo aquela leitura pra ele poder ta dando continuidade em sala, né! A gente tem que trabalhar em parceria senão não há resultados. Mas, é uma constante, na verdade eu já to há quatro anos aqui. E já melhorou bastante. Todo ano a gente consegue trazer mais um professor e fazer com que esse professor entenda que pro trabalho dar resultado, não vou dizer 100%, mas pra ter resultado a gente tem que ta trabalhando junto. Não só o professor, né! A equipe pedagógica, a direção, todos os funcionários, assim né...a gente tem que ta em harmonia pra...

Essa aproximação foi uma iniciativa sua?

É porque assim ó...Antes havia, há algum tempo atrás, 10 anos eu acho, houve concurso, mas pra três bibliotecários só. Depois disso, só agora em 98 teve um novo concurso. Então quer dizer, até esse período, não havia um bibliotecário na rede. Era um professor readaptado na biblioteca, ou qualquer pessoa poderia ficar aqui, e fazia de qualquer forma o trabalho. Só fazia trabalho de empréstimo, né...nada além assim... a questão da pesquisa. Então, daí, quer dizer, a gente entrou, então é uma figura nova, né, no contexto da escola. No caso do município, né. Então até a gente mostrar o que o bibliotecário fazia, até que fosse entendido o que é que a gente faz aqui, pra depois fazer o trabalho em conjunto. Então foi um trabalho assim bem, quase “matar um leão por dia”. Então a gente tinha que mostrar pro grupo, pros

alunos, todo o coletivo, quem éramos nós, o que é que nós viemos fazer aqui, quem é que agente vai ajudar...né...de que forma que a gente vai contribuir para o aprendizado, enfim, pra ta sendo um apoiador, um parceiro, né pro trabalho. Aí isso foi ...Eu to há quatro anos, o pessoal já está há cinco, eu entrei oito meses depois, então agora é que ta começando a realmente dar resultado de todo aquele meu trabalho. Mas ainda tem muita coisa pra alcançar. Ainda estou insatisfeita com algumas coisas.

Que coisas?

Assim ó, vou dizer...o professor efetivo, ele já conhece essa realidade, mas o professor substituto não. Ele chega e entra, né. Já tive alguns casos esse ano, alguns problemas com professor do Estado que está sendo substituto, então ele não entende, ele acha que ele chega a hora que ele quer...não separa material, não organiza...Ele tem que agendar o horário para vir aqui. Nós temos uma biblioteca pequena, né, a gente tem que organizar nosso espaço pro trabalho. E com os alunos eu acho que é uma falta de respeito chegar aqui, pede um material...eu quero usar isso... até porque, já passou o tempo, já tem que ir embora, né... Então a gente bate de frente, já bateu de frente numa outra vez que ele trabalhou aqui e estamos batendo de frente de novo. Agora, nesses últimos seis meses até que ele tá um pouco melhor, assim... Mas eu sou igual pra todos os professores. É regra, é regra pra todos. Não vou abrir exceção pra esse ou pra aquele. Porque se tem que separar material, tem que organizar...eu sou responsável pelo auditório também, então prioridade pro professor organizado. Né, e em segundo plano o professor que chega em cima da hora e não avisou e queria aquele espaço. Não dá pra mim abrir exceção pra professor. Tem alguns casos assim, algumas questões que ...Eles tinham uma visão que o bibliotecário chega aqui pra emprestar livro. Posso dizer assim que no primeiro ano eu não mudei nada...assim a visão, né?! Aí, no segundo ano com projeto, com alguns professores, que já viram que eu fazer, engrenar com eles, aí até que agora a gente vê que ta só dá resultado se todo mundo trabalhar pela mesma causa.

Existe algum projeto que você ainda não conseguiu desenvolver? Por qual motivo?

Na verdade, era um projeto que ia começar por aqui, mas ia pra toda escola. Tem alguns projetos. Um projeto a gente já desenvolveu há alguns anos atrás, há três anos atrás, eu fui coordenadora dele. A gente elaborou o projeto, porque em reunião pedagógica a gente tem esse espaço pra tá...reunião de planejamento e reunião pedagógica pra ta fazendo esse tipo de trabalho. Então a gente fez um trabalho sobre valores, porque a gente tava com problema de violência...Aí a gente fez o projeto de valores esse projeto foi trabalhado, acho que 6 meses só, alguns professores trabalhavam dentro do seu conteúdo, e a gente fazia bastante atividade. E depois foi morrendo, ninguém mais foi fazendo, tal, né, aí eu também cansei de querer que os professores trabalhassem e ta engavetado. Ta parado, não há muito interesse da parte da Direção, acho que deveria ser um projeto que viesse de lá pra cá. E não daqui pra lá. Mas, eu não sei, então... parou. Tem um outro projeto que a gente já fez tem 2 anos, que eu fiz em parceria com a professora de Português, professora "X", que é Jornal. Em princípio Jornal da Biblioteca, pra apresentar, enfim, tudo o que ocorre aqui, os projetos que a gente ta fazendo, como é que está sendo desenvolvido, novas aquisições, tudo aquilo assim de horário, horário de ônibus, enfim, tudo que acham importante ter. E não saiu. Problema com falta de computador, falta de material, falta disso, falta daquilo, falta de interesse das pessoas também. Não saiu. Seria uma coisa minha, mas eu precisaria da parceria... tem toda a parte de texto, de elaborar, isso é comigo, só que tinha que fazer digitação, fotocópia, a continuidade para sair, então não houve. Aí depois a gente fez um Jornal da Escola. Aí, mais ou menos por essas questões, aí não houve. Aí no ano passado a gente fez um outro, aliás esse ano, de Jornal Escolar na sala informatizada. Como a gente ainda não tem sala informatizada, a gente tem os computadores, mas até agora não foram instalados, a gente fez projeto dos alunos fazerem na sala informatizada o jornal. Cada um ia elaborar uma parte, a

gente ia fazer um trabalho com as oitavas séries. A gente fez o projeto, a Secretaria aprovou, só que na verdade os recursos seriam dentro da escola, aqui seria uma questão, mais de equipamento. Daí a gente não fez, talvez a gente comece a fazer em agosto, um manuscrito e aí eu digite em casa... A gente ta pensando em fazer, mas ...não sei. A gente pode se empolgar e depois não ter como continuar, né. Deixa eu ver outros projetos... Não sei...Tem alguns projetos que todo ano acontece. A gente faz todo ano, que deram certo, e aí a gente vai todo ano fazendo uma coisa maior. Que mais, uma coisa que eu ainda não consegui fazer aqui foi uma Feira do Livro. Planejamento do ano passado tem, o planejamento desse ano tem, pode ser que de certo e aconteça no final do ano. Mas tudo depende do desenvolvimento desses outros projetos pequeninhos, depende do coletivo também, né?! Aceitaram a idéia, acharam ótima a idéia, mas na hora do trabalho alguns professores dizem que sim, mas pra fazer uma Feira tem ser um trabalho de todo mundo junto, senão não dá certo. Não ia ser uma coisa assim tão grande, ia fazer um dia só...então existe uma proposta da equipe pedagógica, que a gente faz a Semana da Criança, a gente faz uma gincana. Então um dia é pra jogos e dois dias são pra atividades, enfim, eu sempre entro com a parte de atividades culturais. Dentro da gincana a minha parte é perguntas e respostas, então a gente faz também um ...alguma coisa aqui de dentro de Florianópolis, feitos históricos, geográficos, alguma coisa assim. E aí, esse ano, além dessa parte, queria fazer um dia, iniciando a gincana, a Feira do Livro. E existe isso, já está em calendário, mas eu não sei se vai acontecer. Mas é uma coisa que ainda não foi feita. Tem escolas que fizeram já me passaram algumas questões de dificuldade, até por causa das dificuldades que no ano passado não fiz. Aí já não vou com muita sede ao pote. Mas esse ano eu to um pouco mais firme. Terá mais apoio. Tem algumas coisas que não sei se vão acontecer porque é meio corrido. Teve alguns feriados, né...acaba que a gente, a gente tem uma agenda das turmas aqui, de primeira a oitava serie. Então a gente tem uma agenda e algumas turmas, algumas séries têm alguns projetos, outras não, então depende do andamento, depende da ... pode ser que aconteça, pode ser que não. Trabalhar com gibi é uma coisa que eu quero, a gente fez o projeto pra começar em agosto também, vamos ver, vai ser uma novidade assim. Eles adoram gibi, daí a gente emprestava, mas esse ano a gente vai fazer um trabalho maia a fundo sobre gibi, desde a história do gibi até os dias de hoje, um paralelo de como começou até toda a trajetória dele. Até chegar aqui na biblioteca. Então tem algumas coisas que estão acontecendo, outras ainda não, é uma questão de tempo. Às vezes até quero fazer reunião, mas coincide com as turmas tarem vindo aqui e tem coisa que já era pra ter começado e não começou. Vamos ver, o segundo semestre promete muita coisa.

A biblioteca está inserida no Projeto Político Pedagógico da Escola?

Com certeza, sem dúvida. Sempre dentro do Projeto tem ainda a questão das problemáticas, né?! Tem o Projeto e tem os "nós", né?! Então tem a questão da leitura e a questão da pesquisa. Então de uma maneira geral o que a gente trabalha em biblioteca é a pesquisa e a leitura. Então, de alguma forma, eu estou fazendo meus projetos, junto com o professor pra ta melhorando essa questão. Sem dúvida, questões até de relacionamento...teve aquela questão com aquele professor, né, que nunca tinha ocorrido nada. Então a gente tem um espaço não tão grande, acho que a Biblioteca deveria ter um espaço maior dentro da reunião. A gente não tem muito espaço pra falar. Ocorre uma reunião a cada 2 meses, ou mês e meio, uma coisa assim, então são muitas coisas pra falar, às vezes a gente fica um dia inteiro e tem muitas questões pra serem faladas, é a pauta muito extensa. A gente fala tudo, mas é pouco tempo. Fora isso, a gente até propõe em reuniões que acontecem com a administradora, a diretora, mais administrativas assim. Em reuniões pedagógicas, geralmente a gente discute questões pedagógicas, né. E as vezes tem reunião administrativa- pedagógica, aí a gente consegue falar. Mas reunião só administrativa, difícil. A gente faz reunião à parte só com o pessoal assim os coordenadores, nem sempre os interessados, mas os que deveriam estar. Então assistente de direção, administradora, a gente ta falando a mesma linguagem né. Colocando regras aqui que já existem, né. Então o que eu faço em reuniões é reforçar o que

já existe. Então eu reforço, por favor...na última reunião que teve...organize seu material, o aluno chega lá. E agora tá ocorrendo problema aí com uma disciplina... professora várias vezes já mandou...eles não sabem o que eles vieram pesquisar, nem eu sei. O professor não veio aqui, e eu fico perdendo tempo fazendo 3, 4 trabalhos. Falta de respeito não só comigo, mas com uma professora readaptada que trabalha aqui, porque nós temos só 30 horas, então ela tá aqui 20 hora de manhã. Então há uma falta de comunicação. A gente, apesar da gente tá direto com eles, recreio, qualquer oportunidade que se tenha, não perco nenhuma reunião, esse não fui ao conselho de classe, mas vou também ao conselho de classe, então, tá mais junto com eles é impossível, mas nem sempre a gente fala assuntos relativos a parte educativa, né?!

Entrevista - Piloto 02

Quais recursos/ estruturas disponíveis para o desenvolvimento das atividades planejadas por você?

Normalmente, os recursos que eu tenho, materiais, eles não são suficientes para os projetos que eu pretendo fazer. A biblioteca é pequena, o acervo é pobre, pequeno, apesar da gente receber material da prefeitura e doações, eu acho que não é suficiente, principalmente, por causa da pesquisa. Literatura a gente tem um número suficiente que atende aos alunos, mas na área de pesquisa escolar é muito pobre, deixa muito a desejar. A maioria dos nossos livros são didáticos. Agora eu recebi uma pilha de livros didáticos pra compor o acervo. Então livros pra pesquisa que eles possam fazer comparações, se aprofundar no tema, isso a gente não possui, isso que mais me deixa angustiada, na parte de recursos materiais, além do espaço físico, né?! A biblioteca aqui não possui, não comporta uma turma da escola. As turmas são em torno de 30, 35 alunos, a gente só tem quatro mesas, com quatro cadeiras. Então pelos projetos que a gente tenta desenvolver na escola, não dá. E nós fazemos também projetos de orientação e incentivo a leitura, e o que a gente tem aqui de literatura até que atende ao que gente propõe fazer, mas a realidade ainda é dura. A gente ainda não tem suporte suficiente pra fazer tudo o que a gente quer. A gente tá deixando de fazer as coisas por falta de espaço, de acervo, de pessoal. Atualmente eu sou a única bibliotecária formada, tem, de manhã, uma professora readaptada que tá no lugar de uma auxiliar de biblioteca, e à tarde vem também um professor readaptado trabalhar conosco, mas assim, os dois não podem ter contato com o aluno. Contato direto. Então todos os projetos que a gente faz, tanto de incentivo a leitura, quanto de orientação a pesquisa, os dois praticamente não podem participar, então esses projetos só acontecem, e quando acontecem, à tarde, quando eu estou aqui, por ser bibliotecária, né, e estar à disposição dos alunos.

Há alguma atividade desenvolvida em conjunto com os professores? Você tem conhecimento dos temas abordados em sala de aula, pra poder desenvolver alguma atividade em conjunto com eles? Com que finalidades isso acontece, em que momento?

A biblioteca, ela tá muito ligada ao planejamento dos professores. A gente procura sempre conversar a respeito do que tá sendo dado em sala pra biblioteca poder servir de suporte pra isso. Então o que acontece? No início do ano a gente tem reuniões de planejamento, pedagógicas e nessas reuniões nós conversamos sobre o que pode ser trabalhado durante, por exemplo, o primeiro bimestre, como a biblioteca pode servir de suporte para esses professores, e uma coisa que a gente deixa muito clara é que a biblioteca não é especificamente do primário, ou do ginásio. A biblioteca tem que atender a todos. O que a gente faz é tentar dividir nosso tempo, um pouquinho pra cada conjunto, né?! Por exemplo, de primeiras e segundas, de terceiras e quartas, e ginásio. A gente já fez muitos trabalhos com os professores, a gente tem muito material impresso, nós temos a sala informatizada,

então os alunos vem pra cá, fazem o projeto com a biblioteca, depois, saindo daqui, vão para sala informatizada, continuam o projeto na sala informatizada e o produto final fica exposto na biblioteca, sabe? Então sempre teve esse...foi uma conquista, sabe? Por que no início não era assim. Mas aí a gente começou a entender melhor o que é uma biblioteca escolar, qual a finalidade do bibliotecário estar aqui, que ele não é um mero prestador de livros, e isso deu assim um desenrolar gostoso. Os professores passaram a procurar mais e os projetos surgiram. No ano passado nós apresentamos muitos trabalhos, em parceria com os professores e alunos, então eu acho que tá fluindo bem. Só não tá mais em virtude dos problemas que eu já te contei, né?! O espaço, tempo a falta de pessoal, mas esse entrosamento tem. E é uma coisa muito gostosa, tanto que a procura é enorme.

Especificamente de quinta a oitava série, há participação dos professores de todas as disciplinas, ou fica mais a cargo do professor de Português?

É, a gente ainda não conseguiu quebrar que a biblioteca tem que ser utilizada por todos, né?! Então, geralmente quando o aluno quer fazer algum trabalho, é o professor de Português que traz. Os outros professores, eles até utilizam a biblioteca pra trabalho de pesquisa, eles costumam trazer de vez em quando as turmas aqui, ou pedir pra gente separar material, eles antecipam os pedidos, a gente vê o que é que tem, entra em contato com eles, mas um trabalho mais direcionado, pros alunos gostarem e entenderem o que é esse espaço, é mais com o professor de Português mesmo.

Que serviços os alunos mais procuram na biblioteca? O que a biblioteca oferece além do empréstimo e dos projetos já mencionados?

Atualmente a biblioteca tá meio parada. A gente já fez muita coisa. Já fez Clube do Livro, a Feira do Livro a gente faz anualmente, a gente faz o troca-troca do livro, uma vez por semana todas as turmas vem. De primeira a quarta eles vêm com a professora na hora marcada. De quinta a oitava já é opcional. Se eles quiserem, eles vêm. A gente oferece alguns sumários correntes, que a gente coloca na sala dos professores de alguns periódicos que a gente recebe, fitas de vídeo que a gente empresta, assim, não tem muita variedade de serviços, porque a biblioteca não tem espaço pra atender, não tem pessoal, mas a gente tem vários projetos na fila de espera, né!? Assim que melhorarem esses problemas, acho que a gente consegue colocar tudo em andamento, mas atualmente é isso, empréstimo de material, orientação à pesquisa, estímulo à leitura, acho que é isso.

O que você pensa que há de mais importante dentre as responsabilidades de um bibliotecário que atua em biblioteca escolar?

Olha, dois itens que eu acho que são a base da biblioteca escolar, são projetos de incentivo à leitura e uma boa orientação à pesquisa. Eu acho que a biblioteca fazendo projetos em cima desses dois pontos, ela já vai tá cumprindo seu papel dentro da escola. Além de servir de apoio para os professores. Porque a gente nota que o aluno não sabe pesquisar. Eles vem com a intenção de fazer uma cópia, então perguntam pra gente se é daqui até aqui, então a visão de pesquisa na escola, ainda é muito arcaica. E os projetos de incentivo à leitura, porque eles vêem isso daqui como um espaço mágico, quando o primário chega aqui, pra uma Hora do Conto que a gente faz, eles não querem sair. Então se tivesse mais é....apoio pra esses dois, essas duas atividades acontecerem da melhor maneira possível, a biblioteca ia tá cumprindo seu papel com certeza. E o resto viria no desenvolver desses dois, não é? Porque é que mais atrai o aluno pra cá. Quando a gente mostra alguns materiais que eles tem à disposição aqui pra fazer um trabalho de pesquisa e que eles notam que não é só copiar, e que tem todo um mundo ali naqueles livros e que eles podem explorar, eles já vêem a pesquisa como uma coisa diferente, e eles tem a segurança na gente, sabe?! Eles não vem

mais aqui, aqueles que já tão acostumados, agora “me dá qualquer livro, que eu quero fazer uma cópia”. “Ah! Eu quero entender, me ajuda que eu quero entender o que é isso aqui que a professora quer”. E aí até já foge daquilo que o professor pediu, já colocam outras coisas que chamaram a atenção. Eu acho que é isso.

Como você conceitua Senso Crítico?

Olha, é uma conquista. Eu acho. Eu vejo por mim mesma. Que na escola que eu estudei a gente não era estimulado a ter esse senso crítico. Então eu vejo que foi uma conquista minha através dos anos de estudo, que eu fui adquirindo. Não sei até onde que tá, né?! Minha avaliação quanto a isso assim, mas nessa busca de ter um senso crítico, eu noto que é com o tempo. Então aqui na escola, eu tento também como bibliotecária despertar esse Senso Crítico no aluno. Através das histórias contadas, através dos livros que ele lêem pra pesquisa, daquilo que eles vem aqui e levam pra casa, que a gente sempre faz o trabalho de apoio, “o que é que você achou do livro? Gostou? Porque?” Então a gente tá sempre fazendo um trabalho junto com o professor e eu acho que não é de uma hora pra outra. Eles têm que aprender, assim como a gente que tá sempre aprendendo, acho que eles também tem que aprender aos pouquinhos, pra eles terem segurança, né daquilo que eles pensam e poder dar a opinião deles, construir, criar. Eu vejo dessa maneira. Por que muitos vem pra cá achando que as coisas já estão prontas, eles só querem as respostas. E quem sou eu pra...eles pensam que eu já li tudo isso aqui...e que eu tenho uma opinião formada sobre tudo isso, então eu tento passar pra eles que não, que é um aprendizado, né, um aprende com o outro, e aí vai indo.

Espaço Aberto

Olha, o que eu gosto muito desse meu caminhar, é que a escola pública dá a chance pra gente crescer, com os colegas. Eu já trabalhei em escolas particulares, foram experiências totalmente diferentes, não que lá não tenha o seu lado bom, mas se eu pudesse escolher, eu escolheria a escola pública. E pela variedade de informações que cada um traz dos lugares de onde vem. A única coisa que eu sinto muito é a falta de estrutura, né, que o público não tem. Muita gente pensa que o público não é de ninguém, então não cuida. E justamente o contrário, o público é de todos e tem que cada um fazer a sua parte. Se cada um fizesse a sua parte, com certeza, estaria bem melhor. Porque tem assim um mundo enorme para ser explorado e essa carência nossa de informação, de instrução, tudo, daí a escola tem que dar a sua conta, a sua parcela, em cima da falta de estrutura, falta de pessoal, isso daí fica a desejar, a gente deixa de fazer muita coisa. Isso aí é um fato marcante pra mim, sabe. Porque eu nunca tinha trabalhado em escolas públicas até vir pra essa escola, e uma coisa que me chamou muito a atenção foi que eu cheguei com muito gás sabe, e quando eu me deparei com a falta de estrutura eu vi que ...epa...eu não vou poder fazer grande parte das coisas que eu quero e isso causa angústia, né!? O aluno chega aqui querendo tal assunto e só tem dois livros pra dar pra ele, aí tu procura e sai do teu bolso, porque a escola também não tem condições próprias, né?! A APP, as contribuições geralmente não dá pra muita coisa, e então causa essa angústia, então eu acho muito bom trabalhar, entrosamento com os professores, muita coisa pra crescer ainda. Ainda não tá, claro, do jeito que a gente quer, tem muita coisa pra se pensar, pra melhorar, mas eu acho que é um caminhar também.

Bibliotecário 01

Quais os recursos/ estruturas disponíveis para o desenvolvimento das atividades planejadas por você?

A nossa estrutura física, ela não é ... o que a demanda exige. Não é. Nós temos praticamente o espaço de uma sala de aula, espaço dos livros, espaço do acervo fica junto com o espaço da pesquisa, que é bem complicado, nós até tivemos que estabelecer horários pro pessoal da tarde vir pra biblioteca de manhã. Ela não comporta mais que uma turma junto. É bem complicado! Nós temos 600 alunos durante o dia, e mais à noite tem a turma do EJA, tem mais uns 100. E nós temos o NEI, o NEI é anexo à escola, que usa a biblioteca também, que é o Núcleo de Educação Infantil. A biblioteca aqui é bem usada, mas os recursos físicos e humanos também não suportam a demanda.

Estes recursos são base para uma atuação da biblioteca no contexto pedagógico? Como você desenvolve suas atividades?

A biblioteca é bem dinâmica aqui na escola. Nós temos assim, projetos no planejamento no início do ano, e as atividades que a biblioteca desenvolve, em geral, estão sempre voltadas pro incentivo à leitura. Sempre. Nós fizemos Hora do Conto, só que nós damos outros nomes pra Hora do Conto. É Hora da Poesia, agora nós estamos fazendo um trabalho sobre Folclore, visando sempre o incentivo à leitura. E suporte aos professores também. O suporte técnico que é o suporte à pesquisa, nós também fizemos. O que nós não... o que nós não temos é o processo técnico, que é a Catalogação e a Classificação nós paramos, nós paramos de fazer, porque eu acho que a Biblioteca Escolar, ela ...pra ela ser dinâmica, pra ela ser um espaço vivo na escola, ela tem que estar trabalhando diretamente com o aluno, trabalhando direto com essas atividades. Porque se você não trabalha...tem que estar buscando mesmo o aluno, levando, despertando e agora dá pra sentir, essa semana tivemos terceira, quarta série eles já vão por conta própria à biblioteca. Não precisa ser... porque de primeira a quarta tem horário reservado, eles vão. De quinta a oitava não tem horário reservado. Eles vão se eles querem. Não é obrigado. E assim ele tá retornando.

Há atividades desenvolvidas em conjunto com os professores? Que ações articulam em conjunto? Em que momentos?

Com os professores é assim, no início do ano nós participamos da reunião, reunião pedagógica e administrativa, essas nós participamos, aí nós ficamos sabendo temos acesso aos planejamentos dos professores e tentamos nessa semana, parada mesmo, e conversamos com os professores, o que eles pretendem trabalhar durante o ano, e a gente dá pinceladas do que a gente também pretende trabalhar. Aí o professor que se interessa, nós trabalhamos durante o ano, pesquisa, o projeto, nós damos apoio para esse professor, e no decorrer do ano, todas as reuniões pedagógicas e administrativas, nós participamos também pra saber dos problemas. Uma coisa interessante, é que a biblioteca, ela não era lembrada pra participar, agora ela já é lembrada, já é convidada e já é colocada em pauta, um ponto pra biblioteca. Uma conquista. E assim, os professores, avisam com antecedência, no mínimo 24 horas ou dois dias, pra os trabalhos que os alunos vão pesquisar na biblioteca. Aí a gente vê o que tem. Se não tem a gente...porque eu não vou mandar o aluno, porque acontecia que muitas vezes mandavam, e não tinha material né? Então, nesse tempo, se não tem eu aviso o professor que não tem, ou o professor vai até a biblioteca vê o que tem, se interessa pra ele o que tem. E se não tem, eu vou buscar na secretaria, na biblioteca lá da secretaria, ou às vezes a gente faz troca entre as bibliotecas da rede, “ó eu não tenho, empresta? Vou trabalhar!” A gente dá um jeito, a “X” vai buscar, ou então na Secretaria, eu vou, saio mais cedo e vou. Até nós temos um projeto com a professora de Português agora, eu não tenho tanto material

assim, ela avisou com antecedência já que vai ser trabalhado em agosto. Ela já foi na biblioteca e já falou. Eu já entrei em contato com a biblioteca central, lá da Secretaria e eu vou pegar o material lá. É sempre avisado antes.

Você pode falar sobre projetos desenvolvidos pela biblioteca? E se, a biblioteca estando inserida no projeto político pedagógico da escola, estas atividades são desenvolvidos com base no PPP? E o PPP dá suporte para o desenvolvimento das atividades?

O que acontece é que o PPP está sendo organizado, ele não está completo. E assim, nós participamos ...porque é sempre nessas paradas. Aí é colocado o que é levantado. Se não levantam eu sempre lembro... "ta, e a biblioteca?" Porque às vezes tem que lembrar. Não é assim 100% ainda. A gente tem sempre que dar uma lembradinha. Mas assim, as atividades, os projetos, são sempre voltados ao incentivo à leitura. Pra criar o hábito mesmo, o gosto na criança. E se ele não tiver de acordo com o PPP, os professores, ele não aceitam. Então parte por aí, que eles não aceitam. Eles querem assim que a biblioteca faça um projeto e que seja um projeto bem trabalhado. Se não é, eles reclamam mesmo. Eles sempre falam, eles reclamam. Eles levam o aluno na biblioteca, porque as atividades são sempre na biblioteca, pra criar a cultura da biblioteca pra eles irem até a biblioteca. E é experiência própria mesma, eu faço o projeto, realizo, o professor participa, mas se... e sempre nós mantemos atividade visando a leitura, mas tem que ta envolvido no PPP. Se não estiver ele não tem aceitação pela comunidade. E antes da gente fazer, nós apresentamos pra Direção e pra Supervisora Escolar. Os projetos da Biblioteca não são projetos isolados, tem que ta de acordo com o projeto da escola. Se for isolado, a biblioteca tende a fazer uma atividade isolada, e não é essa a intenção. É a biblioteca se interar mesmo com a comunidade. Nós fizemos projetos, nós temos, sempre em outubro, a gente faz a semana da biblioteca. A cultura, a cultura aqui da ilha, em outubro, esse já vai ser o segundo ano, eu vou me vestir de bruxa. E tem toda uma temática. Vai ser trabalhada a questão da literatura das bruxas, vamos falar sobre Franklin Cascaes, aí eles vão até a biblioteca, eles escutam a história, esse é bem mais lúdico mesmo. Aí nós temos trabalho de poesia, tem de quinta a oitava nós damos suporte a pesquisa escolar mesmo. O professor diz o que quer, aí o aluno vai na biblioteca, a gente explica como que funciona a pesquisa escolar, o básico, as obras de referência. Nós montamos uma apostila, aí caso o aluno tenha dúvida ele vai até a biblioteca, e tem aquela apostila xerocada, que ele pega, aí conversa com o professor. Se ele tem dúvidas, na hora, faz xerox, até as vezes ele quer levar para casa, ele leva pra casa, fica pra ele pra... Nós vamos o projeto sobre Monteiro Lobato em outubro, e nós temos a campanha do Livro. Essa já faz parte do calendário da escola, né?! Sempre em outubro nós fazemos a campanha do livro, esse ano acho que vai ser em setembro. Os alunos doam livros pra biblioteca, aí é tipo uma gincana e tem pontuação por aluno. Aí quem doa mais ganha um prêmio, aí entre os participantes também, pra não ter discriminação "só quem traz mais". Também há uma premiação. A gente faz várias atividades. O que nós não temos muito é ...quando tem a gincana na escola, a biblioteca é incluída na gincana, aos poucos a biblioteca táaaaa....São cinco anos. No início assim, foi uma guerra mesmo, quando a gente chegou na escola. Eu já sabia como era a legislação, tal, mas aceitação do profissional na escola, não esperava que fosse tão difícil. Foi uma conquista. Até eu acho que pelo espaço que a biblioteca ocupava na época, era uma sala...um depósito. Tudo o que tinha na escola que não prestava mais, ia pra biblioteca. Aí foi uma cultura que eu tive que construir no dia a dia..."olha aqui é biblioteca, isso eu não quero aqui." Foi bem difícil, hoje já não! A estrutura física, é bem, tem as características da biblioteca escolar da rede mesmo, é o básico que a gente tem. É o básico, mas ...

O que você pensa que há de mais importante dentre as responsabilidades do bibliotecário que atua em ambiente escolar, levando em conta que é um profissional que tem como objeto de trabalho, a informação?

A leitura. É a leitura. Porque os nossos aluno, na maioria, ele não tem outro acesso à informação, em casa, não tem mesmo. São bem...metade assim são carentes mesmo. Eles vem a biblioteca é pra ter o acesso, pra conhecer, e o que eu senti é que...nós não tínhamos assinatura de periódico, né?! Agora nós temos via Secretaria. Da pra puxar o dia a dia...o interesse. Eles vêm. Ele sabe que vai chegar naquele dia, então ele vem. No dia a dia a gente conversa... É a leitura, porque com a leitura ele vai freqüentar mais a biblioteca, aí, freqüentando a gente explica como que funciona a biblioteca para ele se interar no acervo, tudo é feito no dia a dia. Mas é a leitura. Se eles não se interessarem, não vai abrir a biblioteca, Tem que ter acervo próprio pra idade deles, revistas, estimulantes, porque é a leitura mesmo, dentro da escola, a leitura e a busca da informação. Porque aquele que não vai por vontade própria ou pra leitura, ele vai porque o professor solicitou a pesquisa. Aí ele vai buscar, vai buscar essa informação na biblioteca. E na biblioteca a gente aproveita. “Ó, chegou esse material!” Ah, mas as meninas não gostam de tal revista... aí “não, mas tem uma sessão nesta revista que tem.” Acho que a gente que despertar mesmo.

Como você conceitua Senso Crítico?

Senso Crítico!? É você ter a liberdade de produzir, produzir, sobre vários olhares, você ter a sua opinião e saber conquistar.

Como você acha que o bibliotecário que atua em biblioteca escolar pode participar do despertar do senso crítico do aluno?

É de um suporte. É um suporte. O bibliotecário age, assim, na escola, falo mais da minha realidade mesmo, ta?! É de um suporte. Da pra sentir que eles vão até a biblioteca, eles dizem o que eles querem, “olha eu quero”...”Mas, o que é que vocês querem?” Eles vão, às vezes eles te entregam um caderno, pedem pra...”ta, mas o que é que tu queres daqui?” Aí a gente parte daí, o bibliotecário é um suporte que vai mostrar os meios. Os meios pra que ele busque, pra que ele leia, e que ele interprete e crie suas próprias opinião. Eu trabalho mais de quinta a oitava, e a tarde, o pessoal de primeira a quarta outros professores trabalham a pesquisa só em sala ou de manhã na biblioteca, porque as escolas ficam muito distantes, aí pro aluno voltar fica complicado, mas alguns não. E à tarde eu sinto que a gente, que o bibliotecário é o suporte pra esse aluno, é o meio, é o elo.

Espaço Aberto

Eu acho é que nós tínhamos que ter no nosso setor, na nossa Divisão, um bibliotecário. Isso nós não temos. Nós temos a nossa Rede nós mantemos o nosso contato, nós temos os nossos encontros, mas nós devíamos ter outra pessoa pra nos dar assessoria, porque é bem complicado, porque nós estamos nas escolas...uma pessoa da nossa área. Aí, às vezes, fica difícil, né?! Mas...

Bibliotecário 02

Quais os recursos/ estruturas disponíveis para o desenvolvimento das atividades planejadas por você?

Pra biblioteca escolar, eu acho que a gente ta... o espaço poderia ser um pouquinho mais amplo, mas não é o que vem atrapalhando, no momento o andamento, né, do funcionamento da biblioteca. O acervo, é que tá, com o tempo, melhorando bastante, a gente tá deixando de tratar a pesquisa só com livro didático, a gente tá tentando o paradidático, livros indicados pelos professores, a gente tá conseguindo via secretaria ou com recursos do Acorda Brasil que agora a gente conseguiu também uma participação pra biblioteca, né?! É que era bem complicado antes. Migalhas vinham, agora a gente tem um espaço maior. Assim, pra mim, hoje, a maior dificuldade seria um outro profissional. Pra ta atendendo melhor, trabalhando

melhor com os alunos o grupo de pesquisa. Olha a situação: uma pessoa só, vc atende, vc planeja, vai atender pesquisa. Muitas vezes, assim... é que primeira a quarta série a gente marca um horário, né, eles vem de 5 em 5, pra buscar o livro, a não ser que seja um projeto que venha a turma toda, aí a gente reserva a biblioteca. Daí você tá atendendo e esse grupo tá vindo, tem gente pesquisando, aí você não atende lá direito, e aqui direito. Acho que essa parte assim, a gente empurra com a barriga. Faz, assim, muito pouco por eles. Por falta de um outro... de um estagiário, né?! E eu falo de manhã também, De manhã ela funciona com uma bolsista de segundo grau, então dá uma diferença muito grande assim, na escola. Pra mim fica bem visível no Conselho de Classe, como eles percebem...com relação a atendimento, tá ajudando eles na pesquisa, organizando o trabalho com eles. Esse ano a gente pegou de segundo grau então ficou bem visível, né?! Ano passado foi um estagiário, mas já tinha nível superior, de Pedagogia, então eles não perceberam tanto. Agora, esse ano tá bem complicado. Eles vêm reclamar pra gente. Então, à princípio, eu acho que o ponto mais fraco nosso, hoje seria esse trabalho de falta de pessoal adequado pra estar na biblioteca.

Com estes recursos, como você desenvolve suas atividades?

Ah! Eu to aqui há cinco anos e bem no comecinho a gente fazia um trabalho bem mecânico ainda. Porque eles não tinham o hábito de freqüentar a biblioteca. E nós tivemos que criar todo esse hábito neles, incentivo...eles não tinham biblioteca, né. Eles tinham bastante perda de material, porque eles não tinham esse procedimento de pegar e devolver o livro, né.

Há atividades desenvolvidas em conjunto com os professores? Que ações articulam em conjunto? Em que momentos?

Depois que eles tiveram esse contato mais forte com a biblioteca, da importância de guardar o material, a gente conseguiu passar o quanto é importante e foi feito bastante projetos com os professores. No começo me sentia meio sozinha os projetos não saiam, empacavam... E projeto fixo que a gente já tem, já há três anos a gente faz na escola, projeto que sai da biblioteca pra fora, né. Que é Projeto de Poesia que todo ano tem, a gente vai até publicar um livrinho, com os melhores de 2000 a 2003, e com os professores a gente desenvolve mais até quando é de interesse deles assim. A gente dá idéia, eles aceitam, ou ao contrário, né. Projeto sai mais com professor de Língua Portuguesa e com professor de primeira a quarta que é mais tranqüilo. Os outros, de outras disciplinas, eles vinculam a biblioteca com a sala informatizada. Eles têm projetos de pesquisa, mas são mais voltados pra sala informatizada. Eles iniciam aqui e concluem lá. Já a professora de Português, como trabalha mais leitura, é mais tranqüilo. A gente tá hoje fazendo com a quinta série, é uma vez por semana...eles descem todos pra cá, nesse período a gente não faz atendimento, é a terceira aula, o pessoal já sabe que quarta feira não tem pesquisa e não tem atendimento. Só nesse horário, né!? Então eles descem, a gente fecha a biblioteca, eles fazem a leitura de cada capítulo, eles trabalham cada capítulo, eles fazem resumo do jeito deles, acho que a gente vai terminar ainda antes das férias pra depois transformar esses resumos deles num livro deles. Mas eles gostam bastante, acho assim a aceitação ...de quererem também né. Qualquer concurso que tem hoje, tá participando da Nestlé agora da frase mais alegre, eles empurram tudo pra biblioteca sabe? Então tem essa procura pra tá auxiliando eles também, né. Acho que cresceu, acho que melhorou bastante sabe! Tá melhorando bastante, acho vai ficar melhor ainda.

A biblioteca está inserida no projeto político pedagógico da escola, então estas atividades são desenvolvidas com base no PPP? E o PPP dá suporte para o desenvolvimento das atividades?

Eu acho que essa questão vem de antes. O envolvimento da biblioteca com a escola...Eu acho que vem lá do curso de Pedagogia. Acho que já vem desde lá. Acho que isso já é um grande

fator assim... De não tá tão vinculado no curso. Que seria mais um apoio pra eles, né. Acho que já vem desde o curso de pedagogia a interação da biblioteca.

Eu participo de reuniões pedagógicas, participo de Conselho de Classe, porque a gente tem muito contato com o aluno também, e às vezes o aluno age de um jeito em sala, na Educação Física de um jeito, na biblioteca de outro. Então a gente pode, de alguma forma tá articulando. Na biblioteca ficam lendo gibi numa boa, a gente tem uns que adoram ficar desenhando pra botar no varal, então participo também dando opiniões, né. Então tem os alunos fora de sala, na biblioteca, Eu sempre participo. Do planejamento de professores também, por que o que não tem aqui, eu posso também tá buscando em outros lugares. Eles passam o que eles vão estar trabalhando.

Projeto de pesquisa mesmo, eu ainda quero fazer. Já falei com outra bibliotecária, ela já tá encaminhado um projeto assim, mas eu acho que é uma coisa que não tem que ser só tua. Tem que passar pro grupo lá no início das primeiras reuniões pedagógicas, no início do ano, pré montado pra passar pra esse grupo, não esperar 100% de colaboração...mas é uma coisa que eu to querendo fazer aqui na escola. E trabalhar não só com o aluno, trabalhar com o professor, pra gente tá pensando junto pra fazer o trabalho.

O que você pensa que há de mais importante dentre as responsabilidades do bibliotecário que atua em ambiente escolar, levando em conta que é um profissional que tem como objeto de trabalho, a informação?

Acho que do escolar, seria...estímulo a leitura e conseguir que ele compreenda o que é que ele veio fazer aqui, do que é que ele veio atrás, porque pra sanar uma dúvida, algo que ele não tinha conhecimento, mas que ele venha fazer pesquisa mesmo, não uma cópia. Ele vem aqui buscar conhecimento, né? Porque é difícil, porque eles perguntam “eu copio daqui até aqui”... “gente, não vamos copiar, né...vamos tentar ler e colocar, se não conseguiu entender, fala com a professora: não consegui entender.” Trabalhar bem isso, acho que é importante pro futuro deles. Você tá conseguindo que eles vão crescer sabendo que não vai levar uma cópia e o estímulo à leitura. Eu vejo já na quarta série, como é bom! Eu fazia muito Hora do Conto, é uma coisa boa pra caramba de fazer...mas não faço mais por falta de tempo. Não to conseguindo me organizar por sala. Às vezes o pré e a primeira série, a turma da “X”...e com outros assim que eu acho que dá pra fazer melhor, assim! Ou mais rapidinho, mas com terceira e quarta, deixei de lado. Eu sei que eles sentem falta. Esses dias tinha aluno aqui de sexta série aqui e por acaso ele pegou um livro que eu já tinha contado a história, ele estava na terceira série na época, ah!!! Como a gente pensa que acaba não marcando, eles...nossa! lembram e gostam né. Então é uma coisa que eu tenho que resgatar. Me organizando de repente de quinze em quinze dias, com uma turma, né. Terceira e quarta tem que tá preparando bem, mesmo, porque eles têm outros gostos, né. Mas assim, me vesti de Emília, Branca de Neve, eu acho que precisa, né! Eu sou.... Sinto falta assim, mas é pelo fato de estar sozinha na biblioteca. Daí agora preciso escrever no jornalzinho da escola e são coisas pequenas que tu queres fazer e não consegue completar tudo. É complicado! O atendimento ali é mecânico, né. E teve uma época que a gente teve uma readaptada, ficava no mesmo período que eu assim, então eu vinha pra estante, procurava livro com eles, sabe, dava sugestões. E agora fica meio assim quando as turmas vêm... e quem perde, na verdade, são eles, né!?

Como você conceitua Senso Crítico?

Senso Crítico. O que é Senso Crítico?! Eu acho que é.....o momento que consegue diferenciar, respeitar, opinar, ará valores para algumas coisas, perceber diferenças, né?! Ter opiniões formadas ou ter capacidade de transformar sua opiniões a partir de outros conceitos, outras informações, né?!

Como você acha que o bibliotecário que atua em biblioteca escolar pode participar do despertar do senso crítico do aluno?

Nossa, eu acho que diariamente. Primeiro porque a gente tem contato direto com eles assim, né. E através dos trabalhos que eles realizam aqui, dos comentários que são feitos aqui, do teu contato com ele, né?! Leituras feitas, você vê o que eles tão fazendo, o que estão lendo, ouvindo. Você é quase um professor aqui na biblioteca, acaba sendo professor, né? Está dando limites pra eles, está sendo tolerante, passando que eles te respeitem, respeitem o próximo. Eu sinto que eles entendem assim sabe! Tem momentos que eu digo “gente, não dá pra ficar assim, vamos da uma volta...” Tem momento pra tudo e eles tem que perceber. E em relação assim até coisas internas, eles vem pra biblioteca em busca de outras coisas, fora sala de aula. E a tua postura, eu acho que é importante nesse momento, porque a gente pode tá orientando, pode tá ajudando. E isso a minha preocupação constante de uma menina de segundo grau sozinha aqui de manhã, praticamente da idade deles. Os de sétima, oitava são os que mais procuram a biblioteca sobre outros assuntos, pra estarem lendo coisas diferentes sobre drogas, sexo, e pedem tua opinião ou comentário. A relação é outra do que a do professor em sala de aula. Ele não é o teu aluno, né?! Ele contigo é diferente. Daí tu acaba sendo mais amiga também. A gente fica mais próximo do aluno aqui. Os que freqüentam, né... Eu acho rico, sabe! Que eles venham buscar outras coisas, além do que foi pedido em sala de aula. Eu acho bem rico. E aqui nessa Comunidade não se tem muito o que fazer, né, até um tempo atrás tinha um senhor que fazia limpeza aqui, “ai, mas eles não tão fazendo nada” eu já penso “que bom que eles vem ler gibi, né!” Porque a visão que se tem de biblioteca é um lugar quieto, cada um escrevendo. Que bom então que ele vem aqui pra fazer uma pintura, mexer num livro de arte, que bom que vem em busca de outras coisas, né!

Espaço Aberto

Olha minha formação é biblioteca especializada. Na época pensei no financeiro, mas como eu já estava no quadro do magistério antes da prefeitura... E eu gosto bastante do trabalho que eu faço e criei vínculo grande com a escola, pelo acervo... às vezes tenho brigas com o diretor por ter uma estagiária porque daí não tem o vínculo com a escola. Eu fico indignada. Penso em tá sempre fazendo coisas diferentes, né. Na escola tudo bem, mas na secretaria não é tão bem vista (a biblioteca) pelo fato de não termos coordenador da nossa área, não ter aquilo que a gente tá buscando, que a gente tá querendo! Acho que ainda tá complicado lá em cima. Acho que aqui em baixo a gente tá fazendo melhor nossa parte do que eles lá em cima. E se caminhasse junto seria bem mais fácil, né. Acho inviável a gente tá 30 horas numa escola, Funciona a metade, e o outro período? Não funciona, né.

Bibliotecário 03

Quais os recursos/ estrutura disponíveis para o desenvolvimento das atividades planejadas por você?

Olha... a estrutura da biblioteca para o tamanho da escola, tem uma boa quantidade de livros da literatura infanto-juvenil. Proporcional ao número de alunos é bem variado, o acervo é bem considerável, né. Material... são dois computadores, um pra processo técnico e outro pra ser utilizado na Internet, mas como isso foi implantado recentemente, então, o software não foi escolhido ainda. Na escolha do software tá a administração da biblioteca, e a instalação da internet não foi feita ainda, que vai ser via cabo, quando fizerem na escola, vai ser feito em todos os computadores. Então, é só um terminal na biblioteca, um terminal na sala dos professores, e dois terminais na secretaria, e na sala informatizada são quinze computadores. Então o trabalho da biblioteca sempre foi um trabalho com de um suporte pras aulas de informática, né. Pesquisa, tudo, de acordo com as disciplinas, mas... como nem sempre os alunos conseguem horários na sala de informática por estar com uma turma funcionando, é

que foi pensado esse terminal na biblioteca pra consulta na Internet. Porque nem sempre os alunos conseguem ir pra sala informatizada numa janela, né. Na hora que precisa, então por isso que foi colocado esse terminal. E tem a possibilidade de vir mais um computador para o uso do aluno na biblioteca pra Internet também. Mas tudo isso por volta desse ano que vai ser implantado.

Eu trabalho sozinha, e trabalho 30 horas por semana, 6 horas por dia, mais concentrado no período da manhã. Poderia fazer 3 horas de manhã e 3 horas a tarde, mas acho que isso não é viável porque se a gente sempre der um jeitinho pra tudo, a gente não abre espaço para novos profissionais. Então eu não faço. Se eu tiver que trabalhar internamente, fazer alguma coisa, ficar até 5 horas da tarde eu fico com a porta fechada, não faço atendimento [afirmação bem frisada]. Né, se preciso adiantar alguma coisa, não faço atendimento. Já me pediram, tudo, mas eu acho que isso aí é...seria anti ético até comigo mesmo, né porque nós enquanto profissional, a gente tá mal remunerado, na proporção que é o piso mínimo pro bibliotecário na recomendação da ACB e CRB, e acho que faz parte da luta não ceder também. A única coisa que eu posso manter firme é isso e eu não vou abrir mão.

Nós estamos sem estagiário, eu não tenho ninguém pra ajudar por enquanto. O pessoal até sabe, mas não dão bola...Aqui em Santa Catarina nós temos um problema muito sério, que é que nós não temos um sindicato. Outros estados tem sindicato, então tem certas coisas que o CRB enquanto Conselho não pode intervir. Quem faria, de repente, esse papel do Sindicato, há pouco tempo eu fiquei sabendo, afinal de contas alguém tem que fazer esse papel, seria a ACB. Mas a ACB também não tem uma estrutura, pra levar isso a frente. Poucas pessoas são associadas à ACB. Então eu acho assim, fica meio complicado, fica uma... um círculo vicioso. Porque nós estamos mal remunerados, às vezes a gente fica atrasado com o CRB, por outro lado a gente fica, já tá atrasado com o CRB, como fazer então pra pagar ainda a ACB? Pra alguém poder nos defender, sabe! Então a gente não consegue pagar a ACB. A ACB também não tem estrutura pra poder tocar pra frente e ficamos parados, né? Acho que é isso. Ficamos todos de mãos amarradas, né. Acho bem delicado isso...esse lado.

Pelo que entendi você não considera estes recursos suficientes para uma atuação da biblioteca no contexto pedagógico? Como você desenvolve suas atividades?

Olha...suficientes não são. Eu entrei na Prefeitura em 98 e desde que eu entrei na prefeitura a gente não pode reclamar da quantidade de material que eles tão investindo. Eles já deram bastante material para o aluno e material de formação para o professor. Às vezes é complicado a gente conseguir dar conta de atender aluno e ainda fazer processamento técnico do material que chega, né. Às vezes demora meses pra conseguir colocar a disponibilidade nas estantes, por falta de pessoal, e material não tem do que reclamar. Claro que, teve uma época que como as escolas não tinham um profissional qualificado pra ficar aqui nesse setor, o jeito foi largar, porque era só estagiário, nem estagiários...eram pessoas que tinham suas funções desviadas, não eram pessoas efetivas na Rede, era contrato temporário, então não tem o compromisso. Só tem o compromisso de empréstimo e depois de recolher...acabava perdendo material. Então não tinha um pouco de interesse. E agora, a administração anterior, a chefia da Divisão de Mídia e Conhecimento, a chefia anterior, ela fez muita compra o ano passado que tá chegando agora, né. Uma burocracia de licitação, de compra, então tá chegando agora. E essa chefia agora, também se põe muito interessada. Agora tá comprando também o software. Ninguém comprou o software ainda pra poder escolher um software de qualidade. Então eu acho que a coisa tá andando. Pelo pouco tempo que a gente ta, pelo menos nessa parte as coisas tão andando. Eu acho muito importante.

Há atividades desenvolvidas em conjunto com os professores? Que ações articulam em conjunto? Em que momento?

Olha...alguns projetos...Eu trabalhei em duas escolas. Trabalhei ali na Escola "X", lá os professores faziam o projeto e na execução do projeto me convidavam, aí explicavam qual o

objetivo, porque eu auxiliava na...diretamente com os alunos, então eles vinham conversar comigo e algumas vezes naquela escola, eu fiquei 4 anos lá, só to há 1 ano na Escola “Y”, e algumas vezes eu participei também na elaboração dos projetos. Até mesmo de recolher todo o material, sobre determinado assunto, pra ver se era viável, ou procurar material fora, pra depois pensar como fazer o projeto. E associado também com a sala informatizada, na “X”, né, porque lá, desde 98 tem Internet. Então primeiro eles iam buscar na Internet, depois eles viram que a Internet não é tudo, que nem tudo que pega é bom e que nem tudo é verdade, aí começaram a fazer a mesclagem com o que viam com os livros, né. Então primeiro eles pesquisavam no livro, depois iam pra internet pra ver se achavam mais alguma coisa, depois conferiam com os livros, e aprenderam fontes de informação seguras, em quais confiar, bem interessante. Eles amadureceram nesse sentido. Primeiro eles foram embora, né. Só Internet, Internet, sumiram da biblioteca. Depois voltaram atrás, né. ‘Não, Não é bem assim, a Internet não é tudo isso.’ Mas agora nessa escola é um pouquinho devagar porque não temos Internet, então ficamos com projetos com uma certa limitação. A sala informatizada dessa escola agora que eu to, ela não tem um ano de funcionamento. Então os professores tão ainda meio que engatinhando nos projetos. Porque pra poder usar a sala informatizada ...não é entrar e levar os alunos pra mexer no computador. Tem que ter projeto. Então não pode ir lá e ‘ah...viemos aqui e vamos usar uma aula’. Não pode. Tem que ter projeto. E como são ainda...tão mais acostumados a aula tradicional, né. E pra poder usar a sala informatizada eles tem que fazer projeto. Então o pessoal meio que ta um pouco devagar ainda. Tão engatinhando, perdendo um pouco do medo também porque é uma proposta nova, não é? Então cada matéria tem que se adaptar e ver como explorar esse novo recurso, né. E somar, claro também com a biblioteca. Até mesmo porque não tem a Internet. Então o recurso deles é mais... é a biblioteca.

Você pode falar sobre projetos desenvolvidos pela biblioteca? E se, a biblioteca estando inserida no projeto político pedagógico da escola, estas atividades são desenvolvidos com base no PPP? E o PPP dá suporte para o desenvolvimento das atividades?

A Biblioteca tem espaço no projeto. O PPP ele, terminamos de fazer ele no ano passado. Como faz só uma ano que estou nessa escola, a outra bibliotecária participou boa parte. Ela participou na construção 4 anos. E eu já cheguei no finalzinho, né. Na outra escola que eu participava também participava do projeto político pedagógico, da construção do da “X”, mas desse aqui só no finalzinho. Digamos que foi feito uma revisão e as intervenções que a “nnnn” fez no PPP, né, depois eu li tudo...estou de acordo. Concordo.

Nós ainda...a escola como um todo ainda não colocou em prática o Projeto Político Pedagógico...nós tivemos algumas dificuldades, o ano passado tivemos, foi um pouco tumultuado, tivemos eleições, a diretora que foi eleita, ela desistiu, nós ficamos algum tempo sem diretora, depois, mais tarde, sem secretária, aí depois nós conseguimos tirar do grupo uma pessoa que aceitou ser diretora e faz 5 dias que estamos com secretária. Então assim eu acho que agora que a gente ta começando andar de novo. E nós concluímos o PPP no final do ano passado então agora falta colocar em prática, reler novamente o PPP e colocar em prática, mas boa parte das coisas referentes à biblioteca, que são as coisas que eu domino, já acontecem. É sobre conservação de acervo.

O que você pensa que há de mais importante dentre as responsabilidades do bibliotecário que atua em ambiente escolar, levando em conta que é um profissional que tem como objeto de trabalho, a informação?

Mais importante? Tem que ser uma pessoa com muita paciência, bem humorada, saber ser flexível, e saber se impor de vez em quando. Porque o usuário ele é muito jovem, então é o primeiro contato que ele tem com biblioteca, com livro, é dentro da escola. Muitas vezes na nossa realidade de Escola Municipal, nós atendemos a uma comunidade carente, é uma comunidade carente, então é o primeiro contato que eles têm com biblioteca, e com coisas

diferentes é na escola. E eu acho que é aquela história, né. Que a primeira impressão é a que fica. Então a gente tem que ter um pouco de ternura, um pouco de, um pouco mãe, sabe. Tem que saber adoçar e também chamar a atenção. O que não pode, não dá pra ser muito ou brava, ou de uma forma que espantar a criança e a criança não volte. E ela tem que entender que naquele momento se você por acaso chamou a atenção dela, foi naquele momento e depois não vai fazer mal, né. Pra garantir que ela volte. Porque, eu acho assim, a minha opção por biblioteca escolar vem desde a época da universidade porque eu acho assim muito, muito interessante você pegar o usuário desde pequenininho, saber que tá nas suas mãos um futuro melhor, tá na mão da gente. Tu vai incentivar, tu vai mostrar os caminhos, vai ensinar a gostar de literatura, vai ensinar a gostar de ler, de fazer pesquisa, de compreender que tem universo muito grande pra se explorar dentro de uma biblioteca. Porque já o usuário de universidade ele já tem toda uma formação, o estímulo ou a falta de estímulo, já aconteceu, então quando ele entra na biblioteca ele já sabe o que ele quer e ele vai lá, entra e se vira sozinho, assim, não quer nem uma opinião nem nada, e quando tu viu já foi embora e pronto. Já a criança não, tu tem que saber que tu vai mudar a vida não só daquela criança, mas também mudar a vida da família. A nossa biblioteca é escolar e comunitária, atendemos a comunidade também. Então os pais também fazem carteirinha e, às vezes, até através dos filhos eles pedem livros, e quando eu vejo um pai esperando uma criança que chega um pouco mais cedo, eu chamo pra vir na biblioteca. Isso eu sei que é uma gota num oceano, mas pode mudar a vida das pessoas, né. Fazendo o pai despertar, pai e mãe despertar até esses tipos de revistas ãh.....Bianca, Júlia, começa por um...tem que começar por algum lugar, né. Depois desperta pra uma literatura brasileira, desperta pra outras coisas. Às vezes alguns até voltam até a estudar, desperta pra voltar estudar novamente.

Como você conceitua Senso Crítico?

Dentro de ...

Olha, senso crítico dos alunos é um problema. É bem sério porque eles têm, em primeiro lugar, eles têm preguiça de ler. Dentro de uma literatura eles até conseguem discernir melhor porque é uma coisa mais leve. Mas quando se diz respeito a senso crítico dentro de alguma questão em estudo, por exemplo reforma agrária, sobre AIDS, alguma coisa da atualidade, alguma coisa dentro de história, geografia, eles pecam porque já fazem as coisas de má-vontade, lêem as coisas uma vez só e já querem que fique pronto logo. Aí eu explico pra eles que pro trabalho ficar fácil de fazer, ele tem que dominar e pra dominar a gente lê uma vez pra conhecer, lê a segunda a gente vai ver coisas que não viu da primeira, a gente vai começar ter uma opinião a partir da terceira leitura do texto. A gente tem que ler 3, 4, 5, 6 vezes. 'Ah, mas tudo isso?!' Tudo isso! Aí você vai ter o domínio de pegar uma caneta, um papel e desenvolver o que eu tu quer. Aí tu já dominou o assunto. Eu vejo uma certa resistência quando eu peço pra eles lerem muito. Mas alguns até ficam surpresos como a mente abre. Eles conseguem dominar, transcrever, sai com as próprias palavras, sai muito bom, melhor do que uma cópia e a nota é uma nota boa, e eles ficam muito felizes. Eles dizem 'graças a ti eu tirei nota 10. Eu precisava de nota pra passar'. Eu acho que éeeee....é uma coisa que se constrói e tem que ter um pouco de carinho também. Paciência, carinho, porque eu acho que, às vezes, eles chegam muito cru na biblioteca pra fazer alguma coisa. Chegam com um tema, com uma explicação o que quer, do jeito que quer e querem fazer o trabalho. É aí que eu explico 'a pesquisa pra sair bem feito, vocês têm que fazer várias perguntas, encher a professora de perguntas sobre aonde que quer chegar com aquilo.' Porque quando ele dá um tema ele já sabe o que ele quer de volta, né. Então a única forma de saber é perguntar, perguntar e perguntar mais uma vez. Tem dúvida? Volta e pergunta. Porque é a única forma de saber se é isso que ele quer ou não, né. Então eles estão aprendendo. Aos poucos eles estão aprendendo. Eu faço eles voltarem, uns não querem, ficam meio sem-graça, mas eu faço eles voltarem. E todos que eu consegui fazer a leitura várias vezes pra poder ter o senso crítico, e tanto quanto fazer uma breve entrevista com o professor pra saber conteúdo e qual é

a dinâmica que o professor espera desse trabalho, ele não tem se arrependido. E passaram a ter uma outra visão de pesquisa, passaram a ter uma outra visão de ...de como se comportar numa biblioteca, e perante um texto e perante até o próprio estudo.

Você acha que o bibliotecário que atua em biblioteca escolar pode participar do despertar do senso crítico do aluno?

Sim. Eu acho até mais que o professor. Como o professor é um profissional que tá ali, e tudo que ele faz é medido em nota, então tudo que fala soa assim como...um chato! Eles nem dão muita atenção. Agora como a minha relação, a relação do bibliotecário com a criança não é vinculada a nada, é para obter uma ajuda, eles conseguem prestar mais atenção no que a gente fala. Levam mais à sério. Eles não têm aquela, aquele primeiro impacto de rejeitar o que está sendo falado. Então eles vêem a gente, os bibliotecários como um salvador. Ele vai me ajudar, e eu preciso daquela nota. Então é uma espécie de salvador. E até, às vezes é interessante assim, as crianças, os adolescentes procuram a gente pra, acabam se tornando amigos de confidenciar, de contar...que brigam com os pais, que briga com o irmão, e a gente até agindo como um pouco de psicólogo. Porque não tem aquela...na escola tem o Supervisor, tem o orientador, mas tem um perfil profissional que cuida diretamente desses problemas, e ele não quer contar... o supervisor, o professor e o orientador, vai ficar com um enfoque de denúncia, de tomarem uma providência, e ele só quer um desabafo, uma opinião, como agir, como é que faz pra contornar uma situação que parece que tá irremediável e consegui na escola bastante resultados positivos de contornar situações e falar pra eles pra parar e pensar, conversar e consegui tomar um rumo, uma solução pro que se passava. Tanto entre brigas entre alunos, alunos professores quanto também na família.

Espaço aberto

Bibliotecário 04

Quais os recursos/ estrutura disponíveis para o desenvolvimento das atividades planejadas por você?

Tá..nessa parte a gente usa o que a Secretaria manda, é muito pouca coisa. Mas a APP também ajuda bastante a gente, a gente recebe doações, né. Mas das doações a gente faz uma boa seleção também porque tem muito material que não dá pra utilizar. Então tudo assim que a gente arrecada de material, de papel, tudo isso a gente vende pra por alguma coisa pra nós no acervo. E a parte de pessoal pra trabalhar tem dia que vou até as 17 horas. Pela prefeitura seria da 7 às 13, mas aí em acordo com a escola, eu faço das 8 as 14.

Tem estagiário, auxiliar?

Tem a “nnnn”. A “nnnn” vem no período da tarde. A gente não consegue, esse problema a gente já colocou pra Secretaria: 2 pessoas pra trabalhar nesse esquema fica difícil. Porque a gente atende mais a parte do aluno e a classificação e a Catalogação não dá pra gente fazer. Não tem tempo. Fica difícil. Então a gente faz mais o diário mesmo, a gente registra os livros, a gente tem muita dificuldade também na parte material, às vezes uma caneta tem que comprar.

Estes recursos são base para uma atuação da biblioteca no contexto pedagógico? Como você desenvolve suas atividades?

Como a gente tem muito pouco material porque nossos livros didáticos do professor, que é do professor, nós montamos uma salinha lá embaixo. Então são eles que o professor usa. Porque a gente não pode ter material que vem da Campanha Nacional do Livro pra pesquisa. A gente

tem muito pouca coisa. A gente tem que tentar servir bem os alunos. Nós temos os horários reservados pra toda a turma do, da parte de literatura, do pré à oitava série. Então a gente faz empréstimo quinzenal. Pra gente conseguir suprir e os demais a gente conversa com o professor, vê o que ele tá dando, o que não tá. Daí de acordo com o que ele tá passando a gente traz alguma coisa de também, e a gente tem... é nessa base que a gente atende os alunos. Mas até agora tá dando pra suprir. Tem muita gente de fora que já passou por aqui, vai pro segundo grau e vem fazer trabalho aqui. É comunitária também. Então tá dando pra suprir. Até agora tá tendo uma mudança, a mapoteca ali para aquele lado, e aquela mesa ali tá quase caindo. Então vai vim uma mesa redonda. Daí ao mesmo tempo que eu posso atender o pessoal de literatura, eu posso atender lá dentro [há apenas uma mesa para atender as turmas com trabalhos de literatura e para uso da mapoteca. Mas essa única mesa está caindo. Somente quando a outra mesa chegar, é que os trabalhos vão seguir normalmente.] Porque no horário que tá tendo literatura, a gente não atende pesquisa, então a gente dividiu. Das dez e meia em diante fica pra pesquisa. Agora como a gente tá fazendo aquela pesquisa de material que tá fora por causa das férias, então daí fica o dia todo. E daí na sexta-feira o dia todo. Porque na sexta-feira nós não atendemos turma. Aí a gente faz trabalho interno, faxina. É porque nós não temos nem pessoal que faz limpeza da biblioteca. É tudo a gente que faz.

É só a biblioteca que tem esse problema, ou é a escola toda?

Só a biblioteca que tem esse problema. Então na sexta-feira que a gente tira pra dar uma geral. Então a gente trabalha com o que a gente tem. Nós conseguimos muito material bom com APP que ela comprou, então a secretaria também mandou mais alguma coisa ...

Há atividades desenvolvidas em conjunto com os professores? Que ações articulam em conjunto? Em que momento? Você já mencionou que eles te falam antes o que estão dando em sala para você reunir material, mas existe alguma atividade constante?

Eu trabalhava muito fazendo a Hora do conto, né. De primeira até a quarta série, mas em virtude do nosso tempo, pouco tempo, fomos obrigados a parar. Não dá...então, a única coisa que a gente faz em conjunto com eles lá é de acordo com o material que eles vão precisando e a gente corre atrás, né. Se eles estão fazendo algum trabalho sobre poesia, a gente vai arrumar material...

A biblioteca está inserida no projeto político pedagógico da escola? E o PPP dá suporte para o desenvolvimento das atividades? Como é a participação da Biblioteca no PPP?

Sim...de todo o processo deles, todos os Conselhos, porque nós acompanhamos os alunos, as dificuldades que eles tem, então nessa parte a gente procura ajudar no que pode.

Você acha que se a biblioteca estivesse mais estruturada (fisicamente, acervo) você poderia desenvolver mais atividades...outros projetos?

Sim...

Tem algum projeto que você já tenha tentado desenvolver e não tenha conseguido?

Nós já tentamos ver se a gente pelo menos conseguia, né, mas...tem tudo isso né...não temos verba, não temos tempo suficiente, no ano passado em fiquei o ano todinho sozinha, né.... o dia todo! Aí ou ficava trabalhando de graça, ou a biblioteca fechava...foi onde faltou muito material, porque daí o pessoal ia lá embaixo, pegava a chave, subia, e o pouco material que a gente tinha, os melhores...sumiu tudo. Nós temos muita dificuldade, nós não temos nada de Florianópolis, Santa Catarina que é a parte da nossa ...que os alunos trabalham, a gente não tem nada. É muito pouca coisa e o que tem tá defasado já. Então, isso tudo a gente conversou, agora vai ter obra para o final do ano na escola, a gente tem criança deficiente...então aqui vão derrubar essa parede e fazer uma rampa.

Daí a biblioteca continua aqui em cima?

Aqui em cima na verdade é mais calmo, lá embaixo tem muito barulho. Eu acho que o aluno que quer fazer trabalho ele não pode tá naquele barulho todo. Uma das coisas que nós

cortamos foi o castigo na biblioteca, tiramos isso. Mandavam pra cá, não tinha o que fazer. Então quer dizer, manda dois, três de cada turma, a biblioteca não tem essa capacidade, entende, muitas vezes eu pegava o aluno e levava pra direção, ou setor responsável. Biblioteca não é castigo. Acho que ele tem que gostar de vim e ficar. Tem uma ala lá embaixo que a gente tá tentando montar um cantinho cultural lá embaixo, onde eles possam colocar os trabalhos deles, uma ala isolada da escola. Senão é grade de um lado, grade do outro. As crianças brincam que é o Carandiru. Quero dá uma vida lá embaixo. Sei lá colocar alguma coisa, já conseguimos colocar umas folhagens pra dar um ar melhor, né. Eu faço parte da APP também, e é onde eu consigo muita coisa. Até agora eu fiz um levantamento de livros de literatura que eles estão precisando. O consumo é muito grande nessa parte dos livros. Eu vou se consigo, não é muito, mas...o próprio pessoal do ...Acorda Brasil, alguma coisa que fica esquecida na Secretaria, mais alguma coisa que a APP compra. Até papel velho...nós guardamos tudo, colocamos tudo numa caixa e depois a gente vende. Essa semana eu consegui mais cento e treze reais, pode ser que tenha um pouquinho pra nós. É um trabalho bem a longo prazo. A gente não tem recursos...Vamos fazer um concurso de poesia, mas tudo rola dinheiro e nós não temos. Ou é da APP, ou é da Secretaria. Nessa parte fica a nossa dificuldade. Essa menina que veio aqui agora é da APP...com ela a gente tá construindo muita coisa, por exemplo, lá naquela ala de baixo, já consegui pintura das paredes pra eles colocarem os trabalhos, não tinha nada. E a biblioteca tá perdendo espaço. Por exemplo, aquela sala ali [aponta para uma das paredes] era nossa. E ficou sendo a sala da “zzzzz” [orientadora ou psicóloga]. E é assim. A gente tá pedindo dicionário de inglês desde o ano passado...eu consigo muitas coisas com as editoras também. Ao mesmo tempo que a gente vai comprar alguma coisa, a gente sempre ganha uns dez livros a mais. E assim a gente faz o trabalho...Depois que eu to aqui a gente já conseguiu duas enciclopédias novas, mais alguns livros tão faltando. Aqui falta muito livro. Tinha novos de Geografia, já tá faltando a metade. A gente tem essa dificuldade...as vezes o próprio professor.

Os nossos dicionários estavam horríveis, nós mesmos demos uma arrumada. Colamos...pra improvisar por mais um tempo até a gente conseguir comprar mais. E desse jeito a gente vai levando. Tô fazendo a relação de gramática que estamos sem. Antes a Secretaria comprava material e ia mandando, mas o que precisa na minha escola, é o que precisa na sua? Agora eles tão comprando de acordo com aquilo que a gente tá pedindo. Ficou bem melhor o trabalho.

Quanto ao professor... na verdade, o professor, ele não chega na biblioteca. É difícil ver um professor aqui na biblioteca. Então, por exemplo, quando chegam livros novos, a gente faz listagem, colocamos lá embaixo, divulgamos...chegou livro assim, assim...mas é difícil. É mais fácil, trabalhar com o aluno do que com o professor. É complicado. Mas, no mais a gente, às vezes a gente também fica assim... O aluno chega quero explicação dessa matéria aqui porque eu não entendi... Pôxa,, também não sou polivalente, tenho que saber tudo. Aí eu vou atrás do professor conversar pra ver se eu consigo depois transmitir pro aluno. Tem essa parte.

O que você pensa que há de mais importante dentre as responsabilidades do bibliotecário que atua em ambiente escolar, levando em conta que é um profissional que tem como objeto de trabalho, a informação?

Olha, pra mim...eu sempre comento que nós temos sempre, a nossa preocupação é o usuário. Tá? Porque o processo técnico não vai...eles não sabe se tem, se não tem. Nós utilizamos caixinha de sapato de arquivo, porque nós não temos nada. Então a primeira coisa é a seleção de material e o usuário. É o mais importante. Porque vc pode ter pouca coisa, mas se o acervo for de qualidade, vale mais que um monte de livros e não ter utilidade. Pelo menos do que tá aqui, todos são bem utilizados.

Como você conceitua Senso Crítico?

Acho que todos nós desenvolvemos essa parte do senso crítico, essa coisarada, e, como eu vou poder te explicar?

Seria uma capacidade que a pessoa tem...?

Além da capacidade, como eu sempre falo...quando a gente faz alguma coisa, se foi bom, se foi ruim, e que a gente também diga, olha o trabalho não ficou bom assim...Então eu acho que eu poderia passar para eles seria isso. Se o trabalho foi bom, se não foi ...que eles também façam a avaliação. Ó acho que não te legal isso que tu tá desenvolvendo na biblioteca, tem que ter mais responsabilidade. Eu acho que seria nessa faixa, a gente critica, mas sabendo a hora que deve falar.

Então pra vc teria muito haver com opinião?

É, com opinião.

Como você acha que o bibliotecário que atua em biblioteca escolar pode participar do despertar do senso crítico do aluno?

Muitas vezes, a gente que vai em reunião de pais, reunião pedagógica, avaliação das turmas, a gente conhece todos os alunos. Então a gente sabe quem estuda, quem não estuda, tem trabalho em equipe, duas tão conversando, duas tão fazendo o trabalho. Ai, digamos, essas duas que estão fazendo o trabalho tão com a média inferior a outras duas. Então os professores perguntam muito como é que eles estão fazendo o trabalho, como foi. Então, as vezes, isso conta muito pra eles levarem um ponto a mais, pra ir com média, porque tudo é contado né. Então a gente sabe, e os professores também, quem passa por aqui, quem não passa. E nós temos uma meia dúzia de alunos que vêm pra cá, mas são outros que fazem o trabalho para eles. Então a gente tem muito que estar participando dessa parte. E quando acontece problemas, eu tive problemas de saúde bem sério e tive que faltar uns dias, então fui bem criticada, porque não tem biblioteca, porque a biblioteca tá fechada...a gente nunca pode ficar doente. Tive que fazer uma cirurgia também.

E de alguma forma...por exemplo o auxílio a pesquisa que vocês fazem aqui, o incentivo ao gosto pela leitura, você acha que, de alguma forma, também pode influenciar na formação da opinião dos alunos?

Ah sim. É por isso que às vezes a gente começa uma história e coloca aqui no mural, né. E o aluno quer saber...Tem também a Hora do Conto. Conto até uma parte... e eles pedem “conta o final da história!” Não, o final da história, vocês vão ter que ler o livro. Então, isso ajuda muito, porque um passa pro outro, por causa da curiosidade deles.

E a curiosidade leva a querer saber mais...

É. Por exemplo, tem alunos que, a gente conseguiu aqueles livros com relevos sobre os animais, aquelas coisas todas, então todos querem vir para cá, querem sentar e pegar aqueles livros. E aquele material eu não deixo levar pra casa, porque se levar eles começam a puxar e ...então eles têm acesso a todos aqui. Fica quarenta minutos cada turma aqui dentro daí pegam um livro pra ler e pegam outros. E têm toda a liberdade. Ai eles perguntam muito o que é que eu achei daquele livro, se o livro é bom, as vezes eu nem li o livro, aí eu digo “acho que tu vai gostar.

Espaço Aberto [som prejudicado]

Faz dez anos que eu tô nessa escola, adoro trabalhar aqui. Gosto, mas gosto mesmo. Me dou bem com todo mundo, participo de tudo com eles. A gente tem muitos adolescentes, e eles gostam de ficar conversando, contam coisas, como se fosse a mãe...A minha filha estuda aqui e se eu deixar, no final de semana, vão 15 crianças pra minha casa. Eu tenho um bom relacionamento com eles. E do pessoal da Secretaria, como a gente tava comentando, toda vida era a mesma coisa, agora mudou. Sobre o seu trabalho...nunca veio nada pra mim. Veio agora. Tto aqui há dez anos e nunca uma coordenadora veio visitar a escola. E também não adianta muita reunião, principalmente com os auxiliares junto, se pra gente, o que tem efeito é a prática.

Bibliotecário 05

Quais os recursos/ estrutura disponíveis para o desenvolvimento das atividades planejadas por você?

Os recursos da nossa biblioteca são bem precários, porque a gente, a nossa biblioteca é mantida por doações, poucas compras através da escola, algum material é adquirido com a venda de papel reciclado que é feito junto com a sala de materiais, e o material que é encaminha do pela Secretaria da Educação que no ano que passou e esse ano foi bastante significativo.

Atende bem a necessidade da escola?

Não atende, mas antes, esse material quase não vinha pra gente, pela Secretaria, entendeu? E agora já tá vindo muito mais. Antes a gente não tinha esse acervo. Sabe, assim, receber 100 livros de uma vez, 200, entendeu, agora a Secretaria já tá mandando bastante livro.

E pessoal, você trabalha sozinha aqui na biblioteca?

Trabalho na parte da manhã sozinha e tenho uma funcionária, que não é professora, eu não sei o cargo dela, mas ela já está na biblioteca, acho que há uns quinze anos. Ela trabalha no período da tarde.

E é o suficiente?

Eu cheguei aqui nessa escola no ano passado, to aqui há um ano e pouquinho, e quando eu cheguei aqui na biblioteca, ela era praticamente um depósito. Era um depósito de livros velhos, de jornal, de revista, ninguém achava nada. É porque a pessoa que trabalhava aqui não tem uma capacitação, entendeu? Então ela não tinha, como é que eu posso dizer, não tinha um controle do material que saia, do material que chegava, era tudo assim muito desorganizado, e depois teve outra pessoa que trabalhava aqui, uma bibliotecária que não conseguiu trabalhar junto com essa pessoa, porque a bibliotecária chegou nova e a funcionária já tinha tempo de casa, e ficaram três anos, acredito, brigando, então uma não fazia, e a outra também não, uma fazia dum jeito, a outra fazia de outro. Então ficou meio assim, sabe, essa biblioteca, ela existia, mas praticamente quase que não conseguia funcionar. E depois que eu cheguei, eu cheguei aqui com experiência que eu já tinha de uma outra escola que eu peguei assim meio sem uma organização, arrumei, organizei, de um jeito que as pessoas podem chegar ali...quer um livro de poesia e sabe ir a uma prateleira, se encontrar, e não ter que procurar na biblioteca inteira, “onde que ta? Ah! ta aqui”. Dei uma ajeitada, né? Não é o ideal, mas ta funcionando.

Você entrou na Rede quando?

Eu já tenho 16 anos de prefeitura. Não sempre bibliotecária, tá? Eu trabalhei acho que dois anos numa escola “X”, e agora aqui. To há mais ou menos, uns quatro anos na biblioteca.

Estes recursos são base para uma atuação da biblioteca no contexto pedagógico? Como você desenvolve suas atividades?

[considereei respondida]

Há atividades desenvolvidas em conjunto com os professores? Que ações articulam em conjunto? Em que momento?

Na outra escola que eu trabalhei, eu desenvolvi uma atividade junto com a sala de informática. A gente fez um projeto, a gente montou um gibi. Foi muito legal, a gente levou pra Congresso, eles apresentaram, aí foi um trabalho bem legal. Foi com a turma da ...quarta série, se não me falha a memória. Aqui nessa escola, devido ao meu tempo, que eu tive que organizar, tudo, quer dizer, sobrava muito pouco tempo pra mim sentar com o professor, mesmo assim, eu faço Hora do Conto com alunos de primeira à quarta série, uma vez por semana, aí é assim ó, vem os alunos pra cá de primeira série, eu conto uma história, depois

que eu conto a história a gente faz uma atividade, ou eles lêem um livro e contam pra mim ou olham a revista, cada dia, eu tenho ali, se quiseres ver depois, todas as Horas do Conto que eu fiz com eles especificadas. Faço empréstimo, isso de primeira à quarta, empréstimo pra levar pra casa. E do ginásio, só no ano passado que eu trabalhei com a professora de Português, porque ela fazia trabalhos literários, aí ela vinha aqui, a gente ajudava na escolha, só isso. E fiz um projeto que não foi com professor, meu, de uma brinquedoteca. Ele já foi aprovado a gente tá só esperando chegar os brinquedinhos. Esse projeto eu também fiz na outra escola e foi aprovado, e eu montei lá. Só que quando eu montei eu saí, e aí deu pra aproveitar só um pouquinho do projeto. Mas, a brinquedoteca é muito legal. Dá pra funcionar bem junto com a biblioteca.

Há um envolvimento maior de outros professores também além do professor de português?

Não. Professor é uma coisa séria. Ele, às vezes, eu digo assim ó, quando der um trabalho, vai na biblioteca, pra ver se a gente tem o assunto, porque tem muitos assuntos novos que a nossa biblioteca não tem. Sabe? Tem muita coisa diferente que a nossa biblioteca não tem. Então, às vezes, eles dão esses assuntos e mandam o aluno pesquisar. Não dizendo pro aluno que ele tem que vir pra biblioteca da escola, ele só dá o trabalho e diz: “Vão pesquisar!”. Aí o aluno chega aqui, às vezes fica, “ah! Não tem isso, não sei o que! Vou ter que sair do bairro, vou ter que ir lá na universidade, lá na biblioteca pública!”. Então, eles não gostam. Mas não tem nenhum interesse...a maioria, tá! A maioria não procura a biblioteca pra ver o que tem. Agora tem chego bastante livros novos pra o professor, são bem poucos os que vem aqui, que olham, sabe?! O que eles me falam é o seguinte: “a gente não tem tempo”. “Não dá pra ir, é corrido”. Sabe, então...Como sempre, né. A biblioteca parece que funciona, é uma coisa à parte da escola. O que é engraçado, os alunos adoram a biblioteca, mas os funcionários assim, os professores mesmo, não sei...Agora a gente recebe Revista Veja, toda semana tem revista. São incapazes de vir aqui ler. E eu não empresto pra levar para casa. Não empresto porque vai e não volta. E se vai, o aluno quer olhar a revista aqui, e não tem revista. Então a revista fica ali e ninguém olha. Não querem sair lá da sala dos professores, num momentinho de folga pra olhar uma revista, um material. É bem difícil, professor e biblioteca...

Você falou que a biblioteca aqui é separada, fica à parte. E no PPP, ela está inserida? E o PPP dá suporte para o desenvolvimento das atividades?

Quando eu cheguei aqui tinha uma relação assim de, no PPP, de os nós da biblioteca. Era tudo nó. Empréstimo, aluno na biblioteca, horários, olha, vou te falar, tinha a classificação dos livros, tinha uns dez nós na biblioteca. Que eles não conseguiam resolver, aquilo ali já tava assim pra eles, sabe, o professor não conseguia, a supervisora não conseguia, a orientadora, a diretora, ninguém conseguia resolver aquilo. Tá, depois que eu comecei a fazer o trabalho aqui, fizeram uma reunião e me falaram todos os nós e começaram “esse aqui já acabou, esse aqui não tem mais!” Ficou assim, ó uns três nós pra resolver. Que eu não acredito que seja nó. Aquilo ali pra mim é tão normal, aquilo ali é o meu trabalho, aquilo ali não é nó. Aquilo tem que ser feito, se não fizer a biblioteca não anda. E aquilo dali ficou em nada, não tem mais nó na biblioteca. Aí quando acontecem essas reuniões de diretora e supervisora é colocado, que precisa aumentar o acervo. Mas não depende de mim. A escola ganha dinheiro do Acorda Brasil, não depende de mim quem vai encaminhar o dinheiro, o que vai ser feito com o dinheiro. Às vezes eles jogam lá um dinheirinho pra biblioteca, entende? Às vezes! A própria administração da escola. E em toda escola é assim, isso se não tiver prioridade em outra coisa, porque a biblioteca é a única a não ter prioridade. Sempre foi assim. Ano passado lembro que uma professora falou: “o trabalho desenvolvido na biblioteca é muito bom. Esse trabalho, no começo do ano que vem, tem que fazer um kit de material, de tesourinha, de caneta, de lápis, de papel diferente, sem ser essa daqui, tem que ter que é pra dar mais incentivo pra biblioteca”, né, porque as crianças olham. E não acontece nada. Só falaram, anotaram e fim. Aí, outro dia eu tava olhando ali no mural da

escola onde tá os nós, o que há a ser feito e as pessoas que estão envolvidas. Olhei, olhei e olhei e disse: “Bem, o meu papel eu já fiz porque o projeto que eu tinha apresentar da brinquedoteca, já saiu”, e tinha outro lá que também já tá feito, só falta a diretora cumprir com a parte dela que é aquisição de livros, que não me cabe. É complicado, é complicado.

Você falou que o que constava da biblioteca no PPP eram os nós, ou seja, os problemas vistos por eles. Você acha que se houvesse, por exemplo, uma localização mais favorável da biblioteca dentro desse Projeto, trabalhando principalmente a interdisciplinaridade que a biblioteca tem, podendo viajar da Matemática pro Português, trabalhando junto com esses professores, você acha que isso teria a possibilidades de acontecer e de melhorar, porque assim, você teria como estar embasando as atividades de acordo com o PPP?

É porque assim, a biblioteca...Eu sou bibliotecária, eu tenho aluno, mas são todos os alunos, eu não tenho uma turma pra trabalhar, é diferente. Na outra escola eu fazia, tipo assim, Poesia, um projetinho, mas eu e os alunos. Participava quem queria. E pra participar eu tinha que oferecer um brinde. Senão também ninguém vem. ..vou fazer poesia pra que? Eu já fiz lá de escrever carta, escrever uma carta para o pai, e a carta mais bonita a gente mandou pelo correio, sabe! Eram coisas assim, mas que tu vai catando uma aqui, outro ali, outro lá, outro acolá, e, além disso, tu trabalha sozinha. E aí tu vai ter que ter, como eu falei no começo, um brinde. Tem que ter alguma coisa. Na outra escola que eu trabalhei, lá é uma comunidade muito carente, qualquer caneta pra eles era o máximo. Mas a comunidade da aqui não é tão carente. Aqui o pessoal já tem um poder aquisitivo um pouco melhor, o pessoal vive de Turismo, não que sejam ricos, mas não é qualquer brindezinho que vai chamar a atenção deles. Então já fica um pouquinho mais complicado. E esperar que o professor venha te procurar, com certeza, ele não vem. Por isso que é difícil integrar professor e biblioteca. Agora se algum professor viesse me procurar, com certeza eu iria. Esse ano, eu fui procurada pela sala de informática, pra fazer um projeto com a terceira série. Mas a terceira série dessa escola, menina, eles são terríveis. É uma turma grande, que ainda não aprendeu a usar um micro, que ainda não aprendeu a se comportar numa biblioteca, eu falei, eu disse não. “Não vou pra sala de informática, porque eles não sabem manusear um livro, imagina o mouse. ...Ah, mas o mouse é mais atrativo!... Eu sei mas o meu trabalho aqui ainda é com o livro”. Que a gente pega, abre, amassa, dobra, sabe, que tu fica te deliciando com ele. Eu disse que não era o momento pra eu fazer. Aí a professora resolveu fazer, depois de umas quatro aulas ela chegou pra mim e disse: “foi a pior viagem que eu fiz!” Eles não sabem se comportar, eles não entendem do computador. Ela disse que se arrependeu. Então, quando alguém vem me sugerir um projeto, eu vejo se tenho condições ou não. Fazer um coisa pela metade, mas vale nem começar, né?!

O que você pensa que há de mais importante dentre as responsabilidades do bibliotecário que atua em ambiente escolar, levando em conta que é um profissional que tem como objeto de trabalho, a informação?

Eu acho, eu acho não, eu tenho certeza, que pra mim, trazer o aluno para a biblioteca. Pra ele pegar o livro, pelo menos ele pega o livro, abre, dá uma ladinha, mesmo que ele não tenha interesse em ler o livro, mas pelo menos ele vem aqui, e começa a mexer em tudo pra ver o que é que tem. Pra ele despertar, né?! Eles gostam de vir, mas tem preguiça de ler. Eles gostam de vir aqui, de ficar conversando com os amigos, ficar namorando, coisa de adolescente. O primário gosta de vir aqui, às vezes não consegue ler, mas o fato de pegar um livro. Pra mim isso é o básico, ter aluno na biblioteca. Eu ficar aqui, olhando pra parede sem ninguém...

Quando eu falo pra você Senso Crítico. O que você pensa? Qual seu conceito de Senso Crítico?

Pra mim, não sei se eu entendi. Que ele venha aqui [o aluno], eles façam um trabalho, que ele abra os livros, que ele leia, e que daqui a pouco ele comece a escrever com as próprias palavras. Não ele chegar aqui, pegar um livro, xerocar, copiar e tchau, bênção, boa noite. Isso aí eu acho horrível. Eu acho que ele começa a ter um senso crítico na hora que ele vai lendo, aí ele já vai abrindo a visão dele pra outra coisa. Eu penso assim.

Como você acha que o bibliotecário que atua em biblioteca escolar pode participar do despertar do senso crítico do aluno? Você falou que o mais importante é trazer o aluno pra biblioteca, isso de certa forma, na sua opinião, é uma participação sua nesse processo de produção e de descoberta de opiniões próprias, certo? Você acha que há mais algum momento em que essa participação pode ser efetiva?

Além dele vir, dele fazer uma pesquisa e não xerocar, nem copiar? Eu penso que eu poderia, quando eu montar a brinquedoteca, eu acho que também vai despertar o senso crítico dele. Vai ter jogos, e depois a gente vai mexer com a imaginação deles. Eu já tive experiência de menininhas de 12 anos na brinquedoteca pegando bonequinha e empurrando no carrinho, e na rua, elas já tinham namoradinho. Então aí a gente começa a perceber que essas crianças não tiveram assim um despertar pra vida, um despertar pro dia a dia, elas pularam uma parte da vida delas, e elas estão lá na frente, e não sei com que senso elas tem, como elas olham o mundo, como elas interpretam as coisas. Porque teve uma fase da vida delas que elas pularam. Com a brinquedoteca, eu acho que vai despertar bastante.

Espaço Aberto

Eu queria fazer uma colocação assim. A gente que é da Rede Municipal, a gente quer muito, entendeu? A gente quer o máximo pra nossa biblioteca e que às vezes vem tão lentamente. E as informações, cada dia nasce uma diferente, e nosso trabalho é tão devagar. Não que a gente queira que isso seja assim, o Sistema que a gente vive, deixa a gente assim, às vezes, de mãos atadas. A gente quer, não voar muito alto, mas a gente quer um pouquinho mais do que as bibliotecas escolares, que como eu te falei no começo, andam esquecidas. Agora que ta tendo um incentivo maior, mas ainda, com muito custo a gente consegue as coisas. Ta aí a Internet. Nós na biblioteca não temos computador. É uma coisa tão básica. O computador ta comprado? Tá, mas ele ta há um ano lá na caixa. Que é que falta? Fazer a fiação. Até que esse computador, já acabou a validade dele. O programa não chegou. Então a gente poderia oferecer para o aluno outros meios de informação, a gente ainda está no precário livro. Falo precário livro porque as nossas aquisições são poucas. E a gente vive mais de doação. E a doação é assim. O livro tá há 15 anos lá na prateleira na casa de uma pessoa, aí ela resolve dar uma faxina e diz que tá doando um livro de geografia de quinze anos atrás, entendeu? Aí vem aquela Barsa de não sei quando, aí vem aqueles livros empoeirados. Aproveita um, dois, e ainda não vou ser tão de descartar tudo. Então eu acho que a biblioteca tem que ser vista com outros olhos. A biblioteca não tem que ficar no fundo da escola, nem no meio, ela tem que ficar lá na entrada da escola, onde o pai entre pra trazer seu filho, e olhe que ali tem um monte de livro, que ele entra, e também vai conhecer o acervo, vai olhar, vai ver que tem alguém ali fazendo um trabalho. Não pode ficar assim no fundo. Isso aqui é a coisa mais horrível que tem, porque ninguém passa por aqui. Qual é o pai que vai passar por aqui? Passa por que o aluno que vai pra sala de aula e passa correndo porque já ta na hora da aula. Então, primeira coisa a biblioteca tem que estar na porta de entrada, ela tem que ser o cartão de visita da escola. E não a secretaria da escola. A secretaria da escola, ela pode funcionar lá no fundo. Por que aí o pai passa por toda a escola, por todas as salas de aula, passa pela biblioteca, pelo laboratório, vai ver o espaço físico. Agora o pai chega aqui, é chamado na orientadora, a orientadora é a primeira porta. Ele entra, sai, vai embora. Que é que ele conheceu? Ele sabe onde o filho dele senta? Conhece a carteira? O quadro? Conhece...mal e mal conhece o professor, sabe? Não é o papel da biblioteca ficar no fundo. Parece que eles atribuem à salinha que tá desocupada para ser a biblioteca. Chamam de

biblioteca, porque a gente é bibliotecário e tenta arrumar. Mas, a bem da verdade, às vezes isso aqui são depósitos, de entulho, de coisa ultrapassada. Então é isso que eu tinha pra falar...o meu desabafo pessoal, mas a gente leva, né?! Pra trabalhar a gente faz o possível. O melhor pro aluno a gente tem que fazer.

Bibliotecário 06

Quais os recursos/ estrutura disponíveis para o desenvolvimento das atividades planejadas por você?

Em primeiro lugar assim, espaço físico, ele é limitado. Conhecendo a realidade da biblioteca escolar, a nossa biblioteca, a da rede municipal, eu percebo que ele tem um acervo muito bom. Não vou dizer que ela chega a atender toda a explosão de informação do país, mas pro nosso, vendo o contexto geral, ela tem um acervo bom. Quanto a recursos que a biblioteca dispõe, ainda nós não temos o computador, que é necessário, não vai resolver todos os problemas, mas é necessário. A gente faz tudo manual, isso é muito complicado. Eu acho que falta o lado pessoal, eu estou aqui há quase um ano, trabalho 6 horas, aí faço um horário...então é difícil tu conciliar a parte técnica e a parte de dinamização. Isso dificulta bastante. Mas não é impossível, né. Mesmo assim, a gente tem que fazer bons trabalhos, trazendo os próprios funcionários da escola, professores, pra nos ajudar. Se falta pessoal, falta espaço físico, a gente não vai fazer? Melhoraria o nosso trabalho, mas isso não é uma, não impede. Dificulta um pouco.

Estes recursos são base para uma atuação da biblioteca no contexto pedagógico? Como você desenvolve suas atividades?

Porque eu penso assim, a universidade, ela nos coloca, quando a gente sai da universidade, a gente pensa...como é que vou usar todas aquelas ferramentas que me deram, e na verdade, o nosso terreno, o nosso campo, ele ainda nem foi arado. Então como eu vou fazer isso? E lá eles nos mostraram uma realidade pronta, ideal. E na nossa vida...tem um autor que coloca assim “O ideal não existe”, foi Max Weber, né?! E realmente, tá certíssimo. Você tem que se adaptar, se a biblioteca é pequena então eu tenho que ir pra rua, se não tem pessoal, vou pegar, vou ver com professor. Tem que achar formas pra mostra o seu papel. O meio não vem assim pronto. Você tem que achar formas. Às vezes a gente pensa que sai da universidade, “eu vou ter meu espaço, meu papel já tá pronto, eles já vão saber o que é que eu vou fazer.” E não é assim. Você tem que gerar a necessidade do teu papel. Tu tens que buscar formas que tu sejas necessário, tens que construir o teu papel social, ele não vem pronto. Isso é muito importante. Tens que se fazer necessário. Faço coisas assim que...meu Deus, a gente vai além do nosso trabalho pra buscar o nosso perfil.

Há atividades desenvolvidas em conjunto com os professores? Que ações articulam em conjunto? Em que momento?

Eu trabalho com o professor. Eu não me vejo, A biblioteca e O professor. Eu acho assim, eu já vim com essa concepção: eu estou inserida na escola, isso é um pressuposto meu. Eu estou dentro da escola, então como é que vou trabalhar numa escola sem o professor? E o professor é a mola mestra de todo o processo. Ou a gente se alia a ele, ou então...Então eu não me vejo assim “o que é que tu faz com o professor”...tudo! O meu trabalho é voltado a eles. A eles, e em primeiro lugar ao aluno, né? Tudo. O empréstimo de livro, gente discute...sugere livros...sugere coisas...”professor, você já notou que aquele aluno tá conseguindo...vamos mostra aquele livro, lembra aquele livro...” Eu não me vejo, e a gente tem que buscar isso. O aluno vem fazer a pesquisa, então eu digo “sabe aquela pesquisa, eu acho que eles tão tendo dificuldades”. E sem querer o professor vai entrando e vai vendo. Então uma coisa, o professor, antes de dar a pesquisa ele vem falar comigo. Geralmente

todos vêm. Um ou outro não. Eu digo, professor passa pra mim, pra que eu consiga...não é chegar e o livro tá aqui. Eu quero entender o que o professor quer e daí é muito legal, porque, sem querer, tu entra na pesquisa, sai daquela coisa técnica. Sutilmente tu tenta te inserir... Depois tem a Hora do Conto. Não é uma Hooora. Eu trabalho com disciplinas e eu envolvo de primeira a oitava série. Eu me preocupo muito, a gente, o bibliotecário sempre é um contador de história. E isso eu tenho muita preocupação nisso. Porque o bibliotecário não pode só fazer isso. Tem que fazer isso, mas também fazer com que o professor veja que é tão importante, e que ele faça isso na sala de aula. Acho que nós é que temos que desenvolver no professor essa prática de contar história. Não só nós. E aí sim, aleatoriamente, nós...

Ainda sobre essa pergunta, você tá trabalhando aqui há quanto tempo?

Há cinco anos.

Você disse que chegou já com esse entendimento de trabalho em conjunto. E como é que foi a recepção deles? Foi muito trabalhoso você conseguir esses resultados de aceitação? Você sentiu que a biblioteca pra eles era vista meio fora da estrutura da escola e conseqüentemente o bibliotecário também?

Olha, por incrível que pareça eu não tive esse problema. Sabe, eu vejo que o pessoal aqui foi muito consciente. E até quando eu entrei aqui eu tive muitas dificuldades com as crianças, [...], e eu tive um apoio muito grande. Eu desde que me formei, eu já trabalhava como substituta na Rede, nas bibliotecas. E depois eu trabalhei um tempo na Secretaria. Então eu já era meio conhecida, já sabiam do meu trabalho, então eu não tive tanta dificuldade com os professores. Eu tive dificuldades porque tem a Pedagogia...quando teve aquela...o Construtivismo, a biblioteca sofreu. Não que eu ache o Construtivismo não seja bom. Mas teve uma falta de entendimento. Teve-se uma impressão de que tudo podia. Foi extremo. Ou nada, ou tudo, então tive problemas e tinha que dizer “não, na biblioteca não se joga bola, na biblioteca não se joga os livros no chão”. ..ah! mas a gente gosta tanto da biblioteca que a gente vai lá e joga os livros no chão. Calma aí! Pode gostar, mas não pode comprometer o espaço. Gostar do espaço “Nós”. A biblioteca é “Nós”. Então tive que resgatar isso tanto no professor, quanto no aluno. Ele não ia poder fazer tudo o que ele quisesse. Então isso eu tive que conquistar, nos professores também. Vamos mostrar pro aluno o limite. E agora, depois de cinco anos, o aluno levava o livro e entregava quando ele queria. E dizia: “trouxe porque eu quis”. Mais de 400 alunos, então isso foi difícil. E ao mesmo tempo há um medo, né, que tu seja tradicional...Foi bem trabalhoso, mas eu acho que pra ele ser inserido numa sociedade, ele tem que saber se comportar. Como é que ele vai numa biblioteca pública se ele chega aqui e ganha tudo na mão? E esse é um erro meu. Eu ainda dou muito na mão. Mas é que eu penso que enquanto o acervo não tiver catalogado, eu ainda tenho que...Mas tento deixar que eles sejam o mais independente possível.

Você poderia falar um pouco dos projetos que você desenvolve? Existe algum permanente?

Permanente? Eu acho assim...eu comecei há um tempo atrás a diminuir Hora do Conta, porque eu tinha semanalmente a Hora do Conto, e me questioneei. Eles vem a gente lê um livro, será que eles tão afim, será que tão gostando? Aí eu pensei “vou trabalhar com projetos”. Daí eu comecei a realizar, daí os alunos começaram a reclamar, mais de primeira a quarta, eu comecei a ver que realmente eles achavam que estimular a leitura era só contar história. Mas não é isso. Tem n formas. Ai eu me identifiquei com a importância da gente fazer do aluno um ser crítico. Ele ser um cidadão que interage nessa História que nós temos aí. Que ele seja um construtor dessa História que tá aí. Então o que eu fiz? Comecei a trabalhar com temas. Fiz um jornalzinho e foi muito bom. Eu comecei a trabalhar as eleições. Cada turma trabalhava com um tema. Eu trabalhei aquele a Serafina, a criança que trabalha, conversamos sobre o trabalho infantil, a exploração, depois era época das eleições, qual é o perfil de presidente que vocês querem? Se você fosse presidente, quais as reformas que você faria? Então eles se inseriram no contexto social. É fazer o aluno se questionar, fazer ele

pensar, ser consciente, porque a escola, tem seus problemas, e não pode...então eu achei muito importante. Tudo o que eu posso unir a Literatura e a História, eu acho que se tu entender de literatura, tu vai entender História. Então eu vou falar do último que eu fiz que foi sobre um importante nome da história do Brasil. Pensei, a mídia tá aí, e a gente não vai querer negar e nem competir com ela. Vamos nos aliar. Falei é uma coisa excelente e a gente sabe que as crianças estavam ligadas. Daí falei com os professores, e começamos. Foi um trabalho muito bom. Contamos a História, e depois começamos a questionar. E isso envolveu o senso crítico deles. Como era o Império? O Rei? Por que era que essa personagem lutava? E hoje, quem é essa personagem de hoje? Daí eu também coloquei a questão da mulher, a mulher de ontem e de hoje, qual foi a evolução. Fomos até a Literatura e vimos que tem uma poetisa catarinense que escreveu sobre a personagem, e eles representaram algumas estrofes através da arte. Foi impressionante. Eles leram e aplicaram. De primeira a oitava série eu pude ver o conhecimento que eles tiveram da História.

Daí também o Drummond, que foi muito bom. Ele tem uma visão revolucionária. Não é aquela poesia bonitinha. Ele também denunciava. Então foi muito bom. Eu procuro temas, não aquela coisa bonita e maravilhosa, mas que questione. Que faça eles entenderem que não é bem assim. O que me impressionou é que eu pedi pra eles escreverem uma carta pro Drummond, se ele estivesse vivo. E uma criança escreveu que achou muito boba aquela poesia do Meio do Caminho, que ele faria melhor, mas aí eu comecei o questionamento, o que é o meio do caminho? E uma outra criança numa outra série, a gente trabalhou com paráfrases. E ele colocou no lugar de “no meio do caminho tinha uma pedra”, no meio do caminho tinha uma biblioteca.

Pelo que eu senti, apesar das dificuldades, os projetos fluem bem. Então eu queria te perguntar o seguinte: A escola tem um PPP, certo? A biblioteca está inserida nesse projeto?

Ta.

E você acha que essa facilidade em bem desenvolver todas essas atividades tem haver com a inserção da biblioteca no Projeto?

Lógico, porque assim, ó. O bibliotecário, ele tem, ele vai fazer parte do grupo escolar. E pra isso, ele tem que, em reunião, poder opinar. E o PPP ele vai envolver. Quando a gente fala o nó formar um aluno crítico, se não tiver a presença de uma biblioteca, é impossível. Tanto que eu to sempre disponível. Tá lá a “X”, colocando minha opinião. É por isso que eu digo. Você tem que entrar no Projeto. Se tu não conhece o Projeto Político Pedagógico, não pode ser bem nos teus projetos. Senão estaria trabalhando na contramão.

O que você pensa que há de mais importante dentre as responsabilidades do bibliotecário que atua em ambiente escolar, levando em conta que é um profissional que tem como objeto de trabalho, a informação?

Olha, a mais importante pra mim, é fazer com que o aluno perceba a importância da biblioteca. Por que estimular...eu penso assim, tudo é importante, mas se a gente não mostrar a importância duma biblioteca, hoje ele tá aqui, mas amanhã ele vai se formar. O nosso trabalho tem que ser essa base pra que ele busque outras bibliotecas. Então ele tem que saber que ela é fundamental para vida dele. Eu acho que se o bibliotecário fizer isso, o resto acontece. Se ele souber que sem a biblioteca ele não vai realizar bem os trabalhos dele, não vai se inserir nesse meio, nesse contexto social. O resto é consequência.

Você falou várias vezes em senso crítico, em aluno crítico. Como você conceitua Senso Crítico?

Eu acho que é a forma de entender...como é que posso falar...senso crítico só consegue quando você conhece uma coisa. Só pode questionar uma coisa à medida que tu tens conhecimento sobre ela. Então senso crítico é tu conhecer as várias formas de uma coisa. Eu acho isso.

Na tua fala já ficou bastante presente que você vê realmente o bibliotecário como um participante desse processo. A pergunta que estaria fechando nossa conversa é justamente sobre isso. Como você acha que o bibliotecário que atua em biblioteca escolar pode participar do processo de despertar do senso crítico do aluno? Tem mais alguma particularidade que você queira colocar?

Olha, eu vejo assim, tem que estar ligado...por exemplo, o Marketing hoje tá aí...Acho que um estudo de usuário, que eu acho que a gente faz no dia a dia, e um estudo do meio acho, e buscar estratégias...acho que não tem um fórmula certa. A cada dia... tem uma coisa que eu digo, o bibliotecário nunca tá...dizendo agora eu consegui espaço. Não! Todo dia ele tem que buscar o espaço dele. Ele não vai ter o espaço dele ali. Uma mínima informação tenho que buscar, estar sempre buscando. O marketing do bibliotecário. Hoje em dia nessa sociedade todo dia é um dia, é um recomeço.

Espaço Aberto

Bibliotecário 07

Quais os recursos/ estrutura disponíveis para o desenvolvimento das atividades planejadas pela biblioteca?

A biblioteca tem dois ambientes. Um específico pra pesquisa, com acervo pra pesquisa, com acervo de referência, enciclopédias, dicionários, gramáticas, mapas, tem Atlas e o acervo de livros paradidáticos e um pouco do acervo de didáticos para empréstimo. E também tem as mesas específicas para pesquisa, mural, tem aqui onde ficam os funcionários, armários com os materiais de uso técnico e revistas, tem o arquivo da hemeroteca, alguma informação pra pesquisa, e na outra sala, a gente tem brinquedoteca, com brinquedo da faixa de seis até quinze, dezesseis anos, com bonecas, carrinhos, jogos. Tem também mesas específicas pra crianças de sete, oito anos. São cinco mesas com cadeiras pequenas, em conjunto a sala de leitura e acervo de obras literárias. E no acervo de obras literárias a gente tem literatura universal, alguma coisa, clássicos, temos mais literatura infanto juvenil, coleções das Editoras Ática, Moderna, Scipione. As principais séries de livros, acervo de literatura brasileira moderna e antiga, e o acervo infantil, que são divididos em pouco texto, e pouco mais texto, para primeira e segunda séries e terceiras e quartas séries. Mas não fica dividido para eles, só pra controle nosso. Eles podem retirar qualquer tipo de livro, depende da vontade. O acervo é aberto pro aluno, assim como a brinquedoteca. O que a gente faz restrição é o uso da brinquedoteca, só acompanhado dos professores. Ou algumas exceções de auxiliares, ou quando o bibliotecário pode estar disponível para atuação junto aos alunos. A sala de literatura e brinquedoteca também é usada pra Hora do Conto, e encenação teatral que a gente tem projeto de oficina de teatro e algum tipo de atividade de leitura, de lazer, escutar som, escutar rádio. A dinâmica da biblioteca ela é muito...eventualmente que precisa tá dando atenção pra um aluno em separado, enquanto outras turmas estão pesquisando. Turmas de oitava série já tem uma certa autonomia, eles vêm, já pegam os materiais sozinhos, já ficam na sala de pesquisa enquanto a gente já pode tá trabalhando com outros alunos. Então não existe uma rotina com padrão definido. Tudo depende de como tá, se falta professor, se há reuniões, então a biblioteca é um apoio nesse momento, não como um tapaburacos, mas como apoio mesmo. Se os alunos não tem uma atividade pré determinada então vem aqui e fazem leitura, lêem gibis e tem as datas certas. A gente tem cronograma para as professoras de segunda e quarta séries de manhã, no horário que eu trabalho como bibliotecária, e à tarde todas as primeiras, segundas, terceiras e quartas séries têm o seu dia

marcado, horário de visitação. Não quer dizer que eles são obrigados a vir. Depende da atividade do professor. Se eles estão terminando alguma coisa e não podem descer, fica pra próxima semana ou fazer um arranjo pra que venham depois. Isso fica a cargo de cada professor e da disponibilidade da biblioteca, e também dos estagiários. Nas sextas-feiras ficou determinado pela Secretaria que nós não teríamos atendimento para o aluno, nem para o professor, seriam atividades internas. Mas também não é uma coisa que a gente é radical. Muitas vezes o aluno precisa de um livro, ou como tem carência de livro pra toda a turma, eles vêm buscar e levam e trazem de volta. A gente não fecha a biblioteca em nenhum momento. Nem ao menos na hora do recreio. Ela fica sempre aberta fazendo essa seleção. A gente tem aqui algumas, padrões de...que se espera dos alunos na entrada da biblioteca. Não entrar correndo, não pode comer, e também ta sempre acompanhando que atividade ele ta fazendo. Fica mais a cargo do bibliotecário e do estagiário. E o aluno, fora algumas exceções, ele não fica circulando por dentro da escola. Então as vezes eles terminam uma atividade mais cedo, uma prova, então eles descem aqui e ficam bastante à vontade. A gente não cria nenhum...assim,   transitório e eles não vêm tumultuar.

E quanto ao pessoal, você mencionou estagiários...

 , de manhã trabalho de 7:50 até 13:50, são trinta horas semanais pro bibliotecário, o estagiário pega das 13:00 e vai até as 17:00, tem pela Prefeitura e pelo CIEE. É um aluno de Ensino Médio que está bastante acostumado com a rotina da biblioteca, porque ele já foi aluno da escola, e ele já muito tempo trabalhou como voluntário da biblioteca e conhece as atividades, ta preparado, e ele desenvolve os projetos comigo. O informativo da escola feito pela sala informatizada e com a coordenadora da sala informatizada e com o estagiário da biblioteca. Ele conta as novidades que chegaram na biblioteca de acervo, atividades, como ela passou por uma reforma, foi praticamente reinaugurada, porque se trocou de sala. O acervo de pesquisa veio para onde era a brinquedoteca e a brinquedoteca foi para a outra sala.

E você está satisfeita com esta estrutura? Estes recursos são base para uma atua o da biblioteca no contexto pedagógico? Como você desenvolve suas atividades?

Ah sim! Sem dúvida. Não   possível o desenvolvimento de um projeto sem estar de acordo com o professor. Aí a gente sempre fica, de certa forma, na dependência da disponibilidade do professor junto aos alunos também. Então a gente procura fazer assim, atividades integradas. Biblioteca, sala informatizada, turma e os professores. Então nós fizemos um projeto de Ciências, e foi, eles coletaram todo o material aqui na biblioteca, desde as obras de referência, os livros didáticos antigos, figuras de corpo humano e fizeram na sala informatizada desenvolveram os textos e imagens e criaram para a futura constru o de um informativo que seria apresentado na Feira do Livro. Mas não teve porque a Prefeitura não teve dinheiro pra pôr o stand. E esse ano ta sendo feito também um trabalho com Vitor Meirelles, e se pretende fazer a partir da metade do ano, depois das férias em diante, um projeto de poesia. E antes foi feita toda uma movimentac o em torno de literatura em busca de novas narrativas com professora de Português, pra que eles pudessem participar de um concurso literário na Câmara do Livro. Foi feito, mandado cr nicas, poesia não, só no ano passado, e os alunos dessa escola são bastante produtivos. E a forma como ta agora, atualmente, a biblioteca tem um espaço muito bom, o pessoal ta muito satisfeito. To feliz em rela o do acompanhamento da dire o, no apoio aqui   biblioteca e aos profissionais. A dire o ta sempre a frente, e acompanhando tudo, e sempre o apoio pra que os alunos entendam o objetivos dos espaços daqui da biblioteca. Nunca acontece assim...os alunos não são agressivos, a gente não tem muitos problemas de comportamento.

Você mencionou o trabalho em conjunto com os professores. Isso seria reflexo da inser o da Biblioteca no Projeto Político Pedagógico da escola? Se a biblioteca está

dentro desse Projeto, ela tem o caráter da interdisciplinaridade? Você acha que isso ajuda no desenvolvimento do trabalho em conjunto?

O que foi colocado pra nós pela outra chefia, quando estavam implantando ainda as salas informatizadas, umas escolas já tinham, outras estavam no período de implantação, é que haveria essa integração sala informatizada/ biblioteca. Sempre como apoio às atividades pedagógicas. Isso foi colocado pra nós. Então a nossa, digamos assim, capacitação que a Prefeitura deu, foram no sentido de a gente tá preparado pra atuar junto com os equipamentos na sala informatizada e os equipamentos que vieram para a biblioteca, e também trabalhar com os acervos existentes, porque, claro que cada biblioteca tem uma característica diferente, a biblioteca escolar tem que ter o acervo diferente da biblioteca universitária, especializada e a gente aqui vai ter que...como a gente sai da Academia muito preparada, pelo menos na UFSC, pra atuar em biblioteca universitária e especializada, tu não tens, ainda fica meio conhecendo qual é a realidade da biblioteca escolar. Ela vai tá realmente mais voltada para o lado pedagógico e de pesquisa, do que exatamente para empréstimo de livros, então a gente tá mais conhecendo o acervo para pesquisa e as atividades pedagógicas que possam estar apoiando o projeto da escola. Então a gente tá assim, ajuda todos os anos a fazer o Projeto participando das reuniões, na semana pedagógica no início e na metade do ano que nós temos. E a gente tá sempre inserido dentro da escola, apesar de pertencer a um quadro diferente, o quadro civil, não é o magistério, a gente tá sempre acompanhando o andar da escola, dentro dela. E é pedido, né...o MEC...a gente tá sempre recebendo as informações pra rotina da escola através do MEC, através da Secretaria. Na sala dos professores, a gente tem um caderno informativo lá, e tudo assim, até mesmo agora, a escolha do livro didático que fica pra ser mandado pro MEC tem a participação dos bibliotecários, que tiveram cursos pra tá ajudando na escolha desse livro, e não ficar assim tão centralizados em especialistas e professores. Acho que assim...nessa interação...claro que vai haver, às vezes, um entendimento equivocado da atividade do bibliotecário, o bibliotecário pertencer a um quadro diferente, às vezes as posturas são diferentes. Mas, na medida do possível a gente tá sempre junto. Tô vendo uma participação frente à Prefeitura, mas mais dentro da escola. Porque frente à Prefeitura assim, a apresentação de documentos, então é mais a direção, e aí a gente tá mais, apesar de que a gente entrega projetos também pra chefia, a gente apresenta os trabalhos, tem uma participação sim. Mas não nessa parte de Projeto Político Pedagógico. Fica mais na discussão e na participação do projeto de todos os anos, né! E é cobrado, é cobrado do bibliotecário também, além da participação, esse entendimento do lado pedagógico da biblioteca.

E como você mesmo disse, muitas vezes o próprio profissional chega aqui sem ter essa noção, né?

Nossa! A gente veio de um concurso que admitiu 17 a 22 bibliotecários. E a gente veio meio assim sem saber ao certo o que ia encontrar. O pessoal encontrou bibliotecas com o acervo em caixas no chão, então o que foi feito de 98 até esse ano, eu acho que foi feito de trabalho bibliotecário foi uma construção de uma...de entendimento de biblioteca escolar e a existência mesmo. Porque dentro da leitura da Prefeitura não existe nem Bibliotecário escolar, nem biblioteca escolar. Nem pra nós na Academia tem essa leitura. Agora, então a partir de um certo tempo é que se voltou pra biblioteca escolar. E da existência dela. Coloca o acervo, tem livro didático, uma espécie de depósito, um trabalho usa livro didático mesmo. Claro que já tem escolas, principalmente privadas, eu não sei quanto às bibliotecas do Estado, que eu não conheço. Acho que não tem bibliotecário. Mas, às vezes, a atuação de um bom professor, vai organizar o acervo, que não é uma coisa difícil e vai fazer atividades pedagógicas. Não é um conhecimento só nosso né!

O que você pensa que há de mais importante dentre as responsabilidades do bibliotecário que atua em ambiente escolar, levando em conta que é um profissional que tem como objeto de trabalho, a informação?

Eu acho que o acompanhamento do bibliotecário nas atividades pedagógicas, não como um fazer pedagógico, mas no facilitar o acesso à informação, tem que ta sempre disponibilizando os materiais seja um livro, revista, buscando informações em meios diversos que facilitem o trabalho pedagógico. Facilitem o acesso ao conhecimento e que sejam assim, interessantes, divertidas, criativas, porque as crianças, até certo ponto, enjoam de coisas prontas, ou já leu vários livros. Tem até aquela idéia meio estereotipada de pesquisa, pega três, quatro livros, tira um pedacinho daqui, tira um pedacinho dali, às vezes tu vê que não funciona e então tu vai ter que encontrar formas de ver um certo assunto de uma forma mais diferenciada, por uma revista... sobre saúde, sobre AIDS, ou outras coisas diversas assim ..

Aqui na escola a gente é convidado a participar de reuniões, né, todos trazem seus diários...a gente não tem...[ela estava lendo um convite/convocação para uma reunião que acabava de receber]. Aqui existe essa responsabilidade da Direção estar sempre comunicando, convocando. E teve uma reunião com todos os profissionais há pouco tempo pra discutir a questão de violência, até certo ponto para que nós pudéssemos estar colocando as angústias...

Você estava falando da importância de oferecer outros meios de acesso a informação...

Ah! Certo. Os bibliotecários sempre buscam por materiais diferentes, que sintam mais, provoquem mais essa curiosidade, até um certo interesse por coisas diferentes. E uma coisa que fica bem clara pra mim no trabalho de bibliotecário, mesmo, é que ele seja bastante participante, no sentido assim de não se distanciar dos professores e dos alunos, com apresentação de trabalhos nos materiais diversos e interação. A interação com os alunos, a criação de laços é importante. Porque na medida que se tem laços com os alunos permite questionar as atitudes, os comportamentos deles, a forma como ele reage a algumas coisas. Tu cria uma imagem de profissional, mas ao mesmo tempo tu conversa, pode chegar e criticar, pode chegar fazer uma observação, pode questionar coisas da sua vida, do seu... a forma como ele ta vendo tudo isso, de modo geral. A interação é uma das coisas mais que o profissional tem que ter. Se o profissional fica distante, lá no seu cantinho fazendo o seu trabalho, ele não observa o que ta acontecendo na escola, não vai poder fazer as observações pro aluno, ou levar uma problemática maior pra reunião pedagógica ou de professores. Então a interação e a busca de materiais diversos. Acho que é isso.

Como você conceitua Senso Crítico?

Para mim? É tolerância. Não, é assim, eu sou bem intolerante com relação a erros, para os meus erros. Eu me questiono porque que eu tava fazendo, se eu não teimei demais. Porque a gente, como adultos, comete erros pela teimosia, achando que aquilo ali é o certo e teima...e de certa forma...minha mãe diz que sou intolerante para comigo mesmo. Então, essa intolerância passa a ver as coisas de uma forma radical...em relação a paternalismo, a forma como as pessoas vêem aqui que é uma escola que atende, de certa forma a uma população que já foi favelada, que ta agora numa outra, ta buscando uma outra condição, mas eles ainda carregam esse comportamento de vida, de quem morou num local sem planejamento, sem limites. Então tu vai vendo assim essa questão do paternalismo, porque eles são uns pobres coitados...não é bem assim! Então tu vai tendo um senso crítico, certa forma radical. Mas não adianta. Tu tem que ta provocando sempre o interesse, tem que ta disponível e ao mesmo tempo tem que estar assim, colocando o pé atrás na análise das coisas...A crítica com relação a sociedade assim. Como a sociedade vê as pessoas diferentes, como vê...se coloca de uma forma diante de uma coisa e se coloca diante de outra sem uma linha de ética e de moral, assim, que vá fundamentar porque que ta fazendo isso. É bem fácil fazer uma sacolada de roupa que tu não quer usar e dar, sem ver o que é que ta acontecendo. Recursos tem...procurar esses recursos. Então tu vai criticando algumas coisas e vai ficando um pouco cético. A crítica que tu vai fazendo e vai vendo que tem solução pra uma coisa e não tem pra

outra. Tem que conduzir coisas, apesar que tem uma linha mais radical, tem que entender que não é ...E o senso crítico mesmo, eu vejo, em mim, é mais a questão da tolerância. Entendo algumas coisas, outras coisas eu entendo, mas não me ... Eu to enxergando aquilo de uma forma cética.

Como você acha que o bibliotecário que atua em biblioteca escolar pode participar do processo de despertar do senso crítico do aluno?

Eu acho que exige uma certa sutileza. Por que não pode chegar...não tem, como o professor, o domínio de uma turma pra chegar assim “Fulano, senta!”. Então é perfeitamente possível, nesse sentido assim...a biblioteca, ela tem algumas normas, não pode comer, não pode pegar os brinquedos e quebrar, chutar, então tudo, eles têm algum entendimento de comportamento na biblioteca...então tu pode ta chamando a atenção sempre com relação a limites. Só que num primeiro momento os alunos vêm aqui, pelo menos os pequenos, e querem desmontar tudo. “Tu ta atrapalhando essas pessoas, vamos pra outra sala, tu brinca e depois tu coloca no lugar.” Então eles são bastantes críticos nesse comportamento. Quando vem aqui, se eu posso ajuda-los naquele momento, ou to fazendo alguma outra coisa, eles já tem um....não precisam ta xingando, é uma coisa bem paciente. Em momento algum...Na medida assim, do possível, tu pode dar certas ordens que eles vão...não vai entrar em choque. Então tu tens muitas coisa. Numa turma que ta o professor aqui, que ele ta trabalhando determinado assunto e eles de grupo em grupo, tu vê, alunos xingando, aí tu interfere, fazendo agressões verbais, aí tu interfere também. Tem aquele que te entendem como um profissional que ta disponível, mas ao mesmo não ta no mesmo ...não seria o mesmo nível, mas não ta igual, pra ser xingado. E pra controlar, de certa forma, o ambiente. Eles sabem que a gente faz observações porque a gente a nossa obrigação de ta cuidando. Então a gente interagindo com aluno nesse sentido. Eles tão cometendo erros e tu ta fazendo observações. E isso é a construção do comportamento na sociedade. Eles não vão poder entrar num ônibus e xingar as pessoas, se vão buscar um emprego, chegar e dizer que QUEREM, tu vai trabalhando essas questões, né.

Uma forma de estar preparando os alunos para as interações sociais...

E eles já sabem que na escola, eles vem pra que eles possam ...em certos ambientes eles tem que ter um comportamento diferenciado. Claro que tem alunos que tem certa agressividade, ou estão externalizando alguma coisa familiar muito séria, tem que chegar e... Muitos alunos vem na biblioteca porque se sentem excluídos, isso é uma coisa se observa muito na biblioteca. Vem pra cá, meio que se escondendo, tem baixa auto-estima, tem que ta sempre observando. Tem aluno que é gordinho, e tu tem que ir conversando pra dar uma aliviada...Outros são muito tímidos. Porque existe aqui na comunidade e na escola, uma certa não-aceitação aos que vem de fora. Nem alunos novos...eles meio que cercam os alunos, às vezes, coagem. É um pouco diferente de outras escolas. Então tem aqueles meio chateados, que tu “pega um gibi pra ler”...Tem que deixar a criança se manifestar. Às vezes ela encontra uma forma bem diferente de manifestar sua angústia, como aconteceu um caso da brinquedoteca, A gente tava sentado no sofá e a menina com aquele telefoninho de brinquedo, passando a informação pra outra e comecei conversar coma professora. A conversa era: “E seu namorado?” – “Ah! Matei!” – “Matou? Como”- “Ele queria bater em mim.” A gente fica entendendo algumas coisas assim, como o aluno de 15, 16 anos tão na quinta série, porque ele teve um problema no processo de formação que interrompeu ... Então eles te passam coisas...e é tão sutil...Eles colocam as coisas e tem que ta ligado no que ta acontecendo, e tu já vai vendo o histórico daquela criança. Tem que encontrar uma forma de ficar interagindo, em que ela não se sinta desconfortável, se sinta num ambiente seguro. A gente, a forma que eles encontram de falar contigo o que eles não podem chegar e simplesmente falar abertamente pela postura do professor, ou da própria escola, que ela vai tomar algum tipo de atitude.

Então, na tua concepção, a participação desse bibliotecário no processo de construção do senso crítico tem, além do desenvolvimento dos projetos dentro do contexto pedagógico, o convívio...o convívio do cidadão, do aluno que tem uma interação lá fora, que tem uma vida lá fora, família, amigos, e traz toda uma cultura?

Claro! Claro que a gente entende que hoje em dia, a escola, ela tem outra, outro...a sociedade tem outro entendimento da escola. Porque a escola ta funcionando mais como uma espécie, assim, de creche. Os pais vem, depositam os alunos, os FILHOS, são seus filhos, pra que eles recebam e saiam prontos. Então a gente vai tendo que ver formas de como vai agir. E a gente fica muito preocupado com o jovem que ta saindo da escola pra um preparo profissional. Então a gente procura fazer algumas palestras, porque haverão postos de trabalho aqui, eles possam ta atuando ou mesmo seus pais. Então a gente tenta ver alguma forma de participação para os pais. Um esclarecimento de direitos deles, trabalhistas, carteira, vínculo empregatício... Apesar de ser até a oitava série, a gente tem alunos que já tão com 17 anos, quase 18, então tu vai tendo uma preocupação...como que esse aluno vai ser jogado nesse mercado de trabalho, tu entende que ele vai pro Ensino Médio, não vai ficar só no Fundamental. Eles vêem o Ensino Médio como uma espécie assim de mito...difícil, que eles não vão ter a mesma facilidade de aprendizagem que tem aqui. Isso na concepção deles né. E vão encontrar outras barreiras...acesso a livros, vão ter que comprar livros, escolas mais distantes...

Espaço Aberto

Bibliotecário 08

Quais os recursos/ estrutura disponíveis para o desenvolvimento das atividades planejadas por você?

Bom, de acervo, eu to bem recheada. Mas não porque a Prefeitura fornece. Porque quando eu entrei lá, em 98, a biblioteca era bem pobre. Tinha quase nada. Era muito rica em livro didático, e aí eu vi que pra ajudar os alunos ia ser um pouco difícil, né. Aí eu peguei, fiz uma campanha de doação de livros, daí a comunidade trouxe, não só a comunidade, mas também os amigos contribuíram para a campanha. Então aí o pessoal começou a trazer, aí eu fiz toda aquela política de seleção, tirei só o que era legal pra gente, porque tinha muita coisa que não tem haver com a escola, por exemplo, tinha muita coisa de Direito, de Economia e eu tirei. Deixei só mesmo o que era bom, né. Daí com o tempo, com o passar dos anos, a gente foi pedindo na APP, foi fazendo listinha de aquisição, só que a APP é muito fraquinha também...não tem dinheiro, tal. Então da APP quase não recebia nada. E depois, com o nosso trabalho na Rede, a gente foi começando aparecer, e daí a nossa chefe lá na Secretaria resolveu comprar. Daí ela resolveu comprar mesmo. Literatura e livros pra formação de professor, livro técnico, pra nossa formação também, muita coisa. Então ficou assim, enciclopédia, essas coisas todas, foi doação, então eu comecei a juntar. Eu mesmo juntava, pedia “ah! Tem uma ajudinha aí pra gente comprar livros “, aí os professores ajudavam...Eu fui montando, quando eu vi, eu tava com o acervo razoável. Agora, depois de 5 anos, eu to com um acervo, eu ...bem, eu não olhei o das outras meninas, porque a gente tem pouca troca de experiência, mas pelo que eu converso com elas, o meu acervo é bem bom, bem recheado.

E pessoal?

Eu tenho agora, no momento, eu tenho uma auxiliar, que é uma estagiária de segundo grau, não tem nada haver com biblioteconomia, ela não é preparada pra isso, eu que preparo ela, mas eu fiquei bastante tempo sozinha, Acho que 2 anos e meio sozinha e muita troca também, né. Elas vão, aí começam a trabalhar, daí não gostam, porque o trabalho é duro, tem que ter amor, senão não dá. Aí sai, vem outra, não para de novo. É um trabalho cansativo, né, tu

prepara a pessoa pra trabalhar contigo aí ela vai embora. E assim foi...Mas tem só essa menina mesmo, mais ninguém que ajude.

Mobiliário é bem pobre. Computador, agora que chegou e tá na caixa, né. Não tá instalado ainda, as estantes são inadequadas, mesa, cadeira tudo inadequado, espaço físico super pequeno, não tem fichário, não tem catálogo, não tem nada disso que deveria ter numa biblioteca, né. Balcão de empréstimo, não tem...então a gente vai usando e trabalhando com o que tem.

Estes recursos são base para uma atuação da biblioteca no contexto pedagógico? Como você desenvolve suas atividades?

Eu acho que o acervo, até agora, eu não tive dificuldade. Eu tenho bastante poesia...eu gosto de trabalhar com poesia, faço bastante trabalho com eles com a poesia. Não tenho ainda o que queria ter, mas eu não vou dizer pra ti que eu não posso, ou que me prejudica. Isso não! Literatura eu também tenho bastante, então quando uma professora quer fazer um trabalho, eu reúno quantos títulos puder daquele mesmo autor... a gente faz, a gente consegue fazer. E tem bastante jornal também, eu tenho uma hemeroteca, né, então eu faço encarte de jornais a Folha de São Paulo, Diário Catarinense, vou juntando. Aí fica mais com os adolescentes, né. Eles gostam mais desse tipo de assunto, né. E aí a gente produz jornalzinho, varal literário. Eu acho que o acervo, por enquanto, tá atendendo. Pelas minhas idéias, até agora tá. De repente, futuramente, eu sinto necessidade, né. Mas aí as idéias vão surgindo e a gente vai correndo atrás.

Há atividades desenvolvidas em conjunto com os professores? Que ações articulam em conjunto? Em que momento?

Eu tenho os meus projetinhos que eu faço com eles e com a sala informatizada. Com os professores. A gente junta, se reuni, eu, os professores, e o coordenador da sala informatizada. A gente faz junto. Tem também os projetos que eu... porque assim, ó...nem todos os professores aceitam. Tem muitos que dizem que tão muito atarefados, que tão muito cheio de coisa pra fazer, não dá, ou acham que é difícil, ou acham que não adianta, tem muita gente assim...Mas, tem aqueles que tão sempre comigo. Professores de Português do ginásio, ela tá sempre comigo, projetos de livro de imagem, poesia, dramatização de livros, teatrinho, tem uma professora de Ciências...olha só...ta sempre comigo também. Ela quer sempre fazer dramatização sobre drogas, coisas assim, tem as professoras de primeira a quarta, geralmente elas querem, eu até acho que as de primeira a quarta são mais acessíveis, né, pra mim chegar e propor. Aí tem os concursos também, que são vários concursos que tem na cidade, até fora, que aí chegam na minha mão, aí eu vou lá, vou passando pra professoras, elas aceitam, a gente vai junto. A gente embarca. Porque realmente a nossa intenção ali é formar leitores, né. Então nós temos que juntar, e eu sozinha não vou conseguir. Elas também. Elas na sala de aula tão lá ensinado o B-A BA, né. Então a gente acaba fazendo uma parceria. É bem legal.

A minha participação nesse projeto, ela é mais assim apoio. Porque elas é que tem que fazer o projeto com o coordenador. Elas que desenvolvem objetivo, essas coisas assim. E eu fico de apoio e tenho que reunir todo o material bibliográfico, o aluno vai lá na biblioteca, eu ajudo ele a fazer bibliografia, ajudo eles meio que resumir, porque eles querem mais é copiar, daí dou uma ajudinha nessa parte, entendeu. Porque a minha atuação é mais na parte técnica. Daí a gente reúne todo o material, eles ficam o tempo todo lá, né. ...Então eu já sei...esse projeto é da fulana, esse eu vou dar uma atenção maior. E assim vai, mas enfim, às vezes é folclore, são projetos assim, né. Já teve muita poesia, porque lá na escola a gente já ganhou muitos concursos, né. Então é o nosso carro chefe lá na escola. Então é assim, tem várias coisas que eu acabo entrando como apoio.

E você já tentou apresentar um projeto seu, partido da biblioteca para os professores, que tenha sido aceito, ou que não tenha sido aceito? Quando a proposta e sua?

Não, eu já tentei com a poesia mesmo. Só que é assim, Fernanda, tu tem que ter o tal do curso de informática lá do NTE. Quem não tem esse curso não pode fazer o projeto com a sala informatizada. Então assim, eles dão prioridade para os professores de sala de aula. Então eu vou ficando por último, aí eu sempre levanto o dedinho, todo ano tem, agora em agosto, em fevereiro e março, abrem as inscrições pra fazer o curso. Então são só duas turmas por ano. Aí é assim é de tarde e de noite. São duas turmas e tu vai aprender a usar aquele software. São bem bonitinhos até...Então eu fico, ó “fulano”, que é o carinha da sala “não esquece de mim!” Aí ele diz “não, eu falei de ti, mas eles dizem que bibliotecário não ta em sala de aula.” Enquanto tiver professor sem a qualificação dentro da escola, vão dar prioridade pra ele. Então eu tenho, tenho projetinho de poesia que ta só esperando. A hora que eu conseguir fazer o curso. Tem um professor de Matemática que não fez ainda nenhuma atividade na sala porque ele não fez ainda o curso. E ele é, tipo assim, meio brigão, então não admite. Ele diz que tem curso de Word, de Windows, que ele não vai fazer aquele lá, que ele pode. Só que não pode, tem que ser aquele. Então aí ele fica fora, e eu junto com ele. Mas ele pode fazer, eu não faço porque não posso. Eu já me dispus a fazer à noite, fora do meu horário de trabalho, mas não sobra vaga. Por isso que eu ainda não fiz.

Pela forma que o trabalho é desenvolvido em conjunto entre você e os professores me parece que a biblioteca está inserida no projeto político pedagógico da escola, ao menos como um apoio ao trabalho pedagógico. E como é, digamos, a manutenção dessa participação da biblioteca, ou seja, há participação em reuniões, há reavaliações, como são as discussões dos projetos?

É assim, ó. O projeto existe, tem realmente, e a biblioteca tá inserida, eu participo de todas as reuniões, tanto parada pedagógica, quanto Conselho de Classe, tu viu aquele dia que eu tava participando, né. Mesmo porque eu gosto de fazer isso, tem bibliotecário que não participa, porque acha que não precisa. Mas eu acho que parte de cada um também. Mas é assim, eles discutem muito sobre avaliação, sobre currículo, sobre essas coisas, eles não colocam muito o nó crítico, que pra nós é um nó crítico, a leitura. Eles não colocam muito, eles não discutem. Até hoje gente não teve nenhuma discussão sobre isso. Então no fim, eu vou rodeando, eu vou pelas beiradinhas, vou fazendo o que eu posso, eu nem sei nem se eu to fazendo o que é pra fazer, o que tem pra fazer, ou se ta certo o que eu to fazendo. Nem sei. Porque eu e os professores de Português, a gente vai indo, vai indo, vai tentando, vai se metendo. Só que não tem assim, sabe. Eu sinto falta de uma discussão maior. Chegar, pegar todos professores e dizer assim “olha, a obrigação de habituar o aluno a ler, a escrever, não é só do professor de Português, e nem só do bibliotecário. É um compromisso de todas as áreas.” Entende? Eu sinto necessidade disso. E eles ficam lá discutindo sobre educação de modo geral, ma eles esquecem disso aí. É uma base, né? Então ta, eu faço lá minhas Horas do Conto, faço os meus projetinhos, porque eu tenho muito projeto, mas não é como...até eu tava brincando com a “X” que ela tem muita coisa por escrito. E eu nunca fui muito de escrever não. Eu vou lá e faço, e pronto. E ela fala “não, tens que documentar”. É, quem sabe um dia eu sento pra documentar essas coisas que já fiz. Mas eu vou tentando, vou me inserindo, vou colocando, aí nas reuniões, eu peço pra falar, e falo com os professores, peço ajuda, e muitos não dão bola, “ai que coisa, de novo ela vai falar.” Mas é aquela coisa, a gente tem que mostrar a cara. Se a gente não mostra, é um mero guardador de livros, que fica lá tirando o pó das estantes. E muitos vêem a gente assim. Não sei se onde eu to indo, eu to indo pelo caminho certo. Às vezes eu fico assim me questionando, to há 5 anos na Rede, e às vezes fico meio desgastada, chateada, sabe, porque a gente não tem reconhecimento. Não tem... Na minha escola não acontece isso, mas eu sei que acontece e fico chateada pelas outras. Tipo assim, se a biblioteca fica fechada, tanto faz. Na minha é uma briga. Quase toda sexta-feira tem curso e fica fechada, e eles reclamam, mas porque? Porque eu to sempre em cima deles. To mostrando, faço painel, eu to sempre em cima. Faço o corpo a corpo, que nem político. E aquilo que eu te falei do curso do NTE, isso não acontece em todas as escolas. Tem

escola que o bibliotecário faz o curso do NTE numa boa. Mas aí depende de cada escola. É o coordenador que faz o sorteio. Por exemplo, tem 5 professores que querem, tão interessado, ele vai lá e faz o sorteio...só tem uma vaga. Mas, isso vai muito da Direção da Escola. Pó exemplo, a “X” já fez, eu não fiz ainda.

O que você pensa que há de mais importante dentre as responsabilidades do bibliotecário que atua em ambiente escolar, levando em conta que é um profissional que tem como objeto de trabalho, a informação?

Ta na cara que é a leitura. Eu pelo menos, na minha biblioteca é assim ó. O processamento técnico ta parado, eu só registro, porque não dá pra ficar um livro na estante sem registro, eu não tenho como catalogar, indexar, mesmo porque, eles não vão por aí. Eles não chegam lá e vão no catálogo porque não é cultural isso. Então eu acabei me envolvendo mais com a parte pedagógica. Então meu trabalho é todo assim. É livrinho que a gente produz, é concurso, são várias atividades, Semana do Livro na biblioteca, com mural cheio de coisa e desenhos dos alunos, faço estatística pra ver quem mais pega livro, pra motivar mesmo. Coisas assim...e dia do Folclore, faço lá mais um muralzinho do Folclore pra chamar a atenção deles. Só não fiz ainda, porque pra mim ainda ta meio difícil, porque a antiga direção não apoiava muito, né, é a Feira do Livro que eu tenho vontade de fazer, que o “X” já fez, conversasse com a Aurora, né? Bem legal, eu tenho uma vontade enorme de fazer, só que eu não tive apoio da antiga direção. Agora com essa nova Direção é que vou começar...porque o segundo semestre pra mim é dureza, porque tem a gincana cultural, que eu entro também. A gente faz as tarefas pra eles, então to envolvida naquilo ali, né. Tem a Semana do Livro. Tem o concurso da Câmara do Livro, que é uma loucura, todo mundo quer participar...Então o fundamental pra mim, na biblioteca, é a parte pedagógica. Se tu não estiver envolvida, não sei nem porque tu ta ali. O bibliotecário que não é envolvido com o pedagógico da escola, dentro de uma biblioteca escolar, ele ta ali só pra entregar livrinho. Aí não tem sentido, porque não precisa ser um bibliotecário. Pode ser uma outra pessoa qualquer, com outra formação, um químico, um físico. Contanto que saiba ler e escrever...

Como você conceitua Senso Crítico?

Eu acho que é a capacidade do aluno pensar com a própria cabeça, ter a sua própria opinião, suas próprias idéias. É ler um texto e poder criticar, tanto positivamente, quanto negativamente. É construir, principalmente, não só ler e entrar por um ouvido e sair pelo outro. Eu acho que é isso...É construção, acima de tudo.

Como você acha que o bibliotecário que atua em biblioteca escolar pode participar do despertar do senso crítico do aluno?

Eu acho que, mais ou menos, é aquilo que eu já te falei ... a gente tem que ta ali mostrando coisa nova pro aluno, fazendo ele raciocinar, pensar. Eu acho que a gente tem que...não esconder material de jeito nenhum, porque tem muito bibliotecário que deixa na estante e não socializa, o material fica lá pegando poeira. Porque o aluno, por conta dele, ele não vai. Tem que ta sempre ali, cativando, motivando...é que nem se fosse uma conquista, né. Tem que ta conquistando o aluno toda hora. Quando tu acha que o aluno é leitor, “aquela menina lá é 10”, de repente ela...Se tu não ta ali germinando a cabeça dela, ela vai procurar outras coisas que vão chamar a atenção dela. Então eu acho que o nosso papel é esse né. Informar, ta sempre procurando mil maneiras pra agradar, pra prender a atenção do aluno, mostrar que ele pode, que ele tem capacidade, não só ler e copiar do quadro e engolir aquilo que o professor ta falando, e que ele tem na biblioteca ou, tipo assim, o professor mostra alguma coisa no quadro, ele tem condição de saber se aquilo é verdade ou mentira, basta ele ir na biblioteca pra descobrir. Ele vai lá e vai descobrir se aquilo é verdade ou mentira. Inclusive, ele tem condições até de buscar mais sobre aquilo. Então, a gente ta lá pra isso. pra ta dando

essas direções, né. A gente só vai mostrando, não vai fazer nunca nada por eles, né, assim, mas vai mostrar pra que e eles possam criar e exercer a cidadania deles, né.

Espaço Aberto

Acho que essas perguntas pegam bem o “x” da questão. E, na verdade, coisas que a gente sempre quis falar, né, não sei se as meninas pensam como eu, mas... Porque quando tu falou, quando eu recebi aquela CI, eu não sabia que tinha ido lá, eu não sabia nem quem era. Porque eu não fui também naquele dia, eu tava em reunião na escola, e foi uma convocação, eu não pude sair de jeito nenhum. Então eu pensei, “pôxa é uma chance que a gente tem de falar”. Porque muita gente só critica também, sabe Fernanda. Acha que a gente não ta fazendo nada, acha que a gente ta com a arma na mão, e que a gente não ta mostrando, que a gente ta sentada lá e ta ficando. Mas não é assim, acho que não dá pra generalizar também... Tem muita gente que ta fazendo isso, não vou dizer que não, mas tem muita gente brigando e tentando mostrar que nosso papel é outro também, não é só o de emprestar livrinho. Muita gente critica, olha, a gente escuta cada coisa! O próprio “xxxx” falou que a gente não precisa de 8 horas só pra emprestar livro, que o nosso trabalho é só técnico. Já imaginou se a gente fizesse só o trabalho técnico nas escolas, como é que ia ser? Os alunos iam ter aversão da gente...”aquela mulher é uma maluca, vive escrevendo”. Né...ia fica classificando aquelas obras, pedindo silêncio...o que nem dá, numa biblioteca escolar, quem disser isso, que os alunos ficam caladinhos, acho que ...eu não consigo. Mesmo porque, não quero podar aluno nenhum dentro da biblioteca. A biblioteca tem um ranço bem poderoso. É uma coisa que eu procuro fazer também é orientar eles no comportamento dentro da biblioteca. Porque eu sei que eles vão sair dali e vão pra uma biblioteca pública, universitária... Eles vão saber se comportar. Uma coisa que eu não falei é que eu fiz uma oficina de Bibliografia, ensinei eles a bibliografia e eles acharam fácil. Gostaram. As obras que eles usam é fácil. Eu não ensinei de disco, de outras coisas, mas ensinei de e-mail, de página da Internet, porque ah! É uma coisa que botei de bobeira, porque eu sei que não é a realidade deles. Mas eles queriam aprender, então ensinei. E outra coisa que eu não falei foi a nossa participação na Feira do Livro...A Secretaria aluga um stand, aí a gente mostra nossos trabalhos. O que é feito em todas as escolas na biblioteca. Então é só trabalho que tenha ligação com a biblioteca. Todas as escolas, quem quiser, é tudo livre, nada obrigatório, né. Então ela separa tudo por região...As escolas do sul da Ilha, daí fica 3 dias exposto. Aí outros dias são outras escolas, tem um rodízio. É bem legal. Esse ano, eu não vou te dizer que vai ser tão maravilhoso como no ano passado, porque esse ano a gente ta com essa chefe nova, ta tudo diferente, a gente não ta assim se sentindo bem segura com ela. Então eu não sei como é que vai ficar. Eu nem conheço ela direito. Ela é muito simpática, mas o trabalho dela, a gente não conhece, ninguém conhece. A gente já ta em agosto, setembro começa a Feira... Com a anterior a gente tava fazendo muitas coisas...A gente ia fazer um Regimento das bibliotecas, um geral, pra que cada escola fizesse o seu, são realidades diferentes, baseado nesse geral. A gente ia fazer um histórico de cada biblioteca...Parou tudo! A gente não importa pra eles. Somos um cargozinho que eles botaram lá...As escolas desdobradas, que são de primeira à quarta não tem bibliotecário. Só quem pode usufruir do profissional são os alunos de primeira à oitava. Os de primeira à quarta podem ficar sem bibliotecário. Começa aí. Tu não acha que é de cima que vem. Porque é que quando ela abriu o concurso, ela não abriu trinta e tantas vagas... Se tu for na Secretaria conversar sobre isso, eles vão te dizer que o bibliotecário é técnico. Não vão dizer que a gente faz essas loucuras pra atrair leitor. E eles sabem! Nisso tudo ta envolvido um monte de coisa...a DE, que é a Dedicção exclusiva, que tava no Edital de concurso, e nós entramos bem! Todo mundo achou que ia ser uma maravilha de salário, há 5 anos atrás aquele salário era bom. Tem a hora atividade, é aquela horinha que tem pra planejar as atividades que tu vai fazer pros alunos. Professor tem, bibliotecário não. É uma gratificação que tu ganha...por isso que eles não admitem que a

gente é pedagógico. Muita coisa a gente não conseguiu te passar, porque é muita coisa, mas quando tu for mexer lá em cima...tu vai ver que tem fundamento o que a gente fala, lá eles não vêem a gente como um educador, a gente tá no quadro civil e não no magistério... Se eu não fosse casada eu ia ter que voltar pra casa do meu pai. Eu não ia conseguir me sustentar com o que eu ganho!

Bibliotecário 09

Quais os recursos/ estrutura disponíveis para o desenvolvimento das atividades planejadas por você?

Sempre que me perguntam isso, eu coloco que eu tenho que fazer uma comparação. Eu comparo com as outras bibliotecas da Rede. Não só da Rede, mas de algumas escolas particulares que eu conheço. Então eu acho que altamente razoável. Não é ideal, mas atende.

E você trabalha sozinha?

Depende o ano. Esse ano a gente tá bem. Tenho um auxiliar à tarde, mais uma auxiliar de 40 horas. Minha carga horária é de 6 horas. Trabalho das 7:30 as 13:30, o que também, normalmente não é o horário verdadeiro. Porque muitas vezes eu preciso trabalhar à tarde, por algum motivo, reunião, projetos, vou diminuindo. Por exemplo, se hoje eu tivesse que trabalhar à tarde, amanhã eu saio meio dia. Eu faço uma lista de horas que eu tenha à mais e um controle...hoje menos tal...É assim que funciona na maioria das escolas...Porque trabalhar só seis horas não dá, tu tem que ter todo um contato com o pessoal da tarde. E as coisas acontecem. Uma reunião pedagógica na escola não vai acontecer só de manhã. Ela acontece o dia todo.

Estes recursos que você tem, são base para uma atuação da biblioteca no contexto pedagógico? Como você desenvolve suas atividades?

Sabe que eu tenho uma visão que é muito questionada, mas eu continuo achando que a biblioteca é apoio. Não sou eu que proponho atividades. Não é a biblioteca que propõe as atividades. A escola faz, no início do ano, isso porque essa escola é bem estruturada, um planejamento estratégico, onde ela define as metas e as prioridades. Então, por exemplo, se esse ano, por acaso, agora, eu to envolvida, porque faz três anos que tá se colocando na escola a questão da pesquisa escolar. A ESCOLA tá colocando isso e existe um projeto que extrapola a biblioteca. A biblioteca tá incluída dentro desse projeto. Então, na verdade, eu acho assim que, claro que eu tenho os meus projetos, mas o grosso mesmo ainda é o apoio àquilo que a escola no início do ano planeja, né. É do planejamento do professor que eu vou ter que dar conta, porque por mais que eu sonhe em fazer coisas próprias, da biblioteca, é daquilo dali que eu vou ter que dar conta. É ali que eu vou ter que gastar o tempo. Eu não posso ...”agora eu não vou atender esse teu aluno! De novo pesquisa de vocês!” Além desse projeto de fora que abrange a escola como um todo, o professor, ele entende a biblioteca assim, como apoio. Ele precisa que eu esteja disponível a hora que ele quer, e não a hora que eu penso no projeto que eu pensei ...”ah! fazer uma Hora do Conto”...Mas isso não tá no projeto da escola.

E você já tentou em algum momento fazer isso?

Eu acho que, eu concordo que isso seja assim. Uma biblioteca não é, por mais que se possa pensar, não é... o andamento dela depende do que tá rolando no planejamento deles. O individual, do professor, e o próprio planejamento maior da escola. Eu tenho alguns projetos assim, mas tudo coisa que não dá pra fugir assim...Acho que a biblioteca tem que estar aberta e funcionando a qualquer momento quando chega um aluno, o professor pra pedir isso, pra pedir aquilo...Nos somos em duas pessoas, e mal a gente dá conta de atender ao público, e a demanda que vem é dali. Não dos projetos nossos. Então o máximo que dá pra fazer, que dá

pra sonhar, que é uma biblioteca da escola, ela tá dentro da escola, não é uma biblioteca pública. Pra tá apoiando as atividades desenvolvidas pela escola.

Então, de acordo com o que você falou, essa biblioteca em que você atua, ela está bem inserida no conjunto, no todo escolar?

Pelo menos ela tenta. Ela não tá parada. Pegando a pesquisa escolar, que é uma reclamação geral. Tu vai ouvir de todo mundo, de todos os bibliotecários, que é o aluno chegar aqui com um título, e às vezes, nem escrito direito no caderno. “ta, mas o que é que tu quer sobre isso? É objetivo?” Aí, a professora pede que ela quer introdução, desenvolvimento e conclusão. Quem ensinou esse aluno a fazer? É por osmose, eu falo introdução, tu vai saber? Tanto é que eu imagino que quando tu entro na Universidade, aconteceu o mesmo que aconteceu comigo (risadas) “Isso aqui não é uma introdução” Mas, então, o que é? Isso é pedido pra ti desde que tu tá lá na quarta, quinta série...ninguém conseguiu te ensinar o que é ... e também não é o bibliotecário que vai te ensinar. Não tem como. Chega aqui quatro equipes, cada equipe de quatro alunos, cada uma com um tema, aí tem um pouco essa ilusão, tinha, que o bibliotecário que vai dar conta disso. Não tem como. Uma sala cheia e cada um com um tema. Então, por isso que eu digo, na verdade, a escola tenta, na medida em que ela já deu conta de que isso é falho, que não é assim que se faz, estamos apoiando no projeto. Chegamos à conclusão que primeiro a gente tem que aprender, a gente também não sabe tudo. Devagar...em todas as reuniões pedagógicas a gente trata desse tema. Tá andando, não tá parado não.

Você trabalha nessa escola há quanto tempo?

Há uns 13 anos.

E o contato com os professores? Você já falou que vocês trabalham em conjunto. Essas atividades também são planejadas no início do ano, ou periodicamente vocês sentam, conversam?

Esse projeto é um projeto maior, a gente discutiu no começo do ano, né. Alguns professores estão diretamente inseridos no projeto, e outros...é o dia a dia, pesquisa, busca de material que eles precisam, que eles querem. Claro que continua, o grosso, mandar assim fazer, com o título...e o contato assim...Todos os anos a gente choraminga, que tem que vim adiantado, um pouco já percebeu que não adianta mandar o aluno aqui direto, porque nós somos só dois, às vezes, um só. Tu viu o que é que eu tava fazendo quando tu chegou. Eu tava catando material pra tarde. É outra cosia. Já tá ali. Alguns não fazem isso. Tem alguns professores que são novos, que não são ainda da casa, que passaram por outras escolas, que ficam surpreendidos. Falam que o acervo é bom.

Geralmente a professora de Português, de História, de 1ª à 4ª tem um contato maior. Essa é uma realidade aqui também?

É...a professora de Artes. A professora de História, por exemplo, ela usa bastante pra mandar os alunos fazer pesquisa, mas ela, pouco bota a cara aqui. Nesse projeto, quando a gente faz uma coisa maior, nesse de pesquisa, tem a quarta série, desde o ano passado, aí eu mesmo tô fazendo. Eles vêm no horário oposto, duas equipes, daí eu trabalho durante o ano com seis alunos. E a auxiliar que vem trabalha a tarde com a quarta série que estuda de manhã. Aí a gente tenta...um primeiro olhar, pra eles que vão pra quinta série, porque é na quinta que começa aquela montoeira de trabalho. Então o que é um sumário, fazer uma referência bibliográfica. Aprendem a fazer uma página de rosto, aprendem a modificar o texto, enganar pra não sair a copiadinha. Dá uma atenção quase que individual. Tu fica em cima deles. E agora, na quinta série, é um outro passo. Eles vão ter que vir aqui também no horário e data marcada, porque senão eles furam. E um dos objetivos é esse, que eles tenham organização pessoal, saber o que foi marcado, que é um trabalho de equipe, que se ele faltar, vai ficar prejudicado. Com a quinta, a gente fez um levantamento, são 3 professores que vão trabalhar. São duas quintas. História vai fazer com uma quinta e Geografia vai fazer com outra. Qual é

a diferença? Na quarta a gente mostrou, ensinou todos os passo. Agora, vão fazer a coleta de dados sozinhos, vão tentar organizar os dados, mas eles vão ter duas terças-feiras aqui com o professor orientando, vendo de perto, o que não assim. Porque nunca...não existe a refacção. O aluno vem, faz, “ah! Tirei 5”. Mas, onde é que ta o erro, onde vc pode melhorar, refazer. E são crianças de idade de 10, 11 anos. Se tu não chama, é automático. Ele vem copia e conversa ao mesmo tempo, sem prestar atenção, onde é que ele tem colocar tal dado dentro, né...de classificar o pensamento. Se tu coloca, com a quarta série, a gente faz um trabalho de biografia de aristas plásticos clássicos. Com dados pessoais, a infância, a juventude a maturidade. É diferente, porque aí eles lêem, “ah! Mas isso é quando ele era criança”. É diferente. Agora, o próprio professor ta sentindo isso. Quando um deles vem fazer um levantamento de material disponível, ele se surpreende com o que tem na biblioteca. E tem que ser devagar, porque se tu impõe, aí mesmo que não...tem que ser uma descoberta. Eles tem que aceitar. Eu lembro quando eu dava aula no primário pra quarta série. Eu não sabia fazer aquelas contas de dividir por dois números. EU. Eu não sabia fazer e tava ali ensinando. Não é fácil.

Inserção da Biblioteca no PPP. [considereei respondida]

O que você pensa que há de mais importante dentre as responsabilidades do bibliotecário que atua em ambiente escolar, levando em conta que é um profissional que tem como objeto de trabalho, a informação?

Especificamente, uma coisa que é grande responsabilidade e que me incomoda muito, estressa a gente aqui, é a história do livro didático. A gente tem que ter o controle do empréstimo e do recolhimento do livro didático. Porque é uma coisa que tem que durar três anos, que o ano que vem tem que dar pra turma toda, e fica em cima de ti, chegar no ano que vem e não ter mais os 30 livros, ou ter 15 bons e 15 rasgados. É todo mundo reclamando, é mãe, é pai, aluno. Pra mim. O que eu acho mais estressante numa biblioteca é isso, é o que mais me angustia. Tem que ficar ligada porque, queira ou não queira, um livro de literatura, pode ser um livro maravilhoso, o máximo que pode acontecer se ele for estragado é eu ficar muito triste, EU. Mas, não vai ter ninguém querendo o livro, incomodando, dizendo que não cuidei direito. Pra mim é a pior coisa que tem. E que não é até onde eu sei, que não são todas bibliotecárias as responsáveis. Tem algumas escolas que a equipe pedagógica que faz isso. Eu não gosto, mas eu sei que tem que ser. Isso, eu tenho a impressão que vem o MEC e tem fiscalização...E outra coisa que me preocupa também, a gente tem empréstimo semanal pro primário de literatura, eles tem o horariozinho de vim aqui pegar, escolher e levar pra casa, e de quinta à oitava é quinzenal. Isso enquanto horário fixo, que o professor tem que deixar eles virem. Eles podem, no outro período, ou depois que bate o sinal, ou trocar todos dias. É uma forma de garantir aquele período e que eles não fiquem o tempo todo pedindo “ah! Eu tenho que entregar o livro na biblioteca!” Então esse espaço eles têm garantido, ou em outro horário, e no caso da tarde, ó agora eles tão emprestando, porque não bateu o sinal ainda. E esse aluno que ta pegando agora, ele veio ontem durante o período de aula que tinha o espaço. Uma coisa que eu acho que também me preocupa um pouco, nas responsabilidades, é de não conseguir conhecer o acervo todo literário. Me preocupa, eu já coloquei, a gente coloca livros novos na mesa, aí me preocupo um pouco com a qualidade do que eu to colocando porque eu não tenho esse tempo pra reconhecer, pra avaliar, e algumas coisas que a gente adquire, claro que eu não adquiri nada sem que eu conheça, mas a gente consegue muita doação. E dúvidas assim de coisas assim que eles gostam, que eles adoram, e que por mim botava fogo. Isso é uma coisa que eu gostaria de discutir. A gente recebeu uma doação de gibis, de luta...só porrada! Só luta! Aquilo dava briga...tinha vontade de botar fogo! Aí tu vai driblando, né. Chegou um da primeira série, veio depois do sinal, “eu quero um livro de

luta!” Eu disse: “O que!? Chega de livro de luta, já tem muito. Pega esse daqui bem lindo, ó!” Era de Folclore. Aí ele adorou, depois ele quis levar de novo. Então tem o outro lado. Então a gente tem que ta atento também pra isso. As meninas nessa faixa etária, só amor, amor, amor...As Júlias lá do meu tempo, as Biancas, que a gente não tem, mas tem o similar, e literatura direcionado pra vender, né.

Você sente dificuldade no fato de o bibliotecário “escolar” ser também um educador e não ter sido preparado pra isso?

Eu, particularmente, fui educadora antes de ser bibliotecária, né. Mas, eu tenho dificuldades de unir as duas coisa, mas aí eu não sei, acho que não é necessariamente uma dificuldade intelectual. É uma dificuldade até de tempo mesmo, entendeu? Porque queira, ou não queira...eu gostava das fichinhas, dessa coisa de organizar, gostava desse lado, dessa visão da coisa. “Ah! A gente tem que dinamizar, tem que fazer isso, fazer aquilo.” Quando eu cheguei aqui, não tenho vergonha de contar, tinham uns jogos lá embaixo, xadrez, um monte de jogos. Eu arrumei tudo aquilo, botei na biblioteca. Aí o que é que eu comecei a perceber? Quem queria ler e fazer trabalho, pegava os livros e ia sentar lá fora na calçada porque não conseguia ficar na biblioteca, porque não existe silêncio, não existe brincar em silêncio. Ainda bem que não me custou muito de me dar um estalo de que alguma coisa tava errada! Tinha que ter então uma sala de jogos na escola, e que biblioteca não é sala de jogos. Aí eu fui deixando, a biblioteca hoje ela ta maior, ela era bem menor, tinha o que?...umas 3 estantes. Aí, imagina se eu vou perder tempo em organizar, catalogar, fazer fichinha se eu sabia tudo onde é que tava. Quando a gente recebeu uma série de vídeos, de fitas que não tinham etiquetas...um monte de programas bons. Aí, eu lembro que o primeiro baque que eu levei foi com um professor de História e perguntou se eu tinha alguma coisa de, alguma fita sobre a Mesopotâmia, eu disse que não. Que eu achava que não. Que eu não sabia! Aí ele “e aquelas fitas ali, eu posso olhar o catálogo?” Aí eu “Catálogo? Não te catálogo!” - “Mas o que é que tem naquelas fitas?” - “Um monte de coisas!” Sabe, claro que a medida que eu tava falando com ele eu já tava me dando conta...de certo ele pensou que eu tava de sacanagem com ele. E aí começa, e vem alguém e pede o livro da Ruth Rocha, O que os olhos não vêem. Tem? - Tem! - A onde? Agora, procura lá o livro da Ruth Rocha se não tiver organizado. Só que pra tu organizar tu tem que pegar teu tempo que tu trabalha só 6 horas e organizar. Tu não vai poder ficar fazendo outra coisa. E aí, o pior de tudo é que eu fui deixando enquanto ela era pequena...Se eu tivesse organizado no início, eu teria dado conta. Deixei pra fazer, deixei pra deixar pra organizar e até hoje assim, estou esperando o software da Secretaria, mas pelo menos ela ta classificada, vai ser um trabalho menor. Pelo menos agora, se alguém chegar aqui e perguntar pelo autor, eu sei. Se tem, se não te, onde é que ta.

Então você fez o Catálogo?

O catálogo das fitas eu fiz (risos). E uma coisa que também fiz foi a indexação de periódicos, eu sabia que não adiantava ter se não sabia o que tinha dentro. Mas foi a única coisa que eu fiz. O único arrego que eu dei pra história da organização, foi indexar os artigos. Depois a gente classificou, eu classifiquei tudo com a CDZ, como digo eu, a Classificação Decimal da “Z”, e pelo menos agora dá de achar.

Como você conceitua Senso Crítico?

O que é senso crítico? Esse é um chavão bonito da Educação, que eu vou te contar, heim!Parece tão óbvio, né?! Mas quando tem que fazer uma definição. Senso crítico é não aceitar o que tu vê como uma verdade. É um questionamento, né. Aquilo pode ser ou pode não ser, pode estar ou pode não estar, ou, num dado momento ele pode ser uma verdade, dentro da conjuntura, do que rodeia, mas ta sempre ligado que verdades absolutas não existem, nem no espaço, nem no tempo. Poderia ta relacionado com a reflexão, conhecimento. Fico preocupa às vezes, com relação ao senso crítico, que parece que senso crítico é sempre não aceitar, sempre uma negação. As pessoas tendem a ter essa leitura de que senso crítico é a negação. Não é a negação.

Como você acha que o bibliotecário que atua em biblioteca escolar pode participar do despertar do senso crítico do aluno?

Eu vejo...poderia dizer até que seria uma pré habilidade. Tu tem que ter um certo desembaraço. E a pesquisa escolar, por exemplo, tu classifica o teu pensamento, pra até poder criticar, tu não vai nunca poder ler as entrelinhas se tu não sabe ler as linhas. Também acho que é muito pela postura, né. Pela conversa, pela postura de como eles criticam um livro, se eles gostam. E a maneira de pensar, né. Às vezes tu mostra pra eles que existe uma outra maneira. Até na ironia...sobre o que eu falei que as meninas lêem amor, amor, sempre aquilo, sempre aquilo. De mostrar pra ele que isso é um chavão. Sempre a mesma história, sempre a mesma história. Sabrina, Bianca, Júlia, sempre o mesmo enredo. A mulher é apaixonada pelo cara, ele não dava bola pra ela, e aí ela dava um jeito, ele se apaixonava, ela esnobava... e depois eram felizes para sempre. Não que eu ache errado que eles leiam, só que eu acho que tem alguns alunos que já poderiam dar um salto, Vários já deram. Eu me preocupo com esses que ainda não...

Espaço Aberto

Provavelmente depois que eu ler a tua tese, a gente volta a conversar. Espero que dê tudo certo, que tu não sofra tanto...

Bibliotecário 10

Quais recursos/ estruturas disponíveis para o desenvolvimento das atividades planejadas por você?

Assim, quanto à estrutura física, eu acho que ela é muito reduzida, pro número de alunos que a gente tem. Se uma turma vier toda fazer uma pesquisa é inviável. Então o material ele é sempre selecionado, quando é turma inteira, né, é selecionado e levado pra sala. Quando é pesquisa no horário oposto, daí, claro, não vem a turma inteira, só 1, 2 ou 3 equipes daí dá. Mas o espaço físico é muito limitado pra demanda que a gente tem. O acervo, ele tá melhorando agora. Porque basicamente, o acervo das bibliotecas escolares era livro didático. E aí a gente chegou à conclusão numas discussões de 2, 3 anos de tirar todo o livro didático, não era o local dele na biblioteca, e na verdade, a gente colocou em outro local, na sala dos professores, pra ficar só os paradidáticos. Então como a gente olhava as bibliotecas, tava tudo cheio. Mas tinha quantidade e não tinha qualidade. E com essa tirada a gente ficou com pouco acervo. Só que agora a gente tá melhorando. E para melhora do acervo, os profissionais das áreas, Português, Matemática, tem encontros com Coordenadores, a gente sugeriu nesses encontros bibliografias. Então é a partir daí que é feita a solicitação de compra do acervo e é o que tá melhorando agora. O acervo ainda é muito pouco, pra demanda, ou pra pesquisa. Quanto a literatura, atende parcialmente. Tu nunca tá atualizado com a literatura né. É difícil, né. Tudo atende parcialmente. A gente vê coisas novas saindo, mas a verba nunca, não tem verba própria, a biblioteca não tem orçamento, né, é sempre um dinheirinho, que às vezes, até, sei lá, sobra e é contado. E agora é que tá ficando assim, com um pouco mais de atenção. Até então se resumia mesmo àquele acervo de livro didático, àqueles programa de nível federal, que agora tá voltando. Se todos os alunos fossem mesmo usar...

São quantos alunos na escola?

Quase 900 alunos de 1ª a 8ª. Pela clientela que vem, a gente até consegue atender, se viesse a escola inteira, não teria como atender, entende? Então a gente acha que tem muitos que também tem material em casa. E até a biblioteca, ela não atende só a escola, atende a

comunidade, alunos de outras escolas mais distantes, até particulares, de segundo grau e que não tem biblioteca montada. Vem pesquisar e até que a gente consegue atender. E em relação a periódico, agora que tem assinatura. A gente fazer, faz, mas depois é interrompida porque acabou o dinheiro, não se renova a assinatura. Agora que a Secretaria fez a assinatura da Veja, Veja na Sala de Aula, A Super Interessante. A escola fez uma que é direcionada para os professores, que é a Nova Escola, mas não tem garantia, né, da continuidade. Normalmente é interrompido. Eu trabalho pela manhã sozinha, e à tarde tem um bolsista, né, de segundo grau, que começou agora há pouco tempo e o contrato vai até dezembro. E é complicado trabalhar sozinha. A gente atende pesquisa, e atende empréstimo de literatura semanal. Todas as turmas têm um horário, nas aulas de Português pra empréstimo de literatura. Então tem que atender a escola inteira, durante a semana sozinha. Se eu to atendendo alguém pra literatura, chega alguém pra pesquisa, já não posso dar a atenção, porque tu já ta naquele ritmo, e aquela aula a turma inteira só tem atendimento de literatura.

Você trabalha, então 8 horas por dia?

Isso. Porque to no quadro do magistério. As outras bibliotecárias são 6 horas.

Estes recursos são base para uma atuação da biblioteca no contexto pedagógico? Como você desenvolve suas atividades?

Eu avalio meu trabalho nas reuniões de Conselho de Classe, onde os alunos participam. E aí eles fazem a avaliação de todo o segmento da escola. Então a biblioteca é avaliada, e eles acham o atendimento ótimo, falam que eles são ajudados nas pesquisas, que são orientados. A avaliação deles é essa, né.

Há atividades desenvolvidas em conjunto com os professores? Que ações articulam em conjunto? Em que momentos?

A gente aqui tem alguns projetos. Projeto pra trabalhar com poesia, a geografia através da literatura, Monteiro Lobato, aí eu entro com a minha parte que é falar, por exemplo do Monteiro Lobato, da vida dele, mostrar pros alunos o que é que ele produziu. Sempre que tem um projeto na escola, todo o professor vem, e tenta encaixar com a biblioteca pra trabalhar em conjunto.

E esses projetos são propostas dos professores. Eles que te procuram. Já aconteceu o contrário?

É, agora até teve um que foi trabalhar a poesia com as quartas séries, né, e aí eu entrei em contato com a professora, né. Também já faz parte de calendário, a Feira do Livro. Já ta no calendário da escola, a Feira do livro. A idéia parte da biblioteca, mas todos os professores tem a colaboração, né, envolve a escola inteira. É um trabalho que põe toda a escola pra funcionar, né. Mas parte da biblioteca. Tem outra atividade também que vai ter agora dia 30 de agosto, a exposição folclórica, a gente faz um resgate do folclore mais local, que acaba envolvendo também toda a escola. Mas também eu querer fazer muita coisa, e não dar conta.... Eu tenho que direcionar, o que eu posso dar conta é isso. A feira do Livro é uma coisa que eu tenho que dar conta. A gente acaba trazendo escritores pra trabalhar com os alunos, os alunos trabalham os livros, depois fazem entrevistas...palestras. Tem as editoras. Esse ano veio a Paulus pra trabalhar com os pais a importância da literatura pra criança, né. Aí tu acaba dando prioridade pra algumas coisas.

A biblioteca está inserida no projeto político pedagógico da escola, e as atividades são desenvolvidos com base no PPP? E o PPP dá suporte para o desenvolvimento das atividades?

Tá inserida.

E você participa das reuniões, como já mencionou...

No PPP, entrou no Planejamento Estratégico, a preocupação da escola é com a repetência e a evasão. Então até teve um ano que decidiram trabalhar só com projeto com as quintas

séries. Aí teve assessoria de um professor da universidade, então trabalhou a pesquisa com as quintas séries. Durou um ano o projeto, a estrutura da escola não comportou o projeto, não deu pra levar adiante, a biblioteca atendeu parcialmente o projeto, por causa da questão do acervo fraco, e, também o novo...Trabalhar com projeto é muito mais complicado. Até tu mudar a cabeça de alguns profissionais. E teve uns que gostaram muito de trabalhar, outros recuaram. É muito mais trabalhoso, imagina. Uma sala inteira, cada um escolher o assunto que quer trabalhar. E aí o professor tem que dar conta disso tudo, a biblioteca tem que dar conta disso tudo. Aí complicou, mas a gente sabe que o caminho é esse. Pela pesquisa mesmo é que ele vai crescer bastante. As vezes eu vejo alunos pesquisando, por exemplo, folclore na quarta série, chega na quinta, folclore, chega na sexta, folclore. Às vezes eu coloco em reuniões pedagógicas que a gente tem que rever um pouco essa questão. Ta sempre repetindo conteúdo. Não dá. Tem que estudar bem estudado numa série e ter contato com outros assuntos depois. Até eu montei uma agendinha aqui, pra ver os temas...deixa te mostrar...pra mim ter mais ou menos idéia de como, quem pesquisa o que, que turma pesquisa o que. Até pra me preparar melhor. Se tiver que fazer uma compra, comprar em cima do que ta sendo estudado. Então montei essa agenda ó com data, nome, turma, aí eu ponho observação também, se eu não consegui atender a pesquisa, entende? Ó, ta vendo, tem do Instituto, pra saber também de onde ta vindo a pesquisa.

Acaba, depois de um tempo, servindo como um raio X do teu acervo, né? Não deixa de ser um relatório...

Exatamente. E até pros pais. Às vezes, tu sabe, né, tem pai que liga pra secretaria perguntando se o filho ta aqui estudando, ou se veio mesmo pesquisar...Sabe que tem pai que fica correndo atrás dos filhos, né...Eu tento ajudar bastante até nisso. Eles trazem bastante problemas.

E quanto aos temas de pesquisa, a quinta série é mais problemática, né. Eles vem da quarta, onde tem só 1 professora, atenção total, 4 hora no dia a dia, e na quinta eles tem que dar conta de 9 professores, cada um pedindo um tema, então eles se perdem. A maior preocupação sempre é com 5ª série. A repetência ta mais na quinta série.

O que você pensa que há de mais importante dentre as responsabilidades do bibliotecário que atua em ambiente escolar, levando em conta que é um profissional que tem como objeto de trabalho, a informação?

O mais importante é mostrar o caminho pra eles da pesquisa, é mostrar a independência. Não dar as coisas prontas, mas mostrar o caminho de como ele pode conseguir as coisas, e conseguir adquirir mais conhecimento por ele mesmo. Então o mais importante é isso, mostrar onde ele mesmo pode ser independente, ler mais, ir atrás disso. Mostrar o caminho.

Como você conceitua Senso Crítico?

É tu ter conhecimento, ter acesso ao conhecimento, mas poder transformar também esse conhecimento. Tu pegar esse conhecimento e trazer esse conhecimento pra transformar seus problemas, com esse conhecimento, eu vejo assim.

Como você acha que o bibliotecário escolar pode participar do despertar do senso crítico do aluno?

Acho que, desde que ele seja assim ó, que ele propicie o ambiente, entende? Que ele seja dinâmico, sensível. Tu sabe que a criança vem fazer a pesquisa, só entrega o livro ali na mão dele, até sem conversar com ele, parece assim que tá...se não acontece uma conversa sobre o assunto com ele, explica pra ele que ele pode ir mais além daquilo ali que ele tem, discute mesmo o assunto, acho que ele já vai ter mais conhecimento, ter mais opções. Às vezes eles vem aqui e não acham, mas não é só aqui...pode pesquisar na rua, na tua família, no vizinho, em outros locais. Não é só aqui. Então quando tu conversa com eles, tu dá opções, e incentiva

a pesquisa. E tem que incentivar mesmo a pesquisa, o trabalho. Tem crianças que fazem trabalhos maravilhosos...

Espaço Aberto

Eu coloco assim, que com todas as dificuldades que a biblioteca tem, que o acervo tem, a nossa escola não se vê e não se acha sem a biblioteca. Eu to até agora pra tirar licença prêmio, elas estão meio apavoradas, porque eles não se vêem sem a biblioteca. Já teve época da biblioteca não ter ninguém pra atender, mas ela ta aberta e o aluno usa. Até com o prejuízo de sumir material e tudo, mas eles não conseguem funcionar sem a biblioteca. A escola não se vê mais sem a biblioteca.

Anexo F - Quadro – Figuras Metodológicas do DSC

| Quais os recursos/estrutura disponíveis para o desenvolvimento das atividades planejadas pela biblioteca? | |
|---|--|
| Expressões-Chave | Idéias Centrais |
| <p><i>...Literatura a gente um número suficiente que atende aos alunos, mas na área de pesquisa escolar é muito pobre, deixa muito a desejar. (...) Então livros pra pesquisa que eles possam fazer comparações, se aprofundar no tema, isso a gente não possui.</i></p> <p><i>...as turmas são em torno de 30, 35 alunos, a gente só tem quatro mesas, com quatro cadeiras (...)</i></p> <p><i>Atualmente eu sou a única bibliotecária formada, tem, de manhã, uma professora readaptada que ta no lugar de uma auxiliar de biblioteca, e a tarde vem também um professor readaptado trabalhar conosco, mas assim, os dois não podem ter contato com o aluno...</i></p> <p><i>A nossa estrutura física, ela não é ... o que a demanda exige. Não é. Nós temos praticamente o espaço de uma sala de aula, espaço dos livros, espaço do acervo fica junto com o espaço da pesquisa, que é bem complicado, nós até tivemos que estabelecer horários pro pessoal da tarde vir pra biblioteca de manhã...</i></p> <p><i>... O acervo, é que ta, com o tempo, melhorando bastante, a gente ta deixando de tratar a pesquisa só com livro didático, a gente ta tentando o paradidático (...) É que era bem complicado antes. Migalhas vinham, agora a gente tem um espaço maior. (...) Então, à princípio, eu acho que o ponto mais fraco nosso, hoje seria esse trabalho de falta de pessoal adequado pra estar na biblioteca.</i></p> <p><i>Tem uma boa quantidade de livros da literatura infanto-juvenil (...) Material... são dois computadores, um pra processo técnico e outro ser utilizado na Internet, mas como isso foi implantado recentemente, então, o software não foi escolhido ainda. Na escolha do software ta a administração da biblioteca, e a instalação da internet não foi feita ainda, que vai ser via cabo, quando fizerem na escola, vai ser feito em todos os computadores. (...)</i></p> <p><i>Eu trabalho sozinha.</i></p> <p><i>Tudo assim que a gente arrecada de material, de papel, tudo isso a gente vende pra por alguma coisa pra nós no acervo (...)</i></p> <p><i>A gente não consegue, esse problema a gente já colocou pra Secretaria: 2 pessoas pra trabalhar nesse esquema fica difícil. Porque a gente atende mais a parte do aluno e a classificação e a catalogação não dá pra gente fazer... É porque nós não temos nem pessoal que faz limpeza da biblioteca.</i></p> | <p><i>Literatura a gente tem um número suficiente que atende aos alunos, mas na área de pesquisa escolar é muito pobre. Livros pra pesquisa que eles possam fazer comparações, se aprofundar no tema, isso a gente não possui. Eu sou a única bibliotecária formada e tem mais dois professores readaptados.</i></p> <p><i>A estrutura física não é o que a demanda exige. Tivemos até que estabelecer horários pro pessoal da tarde vir pra biblioteca de manhã.</i></p> <p><i>O acervo, com o tempo, ta melhorando. Agora a gente tem um espaço maior. O ponto mais fraco nosso, hoje seria esse trabalho de falta de pessoal adequado pra estar na biblioteca.</i></p> <p><i>Tem uma boa quantidade de livros de literatura infanto-juvenil. Eu trabalho sozinha.</i></p> <p><i>Tudo que a gente arrecada de material, de papel, tudo isso a gente vende pra por alguma coisa pra nós no acervo. Duas pessoas pra trabalhar nesse esquema fica difícil. É porque nós não temos nem pessoal que faz limpeza da biblioteca.</i></p> |

| | |
|---|--|
| <p><i>A nossa biblioteca é mantida por doações, poucas compras através da escola, algum material é adquirido com a venda de papel reciclado (...) e o material que é encaminhado pela Secretaria da Educação que no ano que passou e nesse foi bem significativo (...) Trabalho na parte da manhã sozinha e tenho uma funcionária, eu não sei qual o cargo dela, mas ela já está na biblioteca acho que há uns 15 anos</i></p> <p><i>O espaço físico é limitado. Conhecendo a realidade da biblioteca escolar (...) a da rede municipal, eu percebo que ele tem um acervo muito bom. Não vou dizer que ela chega a atender toda a explosão de informação do país, (...) o contexto geral, ela tem um acervo bom.</i> <i>... ainda nós não temos o computador, (...) não vai resolver todos os problemas, mas é necessário.</i> <i>Eu acho que falta o lado pessoal (...) trabalho 6 horas (...) então é difícil tu conciliar a parte técnica e a parte de dinamização.</i> <i>...mesmo assim, a gente tem que fazer bons trabalhos (...) Se falta pessoal, falta espaço físico, a gente não vai fazer?</i></p> <p><i>A biblioteca tem dois ambientes. Um específico pra pesquisa (...) e na outra sala, a gente tem brinquedoteca (...) Tem também mesas específicas pra crianças de sete, oito anos (...) e em conjunto a sala de leitura e acervo de obras literárias. . E no acervo de obras literárias a gente tem literatura universal, alguma coisa, clássicos, temos mais literatura infanto juvenil, coleções das Editoras Ática, Moderna, Scipione. As principais séries de livros, acervo de literatura brasileira moderna e antiga, e o acervo infantil (...)</i></p> <p><i>De acervo, eu to bem recheada. Mas não porque a Prefeitura fornece. Porque quando eu entrei lá, em 98, a biblioteca era bem pobre. Tinha quase nada. Era muito rica em livro didático, e aí eu vi que pra ajudar os alunos ia ser um pouco difícil, né. Aí eu peguei, fiz uma campanha de doação de livros, daí a comunidade trouxe, não só a comunidade, mas também os amigos contribuíram para a campanha (...) E depois, com o nosso trabalho na Rede, a gente foi começando aparecer, e daí a nossa chefe lá na Secretaria resolveu comprar (...) Eu mesmo juntava, pedia “ah! Tem uma ajudinha aí pra gente comprar livros “, aí os professores ajudavam...Eu fui montando, quando eu vi, eu tava com o acervo razoável (...)</i> <i>...eu tenho uma auxiliar, que é uma estagiária de segundo grau (...) e muita troca também, né. Elas vão, aí começam a trabalhar, daí não gostam, porque o trabalho é duro, tem que ter amor, senão não dá. Aí sai, vem outra, não para de novo (...)</i> <i>Mobiliário é bem pobre. Computador, agora que chegou e ta na caixa, né. Não ta instalado ainda, as estantes são inadequadas, mesa, cadeira tudo inadequado, espaço físico super pequeno, não tem fichário, não tem catálogo, não tem nada disso que deveria ter numa biblioteca, né. Balcão de empréstimo, não tem...então a gente vai usando e</i></p> | <p><i>A biblioteca é mantida por doações, algum material é adquirido com a venda de papel reciclado. Trabalho na parte da manhã sozinha e tenho uma funcionária.</i></p> <p><i>O espaço físico é limitado, mas temos um acervo muito bom. Nós não temos computador e falta o lado pessoal.</i></p> <p><i>A biblioteca tem dois ambientes, um pra pesquisa e no outro tem a brinquedoteca. No acervo tem literatura universal, alguma coisa, clássicos literatura infanto juvenil.</i></p> <p><i>De acervo eu to bem recheada, to com o acervo razoável. Quanto ao pessoal, tenho uma auxiliar, uma estagiária de 2º grau. O mobiliário é pobre, As mesas, cadeiras e estantes são inadequadas. O espaço físico é pequeno e não tem fichário, catálogo, nada disso que deveria ter numa biblioteca.</i></p> |
|---|--|

| | |
|---|---|
| <p><i>trabalhando com o que tem.</i></p> <p><i>Sempre que me perguntam isso, eu coloco que eu tenho que fazer uma comparação. Eu comparo com as outras bibliotecas da Rede. Não só da Rede, mas de algumas escolas particulares que eu conheço. Então eu acho que é altamente razoável. Não é ideal, mas atende (...) Esse ano a gente ta bem. Tenho um auxiliar à tarde, mais uma auxiliar de 40 horas.</i></p> <p><i>O espaço físico é muito limitado pra demanda que a gente tem. O acervo, ele ta melhorando agora. Porque basicamente, o acervo das bibliotecas escolares era livro didático. (...) Então como a gente olhava as bibliotecas, tava tudo cheio. Mas tinha quantidade e não tinha qualidade. (...) O acervo ainda é muito pouco, pra demanda, ou pra pesquisa. Quanto a literatura, atende parcialmente. (...) A gente vê coisas novas saindo, mas a verba nunca, não tem verba própria, a biblioteca não tem orçamento, né, é sempre um dinheirinho, que às vezes, até, sei lá, sobra e é contado. (...) E em relação a periódico, agora que tem assinatura (...) Eu trabalho pela manhã sozinha, e à tarde tem um bolsista, né, de segundo grau, que começou agora há pouco tempo e o contrato vai até dezembro. E é complicado trabalhar sozinha.</i></p> | <p><i>Eu acho que os recursos são altamente razoáveis. Eu tenho um auxiliar à tarde, mais uma auxiliar de 40 horas.</i></p> <p><i>O espaço físico é muito limitado pra demanda que a gente tem. O acervo ainda é muito pouco, pra demanda, ou pra pesquisa. Quanto à literatura, atende parcialmente. A biblioteca não tem orçamento e eu trabalho pela manhã sozinha, e à tarde tem um bolsista que tem contrato até dezembro.</i></p> |
|---|---|

Estes recursos são base para uma atuação da biblioteca no contexto pedagógico? Como você desenvolve suas atividades?

| Expressões-Chave | Idéias Centrais |
|--|---|
| <p><i>O que a gente tem aqui até atende ao que a gente propõe a fazer, mas a realidade ainda é dura. A gente não tem suporte suficiente pra fazer tudo o que a gente quer. A gente ta deixando de fazer as coisas por falta de espaço, de acervo, de pessoal.</i></p> <p><i>...as atividades que a biblioteca desenvolve, em geral, estão sempre voltadas pro incentivo à leitura. (...) O suporte técnico que é o suporte à pesquisa, nós também fizemos. O que nós não... o que nós não temos é o processo técnico, que é a Catalogação e a Classificação nós paramos, nós paramos de fazer, porque eu acho que a Biblioteca Escolar, ela ...pra ela ser dinâmica, pra ela ser um espaço vivo na escola, ela tem que estar trabalhando diretamente com o aluno, trabalhando direto com essas atividades. A biblioteca aqui é bem usada, mas os recursos físicos e humanos também não suportam a demanda.</i></p> <p><i>Bem no comecinho eu fazia um trabalho bem mecânico ainda, porque eles não tinham o hábito de freqüentar a biblioteca. E nós tivemos que criar neles todo esse hábito, incentivo.</i></p> <p><i>Olha, suficientes não são. Às vezes é complicado a gente</i></p> | <p><i>A realidade ainda é dura. A gente ta deixando de fazer as coisas por falta de espaço, de acervo, de pessoal.</i></p> <p><i>As atividades que a biblioteca desenvolve, em geral, estão sempre voltadas pro incentivo à leitura. O suporte à pesquisa, nós também fizemos.</i></p> <p><i>Nós tivemos que criar o hábito nos alunos o hábito de freqüentar a biblioteca.</i></p> <p><i>Às vezes é complicado a gente conseguir</i></p> |

| | |
|--|---|
| <p><i>conseguir dar conta de atender aluno e ainda fazer processo técnico do material que chega. Às vezes demora meses pra conseguir colocar à disposição nas estantes.</i></p> <p><i>Nós temos os horários reservados pra toda a turma da parte de literatura, do pré à oitava série (...) Porque no horário que ta tendo literatura, a gente não atende pesquisa, então a gente dividiu. Das dez e meia em diante fica pra pesquisa (...) na sexta-feira nós não atendemos turma.</i></p> <p><i>Eu peguei (a biblioteca) assim, meio sem uma organização, arrumei, organizei de um jeito que as pessoas podem chegar, ir a uma prateleira, se encontrar e não ter que procurar na biblioteca inteira.</i></p> <p><i>Tem um autor que coloca assim “o ideal não existe”. Foi Max Weber? E tá certíssimo. Você tem que se adaptar, se a biblioteca é pequena então eu tenho que ir pra rua, se não tem pessoal, vou pegar, vou ver com professor...</i></p> <p><i>Ah sim! Sem dúvida. A dinâmica da biblioteca ela é muito...eventualmente que precisa ta dando atenção pra um aluno em separado, enquanto outras turmas estão pesquisando. Turmas de oitava série já tem uma certa autonomia, eles vêm, já pegam os materiais sozinhos, já ficam na sala de pesquisa enquanto a gente já pode ta trabalhando com outros alunos. Então não existe uma rotina com padrão definido. Tudo depende de como ta, se falta professor, se há reuniões, então a biblioteca é um apoio nesse momento, não como um tapa-buracos, mas como apoio mesmo.</i></p> <p><i>Eu acho que o acervo, até agora, eu não tive dificuldade. Eu tenho bastante poesia...eu gosto de trabalhar com poesia, faço bastante trabalho com eles com a poesia (...) Eu acho que, por enquanto, ta atendendo. Pelas minhas idéias até agora tá. De repente, futuramente, eu sinto necessidade, né.</i></p> <p><i>Eu acho assim que, claro que eu tenho os meus projetos, mas o grosso mesmo ainda é o apoio àquilo que a escola no início do ano planeja, né. É do planejamento do professor que eu vou ter que dar conta, porque por mais que eu sonhe em fazer coisas próprias, da biblioteca, é daquilo dali que eu vou ter que dar conta.</i></p> <p><i>(...) eu concordo que isso seja assim. Uma biblioteca não é, por mais que se possa pensar, não é... o andamento dela depende do que ta rolando no planejamento deles.</i></p> <p><i>Eu avalio meu trabalho nas reuniões de Conselho de Classe, onde os alunos participam. E aí eles fazem a avaliação de todo o segmento da escola. Então a biblioteca é avaliada, e eles acham o atendimento ótimo, falam que eles são ajudados nas pesquisas, que são orientados. A avaliação deles é essa, né.</i></p> | <p><i>dar conta de atender aluno e ainda fazer processo técnico do material que chega.</i></p> <p><i>Nós temos os horários reservados pra toda a turma do pré à oitava série. Das dez e meia em diante fica pra pesquisa.</i></p> <p><i>Arrumei, organizei de um jeito que as pessoas não têm que procurar na biblioteca inteira.</i></p> <p><i>“O ideal não existe”.Então você tem que se adaptar. Se a biblioteca é pequena, então eu tenho que ir pra rua.</i></p> <p><i>Ah sim! Sem dúvida. A gente dá atenção pro aluno em separado, e não existe uma rotina com padrão definido. Tudo depende de como ta, se falta professor, se há reuniões, então a biblioteca é um apoio.</i></p> <p><i>Faço bastante trabalho com eles com a poesia.</i></p> <p><i>É do planejamento do professor que eu vou ter que dar conta, é daquilo dali que eu vou ter que dar conta.</i></p> <p><i>Consigo ajudar e orientar nas pesquisas.</i></p> |
|--|---|

Há atividades desenvolvidas em conjunto com os professores? Que ações articulam em conjunto? Em que momento?

Expressões-Chave

Idéias Centrais

A gente já fez muitos trabalhos com os professores, a gente tem muito material impresso, nós temos a sala informatizada, então os alunos vem pra cá, fazem o projeto com a biblioteca, depois, saindo daqui, vão para sala informatizada, continuam o projeto na sala informatizada e o produto final fica exposto na biblioteca, sabe? (...) ... geralmente quando o aluno quer fazer algum trabalho, é o professor de Português que traz. Os outros professores, eles até utilizam a biblioteca pra trabalho de pesquisa (...) mas um trabalho mais direcionado é mais com o professor de Português mesmo.

Nós ficamos sabendo, temos acesso aos planejamentos dos professores e tentamos nessa semana, parada mesmo, e conversamos com os professores, o que eles pretendem trabalhar durante o ano, e a gente dá pinceladas do que a gente também pretende trabalhar. (...) Uma coisa interessante, é que a biblioteca, ela não era lembrada pra participar, agora ela já é lembrada, já é convidada e já é colocada em pauta, um ponto pra biblioteca.

...E projeto fixo que a gente já tem, já há três anos a gente faz na escola, projeto que sai da biblioteca pra fora, né. Que é Projeto de poesia que todo ano tem, a gente vai até publicar um livrinho, com os melhores de 2000 a 2003, e com os professores a gente desenvolve mais até quando é de interesse deles assim. A gente dá idéia, eles aceitam, ou ao contrário, né. Projeto sai mais com professor de Língua Portuguesa (...) Os outros, de outras disciplinas, eles vinculam a biblioteca com a sala informatizada. Eles iniciam aqui e concluem lá (...) Ta melhorando bastante, acho vai ficar melhor ainda.

A sala informatizada dessa escola agora que eu to, ela não tem um ano de funcionamento. Então os professores tão ainda meio que engatinhando nos projetos. Porque pra poder usar a sala informatizada ...não é entrar e levar os alunos pra mexer no computador. Tem que ter projeto. (...) E como são ainda...tão mais acostumados a aula tradicional, né. (...) Tão engatinhando, perdendo um pouco do medo também porque é uma proposta nova, não é? Então cada matéria tem que se adaptar e ver como explorar esse novo recurso, né. E somar, claro também com a biblioteca.

A única coisa que a gente faz em conjunto com eles lá é de acordo com o material que eles vão precisando e a gente corre atrás, né.

Professor é uma coisa séria. Ele, às vezes eu digo assim ó, quando der um trabalho, vai na biblioteca, pra ver se a gente tem o assunto. Porque tem muitos novos que a

A gente já fez muitos trabalhos com os professores. Nós temos a sala informatizada, então os alunos vêm pra cá, fazem o projeto com a biblioteca, depois vão para sala informatizada. E quando é o aluno que quer fazer algum trabalho, é o professor de Português que traz.

Nós temos acesso aos planejamentos dos professores e conversamos com eles, aí a gente dá pinceladas do que a gente também pretende trabalhar.

Com os professores a gente desenvolve mais quando é de interesse deles. A gente dá idéia, eles aceitam, ou ao contrário, né. Projeto sai mais com professor de Língua Portuguesa. Os outros, de outras disciplinas, eles vinculam a biblioteca com a sala informatizada.

Os professores tão ainda meio que engatinhando nos projetos que utilizam a sala informatizada. Pra poder usar a sala informatizada tem que ter projeto. Cada matéria tem que se adaptar e ver como explorar esse novo recurso. E somar com a biblioteca.

O material que eles vão precisando a gente corre atrás.

Professor é uma coisa séria. A maioria não procura a biblioteca. No ano passado que eu trabalhei com a professora de

| | |
|---|---|
| <p><i>biblioteca não tem (...) Mas não tem nenhum interesse (...) a maioria não procura a biblioteca.</i></p> <p><i>...eu faço Hora do Conto com alunos de primeira à quarta, uma vez por semana (...) só no ano passado que eu trabalhei com a professora de Português porque ela fazia trabalhos literários, e ela vinha aqui...</i></p> <p><i>A biblioteca parece que funciona, é uma coisa à parte da escola. O que é engraçado, porque os alunos adoram, mas os funcionários assim, os professores mesmo, não sei...</i></p> <p><i>Eu trabalho com o professor. Eu não me vejo, A biblioteca e O professor (...) isso é um pressuposto meu. Eu estou dentro da escola, então como é que vou trabalhar numa escola sem o professor? (...) Então eu não me vejo assim "o que é que tu faz com o professor"...tudo!</i></p> <p><i>... o professor, antes de dar a pesquisa ele vem falar comigo (...) Eu digo, professor passa pra mim, pra que eu consiga...não é chegar e o livro tá aqui. Eu quero entender o que o professor quer e daí é muito legal, porque, sem querer, tu entra na pesquisa, sai daquela coisa técnica. Sutilmente tu tenta te inserir...</i></p> <p><i>(...) Eu tive dificuldades porque tem a Pedagogia...quando teve aquela...o Construtivismo, a biblioteca sofreu. Não que eu ache o Construtivismo não seja bom. Mas teve uma falta de entendimento. Teve-se uma impressão de que tudo podia. Foi extremo. Ou nada, ou tudo, então tive problemas e tinha que dizer "não, na biblioteca não se joga bola, na biblioteca não se joga os livros no chão"(...) Então tive que resgatar isso tanto no professor, quanto no aluno (...) E ao mesmo tempo há um medo, né, que tu seja tradicional.</i></p> <p><i>A gente procura fazer assim, atividades integradas. Biblioteca, sala informatizada, turma e os professores. Então nós fizemos um projeto de Ciências, e foi, eles coletaram todo o material aqui na biblioteca, desde as obras de referência, os livros didáticos antigos, figuras de corpo humano e fizeram na sala informatizada desenvolveram os textos e imagens e criaram para a futura construção de um informativo que seria apresentado na Feira do Livro (...) e se pretende fazer a partir da metade do ano, depois das férias em diante, um projeto de poesia. E antes foi feita toda uma movimentação em torno de literatura em busca de novas narrativas com professora de Português, pra que eles pudessem participar de um concurso literário na Câmara do Livro (...)</i></p> <p><i>To feliz em relação do acompanhamento da direção, no apoio aqui à biblioteca e aos profissionais.</i></p> <p><i>A gente junta, se reuni, eu, os professores, e o coordenador da sala informatizada. A gente faz junto. (...)tem aqueles que tão sempre comigo. Professores de Português do ginásio, ela tá sempre comigo, projetos de livro de imagem, poesia, dramatização de livros, teatrinho, tem uma professora de Ciências...olha só...tá sempre comigo também. Ela quer sempre fazer dramatização sobre drogas, coisas assim, tem as professoras de primeira a quarta, geralmente elas querem, eu até acho que as de primeira a quarta são mais</i></p> | <p><i>Português porque ela fazia trabalhos literários, e ela vinha aqui. Parece que os alunos adoram a biblioteca, mas os funcionários e os professores, eu não sei...</i></p> <p><i>Eu trabalho com o professor. O professor, antes de dar a pesquisa ele vem falar comigo</i></p> <p><i>A gente procura fazer assim, atividades integradas: biblioteca, sala informatizada, turma e os professores. Assim nós fizemos um projeto de Ciências. Foi feita também uma movimentação em torno de literatura em busca de novas narrativas com professora de Português.</i></p> <p><i>A gente junta, se reuni, eu, os professores, e o coordenador da sala informatizada. A professora de Português do ginásio tá sempre comigo e a de Ciências também. As professoras de primeira a quarta, eu até acho são mais acessíveis. A nossa intenção ali é formar leitores, a minha e a delas.</i></p> |
|---|---|

| | |
|---|--|
| <p><i>acessíveis, né, pra mim chegar e propor. Aí tem os concursos também, que são vários concursos que tem na cidade, até fora, que aí chegam na minha mão, aí eu vou lá, vou passando pra professoras, elas aceitam, a gente vai junto. A gente embarca. Porque realmente a nossa intenção ali é formar leitores, né (...)e eu sozinha não vou conseguir. Elas também. (...)</i></p> <p><i>A minha participação nesse projeto, ela mais assim apoio. Porque elas é que tem que fazer o projeto com o coordenador. (...) Só que é assim, Fernanda, tu tem que ter o tal do curso de informática lá do NTE. Quem não tem esse curso não pode fazer o projeto com a sala informatizada. Então assim, eles dão prioridade para os professores de sala de aula (...) tu vai aprender a usar aquele software. São bem bonitinhos até...</i></p> <p><i>Um projeto maior, a gente discutiu no começo do ano, né. Alguns professores estão diretamente inseridos no projeto, e outros...é o dia a dia, pesquisa, busca de material que eles precisam, que eles querem. Claro que continua, o grosso, mandar assim fazer, com o título...e o contato assim...Todos os anos a gente choraminga, que tem que vim adiantado, um pouco já percebeu que não adianta mandar o aluno aqui direto, porque nós somos só dois, às vezes, um só. Tu viu o que é que eu tava fazendo quando tu chegou. Eu tava catando material pra tarde. É outra cosia. Já tá ali. Alguns não fazem isso. Tem alguns professores que são novos, que não são ainda da casa, que passaram por outras escolas, que ficam surpresendidos. Falam que o acervo é bom...</i></p> <p><i>A gente aqui alguns projetos. Projeto pra trabalhar com poesia, A geografia através da literatura, Monteiro Lobato, aí eu entro com a minha parte que é falar, por exemplo do Monteiro Lobato, da vida dele, mostrar pros alunos o que é que ele produziu. Sempre que tem um projeto na escola, todo o professor vem, e tenta encaixar com a biblioteca pra trabalhar em conjunto. (...) agora até teve um que foi trabalhar a poesia com as quartas séries, né, e aí eu entrei em contato com a professora, né. Também já faz parte de calendário, a Feira do Livro. Já tá no calendário da escola, a Feira do livro. A idéia parte da biblioteca, mas todos os professores têm a colaboração, né.</i></p> | <p><i>Um projeto maior, a gente discutiu no começo do ano.</i></p> <p><i>Nós temos alguns projetos: trabalhar com poesia com a quarta série, a Geografia através da literatura, Monteiro Lobato. Sempre que tem um projeto na escola, todo o professor vem, e tenta encaixar com a biblioteca pra trabalhar em conjunto. A Feira do livro já está no calendário da escola. A idéia parte da biblioteca, mas tem a colaboração de todos os professores.</i></p> |
|---|--|

| <p>Você pode falar sobre os projetos desenvolvidos pela biblioteca? E se, a biblioteca estando no projeto político pedagógico da escola, desenvolve estas atividades com base no PPP? E o PPP dá suporte para o desenvolvimento das atividades?</p> | |
|---|---|
| Expressões-Chave | Idéias Centrais |
| <p><i>A gente começou a entender melhor o que é uma biblioteca escolar, qual a finalidade do bibliotecário estar aqui, que ele não é um mero empréstador de livros, e isso deu assim um desenrolar gostoso. Os professores passaram a procurar mais e os projetos surgiram...</i></p> | <p><i>A gente começou a entender melhor o que é uma biblioteca escolar, qual a finalidade do bibliotecário estar aqui, aí os projetos surgiram.</i></p> |

Os projetos, são sempre voltados ao incentivo à leitura. Pra criar o hábito mesmo, o gosto na criança. E se ele não tiver de acordo com o PPP, os professores, ele não aceitam. Então parte por aí, que eles não aceitam. (...) mas tem que ta envolvido no PPP. Se não estiver ele não tem aceitação pela comunidade. E antes da gente fazer, nós apresentamos pra Direção e pra Supervisora Escolar. Os projetos da Biblioteca não são projetos isolados, tem que ta de acordo com o projeto da escola. Se for isolado, a biblioteca tende a fazer uma atividade isolada, e não é essa a intenção. É a biblioteca se interar mesmo com a comunidade. (...)

Nós fizemos projetos, nós temos, sempre em outubro, a gente faz a semana da biblioteca. A cultura, a cultura aqui da ilha, em outubro, esse já vai ser o segundo ano, eu vou me vestir de bruxa. E tem toda uma temática. Vai ser trabalhada a questão da literatura das bruxas, vamos falar sobre Franklin Cascaes (...) o projeto sobre Monteiro Lobato em outubro, e nós temos a campanha do Livro. Essa já faz parte do calendário da escola, né?! Sempre em outubro nós fazemos a campanha do livro, esse ano acho que vai ser em setembro. Os alunos doam livros pra biblioteca, aí é tipo uma gincana e tem pontuação por aluno. Aí quem doa mais ganha um prêmio, aí entre os participantes também, pra não ter discriminação “só quem traz mais”.

Eu participo de reuniões pedagógicas, participo de Conselho de Classe do planejamento de professores também, por que o que não tem aqui, eu posso também ta buscando em outros lugares. Eles passam o que eles vão estar trabalhando.

A escola como um todo ainda não colocou em prática o Projeto Político Pedagógico...nós tivemos algumas dificuldades, o ano passado tivemos, foi um pouco tumultuado, tivemos eleições, a diretora que foi eleita, ela desistiu, nós ficamos algum tempo sem diretora, depois, mais tarde, sem secretária (...)eu acho que agora que a gente ta começando andar de novo ...

...mas boa parte das coisas referentes à biblioteca, que são as coisas que eu domino, já acontecem. É sobre conservação de acervo.

Tem uma ala lá embaixo que a gente ta tentando montar um cantinho cultural lá embaixo, onde eles possam colocar os trabalhos deles, uma ala isolada da escola. Senão é grade de um lado, grade do outro. As crianças brincam que é o Carandiru. Quero dá uma vida lá embaixo (...)

E a biblioteca ta perdendo espaço. Por exemplo, aquela sala ali era nossa. E ficou sendo a sala da Cíntia [orientadora ou psicóloga]. E é assim (...)

Quanto ao professor, na verdade, o professor, ele não chega na biblioteca. É difícil ver um professor aqui na biblioteca (...) É mais fácil trabalhar com o aluno do que com o professor...

Quando eu cheguei aqui tinha uma relação assim de, no PPP, de os nós da biblioteca. Era tudo nó. Empréstimo, aluno na biblioteca, horários, olha, vou te falar, tinha a

Os projetos são sempre voltados ao incentivo à leitura. Sempre em outubro, a gente faz a semana da biblioteca. Nós temos também a campanha do Livro que já faz parte do calendário da escola. Os alunos doam livros pra biblioteca, é tipo uma gincana e tem pontuação por aluno.

Eu participo de reuniões pedagógicas, participo de Conselho de Classe do planejamento de professores também.

A escola como um todo ainda não colocou em prática o Projeto Político Pedagógico. Mas, boa parte das coisas referente à biblioteca já acontece. É sobre conservação de acervo.

A gente ta tentando montar um cantinho cultural, mas a biblioteca ta perdendo espaço.

Quanto ao professor, ele não chega na biblioteca.

Quando eu cheguei aqui tinha uma relação no PPP, de os nós da biblioteca. Era tudo nó. Aquilo ali é o meu trabalho,

| | |
|--|---|
| <p><i>classificação dos livros, tinha uns dez nós na biblioteca...Depois que eu comecei a fazer o trabalho aqui, fizeram uma reunião e me falaram todos os nós e começaram “esse aqui já acabou, esse aqui não tem mais!” Ficou assim, ó uns três nós pra resolver. Que eu não acredito que seja nó. Aquilo ali pra mim é tão normal, aquilo ali é o meu trabalho, aquilo ali não é nó. Aquilo tem que ser feito, se não fizer a biblioteca não anda (...) Ano passado lembro que uma professora falou: “o trabalho desenvolvido na biblioteca é muito bom. Esse trabalho, no começo do ano que vem, tem que fazer um kit de material, de tesourinha, de caneta, de lápis, de papel diferente, sem ser essa daqui, tem que ter que é pra dar mais incentivo pra biblioteca”, né, porque as crianças olham. E não acontece nada. Só falaram, anotaram e fim (...)</i></p> <p><i>Então, quando alguém vem me sugerir um projeto, eu vejo se tenho condições ou não. Fazer uma coisa pela metade, mas vale nem começar, né?!</i></p> <p><i>Eu me identifiquei com a importância da gente fazer do aluno um ser crítico. Ele ser um cidadão que interage nessa História que nós temos aí. Que ele seja um construtor dessa História que ta aí. Então o que eu fiz? Comecei a trabalhar com temas (...)</i></p> <p><i>Cada turma trabalhava com um tema. Eu trabalhei aquele a Serafina, a criança que trabalha, conversamos sobre o trabalho infantil, a exploração, depois era época das eleições, qual é o perfil de presidente que vocês querem? Se você presidente, quais as reformas que você faria? Então eles se inseriram no contexto social(...)</i></p> <p><i>o último que eu fiz que foi sobre Anita Garibaldi. Pensei, a mídia ta aí, e a gente não vai querer negar e nem competir com ela. Vamos nos aliar. Quando eu via aquela Minissérie, falei é uma coisa excelente e a gente sabe que as crianças estavam ligadas. Aí eu comecei, porque vai entrar a História de Santa Catarina, a História do Brasil (...) E isso envolveu o senso crítico deles (...) Daí eu também coloquei a questão da mulher, a mulher de ontem e de hoje, qual foi a evolução. Porque a Anita foi uma guerreira, como era essa mulher realmente? Fomos até a Literatura e vimos que tem uma poetisa catarinense que escreveu sobre a Anita, e eles representaram algumas estrofes através da arte. Foi impressionante.</i></p> <p><i>Ela [a biblioteca] vai ta realmente mais voltada para o lado pedagógico e de pesquisa, do que exatamente para empréstimo de livros, então a gente ta mais conhecendo o acervo para pesquisa e as atividades pedagógicas que possam estar apoiando o projeto da escola. Então a gente ta assim, ajuda todos os anos a fazer o Projeto participando das reuniões, na semana pedagógica no início e na metade do ano que nós temos. E a gente ta sempre inserido dentro da escola, apesar de pertencer a um quadro diferente, o quadro civil (...) E é cobrado, é cobrado do bibliotecário também, além da participação, esse entendimento do lado pedagógico da biblioteca. (...)</i></p> <p><i>A gente veio de um concurso que admitiu 17 a 22</i></p> | <p><i>aquilo ali não é nó. Aquilo tem que ser feito, se não fizer a biblioteca não anda.</i></p> <p><i>Eu me identifiquei com a importância da gente fazer do aluno um ser crítico e comecei a trabalhar com temas. Cada turma trabalhava com um tema. Isso envolveu o senso crítico deles.</i></p> <p><i>A biblioteca ta realmente mais voltada para o lado pedagógico e de pesquisa. Mas, dentro da leitura da Prefeitura não existe nem bibliotecário escolar, nem biblioteca escolar.</i></p> |
|--|---|

bibliotecários. E a gente veio meio assim sem saber ao certo o que ia encontrar (...) então o que foi feito de 98 até esse ano, eu acho que foi feito de trabalho bibliotecário foi uma construção de uma...de entendimento de biblioteca escolar e a existência mesmo. Porque dentro da leitura da Prefeitura não existe nem Bibliotecário escolar, nem biblioteca escolar. Nem pra nós na Academia tem essa leitura...

O projeto existe, tem realmente, e a biblioteca ta inserida, eu participo de todas as reuniões, tanto parada pedagógica, quanto Conselho de classe...Mas é assim, eles discutem muito sobre avaliação, sobre currículo, sobre essas coisas, eles não colocam muito o nó crítico, que pra nós é um nó crítico, a leitura (...) Até hoje gente não teve nenhuma discussão sobre isso. Então no fim, eu vou rodeando, eu vou pelas beiradinhas, vou fazendo o que eu posso, eu nem sei nem se eu to fazendo o que é pra fazer, o que tem pra fazer, ou se ta certo o que eu to fazendo. Nem sei. (...)

Mas eu vou tentando, vou me inserindo, vou colocando, aí nas reuniões, eu peço pra falar, e falo com os professores, peço ajuda, e muitos na dão bola, “ai que coisa, de novo ela vai falar.” Mas é aquela coisa, a gente tem que mostrar a cara. Se a gente não mostra, é um mero guardador de livros, que fica lá tirando o pó das estantes.

Pegando a pesquisa escolar, que é uma reclamação geral. (...) Nesse projeto, quando a gente faz uma coisa maior, nesse de pesquisa, tem a quarta série, desde o ano passado, aí eu mesmo to fazendo. Eles vem no horário oposto, duas equipes, daí eu trabalho durante o ano com seis alunos. E a auxiliar que vem trabalha a tarde com a quarta série que estuda de manhã. Aí a gente tenta...um primeiro olhar, pra eles que vão pra quinta série, porque é na quinta que começa aquela montoeira de trabalho. Então o que é um sumário, fazer uma referência bibliográfica. Aprendem a fazer uma página de rosto, aprendem a modificar o texto, enganar pra não sair a copiazinha. Dá uma atenção quase que individual. Tu fica em cima deles. E agora, na quinta série, é um outro passo. Eles vão ter que vir aqui também no horário e data marcada, porque senão eles furam. E um dos objetivos é esse, que eles tenham organização pessoal, saber o que foi marcado, que é um trabalho de equipe, que se ele faltar, vai ficar prejudicado. Com a quinta, a gente fez um levantamento, são 3 professores que vão trabalhar. São duas quintas. História vai fazer com uma quinta e Geografia vai fazer com outra. Qual é a diferença? Na quarta a gente mostrou, ensinou todos os passo. Agora, vão fazer a coleta de dados sozinhos, vão tentar organizar os dados, mas eles vão ter duas terças-feiras aqui com o professor orientando, vendo de perto, o que não assim. Porque nunca...não existe a refacção. O aluno vem, faz, “ah! Tirei 5”. Mas, onde é que ta o erro, onde você pode melhorar, refazer. E são crianças de idade de 10, 11 anos. Se tu não chama, é automático. Ele vem copia e conversa ao mesmo tempo, sem prestar atenção, onde é que ele tem colocar tal dado dentro, né...de classificar o pensamento.

Eles discutem muito sobre avaliação, sobre currículo, sobre essas coisas, mas, eles não colocam muito o nó crítico, a leitura.

| | |
|--|---|
| <p>... No PPP, entrou no Planejamento Estratégico, a preocupação da escola é com a repetência e a evasão. Então até teve um ano que decidiram trabalhar só com projeto com as quintas séries. (...) Durou um ano o projeto, a estrutura da escola não comportou o projeto, não deu pra levar adiante, a biblioteca atendeu parcialmente o projeto, por causa da questão do acervo fraco, e, também o novo...Trabalhar com projeto é muito mais complicado. Até tu mudar a cabeça de alguns profissionais. (...) É muito mais trabalhoso, imagina. Uma sala inteira, cada um escolher o assunto que quer trabalhar. E aí o professor tem que dar conta disso tudo, a biblioteca tem que dar conta disso tudo. Aí complicou, mas a gente sabe que o caminho é esse. Pela pesquisa mesmo é que ele vai crescer bastante</p> | <p>Entrou no Planejamento Estratégico, a preocupação da escola com a repetência e a evasão. Teve um ano que decidiram trabalhar só com projeto com as quintas séries, mas a estrutura da escola não comportou o projeto, por causa do acervo fraco. Mas a gente sabe que o caminho é esse. Pela pesquisa mesmo é que ele vai crescer bastante</p> |
|--|---|

| | |
|--|--|
| <p>O que você pensa que há de mais importante dentre as responsabilidades do bibliotecário escolar, levando em conta que é um profissional que tem como objeto de trabalho, a informação?</p> | |
| Expressões-Chave | Idéias Centrais |
| <p>Olha, dois itens que eu acho que são a base da biblioteca escolar, são projetos de incentivo à leitura e uma boa orientação à pesquisa.</p> <p>... Então se tivesse mais é....apoio pra esses dois, essas duas atividades acontecerem da melhor maneira possível, a biblioteca ia tá cumprindo seu papel com certeza. (...) Quando a gente mostra alguns materiais que eles tem à disposição aqui pra fazer um trabalho de pesquisa e que eles notam que não é só copiar, e que tem todo um mundo ali naqueles livros e que eles podem explorar, eles já vêem a pesquisa como uma coisa diferente, e eles tem a segurança na gente, sabe?!</p> <p>É a leitura. Porque os nossos aluno, na maioria, ele não tem outro acesso à informação, em casa, não tem mesmo.</p> <p>Estímulo a leitura e conseguir que ele [o aluno] compreenda o que é que ele veio fazer aqui... do que é que ele veio atrás, porque pra sanar uma dúvida, algo que ele não tinha conhecimento, mas que ele venha fazer pesquisa mesmo, não uma cópia. Ele vem aqui buscar conhecimento, né?</p> <p>Tem que ser uma pessoa com muita paciência, bem humorada, saber ser flexível, e saber se impor de vez em quando.</p> <p>A nossa preocupação é o usuário O processo técnico não vai...eles não sabem se tem, se não tem (...)A primeira coisa é a seleção de material e o usuário. Porque você pode ter pouca coisa, mas se o acervo for de qualidade, vale mais que um monte de livros e não ter utilidade. Pelo menos do que ta aqui, todos são bem utilizados.</p> | <p>Mostrar alguns materiais que eles tem à disposição aqui pra fazer um trabalho de pesquisa.</p> <p>É a leitura.</p> <p>Estímulo a leitura e realização de pesquisa mesmo.</p> <p>Paciência, humor e flexibilidade.</p> <p>A nossa preocupação é o usuário e o acervo de qualidade bem utilizado.</p> |

| | |
|--|--|
| <p><i>Eu tenho certeza que, pra mim, trazer a aluno pra biblioteca (...) Pra ele despertar, né? (...) Pra mim isso é o básico, ter o aluno na biblioteca.</i></p> <p><i>É fazer com que o aluno perceba a importância da biblioteca (...) mas se a gente não mostrar a importância duma biblioteca, hoje ele ta aqui, mas amanhã ele vai se formar. O nosso trabalho tem que ser essa base pra que ele busque outras bibliotecas.</i></p> <p><i>Eu acho que o acompanhamento do bibliotecário nas atividades pedagógicas, não como um fazer pedagógico, mas no facilitar o acesso à informação, tem que ta sempre disponibilizando os materiais seja um livro, revista, buscando informações em meios diversos que facilitem o trabalho pedagógico. (...) Os bibliotecários sempre buscam por materiais diferentes, que sinta mais, provoque mais essa curiosidade, até um certo interesse por coisas diferentes. (...) A interação é uma das coisa mais que o profissional tem que ter. Se o profissional fica distante, lá no seu cantinho fazendo o seu trabalho, ele não observar o que ta acontecendo na escola, não vai poder fazer as observações pro aluno, ou levar uma problemática maior pra reunião pedagógica ou de professores. Então a interação e a busca de materiais diversos.</i></p> <p><i>Ta na cara que é a leitura...O processamento técnico ta parado, eu só registro, porque não dá pra ficar um livro na estante sem registro, eu não tenho como catalogar, indexar, mesmo porque, eles não vão por aí. Eles não chegam lá e vão no catálogo porque não é cultural isso. Então eu acabei me envolvendo mais com a parte pedagógica. (...) O bibliotecário que não é envolvido com o pedagógico da escola, dentro de uma biblioteca escolar, ele ta ali só pra entregar livrinho. Aí não tem sentido, porque não precisa ser um bibliotecário...</i></p> <p><i>A gente tem que ter o controle do empréstimo e do recolhimento do livro didático. Porque é uma coisa que tem que durar três anos, que o ano que vem tem que dar pra turma toda, e fica em cima de ti, chegar no ano que vem e não ter mais os 30 livros, ou ter 15 bons e 15 rasgados. É todo mundo reclamando, é mãe, é pai, aluno. Pra mim. (...) Uma coisa que eu acho que também me preocupa um pouco, nas responsabilidades, é de não conseguir conhecer o acervo todo literário. Me preocupa, eu já coloquei, a gente coloca livros novos na mesa, aí me preocupo um pouco com a qualidade do que eu to colocando porque eu não tenho esse tempo pra reconhecer, pra avaliar, e algumas coisas que a gente adquire, claro que eu não adquirir nada sem que eu conheça, mas a gente consegue muita doação.</i></p> <p><i>O mais importante é mostrar o caminho pra eles da pesquisa, é mostrar a independência. Não dar as coisas prontas, mas mostrar o caminho de como ele pode conseguir as coisas, e conseguir adquirir mais conhecimento por ele mesmo. Então o mais importante é isso, mostrar onde ele</i></p> | <p><i>Trazer o aluno para a biblioteca, ter o aluno na biblioteca.</i></p> <p><i>É fazer com que o aluno perceba a importância da biblioteca, e que, com essa base, busque outras bibliotecas.</i></p> <p><i>O acompanhamento do bibliotecário nas atividades pedagógicas, a interação e a busca de materiais diversos.</i></p> <p><i>A leitura e o envolvimento com a parte pedagógica.</i></p> <p><i>Ter o controle do empréstimo e do recolhimento do livro didático e conseguir conhecer todo o acervo literário.</i></p> <p><i>É mostrar o caminho pra eles da pesquisa e mostrar onde ele mesmo pode ser independente.</i></p> |
|--|--|

mesmo pode ser independente, ler mais, ir atrás disso. Mostrar o caminho.

Como você conceitua Senso Crítico?

Expressões-Chave

Idéias Centrais

Eles têm que aprender, assim como a gente que ta sempre aprendendo, acho que eles também tem que aprender aos pouquinhos, pra eles terem segurança, né daquilo que eles pensam e poder dar a opinião deles, construir, criar. Eu vejo dessa maneira.

Poder dar a opinião deles, construir, criar.

É você ter a liberdade de produzir, produzir, sobre vários olhares, você ter a sua opinião e saber conquistar.

Ter a sua opinião e saber conquistar.

Eu acho que é...o momento que consegue diferenciar, respeitar, opinar, dar valores, para algumas coisas, perceber diferenças, né?! Ter opiniões formadas ou ter capacidade de transformar sua opiniões a partir de outros conceitos, outras informações, né?!

Ter opiniões formadas ou ter capacidade de transformar suas opiniões

Quando se diz respeito a senso crítico dentro de alguma questão em estudo, por exemplo reforma agrária, sobre AIDS, alguma coisa da atualidade, alguma coisa dentro de história, geografia, eles pecam porque já fazem as coisas de má-vontade, lêem as coisas uma vez só e já querem que fique pronto logo. Aí eu explico pra eles que pro trabalho ficar fácil de fazer, ele tem que dominar e pra dominar a gente lê uma vez pra conhecer, lê a segunda a gente vai ver coisas que não viu da primeira, a gente vai começar ter uma opinião a partir da terceira leitura do texto. A gente tem que ler 3, 4, 5, 6 vezes. 'Ah, mas tudo isso?!' Tudo isso! Aí vc vai ter o domínio de pegar uma caneta, um papel e desenvolver o que eu tu quer. Aí tu já dominou o assunto...

Dominar e pra dominar a gente lê pra conhecer e pra ter uma opinião.

Acho que todos nós desenvolvemos essa parte do senso crítico (...) quando a gente faz alguma coisa, se foi bom, se foi ruim, e que a gente também diga.

Quando a gente faz alguma coisa, se foi bom, se foi ruim, e que a gente também diga.

Que ele venha aqui [o aluno], eles façam um trabalho, que ele abra os livros, que ele leia, e que daqui a pouco ele comece a escrever com as próprias palavras (...) Eu acho que ele começa a ter um senso crítico na hora que ele vai lendo, aí ele já vai abrindo a visão dele pra outra coisa.

Lendo, aí ele já vai abrindo a visão dele pra outra coisa.

... senso crítico só consegue quando você conhece uma coisa. Só pode questionar uma coisa à medida que tu tens conhecimento sobre ela. Então senso crítico é tu conhecer as várias formas de uma coisa...

É conhecer as várias formas de uma coisa...

A crítica com relação a sociedade assim. Como a sociedade vê as pessoas diferentes, como vê...se coloca de uma forma diante de uma coisa e se coloca de outra diante de outra sem uma linha de ética e de moral, assim, que vá fundamentar

Tu vai fazendo e vai vendo que tem solução pra uma coisa e não tem pra outra.

| | |
|---|--|
| <p><i>porque que ta fazendo isso. (...) A crítica que tu vai fazendo e vai vendo que tem solução pra uma coisa e não tem pra outra.</i></p> <p><i>Eu acho que é a capacidade do aluno pensar com a própria cabeça, ter a sua própria opinião, suas próprias idéias. É ler um texto e poder criticar, tanto positivamente, quanto negativamente. É construir, principalmente, não só ler e entrar por um ouvido e sair pelo outro. Eu acho que é isso...É construção, acima de tudo.</i></p> <p><i>Fico preocupa às vezes, com relação ao senso crítico, que parece que senso crítico é sempre não aceitar, sempre uma negação. As pessoas tendem a ter essa leitura de que senso crítico é a negação. Não é a negação.</i></p> <p><i>É tu ter conhecimento, ter acesso ao conhecimento, mas poder transformar também esse conhecimento. Tu pegar esse conhecimento e trazer esse conhecimento pra transformar seus problemas, com esse conhecimento, eu vejo assim.</i></p> | <p><i>Pensar com a própria cabeça, ter a sua própria opinião, suas próprias idéias. É construção.</i></p> <p><i>Senso crítico é não aceitar o que tu vê como uma verdade... Senso crítico não é a negação.</i></p> <p><i>Ter conhecimento, mas poder transformar também esse conhecimento.</i></p> |
|---|--|

Como você acha que o bibliotecário escolar pode participar do despertar do senso crítico do aluno?

| Expressões-Chave | Idéias Centrais |
|--|--|
| <p><i>Através das histórias contadas, através dos livros que ele lêem pra pesquisa, daquilo que eles vem aqui e levam pra casa, que a gente sempre faz o trabalho de apoio, “o que é que você achou do livro? Gostou? Porque?”</i></p> <p><i>Da pra sentir que eles vão até a biblioteca, eles dizem o que eles querem, “olha eu quero”...”Mas, o que é que vocês querem?” Eles vão, às vezes eles te entregam um caderno, pedem pra...”ta, mas o que é que tu queres daqui?” Aí a gente parte daí, o bibliotecário é um suporte que vai mostrar os meios. Os meios pra que ele busque, pra que ele leia, e que ele interprete e crie suas próprias opinião. (...) eu sinto que a gente, que o bibliotecário é o suporte pra esse aluno, é o meio, é o elo.</i></p> <p><i>...até coisas internas, eles vem pra biblioteca em busca de outras coisas, fora sala de aula. E a tua postura eu acho que é importante nesse momento, porque a gente pode ta orientando, pode ta ajudando. (...) procuram a biblioteca sobre outros assuntos, pra estarem lendo coisas diferentes sobre Drogas, Sexo, e pedem tua opinião ou comentário.</i></p> <p><i>...eu explico ‘a pesquisa pra sair bem feito, vocês têm que fazer várias perguntas, encher a professora de perguntas sobre aonde que quer chegar com aquilo.’ Porque quando ele dá um tema ele já sabe o que ele quer de volta, né. Então a única forma de saber é perguntar, perguntar e perguntar mais uma vez. Tem dúvida? Volta e pergunta. Porque é a única forma de saber se é isso que ele quer ou não, né. Então eles estão aprendendo. Aos poucos eles estão aprendendo.</i></p> | <p><i>Através das histórias contadas, através dos livros que ele lê pra pesquisa.</i></p> <p><i>O bibliotecário é um suporte que vai mostrar os meios pra que ele busque, pra que ele leia e interprete, é o elo.</i></p> <p><i>Diariamente, através da postura.</i></p> <p><i>Através de explicações.</i></p> |

| | |
|--|--|
| <p><i>Eu faço eles voltarem, uns não querem, ficam meio sem-graça, mas eu faço eles voltarem. E todos que eu consegui fazer a leitura várias vezes pra poder ter o senso crítico (...) ele não tem se arrependido. E passaram a ter uma outra visão de pesquisa, passaram a ter uma outra visão de ...de como se comportar numa biblioteca, e perante um texto e perante até o próprio estudo.</i></p> <p><i>...tem a Hora do conto... Conto até uma parte, e lê pedem “conta o final da história”. “Não, o final da história, vocês vão ter que ler o livro.” Então isso ajuda muito, porque um passa pro outro por causa da curiosidade deles...</i></p> <p><i>...quando eu montar a brinquedoteca, eu acho que também vou despertar o senso crítico dele (...) a gente vai mexer com a imaginação dele.</i></p> <p><i>...Eu acho que se o bibliotecário fizer isso, o resto acontece. Se ele [o aluno] souber que sem a biblioteca ele não vai realizar bem os trabalhos dele, não vai se inserir nesse meio, nesse contexto social... o resto é consequência.</i></p> <p><i>...Eles tão cometendo erros e tu tá fazendo observações. E isso é a construção do comportamento na sociedade. Eles não vão poder entrar num ônibus e xingar as pessoas, se vão buscar um emprego, chegar e dizer que QUEREM, tu vai trabalhando essas questões, né. (...)</i></p> <p><i>Então eu acho que o nosso papel é esse né. Informar, tá sempre procurando mil maneiras pra agradar, pra prender a atenção do aluno, mostrar que ele pode, que ele tem capacidade, não só ler e copiar do quadro e engolir aquilo que o professor tá falando, e que ele tem na biblioteca o, tipo assim, o professor mostra alguma coisa no quadro, ele tem condição de saber se aquilo é verdade ou mentira, basta ele ir na biblioteca pra descobrir. (...) Então, a gente tá lá pra isso. pra tá dando essas direções, né. A gente só vai mostrando, não vai fazer nunca nada por eles, né, assim, mas vai mostrar pra que e eles possam criar e exercer a cidadania deles, né.</i></p> <p><i>...a pesquisa escolar, por exemplo, tu classifica o teu pensamento, pra até poder criticar, tu não vai nunca poder ler as entrelinhas se tu não sabe ler as linhas. Também acho que é muito pela postura, né. Pela conversa, pela postura de como eles criticam um livro, se eles gostam.</i></p> <p><i>Que ele seja dinâmico, sensível. Tu sabe que a criança vem fazer a pesquisa, só entrega o livro ali na mão dele, até sem conversar com ele, parece assim que tá...se não acontece uma conversa sobre o assunto com ele, explica pra ele que ele pode ir mais além daquilo ali que ele tem, discute mesmo o assunto, acho que ele já vai ter mais conhecimento, ter mais opções. (...) Então quando tu conversa com eles, tu dá opções, e incentiva a pesquisa. E tem que incentivar mesmo a pesquisa, o trabalho. Tem crianças que fazem trabalhos maravilhosos...</i></p> | <p><i>Através do incentivo à leitura.</i></p> <p><i>Através do despertar da imaginação.</i></p> <p><i>Mostrando a importância da biblioteca.</i></p> <p><i>Através de observações.</i></p> <p><i>Informando, chamando a atenção do aluno, mostrando que ele pode, que tem capacidade. Só mostrando.</i></p> <p><i>Através da postura e de conversas.</i></p> <p><i>Através de conversas, de explicações, do oferecimento de opções e do incentivo à pesquisas.</i></p> |
|--|--|

Anexo G - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido**Termo de Consentimento Livre e Esclarecido**

Meu nome é *Fernanda de Sales* e estou desenvolvendo a pesquisa *A Participação do Bibliotecário da Rede Pública Municipal de Ensino de Florianópolis no Despertar do Senso Crítico do Aluno (Título Provisório)*, com o objetivo de *Conhecer a representação que o bibliotecário escolar expressa acerca da sua participação no despertar do senso crítico do aluno*. Este estudo é necessário porque *pretende destacar o estímulo da autonomia crítica pelos sujeitos através do acesso à informação como um direito social investigando a participação do bibliotecário escolar no desenvolvimento de ações de comunicação num processo cuja finalidade é a construção do conhecimento*, e para seu desenvolvimento serão realizadas *entrevistas gravadas*. Espero que traga como benefícios uma *reflexão acerca da atuação profissional de cada participante, e com isso, melhor entendimento de sua contribuição no processo de aquisição de conhecimento pelos alunos*. Se você tiver alguma dúvida em relação ao estudo ou não quiser mais fazer parte do mesmo, pode entrar em contato pelos telefones (48) 269.6590 ou (48) 9119.2114. Se você estiver de acordo em participar, posso garantir que as informações fornecidas serão confidenciais e só serão utilizadas neste trabalho.

Pesquisador _____

Eu, _____, fui esclarecido sobre a pesquisa acima mencionada e concordo que meus dados sejam utilizados na realização da mesma.

Florianópolis, ____/____/____.

Assinatura: _____ RG: _____